UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

*Racismo contra negros:
um estudo sobre o preconceito sutil*

Sylvia da Silveira Nunes

São Paulo

2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

*Racismo contra negros:
um estudo sobre o preconceito sutil*

Tese apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de doutora em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano

Sylvia da Silveira Nunes
Orientador: José Leon Crochík

São Paulo

2010

NUNES, S. S. **Racismo contra negros**: um estudo sobre o preconceito sutil. Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutora em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Assinatura: _____

Dedico esta tese a todos que têm coragem de encarar o racismo.

TENTANTO AGRADECER...

É chegada a hora de agradecer. É só uma tentativa, é claro. Porque sempre faltam pessoas e sempre faltam palavras para nomear tantos sentimentos. Mas acredito que seja importante tentar. Compartilhar aqui algumas palavras para familiares e amigos tão queridos será uma demonstração de amor a eles, e também o convite para o leitor conhecer mais a doutoranda que ora se apresenta. Sabemos que essa parte da tese é a mais humana e a mais gostosa de ler. As palavras escapam algo sobre as relações, sobre as histórias, sobre o que é vivo. Nietzsche diz que só aquilo que não tem história é definível. E é isso que é gostoso nos agradecimentos, perceber o que não é definível, o que escapa, o que mostra as lutas, as dificuldades, as alegrias, as dores, os amores... caminhos para chegar a esse produto de anos de caminhada.

Desde que comecei o doutorado, imaginei que iria agradecer a muita gente aqui. É que ampliei o meu olhar para além desses cinco anos de construção da tese e me lembrei dos anos anteriores, de formação, de graduação... é fácil entender que pensando em tantos anos, sou muito grata a muitas e muitas pessoas. Agradeço, então, a tantos amigos que são como irmãos e a tantos familiares que são grandes amigos.

Começando pela minha família: agradeço minha mãe, que é a luz da minha vida, o “meu tesouro”, como ela sempre fala de mim, tudo o que sou devo a você. Agradeço a meu lindo pai, que confiando sempre em mim, sempre me fez ir pra frente. Meus irmãos maravilhosos são fundamentais na minha vida. Jorge, que desde a nossa infância, esteve a me mostrar horizontes que as pessoas normalmente não vêem: você me deu a grande brecha para encarar o tema, quando numa tarde qualquer em Poços de Caldas, nos idos de 2003, me mostrou uma propaganda do governo federal anti-drogas, muito racista¹. A beleza disso está no fato de não ter nenhuma aparência negra, mas guardar em si a sensibilidade a dor do outro. Grande irmão! Meu querido irmão Alexandre é um grande companheiro, fonte de alegria e apoio na minha vida. Tenho que te agradecer também por me propiciar o convívio vital com duas pessoas fundamentais: minha cunhada Gi e meu sobrinho-lindo Pedrinho. Tenho que admitir que a vida só faz sentido porque vocês estão comigo. Em todos esses anos, sempre moramos em cidades diferentes, nosso coração sempre esteve unido. Agradeço profundamente por isso.

Muitas outras pessoas da família merecem meus agradecimentos: tios de Bauru, minha falecida avó Euzébia, primos, primas, toda a família da Gi. Em especial, agradeço ao Tio

¹ A análise dessa propaganda está em Nunes (2006).

Diomedes e Tia Alair, pela importante companhia nessa cidade tão difícil.

Falando em família, deixo aqui meus agradecimentos ao apoio nesses anos de caminhada do Fábio e sua família – Eliézia, Adalberto, Fred, Cat, Eloisa e Fer.

Agradeço a vital presença do Arnaud na minha vida. Que bom, dessa vez, não há senhor Rabuja! Fiquei dias pensando em como te agradecer. Não achei as palavras (acho que estou precisando esperar o senhor Rabuja). Só posso dizer que de grande amigo, você se tornou meu irmão, nesses anos de convivência, desde os tempos áureos de Bauru. Sua amizade amplia meus horizontes, me traz alegria e conforto. Aproveito a carona para agradecer à alegria proporcionada pelos queridos amigos do “gigante”: Leopas, Ilton, Diego. Agradeço também à querida amiga Laura, que me ensinou tanto em tão pouco tempo!

Agradeço às queridas “meninas de república” Lê e Ju, amigas eternas de Bauru. Mesmo à distância, vocês participam profundamente da minha vida. Vocês são espelhos da minha alma, luz nos momentos difíceis e alegria constante. Esses últimos 14 anos de formação acadêmica envolvem a formação como pessoa que vocês me trouxeram. É uma delícia sentir que nossos laços são eternos.

Agradeço outros amigos “vindos” de Bauru, da psico, companheiras de reflexão e vida: Flavinha, Má e Lilian; de rádio: minha linda Carola, meu querido Arturo e Lequinho - meu amigo sempre pronto pra me alegrar! Agradeço a ótima companhia dos amigos jornalísticos: Oci, Li Andrade, Toys, Livinha, Bine, Ka, Diego e um largo etc...

Agradeço aos amigos e companheiros de Crusp Marcello e Cylaine, que me ajudaram a viver os primeiros anos em São Paulo e a entender a Usp.

Impossível saber como seria minha vida sem a Lu (Dudu) e Edinha, anjos a me guiar cotidianamente. Viver em São Paulo só foi possível porque vocês estavam ao meu lado, a me alimentar espiritual e amorosamente. A culpa do mundo ser feliz é de vocês! A vocês, meu profundo agradecimento e imensa saudade, desde já. Aproveito de novo a carno para agradecer a agradável presença dos amigos da Física: Breno, Fred, Glauco, Lu Guimarães, Tais e todos os agregados que vieram com esses bons encontros, em especial aos alegres colombianos Victor, Aninha, Janpe e Carlos.

Agradeço às minhas amigas de Poços: Ju, Cau, Patri, Rê, Vav’s, Carol, Sil, Fafá – amigas que fizeram parte de um importante momento de formação da minha vida e que me acompanham sempre, porque estão aqui dentro.

Agradeço ao meu querido amigo Feijão, pela importante companhia, sempre.

Agradeço ao meu querido Agnelo, personificação da bondade, por todos os momentos de reflexão e música!

Agradeço ao Danilo, grande amigo com quem as reflexões ético-filosóficas-religiosas

tanto me engrandeceram!

Agradeço à Dani e Emi, companheiras da Psicologia, amigas queridas.

Agradeço aos amigos europeus: Greg, Antonio, Lena, Sami, Sara, Pencho, Vero, Cris. Em especial, agradeço a querida Marian, irmã espanhola, fonte de aprendizado constante e prova de amizade tão próxima, mesmo tão distante.

Agradeço a boa companhia das amigas que fiz trabalhando em Taboão da Serra: Biancha, Márcia e Raquel. Em especial, agradeço à querida Rose, importante presença em minha vida, companheira das horas fáceis e difíceis.

Agradeço à Lia, presente que a vida me trouxe nos últimos tempos de doutorado. Amiga para todas as horas, orientadora a todo momento, companheira de reflexões, espelho para minha vida, que tão rapidamente se tornou uma irmã querida!

Agradeço a todos os amigos do Lar de Jesus, nesse importante apoio do último ano. Em especial, à Marly, Fred, Gabriel e Lena.

Agradeço ao meu querido Renato, pela imensa paciência nesse fim de tese, pelos aprendizados constantes, pela abertura à reflexão que tanto me ajuda a viver.

Agradeço aos professores que me acompanharam de perto no mundo acadêmico: Ana Claudia Bortolozzi, Cecília Batista, Fernando Lomônaco, Maria del Carmen Martínez.

Agradeço aos professores da banca de qualificação: Antônio Sérgio Guimarães e Maria Helena Patto, pelas importantes questões e contribuições para minha formação e para a elaboração da presente tese. Em especial, agradeço à Maria Helena por ter me “apresentado” ao Silvio Romero, despertando uma raiva propulsora para encarar o tema racismo no doutorado e na vida.

Agradeço ao meu querido orientador Leon, pela infinita paciência, pela companhia nas reflexões, pelo impulso no aprendizado, pela orientação que conduziu a esta tese: meu sincero muito obrigada!

Agradeço aos professores da Letras da USP que me permitiram realizar a pesquisa em suas aulas: Giuliana, Marly Quadros, Ieda, Silvio, Maria Célia.

Agradeço aos participantes da pesquisa.

Agradeço aos funcionários do IP, especialmente à Sandra e Olívia.

E, para finalizar, meu profundo agradecimento à FAPESP pelo financiamento de parte do tempo dedicado à pesquisa, sem o qual a presente tese não seria possível.

CARTA AO LEITOR

Estudar o racismo não é uma tarefa fácil. Vezes sem conta, ouvi a pergunta: mas por que você estuda esse tema? A pergunta me parecia ingênua já que sempre achei que minha aparência mestiça denuncia a experiência vivida do racismo. Filha de mãe branca e pai “moreno”, vivi as contradições da mestiçagem, desde sempre. Meus dois irmãos brancos jamais foram chamados de “neguinho” na escola. Eu fui. Foram poucas as situações, mas me lembro claramente do tom de humilhação e exclusão. Na família, evidentemente mestiça, lembro de ouvir piadas racistas e ser chamada (pelo piadista) de “perê” – um diminutivo carinhoso de “pretinha”. A contradição foi constante. Lembro de ter pensamentos racistas e de não querer ser identificada como “pretinha” na adolescência. Voltei a encarar o tema quando fiz a disciplina da Professora Maria Helena Patto, sobre fracasso escolar, durante o mestrado. Foi, então, que pela primeira vez, ouvi falar das “teorias raciais”. Fiquei inconformada com o que dizia Silvio Romero. Decidi estudar o assunto. Li mais sobre outros “homens de *sciencia*”, li sobre o racismo atual. E a ferida que estava guardada abriu. A consciência do racismo desperta, no mínimo, um sentimento de inconformidade. Entrei nessa seara, não sem ouvir de muitos amigos (brancos): “Você estuda racismo no Brasil?! Mas isso não existe aqui! Racismo tem lá nos Estados Unidos”. As leituras, questionários e entrevistas, enfim, o caminhar da tese me levou a um delineamento um pouco mais claro sobre o racismo no Brasil. Passeando, há poucos meses, em um mercado, em Maceió, pouco antes de uma mesa redonda sobre o tema na Abrapso, me dei conta de um sentimento bom: ao observar meus próprios pensamentos e olhares para as pessoas no mercado, senti que me tornei menos racista. Fazer um doutorado sobre o racismo foi libertador para mim. Espero que o leitor também tenha oportunidades de reflexão e crescimento com a leitura da tese.

De este modo la colonización robó a los africanos deportados a América su pasado, su historia, su elemental confianza en sí mismos, sus leyendas, su sistema familiar, sus creencias, su arte. Incluso la belleza de su piel se convirtió en eterna fuente de frustraciones, en infranqueable obstáculo entre la situación genérica que se le imponía ya fabricada y su realización en la historia y la sociedad.

RENÉ DEPESTRE

RESUMO

NUNES, S. S. **Racismo contra negros:** um estudo sobre o preconceito sutil. 227 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

O racismo é um tema pouco abordado na psicologia, no entanto, trata-se de um problema social sério. Pesquisas têm observado, em vários países, a frequência cada vez maior da forma sutil de preconceito em contraposição à diminuição da forma mais explícita. Nesse sentido, nosso objetivo foi compreender melhor essa nova fisionomia do racismo – o preconceito sutil. Uma parte do estudo foi realizada no Brasil e outra, na Espanha. Dentre os vários grupos humanos possíveis de ser alvo de práticas racistas, enfocamos o racismo contra negros no Brasil e contra gitanos na Espanha. Embora existam diferenças na história de cada grupo, é comum entre eles o fato de estar há séculos em território brasileiro e espanhol, respectivamente, e persistirem as práticas discriminatórias contra eles. A presente pesquisa combinou métodos quantitativo (escalas de preconceito sutil e flagrante de Pettigrew e Meertens) e qualitativo (entrevistas). No Brasil, 235 alunos responderam ao questionário e 71 estudantes, na Espanha. Destes, 15 foram entrevistados na pesquisa realizada no Brasil e 4, na Espanha. Para a análise dos dados quantitativos, foram feitas provas estatísticas. Para as entrevistas, foram formuladas categorias de análise. Os dados dos questionários apontaram: (1) maior facilidade dos espanhóis em declarar o racismo; (2) os homens mostraram maior preconceito do que as mulheres, tanto no Brasil quanto na Espanha; (3) houve maior expressão de preconceito sutil do que de preconceito flagrante, nas amostras dos dois países; (4) aproximadamente 75% da amostra brasileira se identifica como branca, mas apenas cerca de um terço tem ascendência branca. Ou seja, grande parte dos participantes são mestiços, mas se identificam como brancos. As entrevistas trouxeram mais elementos para a compreensão do racismo, apontando algumas questões da dinâmica do preconceito racial, tais como o problema da sutileza na discriminação; as brincadeiras racistas; a culpabilização da vítima; a responsabilização do negro para a mudança de sua situação e, com isso, a recusa às propostas de ação afirmativa; a falsa neutralidade na abordagem do tema racial; e, finalmente, a não percepção da racialização presente. As falas não racistas foram poucas e não chegaram a compor uma categoria em separado. Porém, foi possível também estudar a admissão do próprio racismo – atitude essa que aponta um caminho para a superação do preconceito racial. Concluímos, enfim, que a presente tese trouxe contribuições para a reflexão do racismo sutil. Sugerimos outras pesquisas e intervenções a fim de que a reflexão sobre esse problema social favoreça a superação do preconceito nas relações humanas.

Palavras-chave: racismo, preconceito, raça (antropologia), negros, ciganos.

ABSTRACT

NUNES, S. S. **Racism against blacks: a research about a subtle prejudice.** 227 p. Doctoral thesis – Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo, 2010.

Racism is a subject rarely discussed in psychology, however, this is a serious social problem. In several countries, studies have pointed an increasing frequency of subtle prejudice, despite the decreased incidence of more explicit forms. Our goal in this work was to understand this new face of racism - the subtle one. The study was conducted in two countries, Brazil and Spain. Among the various human groups possible to be the target of racist practices, we focus on racism against blacks in Brazil and against gitanos in Spain. Although there are differences in the history of each group, it is common to continue discriminatory practices against them, although they live in Brazilian and Spanish territory for centuries. This research combined quantitative methods (scales of subtle and blatant prejudice of Pettigrew and Meertens) and qualitative (interviews). The questionnaire had been answered by 235 students in Brazil and 71 in Spain. From this sample, we interviewed 15 Brazilian and 4 in Spanish. For the analysis of quantitative data, statistical tests were made. For the interviews were formulated categories of analysis. The questionnaire's data indicated: (1) the Spanish declare prejudice easier; (2) men showed greater prejudice than women, both in Brazil and in Spain; (3) the prejudice subtle is higher than blatant in the both samples; (4) about 75% of the Brazilian sample is self-identified as white, but only about a third has white ancestry. In other words, most of the participants are mixed, but identify themselves as white. The interviews revealed more elements to the understanding of racism, pointing out some issues about dynamics of racial prejudice. For instance, the problem of subtlety discrimination; racist jokes; blaming the victim; rejection of affirmative action proposals due attributing to the blacks, the responsibility for change their own situation; false neutrality in approaches about racial subjects; and the non-perception of presence of racialization. The non-racist statements were few and insufficient to compose a specific category. Despite these results, we studied the admission of their own racism - an attitude that points a way to overcome racial prejudice. We conclude that this thesis has made contributions to the reflection of subtle racism. We suggest further research and interventions with the goal of reflection on social problem pointed here, thereby the overcoming of prejudice in human relations.

Keywords: racism, prejudice, race, black people, gypsy people.

RESUMEN

NUNES, S. S. **Racismo hacía los negros:** una investigación sobre el prejuicio sutil. 227 h. Tesis doctoral – Instituto de Psicología, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Hay pocos estudios sobre el racismo en psicología, aunque sea un serio problema social. Según algunas investigaciones, en variados países, la frecuencia del prejuicio sutil está cada vez más alta comparándose a la forma manifiesta de prejuicio. Por lo tanto, el objetivo planteado es estudiar la nueva forma del racismo – el prejuicio sutil. Una parte de la investigación ha sido realizada en Brasil y otra parte, en España. Entre los varios grupos humanos víctimas potenciales del racismo, escogemos el racismo hacía los negros en Brasil y hacía los gitanos, en España. No obstante las historias de los dos grupos sean diferentes, los gitanos en España y los negros en Brasil viven hace siglos e siguen la discriminación hacía ellos. En la presente investigación se ha aplicado métodos cuantitativo (las escalas de prejuicio sutil y manifiesto de Pettigrew y Meertens) y cualitativo (entrevistas). La muestra se compone de 235 participantes brasileños y 71, españoles. Entre ellos, 15 fueran entrevistados en Brasil y 4 en España. La estadística se ha aplicado para el análisis de los datos cuantitativos. Para las entrevistas, utilizamos categorías de análisis. Los datos obtenidos indican: (1) los españoles muestran más su racismo; (2) los hombres son más racistas que las mujeres, en Brasil y en España; (3) en los dos países, el racismo es expreso de forma sutil y no de forma manifiesta; (4) aproximadamente 75 por ciento de la muestra brasileña dice que es blanca, pero sólo cerca de un tercio descende de blancos. O sea, la mayoría son mestizos pero se sienten como blancos. Las entrevistas indican una serie de elementos sobre el racismo, como por ejemplo el problema de la sutileza en la discriminación; los chistes racistas; la culpa de la víctima; la responsabilidad de los negros para cambiar la situación y, por lo tanto, la resistencia a las propuestas de discriminación positiva; la falsa neutralidad al plantear el tema del racismo; y la falta de percepción de la racialización. Las hablas no racistas fueran pocas y no tuvieran una categoría aislada. Pero, fue posible estudiar la admisión del propio racismo – una actitud para la superación del racismo. Finalmente, la presente tesis doctoral ha dado contribuciones para el problema del racismo sutil. Sugerimos otras investigaciones para reflexionar sobre el tema y intentar superar el prejuicio en las relaciones humanas.

Palabras clave: racismo, prejuicio, raza, negros, gitanos.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Informações sobre as entrevistas do estudo I (Espanha).....	68
Tabela 2 - Frequência e porcentagem de respostas quanto à identificação cor/raça dos participantes do estudo II (Brasil).....	70
Tabela 3 - Frequência e porcentagem de respostas quanto à identificação cor/raça dos participantes do estudo II (Brasil), agrupados em duas categorias.....	70
Tabela 4 - Frequência e porcentagem de respostas dos participantes do estudo II (Brasil) em relação à avaliação socioeconômica.....	70
Tabela 5 - Informações sobre os entrevistados do estudo II (Brasil).....	71
Tabela 6 - Média e desvio padrão nas escalas de preconceito sutil e flagrante do estudo I (Espanha).....	83
Tabela 7 - Média da soma de postos nas escalas de preconceito sutil e flagrante de homens e mulheres participantes do estudo I (Espanha).....	83
Tabela 8 - Média e desvio padrão nas escalas de preconceito sutil e flagrante do estudo II (Brasil).....	84
Tabela 9 - Média da soma de postos nas escalas de preconceito sutil e flagrante de homens e mulheres participantes do estudo II (Brasil).....	84
Tabela 10 - Alfa de Cronbach para as escalas de preconceito sutil e flagrante nas amostras brasileira, espanhola e outros estudos.....	86
Tabela 11 - Média, desvio padrão e diferença significativa das escalas de preconceito sutil e flagrante, nos dois estudos.....	86
Tabela 12 - Média, desvio padrão e diferença significativa dos itens da escala de preconceito sutil, nos dois estudos.....	88
Tabela 13 - Média, desvio padrão e diferença significativa dos itens da escala de preconceito flagrante, nos dois estudos.....	90
Tabela 14 - Frequência e porcentagem de respostas para a pergunta aberta 1 “Qual é a sua cor?” dos participantes do estudo I, em duas categorias.....	91
Tabela 15 - Média e desvio padrão das escalas de preconceito sutil e flagrante nas amostras de 2007 e 2009.....	192

Tabela 16 - Respostas para a pergunta aberta 1 “Qual é a sua cor?”, do estudo II (Brasil)..	193
Tabela 17 – Respostas para a pergunta aberta 3 “Considerando a cor da pele, raça ou etnia (ou origem) dos seus pais e avós, quais são as suas combinações de raça ou cor?, do estudo II (Brasil).....	194

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Afirmações traduzidas das escalas de preconceito sutil e flagrante do questionário aplicado na Espanha (estudo I).....	74
Quadro 2 – Afirmações das escalas de preconceito sutil e flagrante do questionário aplicado no Brasil (estudo II).....	76
Quadro 3 – Situações apresentadas nas entrevistas realizadas no Brasil (estudo II).....	78
Quadro 4 – Respostas da entrevistada Adriana às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça.....	169
Quadro 5 – Respostas da entrevistada Ana Paula às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça.....	170
Quadro 6 – Respostas da entrevistada Isabele às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça.....	171
Quadro 7 – Respostas da entrevistada Bianca às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça.....	172
Quadro 8 – Respostas da entrevistada Janaína às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça.....	173
Quadro 9 – Respostas do entrevistado Júlio às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça.....	174
Quadro 10 – Respostas da entrevistada Luíza às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça.....	176
Quadro 11 – Respostas da entrevistada Gisele às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça.....	177
Quadro 12 – Respostas do entrevistado Rodrigo às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça.....	178
Quadro 13 – Respostas da entrevistada Mariana às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça.....	179
Quadro 14 – Respostas da entrevistada Aline às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça.....	180

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	18
<u>CAPÍTULO 1 – SOBRE OS PRECONCEITOS</u>	20
1.1 Nova fisionomia do racismo: o preconceito sutil.....	28
<u>CAPÍTULO 2 – RAÇA E RACISMO ANTINEGRO</u>	34
2.1. Raça: objeto de estudo?.....	34
2.2. Sobre o racismo contra negros.....	39
<u>CAPÍTULO 3 – O RACISMO BRASILEIRO</u>	44
3.1. O mestiço no Brasil: as contradições vividas na pele.....	50
3.2. Identidade negra: um lado da moeda.....	54
3.3. O outro lado da moeda: a identidade branca.....	55
3.4. Categorias intervenientes: classe e gênero.....	58
3.4.1. Raça e classe.....	58
3.4.2. Raça e gênero.....	61
<u>CAPÍTULO 4 – A PESQUISA</u>	65
4.1. Objetivos e hipótese.....	66
4.2. Método.....	68
4.2.1. Participantes.....	68
4.2.2. Material.....	73
4.2.3. Procedimento.....	78
4.2.4. Análise dos dados.....	79
<u>CAPÍTULO 5 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</u>	82
5.1. Questionários.....	82
5.1.1. Escalas de preconceito sutil e flagrante.....	82
5.1.2. Identificação cor/raça.....	91
5.2. Entrevistas.....	92
5.2.1. Análise comparativa: entrevistas e questionários – Espanha (estudo I).....	93
5.2.2. Análise das entrevistas – Brasil (estudo II).....	103
5.2.3. Análise comparativa: entrevistas e questionários – Brasil (estudo II).....	169

<u>CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	182
REFERÊNCIAS.....	186
APÊNDICES.....	191
APÊNDICE 1 – Tabela de média e desvio padrão das escalas de preconceito sutil e flagrante calculadas separadamente para a amostra I e II (Pesquisa no Brasil)	192
APÊNDICE 2 - Tabela de respostas para a pergunta aberta 1 “Qual é a sua cor?” do estudo II (Brasil).....	193
APÊNDICE 3 - Tabela de respostas da pergunta aberta 3 “Considerando a cor da pele, raça ou etnia (ou origem) dos seus pais e avós, quais são as suas combinações de raça ou cor?” do estudo II (Brasil).....	194
APÊNDICE 4 – Roteiros de entrevista semi-estruturada (Pesquisa no Brasil – Estudo II)...	196
APÊNDICE 5 – Questionário (Pesquisa no Brasil – Estudo II).....	197
APÊNDICE 6 – Quadro dos itens das escalas de preconceito sutil e flagrante utilizado no questionário aplicado na Espanha (Estudo I).....	199
APÊNDICE 7 – Questionário (Pesquisa na Espanha – Estudo I).....	200
APÊNDICE 8 – Entrevistas (Pesquisa na Espanha – Estudo I).....	202
APÊNDICE 9 – Entrevistas (Pesquisa no Brasil – Estudo II).....	208

APRESENTAÇÃO

A presente tese visa estudar o preconceito racial contra negros². Para tal, buscaremos nas obras de Adorno e Horkheimer o referencial necessário para compreender o preconceito enquanto um fenômeno que evoca um movimento constante de olhar tanto para o indivíduo quanto para a cultura. Isso porque a chave para a compreensão desse fenômeno não está nem somente em um ponto nem em outro. A contribuição da psicologia, nesse sentido, é entender o indivíduo, mas de forma alguma como um ente isolado e autossuficiente. Isto posto, nossa exposição inicial das lógicas e reflexões sobre o preconceito irão o tempo todo buscar o movimento dialético entre indivíduo e cultura.

Ao abordar a dialética como um elemento da relação entre indivíduo e cultura não entendemos que as duas partes tenham igual influência uma na outra ou que suas dinâmicas sejam equivalentes. Pressupomos que se “(...) *a constituição do indivíduo é mediada pela sociedade; o produto não é idêntico ao que o gerou (...)*” (Crochík, 2008a, p.301). Ou seja, sendo o indivíduo mediado socialmente, sua configuração não coincide com a lógica social em si mesma. É nesse sentido que a investigação por parte da psicologia sobre fenômenos como o preconceito e o racismo são importantes. É evidente que ninguém nasce racista. Porém, entender como e por que algumas pessoas se tornam racistas e outras não representa um cabedal de conhecimento fundamental para a luta contra o preconceito. Nas palavras de Adorno (1995, p.108/109):

Quero deixar bem claro, todavia, que o retorno ou não do fascismo é, em definitivo, uma questão social, não uma questão psicológica. Se me detenho nos aspectos psicológicos, é exclusivamente porque os outros momentos, mais essenciais, escapam, em boa medida, precisamente à vontade da educação, senão já à intervenção dos indivíduos em geral.

Assim, o indivíduo não deve ser o único responsabilizado pelo racismo. Pois o preconceito enquanto necessidade individual mostra justamente os problemas ocorridos no processo de socialização. Mas, se nos propomos a um olhar mais específico para a apropriação particular da violência racista, queremos com isso entender melhor a lógica subjacente ao discurso racista para termos mais subsídios na luta antirracista por meio da educação. Estamos de acordo com o autor de que a psicologia é um momento da explicação do preconceito racial.

² Utilizamos aqui o termo “negro” como agregador das definições de cor da pele de preto e pardo, conforme assinala Barreto (2008).

Discorreremos mais sobre o conceito de preconceito e sua roupagem atual – preconceito sutil – no capítulo 1. No capítulo 2, abordamos a pertinência do uso do conceito de raça, bem como a questão do racismo contra negros no mundo. O capítulo seguinte é dedicado ao racismo brasileiro e às suas consequências para brancos, negros e mestiços. Trabalhamos também nesse capítulo, as relações entre o conceito de raça e duas categorias intervenientes, quais sejam classe e gênero. No capítulo 4, apresentamos a pesquisa e no capítulo 5, analisamos e discutimos os resultados obtidos por meio de questionários e entrevistas. Finalmente, no capítulo 6, a guisa de conclusão, escrevemos as considerações finais.

Embora nosso objetivo central tenha sido estudar o racismo contra negros na realidade brasileira, apresentamos, nesta tese, dois estudos: um realizado no Brasil e outro na Espanha. Isso porque, no terceiro ano de doutorado, obtivemos uma bolsa de estudo para estágio de doutorado de quatro meses, na *Universidad de Murcia*, na cidade de Murcia, por meio do Programa de Mobilidade Internacional de Pós-Graduandos Santander Banespa da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo. Julgamos importante acrescentar esses dados na tese para que nos auxiliem a refletir sobre a pesquisa realizada no Brasil.

Nosso objetivo inicial foi desenvolver na Espanha a mesma pesquisa que estávamos desenvolvendo aqui: o estudo do preconceito contra negro por meio de escalas e entrevistas, em alunos universitários. No entanto, ao deparar com a realidade local, notamos que a relação dos negros com os espanhóis é marcada pela questão da imigração. Os negros que viviam em Murcia eram imigrantes do norte da África e se encontravam no país fazia menos de dez anos. Por conta disso, a professora tutora da *Universidad de Murcia* aconselhou que mudássemos o objetivo do estudo para o preconceito contra gitanos³, já que eles são cidadãos espanhóis, mas vivem à marginalidade da sociedade espanhola, há cerca de seis séculos. Embora nunca tenham sido escravos, o fato de estarem no país há tantos séculos nos pareceu mais interessante como fonte de possível comparação com a realidade brasileira.

³ Ainda que exista a tradução da palavra espanhola *gitano* como cigano em português, decidimos utilizar o mesmo termo do espanhol pela sua maior especificidade no caso: no dicionário Michaelis da Língua Portuguesa, gitano é definido por cigano da Espanha.

CAPÍTULO 1 – SOBRE OS PRECONCEITOS

A primeira definição do dicionário Aurélio para a palavra preconceito diz respeito a uma ideia pré-concebida, formada previamente, sem conhecimento dos fatos. Faz-se, então, necessário diferenciar pré-conceito do fenômeno preconceito aqui tratado.

As ideias pré-concebidas ou pré-conceitos fazem parte da relação do homem com o mundo. Isso significa dizer que o conhecimento não seria possível sem alguma informação anterior sobre o objeto que se pretende conhecer porque é necessário algum ponto de partida para a relação com ele. Assim, a relação sujeito-objeto no momento do conhecimento envolve um caminho duplo: o sujeito parte de algo conhecido para começar a entender o objeto desconhecido e o objeto deixa alguma marca nova no sujeito, permitindo que algo novo seja acrescentado a ele. Essa dinâmica ideal não diz respeito aos preconceitos. Mas quando, por um lado, o sujeito se fecha para conhecer o objeto, preso unicamente aos seus conhecimentos prévios, ou quando, por outro lado, o sujeito se abre exageradamente ao objeto, sem sobre ele refletir a partir das suas próprias opiniões, temos então a dinâmica do preconceito (CROCHÍK, 2006). Enfim, podemos falar em preconceito quando a relação sujeito-objeto não se refere mais a um processo contínuo de troca mútua.

Outra forma de pensar essa troca contínua entre sujeito e objeto está nos conceitos de projeção e falsa projeção. Horkheimer e Adorno (1986) partem do pressuposto que perceber é projetar. Isto é, para percebermos o mundo a nossa volta, temos de lançar mão de nossos órgãos do sentido em direção aos estímulos sensoriais, projetando sobre o objeto aquilo que pensamos que ele é. Mas a projeção é só o primeiro passo do conhecimento. Na relação com o objeto é possível reconhecer nele o que foi projetado e o que é próprio do objeto, marcando a diferença entre mundo interno e externo⁴. É essa reflexão que falta ao sujeito preconceituoso, que acaba percebendo o objeto a partir de uma falsa projeção. Tal falsidade está na incapacidade do sujeito de perceber o que é seu e o que é do objeto. Não tendo essa clareza, ele credita tudo ao objeto. É por isso que os autores dizem que, nessas condições, o sujeito... *“(...) incha e atrofia ao mesmo tempo.”* (HORKHEIMER; ADORNO, 1986, p.156). É dizer, o sujeito incha porque está cheio de informações do mundo externo, sejam morais, intelectuais, religiosas etc.; porém, ele atrofia e se esvazia ao mesmo tempo porque, sem conseguir refletir sobre o conteúdo dessas informações, nada consegue acrescentar a si mesmo e se torna, tanto mais sem consciência, massa de manobra dos discursos preconceituosos e totalitários. Nesse

⁴ É o que os autores chamam de controle da projeção. Em suas palavras: *“(...) o indivíduo precisa de um controle crescente da projeção; ele tem de aprender ao mesmo tempo a aprimorá-la e inibi-la.”* (HORKHEIMER; ADORNO, 1986, p.154)

processo, o sujeito não se dá conta que aquilo que ele defende como sua opinião nada mais é do que repetição do que já está pronto nos discursos sociais.

Podemos dizer que o preconceito depende e independe do objeto. Por um lado, o preconceito depende do objeto porque existe algo neste que desperta no preconceituoso o seu preconceito. O objeto deve ser de alguma forma um representante da fragilidade, da felicidade sem poder⁵. Por outro lado, o alvo do preconceito informa algo sobre o próprio preconceituoso, ou seja, o preconceito independe do objeto. Neste sentido, pesquisas mostraram que pessoas preconceituosas apresentaram uma tendência a ter preconceito contra diferentes grupos⁶. O que significa que há algo no preconceituoso que o faz focalizar seu ódio em grupos, de alguma forma, vistos como frágeis. A vítima escolhida pelo preconceituoso não precisa ser sempre a mesma. Hoje, o ódio é direcionado aos negros. Amanhã, a outro grupo⁷. Não se trata do grupo em questão apenas. Mas da forma como o preconceituoso vive a irracionalidade da ordem vigente.

Com isso, queremos dizer que aquilo que suscita o preconceito no preconceituoso não é o que o discriminado efetivamente é. Mas o que ele representa, principalmente, no que diz respeito a sua história. Por exemplo, em relação ao negro, o estereótipo de pouca inteligência nada tem a ver com as pessoas reais, mas com o passado escravista deste, no qual se creditava a ele um olhar mais animalizado que humano, isto é, visto como uma raça inferior, o negro era tido como não inteligente⁸. No entanto, a pessoa preconceituosa vê no negro alguém com pouca capacidade intelectual e, sem refletir sobre isso, acredita que esse é, de fato, um problema racial. Qualquer exemplo contrário ou não é visto ou é considerado exceção à regra. Portanto, podemos dizer que o preconceito é a negação do que o sujeito é e a ênfase unidirecional a uma característica do grupo que ele faz (ou fez) parte, abstraída de seu contexto histórico.

A partir de uma relação (ou ausência de uma relação) sujeito-objeto que não permite a abertura ao novo, o preconceituoso deseja eliminar tudo o que não lhe é familiar. Dessa forma, a angústia do desconhecido despertada pela fragilidade do discriminado é paralisada pelo esforço constante em perceber o objeto de forma estereotipada, ou seja, aprisionada

⁵ Segundo Horkheimer e Adorno (1986, p.143): *"A noção de uma felicidade sem poder é intolerável pois só ela seria a felicidade pura e simples"*.

⁶ Ver Adorno et al. (1965); Crochík (2006).

⁷ *"A cólera é descarregada sobre os desamparados que chamam a atenção. E como as vítimas são intercambiáveis segundo a conjuntura: vagabundos, judeus, protestantes, católicos, cada uma delas pode tomar o lugar do assassino, na mesma volúpia cega do homicídio, tão logo se converta na norma e se sinta poderosa enquanto tal"*. (HORKHEIMER & ADORNO, 1986, p.142)

⁸ Nina Rodrigues, em sua clássica obra *"Os africanos no Brasil"*, publicado em 1933, mostra a ideia de atraso dos negros: *"E deante da necessidade de, ou civilisar-se de prompto, ou capitular na luta e concorrência que lhes movem os povos brancos, a incapacidade ou a morosidade de progredir, por parte dos negros, se tornam equivalentes na prática"*. (p.391)

pela repetição. Por exemplo, para um racista, qualquer coisa boa feita por um negro pode ser justificada como arrogância ou vontade de aparecer e qualquer coisa ruim como a certeza de que “se não faz na entrada, faz na saída”. Fechando o objeto do seu preconceito em um círculo vicioso constante, o preconceituoso não tem de lidar com conteúdos psíquicos seus. A insegurança constante que vive, devido à forma como as pessoas e coisas do mundo lhe foram apresentadas e da consequente relação que conseguiu estabelecer com o mundo, é disfarçada em uma falsa fortaleza. Embora a fortaleza seja falsa, a frieza com que lida com as pessoas é verdadeira e demonstra sua dificuldade com os sentimentos. É nesse sentido que Horkheimer e Adorno (1986, p.141) afirmam: *“O comportamento anti-semita é desencadeado em situações em que os indivíduos obcecados e privados de sua subjetividade se vêem soltos enquanto sujeitos”*. Isto é, o vazio que o preconceituoso vive, porque não pode viver nem o prazer, nem a reflexão, é preenchido pelo ódio a determinados grupos que pela fragilidade exposta, lembram a sua própria fragilidade. Fragilidade essa que o preconceituoso não consegue admitir, nem lidar.

Se o preconceito tem sua origem no fechamento à experiência, esta poderia ser, então, um antídoto contra aquele. Porém, sabemos que não basta colocar juntos dois grupos, sendo um discriminado e outro preconceituoso, para que o preconceito desapareça. Sobre isso, Horkheimer e Adorno (1986, p.165) dizem: *“(…) ficou provado que as chances do anti-semitismo são tão grandes nas regiões sem judeus como até mesmo em Hollywood”*. Isso porque existem mais razões no preconceituoso do que no seu alvo para a cristalização da relação que não permite a experiência e a identificação com o outro. A possibilidade de experimentar e de se abrir para o outro envolve relativizar o previamente pensado. Ou seja, aquilo que já era esperado pelo sujeito na sua relação com o outro deve ser de alguma forma transformado pelo que o objeto traz de seu. Entretanto, a possibilidade da experiência no capitalismo tardio⁹ é cada vez menor. Isso quer dizer que toda a distinção feita até aqui entre pessoas preconceituosas e não preconceituosas tem mais um objetivo didático do que de polarização de dois tipos idealizados. Se podemos entender o preconceito apenas na interface entre indivíduo e cultura, faz-se necessário pensar que a cultura é que permite a formação de pessoas preconceituosas. Para tal, partiremos do conceito de estereótipo, como “ponte” mais facilmente identificável entre o preconceito e a cultura.

Os estereótipos são apresentados pela cultura e têm a clara função de justificativa da

⁹ Entendemos capitalismo tardio como define Imbrizi (2005, p.42): *“É capitalismo porque a dominação entre e sobre os seres humanos tem suas bases na estrutura econômica da sociedade de classes, só que a especificidade de tal opressão é que ela se tornou anônima. Todos os homens sofrem com o controle que, por não saberem de onde vem, transforma-se em destino. E é capitalismo tardio porque ‘os homens continuam como apêndice da maquinaria’, não só os trabalhadores, pois todo o comportamento do indivíduo em suas mais íntimas emoções submetem-se ao mecanismo social e suas necessidades transformam-se em funções do aparelho de produção.”*

dominação. Por um lado, o estereótipo como a definição precisa de um determinado grupo, por exemplo, funciona como uma forma de orientação da realidade, dado que esta é complexa e ameaçadora. Por outro, ao se apropriar do estereótipo, o sujeito encontra a explicação na cultura para o seu preconceito. Não há, dessa forma, espaço para a dúvida, nem para a reflexão sobre si ou sobre o outro. Como uma resposta rápida e pedindo por uma estabilidade no pensamento, que não admite mudanças, o estereótipo serve para manter as coisas como estão e o sujeito incólume a qualquer alteração na sua forma de pensar. Para tanto, o pensamento estereotipado utiliza a rigidez de seu conteúdo inalterável. Por exemplo, o estereótipo dos judeus serve para que o sujeito saiba como lidar com eles, como tratá-los, o que pensar sobre eles. A essa distância já definida pelo pensamento estereotipado, nenhuma identificação é possível porque a caracterização do outro como alguém ruim fortalece a ideia do eu como bom. Dessa forma, as condições sociais que permitiram o surgimento do estereótipo são ignoradas e, com o olhar direcionado apenas para o grupo em questão, o sujeito se sente, ilusoriamente, menos inseguro em uma cultura ameaçadora. Mas como essa ilusão é, no fundo, conhecida pelo sujeito, ele sabe que o judeu hoje pode representá-lo amanhã. Isto é, os grupos perseguidos são, como dizem Horkheimer e Adorno (1986), “intercambiáveis entre si”, pois não se trata simplesmente do problema com um grupo X, com uma característica peculiar não aceita, mas da própria ordem social que é estabelecida de modo a constituir subjetividades desumanizadas e, por isso, se à vítima de hoje é dado poder suficiente amanhã, muito provavelmente, ela se tornará algoz também.

Dado que o estereótipo e o fechamento à experiência impedem a identificação com o outro, o sujeito tende à repetição. Fazendo sempre o mesmo, fechado às novas experiências, o sujeito não reflete e tende a seguir cada vez mais e de forma automática, o que a cultura diz para ele ser, fazer, desejar. A isso podemos chamar de heteronomia, pois fechado nas normas sociais e sem a consciência da influência delas na formação de si e do outro, ele não consegue se perceber ao mesmo tempo como sujeito e objeto da realidade que vive. E essa é a tendência que mais se observa na atualidade, pois cada vez mais as pessoas são responsabilizadas unicamente pelo que são, sentem e fazem. Entretanto, cada vez menos há espaço para reflexão e escolha. Se só é possível pensar em um indivíduo autônomo em uma sociedade justa e humana (HORKHEIMER; ADORNO, 1973), o sujeito, fruto da sociedade atual, caminha para longe dessa possibilidade. Para que o sujeito se transformasse em indivíduo, seria necessário um espaço de reflexão que o permitisse perceber a determinação social, bem como “(...) conscientizar-se de que sua autopreservação depende da preservação da natureza e da coletividade.” (IMBRIZI, 2005, p.80). Ou seja, a natureza social do homem que lhe permite se individuar por meio da cultura significa estabelecer com ela uma relação de proximidade e

distância, de modo que seja possível a reflexão sobre o que a cultura é, sem negá-la e sem estar de acordo com ela em tudo. No entanto, como o indivíduo só pode se constituir pela cultura, é ela que possibilita ou não a sua individuação. E quanto menos ela o permite, mais os preconceitos se apresentam como defesa do sujeito.

Embora pareça um simples jogo de palavras, pensar no indivíduo, nessa perspectiva, é o oposto do que se percebe na ideia de individualismo. O individualista, pensando só em si, de forma muito limitada, é fruto de uma sociedade dividida e hierarquizada. A que os autores dizem: *“Quanto menos são os indivíduos, tanto maior é o individualismo”* (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p.53). Por outro lado, o indivíduo, por um mecanismo oposto ao da rigidez do pensamento estereotipado, é aberto ao outro e para a experiência e reflexão decorrentes desse encontro com o que está fora de si. No entanto, estabelecer relações assim só é possível em um mundo democrático (HORKHEIMER; ADORNO, 1973). Os autores chegam a essa conclusão por meio de uma reflexão sobre o indivíduo e a cultura pela história da civilização. Eles utilizam a noção de esclarecimento como o conceito chave que explica, desde a época dos mitos até os dias de hoje, a lógica básica presente na constituição da cultura e do homem. O esclarecimento tem por objetivo explicar a realidade de modo a superar os mitos. É por meio da razão que os homens acreditam estar dominando a natureza, de modo a não permitir que nada fique desconhecido. No entanto, a busca cega da dominação da natureza leva o homem a se submeter ainda mais a ela.

Ao tentar dominar a natureza - isto é, os impulsos, aquilo que não é racional, o que é natural no homem - o homem acredita que conseguiu de fato ser “senhor” de si e do mundo por meio da razão. No entanto, a natureza “malograda” sempre retorna. Os homens têm de esquecer o que foi posto de lado. E se comportam como se assim o fizessem. Porém, o que é renunciado não desaparece, mas regressa como natureza não dominada e capacitada à violência em nome do poder e do “direito” de quem se sacrificou para ser o que é¹⁰.

O esclarecimento torna a realidade em algo compreensivo de uma maneira unívoca. Nada que seja ambivalente, subjetivo, incontrolável, ilógico, qualitativo pode ser considerado. É nesse sentido que Horkheimer e Adorno (1986) percebem que quanto mais o esclarecimento avança, causando o progresso da técnica, mais o homem regride, pela desumanização que esse processo envolve. Lutando contra a natureza, o homem luta contra si mesmo. E o mundo organizado racionalmente, marcado mais pelo formalismo da razão do que pela preocupação

¹⁰ Tal lógica pode ser observada na análise que os autores fazem da história de Ulisses: depois de ter passado por tanto perigos, depois de ter renunciado a vários prazeres em nome da volta ao lar, simbolizado como a volta aos bens materiais e ao poder, ele regressa com o “direito” de matar os que estão pretendendo substituí-lo. É a violência permitida àquele que muito se violentou para aí estar de volta. Isso significa que a renúncia e o sacrifício são uma forma de engodo ao próprio eu, que não percebe a natureza dominada em nome de tal sacrifício.

com os indivíduos, torna-se um espaço desprovido da razão. Um exemplo claro desse fato dado pelos autores, décadas atrás, é de que com o avanço da tecnologia e da indústria, já seríamos capazes de acabar com o sofrimento acarretado pela miséria material. No entanto, a humanidade não caminha para esse fim. E é só pela frieza que podemos ficar indiferentes à dor do outro. A cultura esclarecida que poderia melhorar a vida de todos, ao contrário, cuida para que as pessoas trabalhem mais e sejam cada vez mais indiferentes. O tempo livre é vivido como um preparo para o trabalho. Assim, não há espaço para reflexão.

Na atualidade, quem se incumbe de lembrar isso a todo instante ao sujeito é a indústria cultural, ao evidenciar que tudo já está definido de antemão. O cinema, o rádio, a televisão – e, hoje, a internet – se organizam de tal modo semelhantes entre si que a distância anteriormente percebida entre a obra de arte e a realidade social já não é mais possível. Ao contrário, a técnica do cinema busca aprimorar cada dia mais a história projetada sobre a vida real, para que nenhuma possibilidade de mudança do existente seja questionada. Tal duplicação da realidade atinge a todos. Os tipos de filme que vão dos mais ao menos reflexivos alimentam a estrutura hierárquica social. A uns é dado pensar, a outros, apenas ver lutas ou a destruição de Nova York. No entanto, a indústria cultural pensa de antemão por todos, não há novidades, apenas repetição¹¹.

O profundo esforço da indústria cultural é para que, nos momentos de lazer, cada um se sinta cada vez mais adaptado ao existente, conformado com o trabalho, assegurado de que o pensamento não é necessário, pois não existe nada novo, não existe nenhuma mudança possível e tudo já é familiar. Nesse sentido, a tensa relação entre o sujeito e a sociedade em que vive, uma vez que esta promete uma felicidade que nunca se realiza, é mascarada pela certeza de que a única coisa a fazer é se conformar. Tal sensação de conformismo e a falsidade da indústria cultural como arte não é desconhecida dos consumidores da indústria cultural:

Em consequência, se minha conclusão não é muito apressada, as pessoas aceitam e consomem o que a indústria cultural lhes oferece para o tempo livre, mas com um tipo de reserva, de forma semelhante à maneira como mesmo os mais ingênuos não consideram reais os episódios oferecidos pelo teatro e pelo cinema. Talvez mais ainda: não se acredita inteiramente neles.
(ADORNO, 1995, p.81)

¹¹ “O que é novo na fase da cultura de massas em comparação com a fase do liberalismo avançado é a exclusão do novo”. (HORKHEIMER; ADORNO, 1986, p.111)

Por essa passagem, podemos pensar que diante dos produtos da indústria cultural e de todos os valores que ela transmite, há uma relação de crença e descrença ao mesmo tempo. Aqui no Brasil e em muitos lugares onde se consomem as telenovelas, os espectadores sabem que não é real. Entretanto, se deixam estar, na frente da tela, recebendo as informações, conceitos e preconceitos óbvios e subliminares ali presentes. Sabem da mentira manifesta¹², mas como um vício ou por não conseguirem ter nenhuma outra atividade mais interessante, os espectadores se permitem, por vezes, parecendo hipnotizados, olhar para a vida do outro, impedindo, assim, a possibilidade de qualquer autorreflexão.

Tal ausência de reflexão facilita a adesão aos preconceitos. Por um lado, temos então, a cultura que valorizando o conhecimento pelo conhecimento leva a um saber que não humaniza porque, distante do objetivo de melhorar a vida de cada um, cristaliza-se como um valor em si mesmo, ou seja, como mera vaidade. Assim, a cultura distanciada do ideal de formação de seus membros, incita os sujeitos a estar constantemente em defesa da sua autoconservação, sem identificação com o outro. Nesse sentido, Horkheimer e Adorno, (1973, p.181/182) afirmam:

(...) só seriam homens verdadeiramente livres aqueles que oferecem uma resistência antecipada aos processos e influências que predisõem ao preconceito. Mas semelhante resistência exige tanta energia que obriga a explicar a ausência de preconceitos antes da presença destes. O “clima natural” tem suas raízes em condições de fato, em grande parte independente da vontade do indivíduo e o seu poder é muito superior ao deste.

No sétimo elemento do anti-semitismo na obra *Dialética do Esclarecimento*, Horkheimer e Adorno (1986) afirmam que não há mais antisemitas. Para os autores, liberais do século XIX que expressavam sua atitude não liberal e reacionária, podem ser considerados os últimos. Com isso, os autores discorrem sobre a “mentalidade do *ticket*”. Tal mentalidade é caracterizada pelo pensar repetitivo, sem reflexão. O pensamento, estruturado dessa forma rígida, não reflete e não percebe a diferença entre indivíduo e cultura. Por ele, o mundo está dividido, de modo infantil, em bons e maus. Esse esquema estereotipado é um grande facilitador de preconceitos porque a indústria cultural, pensando pelo sujeito, só lhe faculta a opção de dizer sim a um *ticket* – dentre vários que a cultura oferece.

¹² Para Horkheimer e Adorno (1973), a ideologia no capitalismo tardio não é um produto espiritual elaborado, como no capitalismo liberal dos tempos de Marx. Trata-se de uma mentira manifesta, uma simples cortina, através da qual não é difícil enxergar o que está por trás. Mas, reconhecem aí uma contradição: “*Entretanto, precisamente porque a ideologia e a realidade correm uma para a outra; porque a realidade dada, à falta de outra ideologia mais convincente, converte-se em ideologia de si mesma, bastaria ao espírito um pequeno esforço para se livrar do manto dessa aparência onipotente, quase sem sacrifício algum. Mas esse esforço parece ser o mais custoso de todos.*” (p.203)

Com o objetivo de entender melhor as relações entre preconceito, o indivíduo e a cultura, Adorno et al (1965) realizaram uma grande pesquisa nos Estados Unidos, com a participação de milhares de pessoas de diferentes grupos sociais. Os pesquisadores utilizaram vários métodos de investigação, combinando técnicas qualitativas e quantitativas: escalas do tipo Likert¹³; teste de apercepção temática (TAT) e entrevistas com 10% dos sujeitos (os que apresentavam escores mais altos e mais baixos nas escalas), realizadas geralmente em mais de uma sessão, sobre vários temas da vida da pessoa. A hipótese inicial dizia respeito à relação entre as características da personalidade, a posição política e o preconceito contra as minorias. Por meio das escalas e das entrevistas, os autores concluíram que existem personalidades mais propensas à propaganda totalitária, que se caracterizam principalmente pela rigidez e pela admiração do poder e necessidade de identificação com uma figura poderosa. Essa é a personalidade autoritária – que é vulnerável aos preconceitos. A própria rigidez explica essa vulnerabilidade: se o caráter é rígido, então ele praticamente não está aberto à experiência.

Entretanto, também aqueles que não foram classificados como autoritários podem desenvolver preconceitos. Além disso, a rigidez e “elasticidade” são vistos não como duas categorias longínquas e estanques, mas como as duas pontas de um mesmo contínuo. Para além de conhecer cada extremo, é importante, para os autores, identificar quais condições são facilitadoras para a aparição de um ou outro “perfil”. Vale ressaltar que um marco definidor de um ou outro é a relação do indivíduo com o poder. O tipo autoritário revelou-se seduzido pelo poder e ao mesmo tempo, dominado por ele. Tratam-se de pessoas com grande vinculação com a autoridade, que mostram alto nível de exigência em vários setores da vida: seja na competência para o trabalho, na higiene física ou no êxito em qualquer atividade. Horkheimer e Adorno (1973) falam da “natureza ciclista” como metáfora para tal fenômeno: o sujeito está inclinado a se submeter a um poder maior que ele, concomitantemente, com os pés no pedal, ele submete quem julga estar abaixo dele.

A partir dessa breve exposição, percebemos que a lógica do preconceito não é simplesmente racional. O que equivale a dizer que somente as ações informativas não são suficientes para combatê-lo. Com a divulgação cada vez mais forte dos valores democráticos, em que se diz que todas as pessoas são iguais e se valoriza o respeito à diferença, o racista sabe que qualquer sentimento discriminatório contra qualquer grupo é mal-visto socialmente. Ao admitirmos a irracionalidade do preconceito, podemos nos perguntar sobre a possibilidade de estudá-lo por meio racionais. Pressupomos, entretanto, que:

¹³ Quatro escalas foram construídas: etnocentrismo (E), antissemitismo (AS), fascista (F), sobre política e economia (CPE).

(...) se o preconceito é algo irracional, a forma de expressá-lo nem sempre o é, e, assim, devemos nos ater, inicialmente, tanto às explicações psicanalíticas sobre as modificações a que todos os indivíduos devem se submeter para poder pensar, quanto ao invólucro pretensamente racional que os preconceituosos dão às suas teses. (CROCHÍK, 2006, p.30)

É esse invólucro racional que pretendemos estudar por meio de questionários e entrevistas com brancos, negros e mestiços, buscando compreender não só as lógicas racionais da fala desses sujeitos, mas também as brechas irracionais que nos ajudam a pensar a forma como internamente se organiza a apreensão dos discursos racistas e antirracistas presentes na cultura.

1.1. Nova fisionomia do racismo: o preconceito sutil

Hoje em dia, as pessoas, de modo geral, estão contra o racismo e dizem claramente que ele tem de ser combatido. O racismo claro e tradicional é condenado socialmente. Entretanto, tal condenação não é sinônimo da sua inexistência. Podemos notar uma mudança na manifestação do racismo, mas a sua função continua a mesma, qual seja, a de organizar as relações de poder e justificar as desigualdades sociais.

Muitas pesquisas investigam essa nova forma de racismo, frequentemente chamada de racismo sutil. O discurso social de tolerância, juntamente com várias ações no mundo inteiro, nessa direção, inibem a manifestação aberta do racismo. Porém, a conscientização das más consequências deste não é suficiente para acabar com ele.

Com essa manifestação mais sutil, o preconceito é justificado, mas não é admitido como tal. Assim, a nova “fisionomia” do racismo se caracteriza por não ser direta e por não estar relacionada claramente com o conceito de raça, mas...

(...) se encubre bajo signos de comunicación no verbal, bajo prácticas racistas simbólicas abstractas, no tiene por qué aplicarse directamente al grupo objeto del racismo, sino mediante múltiples vías indirectas; por ejemplo, atacando a ese grupo “sólo” por aspectos distintos a su raza o etnia (p.ej., criminalidad, delincuencia, robos, tráfico de drogas, oficios desempeñados, actitudes que tienen hacia la educación, etc.). Se llega así a valorar el racismo como una profilaxis de la marginación. En el nuevo racismo se llega a dar a entender que las prácticas del racismo vienen a ser como una formación, educación o socialización que “necesitan” los grupos “desfavorecidos” para que puedan vivir mejor. (PÉREZ; DASÍ, 1996, p.205)

Em uma sociedade abertamente racista, a discriminação não costuma apresentar ambiguidades. No entanto, em uma sociedade democrática, as ideias racistas estão em conflito com as normas não racistas da democracia. O racismo sutil existe provavelmente porque os países que se dizem democráticos já têm um norma antirracista clara. A característica central desse tipo de preconceito está descrita nas palavras de Pettigrew e Meertens (1995, p.58): *“Blatant prejudice is hot, close and direct. Subtle prejudice is cool, distant, and indirect”*¹⁴.

Algumas investigações¹⁵ identificaram pessoas com uma postura intermediária, chamadas de “sutis”. Tais pessoas não têm um discurso claramente racista, mas dadas as condições adequadas para a expressão do preconceito, este se manifesta. Se podemos dizer que os não preconceituosos se apropriaram da norma antirracista e que os racistas a ignoram, podemos afirmar, então, que as pessoas que manifestam seu preconceito de forma sutil, se apropriaram da norma antirracista apenas superficialmente.

Para Pérez e Dasi (1996), o racismo flagrante só é defendido por uma minoria. Porém, há uma maioria com sentimentos racistas não conscientes. Um dos argumentos da minoria racista é justamente que esta representa o pensamento da maioria - que não teria coragem de se manifestar. Este é um problema social sério. Se a maioria das pessoas não é abertamente racista, de alguma forma, ela é conformista, omissa ou “cega” à marginalização vivida pelas minorias, o que acaba por contribuir com a manutenção da ordem social. Os autores acreditam que para superar o racismo é preciso “despertar o preconceito”. Ou seja, é necessário despertar a consciência da existência do racismo nas relações sociais. Nas palavras dos autores:

Para acabar con la actitud racista hace falta antes despertar el prejuicio. Es cuando éste se despierta cuando la persona siente un doble conflicto. Por un lado interior, porque toma conciencia de comportarse de modo distinto a como lo manifestaba. Por otro exterior, porque el contexto social de referencia desaprueba su comportamiento racista. La resolución de este doble conflicto puede provocar un cambio profundo. (PÉREZ; DASÍ, 1996, p.222)

Assim, esse “despertar” significa tornar consciente o quão somos racistas. Se a cada dia mais o racismo se apresenta de forma sutil, é necessário compreender os mecanismos desse racismo para, então, por meio da conscientização, combatê-lo.

¹⁴ O preconceito flagrante é quente, fechado e direto. O preconceito sutil é frio, distante e indireto. (Livre tradução)

¹⁵ Pettigrew e Meertens (1995); Pérez e Dasi (1996); Rueda e Navas (1996), Gómez-Berrocal e Moya (1999); Espelt et al (2006); Galeão-Silva (2007).

Uma referência para o estudo do preconceito sutil é Pettigrew e Meertens (1995). A hipótese dos autores é a de que existem pessoas que não demonstram o racismo de forma flagrante, mas por meio de argumentos individualistas, isto é, que não são diretamente relacionados com todo o grupo racial. Para desenvolver um estudo transcultural, o preconceito foi estudado por meio de sete grupos étnicos de quatro países (Grã-Bretanha, Alemanha, Holanda e França). Preconceito sutil é entendido pelos autores como uma forma indireta de discriminar determinado grupo, enquanto que o preconceito flagrante é a expressão direta de rejeição a um grupo. Os autores tinham como objetivo não apenas diferenciar o racismo flagrante do sutil, mas também compreender os elementos presentes no segundo. Os fatores da escala de preconceito flagrante são (1) ameaça e rejeição; (2) anti-intimidade. E os da escala de preconceito sutil: (1) defesa dos valores tradicionais; (2) exagero das diferenças culturais; (3) negação das emoções positivas em relação ao grupo minoritário em questão. A partir de certo ponto definido pelos autores como “*mid-point*”, as pessoas com baixa pontuação nas duas escalas são consideradas “igualitárias”; as que tiveram alta pontuação nas duas escalas, são chamadas de “autoritárias” e as que tiveram baixa pontuação na escala de preconceito flagrante e alta na escala de preconceito sutil são as chamadas “sutis”.

Ruedas e Navas (1996) adaptaram a escala de Pettigrew e Meertens (1995) para a realidade espanhola, em um estudo sobre preconceito contra gitanos, *magrebis*¹⁶ e africanos negros. Não identificaram diferença significativa quanto ao preconceito contra esses três grupos, nas escalas de preconceito sutil e flagrante. Entretanto, comparando-se os três grupos, há mais preconceito contra os gitanos.

Os autores encontraram diferenças entre os chamados “igualitários” e “sutis”. Os primeiros são favoráveis a medidas que melhorem as situações dos grupos discriminados, enquanto que os sutis não são favoráveis a essas medidas e preferem que as coisas continuem como estão; por outro lado, não apoiam ações claramente discriminatórias, expressando seus preconceitos em “*contextos ambiguos o racialmente neutros*” (RUEDAS; NAVAS, 1996, p.135). Dessa forma, podem justificar suas atitudes preconceituosas de modo aparentemente não racista. Essas pessoas não mostram sentimentos negativos contra as minorias, tampouco sentimentos positivos. Para os autores, essa é uma característica do preconceito sutil, por se tratar de uma forma indireta de rejeição.

Gómez-Berrocal e Moya (1999) também estudaram o preconceito contra gitanos na Espanha, por meio das escalas de Pettigrew e Meertens (1995). Além dessas, outras escalas que avaliam emoções, distância social, percepção de semelhança, avaliação intergrupal,

¹⁶ *Magrebis* é relativo às pessoas vindas do Norte da África, sobretudo Marrocos, Tunísia e Argélia. Não encontramos correspondente na língua portuguesa.

atitude de aculturação, percepção de poder e contato com o exogrupo foram utilizadas. De modo geral, os participantes da pesquisa expressaram mais preconceito sutil do que flagrante. Os “autoritários” responderam de forma oposta aos “igualitários” em todos os temas: os primeiros mostraram mais sentimentos negativos do que positivos contra os gitanos; não valorizaram a diversidade e são favoráveis à assimilação do gitanos na sociedade “*payo*”¹⁷; evitam o contato com o exogrupo; se percebem muito diferentes deles; pensam que os gitanos têm poder de influência e se sentem ameaçados; e, finalmente, concordam com a forma atual de distribuição do poder. As pessoas chamadas de “sutis” pelas respostas dadas nas escalas de preconceito apresentam respostas no meio desses dois extremos. Para alguns temas, têm respostas como as dos “igualitários” (têm mais sentimentos positivos que negativos em relação aos gitanos; respeitam a diversidade cultural; não concordam com a atual situação do grupo minoritário), para outros, estão mais próximos dos “autoritários” (são favoráveis a assimilação; se sentem ameaçados e pensam que os gitanos têm poder coercitivo). Os autores concluíram que os “sutis” adotam uma postura intermediária que os leva a rejeitar os gitanos de forma socialmente aceitável.

Ainda em solo espanhol, Espelt et al (2006) aplicaram as escalas de Pettigrew e Meertens (1996) em 591 estudantes de Psicologia. 60, 8% dos participantes foram classificados como “igualitários”, 32, 3% como “sutis” e 6, 6% como “autoritários”. Além disso, uma situação experimental de júri simulado também foi utilizada e comparada com a classificação acima. Em tal situação, eram apresentados casos de pessoas com nomes tipicamente europeus e outras com nomes tipicamente muçulmanos. A severidade nos julgamentos foi diferente para os três grupos: os classificados como “igualitários” tiveram uma tendência à maior indulgência; ao contrário, os “autoritários” foram mais severos; e, finalmente, os chamados “sutis” tiveram os dois tipos de comportamento (o que variava era o sujeito do julgamento): quando se tratava do muçulmano, eles eram mais severos, agindo de forma parecida com os “autoritários”.

Galeão-Silva (2007) estudou o racismo contra negros em estudantes universitários brasileiros. O autor traduziu e utilizou as escalas de preconceito sutil e flagrante desenvolvidas por Pettigrew e Meertens (1995) e a escala de fascismo (escala F) desenvolvida por Adorno et al. (1965) e reaplicada por Crochík (1999), em nosso meio. Por meio da comparação dos resultados dessas três escalas, Galeão-Silva (2007) buscou entender a relação entre a tendência à adesão ao fascismo e inferioridade incutida aos negros seja de forma sutil ou flagrante. A pesquisa foi realizada com 133 estudantes universitários. Nas escalas de

¹⁷ *Payo* é um termo usado em espanhol em referência a tudo o que não é gitano. Não existe uma tradução em português.

preconceito flagrante e de preconceito sutil, a média das respostas esteve na alternativa: discordo em parte/discordo um pouco, respectivamente para cada escala. Tal fato é visto pelo pesquisador não como sinal de ausência do preconceito, mas como uma baixa expressão do preconceito. O preconceito foi mais expresso na escala sobre fascismo do que nas escalas de preconceito flagrante e sutil. Além disso, a pesquisa mostrou correlação entre as respostas da escala F, que mede o fascismo, com a escala de preconceito sutil, o que significa que pessoas com tendências fascistas expressam mais preconceito sutil do que pessoas sem tais tendências.

O autor percebe uma relação entre preconceito sutil e conformismo, uma vez que o indivíduo, por meio do preconceito sutil, se submete às normas sociais, estabelecendo com elas uma relação de submissão e conformismo. E atenta para o perigo representado nesse tipo de preconceito:

O preconceito sutil pode aumentar por ser o mais adaptado ao capitalismo administrado, por ocultar o conflito (exagero da diferença cultural) e revelar a apatia com as injustiças (conservadorismo e negação do afeto positivo). O preconceito sutil é adaptativo ao mundo administrado. (GALEÃO-SILVA, 2007, P.129)

Assim, se o discurso racista atual persiste por meio da aparência de democracia, isto é, pelo preconceito sutil, investigar a forma como a sua apropriação ocorre é importante. Tanto no Brasil quanto na Espanha – países onde foi desenvolvida a pesquisa, o racismo não é só inaceitável como fere um princípio básico de igualdade entre as pessoas. Como é vivida essa contradição pelo preconceituoso? Para Lima e Vala (2004), hoje, o foco das pesquisas sobre preconceito está mais em suas formas sutis do que na explicação de expressões flagrantes de discriminação. Isso porque a assunção do preconceito, seja ele qual for, é cada vez mais condenada socialmente. Ninguém quer ser identificado como preconceituoso ou racista.

Barreto (2008), por exemplo, nota em sua pesquisa que todos os 45 alunos da Universidade de São Paulo entrevistados reconheceram a existência do racismo. As entrevistas foram realizadas entre 2000 e 2001 e participaram delas alunos de diferentes cursos, cores e classes sociais. Segundo a autora, não houve expressão do racismo entre os participantes. Porém, as formas indiretas puderam ser vistas na minimização da importância do racismo, na subsunção do problema racial ao preconceito de classe e na argumentação contrária a qualquer política afirmativa; tais como a incapacidade do negro em acompanhar determinado curso universitário. Os alunos relataram várias situações em que presenciaram o racismo,

comentaram o racismo existente em sua família e a clara oposição desta diante de um namoro com uma pessoa negra; mas quase ninguém admitiu o próprio racismo. Alguns participantes também enfatizaram a necessidade de aceitação do próprio negro. A sutileza dos elementos presentes na fala desses alunos indica a necessidade de mais estudos dessa natureza, que permitam maior compreensão da complexidade presente no racismo atual.

CAPÍTULO 2 – RAÇA E RACISMO

Raça é um conceito que tem sido questionado por diversos pesquisadores de diferentes áreas, há décadas. De fato, não é possível delimitar grupos humanos marcados por diferenças biológicas a ponto de configurar raças. Entretanto, tal concepção secular de hierarquização humana continua presente nas relações sociais. Raça é aqui utilizada não como categoria divisória entre grupos humanos marcada pela hereditariedade e semelhança física, mas abordada como conceito remanescente dessa visão, que ainda é orientadora da realidade. Isto é, não se trata de conceito respaldado pela ciência, mas sobrevivente nas relações cotidianas concretas.

Vários grupos humanos podem ser classificados racialmente. Dentre esses, o foco da presente pesquisa é o racismo contra negros. Como é o conceito de raça no cotidiano dos brasileiros? Existem resquícios do pensamento racista do começo do século XX ainda hoje? Quais são? Para responder a essas perguntas é preciso explicitar o que estamos chamando de raça e de que forma entendemos o racismo contra negros.

2.1. Raça: objeto de estudo?

O racismo não está inscrito na natureza, existam ou não raças: é uma decisão humana, que escapa à esfera da biologia e se mantém no âmbito dos valores (sendo um valor negativo). (PATY, 1998, p.164)

O dicionário Houaiss informa que a palavra raça foi utilizada na língua portuguesa pela primeira vez em 1473. Muitas pesquisas históricas são realizadas no sentido de saber não só a data em que a palavra surgiu, mas o sentido e o contexto em que foi usada. Boule (2003), por exemplo, localiza em um texto de François Bernier, de 1684, a primeira vez na história em que o conceito de raça é usado para diferenciar grupos humanos a partir de características físicas e naturais. François Bernier foi um francês que publicou anonimamente em 1684 o artigo: “Uma nova divisão na Terra a partir de diferentes espécies ou raças”.

O termo “raça” começou a ser usado no fim do século XV, com o sentido de conjunto de características inatas do ser humano, aplicados para os reis e seus descendentes. Boule (2003) afirma que a partir de 1550, o conceito é estendido para a nobreza, diferenciando os novos nobres - “produzidos” pelo rei - das pessoas comuns. A forma de distinção de um nobre estava na linhagem ou na boa educação, o que caracterizaria a “gentileza”. Tal ideia ainda encontra lugar nos dias de hoje, pois é algo que dá sentido à expressão “*finesse vem de berço*”. Naquele momento, não se falava em raça como algo fixo e inevitável. Parecia haver

uma mistura da concepção orgânica com uma concepção ambiental: o conceito começa com a linhagem, passa para a nobreza, mas permitindo novos nobres, desde que corretamente educados, nutridos etc. Portanto, se o novo nobre consegue atingir esse nível de fineza, ele pode transmiti-lo geneticamente para suas futuras gerações.

Marcando uma diferença do conceito de raça de sua época, Bernier, após algumas viagens, interpreta as diferenças físicas entre os homens como próprias de quatro ou cinco raças. As diferenças estão na cor da pele, rosto, cabelo, tipo físico, tipo de pensamento etc. O conceito de raça não está ligado à nobreza, mas às características físicas e à crença de que tais características são antes transmitidas do que consequências ambientais. Bernier não faz uma hierarquização entre as raças, mas já denuncia uma gradação de valores. Talvez, pela originalidade de suas ideias (que naquele momento não tinham serventia), não tenha sido reconhecido em sua época, mas um século depois já se podia perceber o florescer de ideias semelhantes.

No campo da ciência, raça foi usada originalmente na classificação de espécies animais e vegetais por Carl Von Linné (chamado Lineu, em português), no século XVIII. Para além da classificação de seres não-humanos, esse naturalista também classificou os homens, de modo bastante etnocêntrico, misturando comportamento, cor da pele, características físicas, tipo de roupa, como apresentado por Munanga (2004a, p.26):

Lineu divide o Homo Sapiens em quatro raças:

- 1)Americano: o próprio classificador descreve como moreno, colérico, cabeçudo, amante da liberdade, governado pelo hábito, tem corpo pintado;*
- 2)Asiático: amarelo, melancólico, governado pela opinião e pelos preconceitos, usa roupas largas;*
- 3)Africano: negro, fleumático, astucioso, preguiçoso, negligente, governado pela vontade de seus chefes (despotismo), unta o corpo com óleo ou gordura, sua mulher tem vulva pendente e quando amamenta seus seios se tornam moles e alongados;*
- 4)Europeu: branco, sanguíneo, musculoso, engenhoso, inventivo, governado pelas leis, usa roupas apertadas;*

Tal noção de raça ganha força, principalmente, no século XIX, quando a abolição da escravidão no mundo todo possibilitou a realização do princípio de igualdade anunciado na Revolução Francesa. É sob a ameaça de igualdade entre as pessoas que o ideário racista se torna necessário, uma vez que a ideia de raça é usada como uma resposta negativa quanto à igualdade dos seres humanos. Mas a diferença não para aí. Raça é usada para diferenciar e hierarquizar. Negros (e outros grupos raciais) são vistos como inferiores e diferentes biologicamente.

A ideologia racial não deixa de ser uma arma política, pois entende a história da humanidade por meio da história da luta natural entre as raças. Com a naturalização do que é político, o suporte científico da ideologia racista respalda as diferenças sociais como naturais e próprias do atraso ou adiantamento de um determinado grupo racial.

Hoje em dia, raça é um conceito superado pela ciência. Pena (2008), por exemplo, por meio de vários estudos na área de biologia, especificamente na genética, prova a inviabilidade de tal conceito. Por meio do detalhamento do genoma humano, conjuntamente com a ancestralidade geográfica e a aparência física das pessoas, o autor afirma que não há como definir raças. Em suas palavras: *“É fácil distinguir fenotipicamente um europeu de um africano ou de um asiático, mas tal facilidade desaparece completamente quando procuramos evidências dessas diferenças ‘raciais’ nos respectivos genomas”*. (PENA, 2008, p.19).

Isso porque as diferenças notadas pela cor da pele, cor dos olhos, tipo de cabelo e traços do rosto são definidas por uma parcela pequena de genes. Além disso, a maior parte da variabilidade do DNA humano é compartilhada por todos os seres humanos, independentes de ascendência ou aparência física, uma vez que apenas 7% dessa variação ocorre com populações residentes no mesmo continente. (PENA, 2008).

Se, hoje, a ideia de raça tão divulgada pela ciência em outros tempos como diferenças naturais entre as pessoas já não é mais sustentada pela própria ciência, resta uma pergunta: por que utilizá-la? Ainda que a pesquisa científica, no decorrer do século XX, tenha comprovado a ineficácia do conceito, um substrato fundamental dessa ideia permaneceu, qual seja: as relações humanas continuam mediadas pela noção de raça. Nos países em que a escravidão negra fez parte da história (seja colônia ou colonizador), o termo racismo costuma ser usado em relação aos negros. Podemos dizer que o Brasil é um país racializado, pois a raça é um elemento constituinte das identidades brancas, negras e mestiças.

Frequentemente, se utiliza o termo etnia em substituição à raça. Qual seria a diferença entre raça e etnia? Se raça é um conceito não verificado cientificamente, o uso de etnia seria a solução? A diferença entre elas está restrita ao discurso politicamente correto? Em que situações pode-se usar um conceito ou outro? Faz sentido pensar a realidade brasileira atual a partir de relações étnicas e não mais raciais? Para responder tais questões, primeiro é preciso clarear a compreensão de etnia.

Para Barth (2000), pode-se definir grupos étnicos pelas fronteiras culturais estabelecidas entre eles, o que significa dizer que suas identidades estão configurados a partir desses valores culturais e dos valores culturais do outro exogrupo. Pensando no Brasil, não há dúvidas de que há diferenças étnicas, pois existem povos indígenas e remanescentes de quilombos. Diante das diferenças culturais entre esses grupos com as populações das cidades,

poderia se pensar em etnia. Mas não é esse o foco do presente estudo: o objetivo posto é entender como o resquício deixado pelo conceito de raça organiza o olhar de brancos, negros e mestiços. Assim, falar de racismo contra negros não é falar em etnia, pois não se tratam de elementos culturais em comum a determinados grupos. Se raça é um conceito falho porque não condiz com a realidade, entendemos que existam dois pontos comuns às pessoas denominadas “negras”, quais sejam: o passado escravista e a presente discriminação racial. Nesse sentido, Barth (2000) mostra que não há nada material em um grupo étnico, isto é, não existe uma essência que defina uma etnia ou uma cultura, uma vez que a construção de valores culturais e de identidades ocorre justamente no encontro e nas fronteiras de grupos diferentes. Essa lógica também pode ser pensada para o conceito de raça porque, tão imaterial quanto etnia, ele é construído e reconstruído socialmente. Buscando um panorama atual dessa constante reconstrução é que esta tese se estrutura. Nossa intenção é compreender como as pessoas pensam e se posicionam sobre o racismo e que conceito de raça as sustenta nessas falas.

Elias (2000) também relativiza o conceito de raça por meio de uma pesquisa na qual identifica um único ponto diferencial entre dois grupos estudados por ele no interior da Inglaterra, chamado pelo autor de “estabelecidos” e “*outsiders*”: o primeiro, o que estigmatizava negativamente o outro grupo, habitava a região há mais tempo e foram chamados de “estabelecidos” pelo autor. O segundo grupo, formado por pessoas recém-chegadas, se transformaram em os “de fora” ou os *outsiders* e não só eram vistos como inferiores, mas o contato com eles era evitado ao máximo. Se a diferença de classe social não é a fonte de explicação para a discriminação, esse estudo mostra o quanto a autoimagem e a identidade de grupo se forma como superior ou inferior em contraposição a outro grupo - em que as relações de poder permitirão a inferência do valor humano maior ou menor de cada lado.

Mas como isso se processa? Como um grupo se afirma superior e define outro como inferior? E o mais grave: como outro grupo aceita essa inferioridade imposta? Segundo Elias (2000), é preciso relações de poder bem estabelecidas para que o rótulo de inferioridade humana atinja os *outsiders* e, assim, mantenha a superioridade dos estabelecidos. A estigmatização não é a causa do poder, mas uma forma de mantê-lo. Pois, ainda que a relação de poder diminua devido a situações concretas, estigmatizar é uma forma de manter o outro afastado e perpetuar a sensação de superioridade.

A partir da pesquisa de Elias (2000), podemos pensar que não se trata da existência ou não de culturas, etnias, classes, raças. A questão é que o enfoque só na categoria - como uma explicação *a priori* - esconde uma relação de poder profunda em que um grupo dita ao outro

as normas a serem seguidas para se definir “bons” seres humanos e define também que diferença pode colocar quem em qual lugar. É por essa lógica que o autor questiona o uso de raça como categoria explicativa. A questão anterior é: por que em determinado momento grupos humanos passaram a usar cor de pele, tipo de cabelo e traços do rosto como algo diferenciador? E diferenciador aqui significa legitimar uma noção de humanidade inferior e outra superior.

Poliakov (1974) mostra por meio do estudo dos mitos de origens de diversos povos europeus que o racismo do século XX é simplesmente uma atualização exagerada de representações antigas dos povos europeus sobre o eu e o outro. Isto é, a ideia de raça, ainda que não seja formulada exatamente dessa forma, diz respeito a antigas marcas e estigmas construídos nas fronteiras identitárias das relações entre os povos. Por meio de explicações míticas, pagãs e cristãs, o breve olhar histórico para algumas nações européias mostra o quanto os grupos foram construindo suas identidades por meio de laços de sangue e explicações raciais, de modo que a hierarquização estivesse sempre presente por meio de alusões a braveza, poder, servidão ou covardia como se fossem características inerentes a um povo e a cada indivíduo pertencente a este povo.

A inutilidade da classificação humana é evidente. O que não implica a negação da influência do critério raça nas relações. Hierarquizar e classificar o homem por raças e por critérios de aparência mostra uma apreensão limitada da realidade: é a percepção que define e explica a diferença sem reflexão. Assim, a ideia de raça pura e simples esconde e naturaliza o que é cultural e ideológico. Mas por que as relações humanas ainda precisam ser racializadas? Ainda precisamos construir nossas identidades baseadas em grupos superiores/inferiores, estabelecidos/*outsiders*?

Nesse sentido, vale lembrar as palavras de Horkheimer e Adorno (1986, p.158):

A raça não é imediatamente, como querem os racistas, uma característica natural particular. Ela é, antes, a redução ao natural, à pura violência, a particularidade obstinada que, no existente, é justamente o universal. A raça, hoje, é a auto-afirmação do indivíduo burguês integrado à coletividade bárbara.

Se a raça é a redução ao natural, a necessidade de seu uso, seja para discriminar seja para afirmar uma identidade discriminada, denuncia uma estrutura social profundamente violenta em que a naturalização se torna inevitável. Em um estudo sobre insultos raciais, Guimarães (2002) notou que muitos negros recebem xingamentos referentes à sexualidade ou animalização, como vagabunda, galinha, macaco. Vale lembrar que o insulto é uma forma de ensinar ao outro o seu devido lugar, isto é, evidenciar a hierarquia e “sabotar” qualquer

tentativa de tratamento igualitário, o que evidencia a contínua redução ao natural.

Para Guimarães (2002), raça é uma categoria analítica indispensável na compreensão da discriminação corrente aos negros no Brasil. A ideia de raça tem existência apenas no universo das relações sociais, e não na ciência. É uma categoria nativa que só pode se tornar analítica com o diálogo direto com a forma como o conceito se constrói nas relações concretas. Se raça deve continuar a ser usada é simplesmente no sentido de denunciar o racismo.

Ainda que raça seja uma categoria nativa, uma pergunta importante é: quando ela não será mais necessária? Ao que Guimarães (2002, p. 50/51) responde:

(...) primeiro, quando já não houver identidades raciais, ou seja, quando já não existirem grupos sociais que se identifiquem a partir de marcadores direta ou indiretamente derivados da ideia de raça; segundo, quando as desigualdades, as discriminações e as hierarquias sociais efetivamente não corresponderem a esses marcadores; terceiro, quando tais identidades e discriminações forem prescindíveis em termos tecnológicos, sociais e políticos, para a afirmação social dos grupos oprimidos.

Assim, a pergunta inicial sobre a importância de se utilizar a categoria raça para entender as relações humanas permite uma resposta: se estamos falando de uma realidade que historicamente precisou de raça para constituir grupos humanos, então é preciso verificar o peso da classificação racial na vida das pessoas. No entanto, isso não significa simplesmente abordar a ideia de raça, sem problematizá-la, o que manteria a análise na superficialidade. É preciso buscar na formação da ideia de raça as lógicas sociais que necessitam diferenciar e hierarquizar relações profundamente marcadas pelo poder e questionar quais dessas lógicas ainda estão presentes, possibilitando o nosso pensamento racializado e também o preconceito racial.

2.2. Sobre o racismo contra negros

*Se eu fosse rosa, as mulheres iam me amar,
mas o Senhor me afligiu com uma pele negra*
(LEWIS, 1982, p.29, livre tradução)

Embora raça seja encontrada nos registros históricos desde o século XVII, racismo é um termo recente, data das décadas de 1920/1930 com o aumento do antissemitismo na Alemanha. Mas a ausência do termo não significa a ausência do fenômeno. Poliakov, Delacampagne e Girard (1977) afirmam que o egiptólogo Jean Yoyotte descobriu evidências de

sentimentos racistas e chamou as práticas discriminatórias da Antiguidade (egípcia, grega e romana) de protorracismo. Antes da Idade Média, não se pode falar em antissemitismo, mas antijudaísmo, pois a perseguição era baseada na religião. Na Idade Média, na Península Ibérica, a percepção de que os convertidos continuavam a realizar suas práticas judaicas levou à crença de que era algo no corpo que os impedia de mudar os hábitos religiosos. Naquele momento, pôde-se identificar um protorracismo, pois já existia a ideia de sangue como algo que carrega características comportamentais de um grupo.

Também no Império Greco-romano se identifica algum tipo de protorracismo pela crença na superioridade de alguns grupos. Não se fala em raça, mas em culturas e nações. Hoje, o racismo também pode existir independente da ideia de raça¹⁸.

Lewis (1982) desconstrói o mito de que não existia discriminação racial entre os muçulmanos, que tanto Malcolm X como as histórias de “Mil e uma noites” pretenderam disseminar. Não há preconceito racial explícito no livro sagrado dos muçulmanos, o Alcorão. Mas o autor, ao analisar textos contemporâneos ao Alcorão, pôde perceber referências a pessoas de cores diferentes, com evidente inferiorização dos negros. Poetas árabes daquela época (século VII) mostravam em poesias como o fato de ser negro torna o sujeito vítima de discriminação, como nos versos do poeta Sehaym, morto em 660:

*Se eu fosse rosa, as mulheres iam me amar,
mas o Senhor me afligiu com uma pele negra
(...)
Ainda que minha pele seja negra
Meu caráter é de branco
(LEWIS, 1982, p.29, livre tradução)*

Em outros versos fica ainda mais clara a associação entre pele negra e feiura, inferioridade, problemas de caráter. Também em textos apócrifos de Maomé, o racismo (ou protorracismo) fica claro. Em uma paródia, por exemplo, um etíope diz ao profeta: “Vocês árabes estão na nossa frente em tudo, o que é confirmado na cor de vocês e no fato do Profeta ser um de vocês. Se eu crer em Deus, irei ao paraíso?”, no que o profeta responde: “Sim, e lá, você verá a brancura dos etíopes” (LEWIS, 1982, p.44, livre tradução).

A moral dessa e de outras histórias é que o bom negro se tornará branco e o branco mau se tornará negro. Na Arábia pré-islâmica, existia a percepção de diferentes cores, mas a atribuição de cor era individualizada e não coletiva. É com a expansão do Islamismo que a cor da pele passa a ser um atributo coletivo, de forma a definir grupos inferiores e superiores. A

¹⁸ Ver Poliakov, Delacampagne, e Girard, 1977.

cor da pele deixa de ter uma conotação pessoal para se tornar social e justificar o poder da expansão árabe. Os árabes escravizaram negros, brancos, indianos, escravos, mas havia tratamento diferenciado, leia-se pior, para os escravos negros (LEWIS, 1982).

Poliakov, Delacampagne e Girard (1977) definem racismo como uma hostilidade a um determinado grupo por uma suposta origem comum. Os autores acreditam que o conceito de racismo não está aprisionado à concepção orgânica. Nesse sentido, não ganha tanta importância o fato de raça não ser comprovada cientificamente, pois o racismo, para eles, se estrutura sem a observação científica de características de um grupo, mas pela criação de fantasmas, teorias e práticas discriminatórias, com o único objetivo de afirmar a superioridade de um grupo em relação a outro.

A questão é que desde o começo do uso do termo raça, este serve para classificar e hierarquizar, uma vez que tal termo não foi usado simplesmente para uma economia cognitiva - um conceito como tantos outros para facilitar a relação do homem com seu meio. E como hierarquizar está relacionado à situação de dominação e ao sentimento de ser superior a outro grupo, essa parte da classificação não foi automaticamente abandonada ao ser comprovado cientificamente que não há raças humanas diferentes. O que fica claro na citação:

Se na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um biólogo molecular a raça não existe, no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos. É a partir dessas raças fictícias ou “raças sociais” que se reproduzem e se mantêm os racismos populares. (MUNANGA, 2004a, p.22)

Jones (1973) discute a pertinência dos termos racismo e preconceito racial. Seriam eles sinônimos? Não. Para o autor, racismo é mais amplo do que preconceito racial porque não envolve apenas o preconceito individual. Para entender melhor esses conceitos, faz a diferenciação de três tipos de racismo: individual, institucional e cultural. O racismo individual seria o mais próximo do preconceito racial, pois está inserido no âmbito individual. A importância dessa divisão está na ampliação da discussão sobre preconceito, não limitando apenas a atitudes individuais, uma vez que fenômenos culturais e institucionais configuram claramente outras formas de racismo.

O centro da questão é, para o autor, o racismo cultural, ou seja, a presença do racismo na cultura. E essa definição remonta à História: as culturas européias e africanas eram essencialmente diferentes, o que levou à compreensão dos europeus de que aquilo que era diferente deles era inferior e primitivo. A partir do momento em que raça se torna uma categoria de hierarquização, percebemos que o racismo cultural não está restrito à diferença

cultural, mas ao exercício de poder pela submissão de determinados grupos por outros, por meio do critério raça.

Se o racismo está impregnado culturalmente, ele está presente nas instituições sejam elas educacionais, legais, empregatícias etc. Esse racismo pode ser intencional ou consequência da falta de acesso a determinados lugares sociais, o que é chamado pelo autor de racismo institucional.

O racismo não é um fenômeno único, pois há diferentes manifestações racistas. Mas um ponto comum a todas essas manifestações, segundo Wieviorka (1991), é a naturalização ou “demonização” de um grupo racial e a supervalorização do grupo de uma forma que não é cultural, nem social, pois diz respeito a características raciais, isto é, atributos físicos, genéticos ou naturais ligados a determinados atributos intelectuais e morais.

Wieviorka (1991) percebe três níveis de manifestação racista: preconceitos (atitudes e opiniões), atos práticos (discriminação, segregação e violência) e elaboração intelectual do racismo (doutrinas, ideologias). Por exemplo, há casos em que o preconceito racial se realiza por uma violência explícita; e, há casos, em que o preconceito é institucionalizado pelas lógicas da dominação e da exclusão, e a violência não é tão clara. Independente dessas possibilidades de percepção do racismo, a questão que se coloca é: quais são os espaços que facilitam sua emergência, permanência ou ampliação? O autor afirma que as diferenças culturais por si só não explicam o racismo, mas nota que ele surge em espaços de desigualdade social e dominação, como justificativa para a inferiorização de determinados grupos em relação a outros.

Em referência ao preconceito racial na Europa, Balibar (1988) percebe a ocorrência de um novo racismo, que se configura como novo pela aparente mudança no discurso. O novo racismo surge com a descolonização, com o movimento das ex-colônias para as metrópoles, com uma “roupagem” de “racismo sem raças”, no qual os aspectos biológicos não são centrais, mas, sim, as diferenças culturais. É um racismo que aparentemente não afirma a superioridade de qualquer grupo em relação a outro, mas teme o rompimento das fronteiras culturais pela incompatibilidade dos estilos de vida, tradições etc. A substituição da explicação biológica pela cultural, no que tange às diferenças entre os grupos humanos, não supera o racismo. Isso porque a apologia à não mistura de culturas revela outra forma de naturalização dos comportamentos humanos, uma vez que remete a um determinismo não mais biológico, mas igualmente imutável. A consequência dessa “naturalização cultural” é a naturalização do racismo, já que essa concepção de homem e cultura acredita ser natural e espontâneo o fechamento das culturas em si mesmas.

Quando fala do caso específico da França, Balibar (1988) diz que a verdadeira ideologia

francesa não diz respeito ao mito ariano, à antropometria ou à concepção genética do ser humano, mas à missão de educar em nome dos direitos humanos, por meio da cultura. Como consequência, há uma hierarquização das culturas que se submetem ou resistem à cultura francesa. De modo que, as culturas resistentes à assimilação são vistas como particularistas e primitivas. A contradição é evidente: se por um lado o novo racismo pressupõe o caráter permanente da cultura e evita hierarquizá-la, por outro, a hierarquização acaba acontecendo quando se nomeia qual cultura é mais aberta à assimilação da cultura francesa, entendida, então, como “a cultura” e não como “uma cultura” dentre outras.

CAPÍTULO 3 – O RACISMO BRASILEIRO

As raças são evidentes em alguns países. Ali, como todos têm um sexo, uma idade, uma nacionalidade, têm também uma raça. Nos Estados Unidos, por exemplo, as raças são tão óbvias que os sociólogos não se sentem, em geral, obrigados a defini-las conceitualmente (...) Em outras partes do mundo, em contraste, incluindo o Brasil, “raça” não faz parte nem do vocabulário erudito nem da boa linguagem. (GUIMARÃES, 2005, p.21)

Em nossa realidade, a ideia de raça não é bem vista, nem tão facilmente definida. Devido a nossa história, o racismo no Brasil tem características bastante peculiares: a imensa importação da mão-de-obra africana, a tardia abolição da escravidão¹⁹, a imigração européia, a forma como as relações se estabeleceram... Desde meados do século XX, acreditamos que raça não faz sentido para nós e, o tempo todo, queremos abolir essa palavra e todo seu sentido. Nunca tivemos uma política de segregação, entretanto, a ideia de raça nunca nos abandonou. Ela continua presente nas nossas relações cotidianas.

As relações entre as pessoas no Brasil guardam um caráter assimilacionista na identificação, isto é, acredita-se que, aqui, não há grandes diferenciações ou conflitos, pois o diferente é assimilado e integrado. No entanto, Guimarães (2005) mostra que o outro racializado não é assimilado. Estamos sempre negando o negro e o índio como brasileiros e assumindo a mestiçagem como a prova pura de nosso não racismo.

Então, o racismo no Brasil percorreu o caminho da negação de sua existência. Dois discursos têm grande influência nesse processo: o ideal do branqueamento e o mito da democracia racial.

A partir do fim do século XIX, a questão do negro no Brasil passa a ser tratada sistematicamente pela ciência. O quadro de miscigenação desse momento é evidente, mas não desejável, pois a mistura entre raças era tida como algo degenerador. Uma das soluções apontadas para o mal da miscigenação era o branqueamento: a ideia de que com o processo de cruzamento entre raças, poderia aumentar o número de brancos, e com isso acabar com o mestiço degenerado. A miscigenação era vista como um mal porque se acreditava que o mestiço carregava tudo o que era ruim das raças puras. Essa forma de ver o mestiço vem dos teóricos norte-americanos e europeus, que quando vêm ao Brasil e encontram um país mestiço, confirmam suas teses de que a miscigenação deteriora uma nação (SCHWARCZ, 1993).

Assim, pode se perceber que a questão racial era a base para fundamentar o destino da nação brasileira. Isso, por decorrência da chegada ao país de teorias raciais, a que Silvio

¹⁹ Sobre as relações entre brancos e negros na escravidão ver Mendonça (1996), Reis (1996), Schwarcz (1996a).

Romero chama de “um bando de ideias novas”, que fizeram sucesso na Europa em meados do século XIX, mas logo foram abandonadas. No Brasil, essas teorias são recebidas com entusiasmo por volta de 1870 pelos homens de *sciencia*²⁰ brasileiros. É importante perceber que as teorias raciais foram amplamente utilizadas em um momento de transição do país (fim da escravidão, migrações, novo momento político-econômico) e devido à concepção organicista que inferioriza o negro e o mestiço, essas teorias serviram para continuar justificando as diferenças hierárquicas arraigadas no período pós-abolição.

Lacerda (1911), no *Premier Congrès Universel de Races*, em Paris, em 1911, anunciou que, em um século, o mestiço iria desaparecer pelo embranquecimento das gerações - principalmente pelo seu esforço em se casar com pessoas mais claras – e o negro também não existiria mais, devido a sua própria degradação e incapacidade de civilização.

Hoje em dia, quase chegada a data para o embranquecimento total previsto por Lacerda (1911), podemos notar que o ideal de embranquecimento ainda vigente tem outro papel, qual seja o de atribuir ao negro o desejo de se tornar branco. Por esse discurso, o negro é visto como um ser patológico, cuja inveja e imitação deseja lograr um lugar nunca alcançado: o de ser branco.

No decorrer da história do país, o ideal de branqueamento se transformou. Entretanto, desde a abolição da escravatura, trata-se de uma pressão exercida pela elite hegemônica branca aos negros e mestiços para que sejam menos negros e, com isso, mais capazes de se integrarem socialmente (CARONE, 2002).

É nesse sentido que falar em ideal de branqueamento hoje é encarar um discurso em si contraditório, pois como ideal, o branqueamento é o pressuposto de que tanto o negro quanto o mestiço querem e devem se afastar ao máximo de tudo aquilo que lembra o “ser negro”, para que ocorra uma verdadeira integração social. Tal lógica tão arraigada na realidade brasileira pode ser sintetizada na valorização do “preto de alma branca”. Essa dinâmica não é simples, pois evoca um desejo de ver o negro como “menos” negro e “mais” branco, mas ao mesmo tempo como um movimento só do negro, como se ele desejasse, naturalmente, ser branco, pois ser branco é ser melhor (BENTO, 2002).

Assim, ao negro é atribuído o desejo de embranquecer, como se a hegemonia branca não existisse. Nessa lógica, o branco é visto como a norma, pois é sempre o negro que é estudado, é sempre o negro que está fora do padrão. Notamos, então, que o fenômeno do branqueamento não atinge apenas negros e mestiços: os brancos vivem sua cor como fonte de normalidade – e com todas as vantagens e acessos que isso permite. Para Bento (2002) o foco

²⁰ Sobre os homens de *sciencia* do final do século XIX e início do século XX e as teorias raciais, ver Schwarcz (1993, 1996c).

unidirecional das pesquisas no negro não é à toa, pois tais pesquisas realizadas, em sua maioria, por estudiosos brancos não acostumados a refletirem sobre o fato de serem brancos, entendiam o negro como a origem do problema.

Apesar de existirem, no Brasil, estudos sobre negros desde o começo do século XX, pesquisas que transferem o foco do negro para as relações raciais são recentes. Segundo Piza (2002), é a partir de 1970 que pesquisadores como Carlos Hasenbarg, Nelson do Valle Silva e Fúlvia Rosemberg apresentaram estudos comparativos, avaliando as diferenças vividas cotidianamente por brancos e negros, quanto a aspectos básicos como trabalho, educação etc.

Para além disso, o ideal de branqueamento juntamente com o mito da democracia racial são apontados por Munanga (2004b) como impeditivos para a organização política e social dos negros e mestiços em prol de melhores condições de vida. Isso porque esses discursos impedem a identificação coletiva do negro. Não se organizando coletivamente, reivindicações isoladas são vistas como problemas isolados de “negros-problema”. Ou seja, aqueles que são porta-vozes da denúncia do racismo são notados como os não adaptados à sociedade. A denúncia, assim, se enfraquece.

Tal processo visto hoje é avaliado pelo autor como antigo, pois após uma análise das obras dos intelectuais brasileiros do fim do século XIX e começo do século XX, profundamente influenciados pelas teorias raciais, Munanga (2004b, p. 87) diz:

A elite “pensante” do País tinha clara consciência de que o processo de miscigenação, ao anular a superioridade numérica do negro e ao alienar seus descendentes mestiços graças à ideologia de branqueamento, ia evitar os prováveis conflitos raciais conhecidos em outros países, de um lado e, por outro, garantir o comando do País ao segmento branco, evitando a sua “haitinização”.

É justamente essa ausência do conflito direto que parece alimentar a ideia central do mito da democracia racial. Quando se afirma que não há racismo no Brasil e que raça não faz o menor sentido para os brasileiros, quais seriam então as justificativas para a pouca frequência do negro e do mestiço de pele mais escura em determinados lugares sociais? A negação do racismo como um problema nacional torna-o ainda mais forte porque coloca a culpa da falta de acesso aos negros neles mesmos, já que o racismo é negado enquanto realidade social. Nessa lógica, o racismo pode até ser concebido com um problema individual.

Com esse ideal de homogeneidade e não-diferenciação, as pessoas costumam ser sensíveis ao racismo às avessas dos grupos negros. Nas palavras de Guimarães (2005, p.61): *“De fato, nada fere mais a alma nacional, nada contraria mais o profundo ideal de assimilação brasileiro que o cultivo das diferenças”.*

O mestiço é tomado, então, como símbolo do nosso antirracismo e ausência de qualquer discriminação quando, na verdade, um olhar histórico evidencia que os primeiros mestiços formam o... “(...) *símbolo eloqüente da exploração sexual da mulher escravizada pelo senhor branco.*” (Munanga, 2004b, p.31), pois a existência de intercuro sexual entre portugueses e mulheres negras, índias e mestiças não são significativos nem da ausência de violência nem de qualquer igualdade racial.

Assim, podemos pensar que o mito da democracia racial fala de uma cordialidade que até existe, mas é superficial e se restringe à ponta do *iceberg*, como explica Munanga (2002, p.9):

O preconceito racial é um fenômeno de grande complexidade. Por isso, costumo compará-lo a um iceberg cuja parte visível corresponderia às manifestações do preconceito, tais como as práticas discriminatórias que podemos observar através dos comportamentos sociais e individuais. Práticas essas que podem ser analisadas e explicadas pelas ferramentas teórico-metodológicas das ciências sociais que, geralmente, exploram os aspectos e significados sociológicos, antropológicos e políticos, numa abordagem estrutural e/ou diacrônica. À parte submersa do iceberg correspondem, metaforicamente, os preconceitos não manifestos, presentes invisivelmente na cabeça dos indivíduos, e as conseqüências dos efeitos da discriminação na estrutura psíquica das pessoas.

A metáfora do *iceberg* usada pelo autor nos convida a pensar em dois pontos. Por um lado, no campo das relações interpessoais, notamos a configuração do racismo na “estrutura psíquica” das pessoas, deixando marcas profundas da relação estabelecida com os negros. Tais marcas não são acessíveis ao primeiro olhar aparente. É nesse sentido que a presente pesquisa se organiza: nosso objetivo é entender melhor quais são os argumentos e como eles se relacionam.

Por outro lado, a base desse *iceberg* é a hierarquia e a desigualdade, bases também da nossa sociedade capitalista. Temos então que, quando o mito da democracia racial se reafirma, reafirmam-se, também, as profundas desigualdades sociais inerentes a essa sociedade tal como ela se formou. Tal relação entre raça e classe será discutida no próximo capítulo.

Sérgio Adorno (1996) evidencia a desigualdade entre brancos e negros em sua pesquisa sobre discriminação no acesso à justiça penal. Os resultados apresentados pelo autor se referiam à modalidade de delito “roubo qualificado com concurso de agentes”. Nesse estudo, não houve diferença estatística significativa a respeito do perfil social entre presos brancos e negros, analisando aspectos como escolaridade, ocupação, ter residência fixa etc. No entanto, é maior o número de negros presos em flagrantes (58,1%) do que brancos (46%),

o que evidencia um fato já comprovado em outras pesquisas apresentadas pelo autor: os negros tendem a ser mais perseguidos pela polícia do que os brancos, reafirmando a ideia de que o negro continua a ser visto como perturbador da ordem social, justificando o tratamento diferenciado por brancos e negros por parte da polícia.

Outro resultado encontrado se refere ao tratamento mais rigoroso para o negro do que para o branco, o que faz com que o indivíduo negro tenha mais chances de punição do que o branco, diante do mesmo crime. No tipo de crime analisado, um maior número de negros foi condenado (68,8%) do que brancos (37,5%). Outra mostra de discriminação se refere às provas testemunhais: dos negros que as apresentaram, 57,8% foram condenados; dos brancos 42,2% receberam a condenação.

O autor conclui que há diferenças no tratamento, por parte da justiça criminal, entre brancos e negros: estes são tratados com mais severidade desde a instância policial até o tribunal, como se a criminalidade lhe fosse característica, e a possibilidade de “perturbar a ordem social”, uma constante. Esse preconceito remonta tanto ao período escravista em que o negro, quando ex-escravo liberto era frequentemente preso por “suspeita de escravo” (SÉRGIO ADORNO, 1996; SCHWARCZ, 1996a), quanto às concepções sobre raça e criminalidade de Nina Rodrigues²¹.

Munanga (1996) afirma que um dos motivos para o racismo silenciado atual é a tendência brasileira de esconder seus atos discriminatórios. A discriminação é praticada sem alarde, tanto por parte de quem a comete, quanto pela vítima. Schwarcz (1996c) comprova esse fato ao relatar uma pesquisa em que negros negaram ter sofrido discriminação, mas afirmaram conhecer pessoas que já sofreram.

Tanto a negação de ser vítima de discriminação é frequente quanto à negação de ser preconceituoso. Em pesquisa coordenada por Schwarcz (1996b), 97% dos participantes afirmaram não ter preconceito e 98% (dos mesmos entrevistados) afirmaram conhecer pessoas preconceituosas. A outra questão perguntava o grau de relação entre o entrevistado e a pessoa preconceituosa, os participantes afirmavam: amigos, namorados e parentes próximos. Com isso, a autora conclui: *“Todo brasileiro se sente como em uma ilha de democracia racial, cercado de racistas por todos os lados.”* (SCHWARCZ, 1996b, p.155).

Sérgio Adorno (1996) alerta para o fato de que a convivência harmoniosa entre as diferentes raças no Brasil existe até que o negro ou o mestiço reivindique os mesmos direitos que os brancos. Quando isso ocorre, há frequentes reações de intolerância. Assim, se o negro ou o mestiço está hierarquicamente distante do branco, não há grandes conflitos, mas quando

²¹ Analisamos um texto de Nina Rodrigues no artigo Nunes (2006).

o negro luta para estar lado a lado com o branco, a tendência racista se evidencia.

Uma ampla pesquisa de âmbito nacional sobre racismo no Brasil foi realizada pela Fundação Perseu Abramo em parceria com a fundação alemã Rosa Luxemburg Stiftung, em 2003. Os pesquisadores Venturi e Bokany (2005) comentam grande parte dessa pesquisa. Com o objetivo de estudar expressões de discriminações raciais, os investigadores apresentaram 12 questões com referência ao preconceito, por meio de uma escala que foi aplicada em 1995 e reaplicada em 2003. A partir da escala, as respostas foram classificadas como: preconceito forte, médio, leve e não manifestação de preconceito. Os autores notaram uma diferença nas respostas: a manifestação de preconceito diminuiu (foi avaliada em 87% na primeira pesquisa e em 74% na segunda), a não-manifestação de preconceito dobrou (de 13% para 26%), assim como manifestação de preconceito leve aumentou (de 36% para 50%). Tanto o preconceito forte como o preconceito médio caíram (de 4% para 1%, e de 47% para 32%, respectivamente).

No entanto, a queda na manifestação do preconceito racial é analisada com cuidado pelos autores. Eles não acreditam que os dados simbolizem uma mudança real nas atitudes das pessoas e sim uma apropriação maior de um discurso politicamente correto, o qual inviabilizou a percepção do preconceito por meio do instrumento de pesquisa utilizado.

Por que o discurso politicamente correto está mais forte? Venturi e Bokany (2005) afirmam que as questões que envolvem o negro no Brasil estão em maior evidência, tanto na mídia, quanto em decisões do Estado, como a inclusão do tema Pluralidade Cultural nos Parâmetros Curriculares Nacionais. E entendem que ainda que não se garanta que as pessoas se tornaram menos preconceituosas, o fato delas não terem manifestado preconceito é uma vitória, pois significa que *“(...) se há um cerco social contrário a sua manifestação, o preconceito se reproduzirá em menor escala.”* (VENTURI; BOKANY, 2005, p.20).

Mas será que esse é o caminho para a superação de preconceitos? Ou será que o preconceito inibido também é perigoso? Isto é, basta uma oportunidade, e o preconceituoso estará pronto para discriminar? Essas questões levam a uma reflexão: queremos combater a discriminação ou o preconceito racial? Será que inibir a discriminação basta?

Na pesquisa realizada pela Folha de São Paulo e publicada em 1995, os resultados mostravam que 89% dos brasileiros diziam existir racismo no Brasil, mas 10% admitiam ter pouco ou muito preconceito contra negros. No entanto, esses mesmos participantes responderam a um questionário com itens racistas e, segundo os autores, 87% demonstraram racismo em suas respostas. O fato de se dizerem não racistas, mas mostrarem concordância com frases racistas sutis, levou os autores a chamá-los de racistas cordiais.

Na escala de preconceito racial, chama a atenção o dado de que 48% de negros

tenham concordado total ou parcialmente com a frase “negro bom é negro de alma branca”. Essa informação mostra a amplitude do ideal de branqueamento na percepção dos negros de si próprios (TURRA; VENTURI, 1995).

O preconceito contra negros e mestiços pelo desenvolvimento dos fatos históricos (o culturalismo, o pós-guerra etc.) não é mais tão claramente assumido como no começo do século passado, mas não deixou de existir. Hoje, embora exista a sutileza na discriminação, podemos encontrar também situações em que o racismo deixa de ser sutil e a violência corre a céu aberto. Ambos os tipos de racismo nos mostram que somos uma sociedade com um longo e profundo histórico de escravidão cujo preconceito racial se encontra arraigado. Para Munanga (1996), o caminho para superação do racismo brasileiro é, em um primeiro momento, o reconhecimento de que ele existe. Para, então, possibilitar uma luta contra as práticas discriminatórias que passam pela representação institucional dos discriminados. Sem essa “confissão” de existência do racismo, fica ainda mais complicada a luta pelos direitos: vai se lutar contra o quê, se o problema não existe?

3.1. O mestiço no Brasil: as contradições vividas na pele

O mestiço, conceitual e concreto, é o portador da mudança e da passagem, de uma passagem que nunca se completa, mas se repõe constantemente.
(PINHO, 2004, p.98)

A ideia e a realidade do mestiço na representação nacional do brasileiro é profundamente complexa. De um lado, o mestiço representa a mobilização social: ele é aceito socialmente, como quase branco e com possibilidades de se tornar branco conforme seu sucesso. Por outro, ele é a contradição explícita das relações entre brancos e negros, pois é a lembrança do passado de derrota (somos conquistados, explorados) e vitória (somos conquistadores) por meio do “(...) *turbilhão colonial de esperma e sangue*”. (PINHO, 2004, p.100)

Tanto o mito da democracia racial quanto o ideal de branqueamento caminham lado a lado com discursos sobre a mestiçagem para se estruturarem como provas da ausência de racismo no Brasil. Mas o que é ser mestiço? Há povos ou raças puras? Segundo Munanga (2004b), as populações do planeta só escapam da mestiçagem por tempo limitado. Com isso, podemos pensar que todos os povos são, de alguma forma, mestiços. É importante notar que até os grupos de pessoas chamadas brancas, com ascendência européia, também são frutos de diversas misturas entre povos.²² No entanto, a ilusão de pureza é uma constante perseguida

²² Ver Poliakov (1974).

por vários grupos.

O caráter ilusório de tal projeto não o impede de ser profundamente perseguido como pode ser observado na construção da ideia de raça “ariana” - tão cara aos fascistas. Blikstein (1992) busca a origem da noção de indo-europeu como raiz das civilizações indianas e européias e mostra como esse conceito passa de simples hipótese à verdade inquestionável. Indo-europeu não se trata de uma língua antiga, de um povo, ou de uma raça. E sim de uma hipótese criada pelos lingüistas e filólogos do século XIX a partir da descoberta do sânscrito, uma língua indiana.

A hipótese elaborada baseava-se na possível raiz comum entre línguas européias e iraniano-indianas intitulada “língua indo-européia”. Essa explicação pôde ser construída pela crença na civilização indiana como a mais antiga do mundo, da qual se originaram todos os povos europeus. Disso decorre a criação científica do “ariano”, pois o sânscrito era falado por um grupo (tribo indiana) chamado “arya”. Nas palavras de Blikstein (1992, p. 108):

Uma explicação das origens do povo e da língua germânica elaborou-se casuisticamente, com a seguinte lógica:

1) O sânscrito, língua falada pelos aryas, reflete a pureza do indo-europeu

2) O alemão está próximo do sânscrito e das origens arianas.

3) O alemão também reflete a pureza ariana.

Resulta daí o arianismo como um conceito étnico-linguístico! E o alemão é apresentado como a língua perfeita de uma raça igualmente perfeita. (p.108)

Esse esclarecimento trazido pelo autor demonstra mais uma vez o papel da ciência na legitimação de verdades construídas. Uma hipótese tornada realidade no século XIX embasou a concepção largamente usada pelo nazismo de que a raça ariana, por sua pureza, seria superior às outras.

Se os estudos históricos mostram, no entanto, que todos somos mestiços e que a “pureza racial” não existe, há um grupo de pessoas que, pelo fenótipo, seja pela mistura de traços fisionômicos ou tipos de cabelo e cor da pele, podem ser chamados de mestiços, pela evidente ascendência de diferentes grupos humanos, como brancos, negros, índios, orientais etc. Mas, como são vistos os mestiços? Como os mestiços se vêem? Em um país como o Brasil, em que a mestiçagem, para além de ser elogiada, é uma realidade, de que forma a identidade mestiça se constitui?

De início, podemos notar que o mestiço também vive um paradoxo porque ora é visto como branco, ora como negro. E quanto mais forte for o ideal do branqueamento, menos ele quer lembrar a sua constituição negra. É por isso que tantos mestiços na história do Brasil puderam produzir pesquisas sobre o negro com a mesma neutralidade que o branco, com a mesma intenção de colocar no negro todos os problemas e patologias, sem que a sua

identidade pudesse ser questionada.

Ao mesmo tempo em que o mestiço é contraditório, ele é a solução, uma vez que por meio da mestiçagem fica inviável a construção de qualquer identificação negra ou afro-descendente, própria, diferenciada. Para Pinho (2004), principalmente, a partir da década de 1930, a mestiçagem é vista como modernização, como elemento que liberta do primitivismo indígena ou africano.

É por isso que a miscigenação, no Brasil, toma sempre o caminho da dominação para calar a ideia de que raça existe. Muito pelo contrário, o mestiço é eleito como identidade nacional, por meio da qual, a ideia de raça não faz sentido. Mas é justamente pela existência dela que se pode apontar misturas dessas raças “fantasmagóricas”.

Assim, o mestiço é algo indeterminado, é a negação: o que não é branco, o que não é negro. Ele é aquilo que não se quer ser, porque representa a lembrança do “sangue” negro. Essa ambiguidade negada pode ser vista na pesquisa de Venturi e Bokany (2005) que, partindo do pressuposto de que a atribuição de cor pelos pesquisadores aos entrevistados poderia ser enviesada pelas suas percepções, apresentaram quatro perguntas²³ com o objetivo de investigar a identidade racial dos participantes da pesquisa. Para a primeira pergunta que era aberta, 38% das pessoas se classificaram como brancas, 10% como pardos, 7% como da cor preta e 5% como negros. Na segunda pergunta, 45% dos entrevistados se disseram brancos e na quarta questão, 53% se definiram como brancos. No entanto, na pergunta 3, apenas 27% afirmaram ter descendido apenas de pessoas brancas. Isso mostra o quanto o ideal de branqueamento continua forte.

No entanto, pode-se notar por essa mesma pesquisa um fortalecimento da identidade negra também. Na pesquisa realizada em 1995, apenas 7% das pessoas se identificaram como pretas ou negras. Em 2003, essa taxa aumentou para 12%, sem qualquer indício de aumento desse segmento da população. Além disso, 25% dos entrevistados se identificam como negros quando questionados se são brancos, negros ou índios, mas apenas 4% afirmam que tenha descendido somente de negros.

A identificação dos mestiços é a mais incoerente, pois pela pergunta da ascendência, 63% afirmaram ter descendido de negros, brancos ou índios, mas somente 34% responderam parda para a pergunta 2 e 12% se disseram mestiços na última pergunta, o que mostra mais uma vez a influência do ideal de embranquecimento na subjetividade do brasileiro, pois é mais fácil se admitir como branco do que como mestiço.

²³ As perguntas são: (1) No Brasil há gente de várias cores ou raças. Qual é a sua cor?; (2) O senhor diria que sua raça ou cor é: () branca, () preta, () parda, () indígena, () amarela; (3) Considerando as combinações de cor ou raça de seus avós e de seus pais, o (a) senhor (a) tem quais das seguintes combinações de cor ou raça?; (4) O (a) senhor (a) se considera branco (a), negro (a) ou índio (a)?

Cândido (2002) afirma que a consciência do branco brasileiro é uma consciência pela metade, pois a maioria dos brancos pode ser considerada mestiça, mas tal identificação não é assumida. Assim, não é fácil nem tranquilo ser branco no Brasil, pois o tempo todo se quer afirmar maior branquitude e menor relação com o negro ou com o índio.

Como em nosso país aquele que é considerado negro ou mestiço tem um limite não muito definido, o racismo pode levar o negro a desejar ser branco. Como essa possibilidade existe (um negro ou um mulato ser tratado como branco), então essa é uma possível fuga para a difícil tarefa de se assumir negro em uma sociedade racista.

A mestiçagem seria uma forma de branquear a população e, com isso, superar o elemento negro tão presente, além de evitar possíveis conflitos grupais, pois a mestiçagem permite o discurso de que há um só grupo, um só Brasil: o mestiço. O que esse discurso esconde é o quanto essa realidade nunca se realizou inteiramente. A mestiçagem tão presente em nossa vida nunca eliminou nem o negro, nem as relações marcadas pela raça. O racismo no Brasil é prenhe de contradições. E o mestiço é a prova concreta dessa contradição.

Se o branqueamento físico, tal como foi sonhado pelos homens de *sciencia* do começo do século XX não ocorreu, sua lógica continua presente na cabeça do brasileiro. Assim, o mestiço, frequentemente, quer fugir da negritude que o marca e o impede de ascender socialmente. Quando consegue isso, pretende esquecer seu “lado negro” e, por consequência, sua identidade mestiça fica cada vez menos desejável. É por isso que é tão tentador ao mestiço cair na lógica do embranquecimento e resolver a contradição que vive por meio da sua assunção como branco, negando qualquer identificação com o negro.

De alguma forma, Costa (2009) em sua pesquisa, notou que a mestiçagem é desejada desde que seja para clarear a pele do filho. No processo de doação de gametas para inseminação artificial, a equipe médica classifica em quatro o grupo de pessoas doadoras e receptoras: brancos, negros, mulatos e orientais. A partir de tal classificação, os médicos viabilizam a doação apenas para pessoas do mesmo grupo, sob a justificativa de guardar as semelhanças entre pais e filhos. Entretanto, as entrevistadas, futuras receptoras da doação, aceitam doadoras que tenham pele mais clara que elas e recusam doadoras que tenham pele mais escura. O que mostra que as entrevistadas não se negam à mestiçagem, desde que ela clareie a pele do bebê, com o argumento de preveni-lo do preconceito racial existente contra negros e mestiços. Esse dado também corrobora uma vez mais a consciência do preconceito racial bem como o desejo de branquear a descendência, num pensamento muito próximo dos tais *homens de sciencia*, do século XIX.

3.2. Identidade negra: um lado da moeda

O corpo negro é um Outro para o self do negro, na medida em que se constitui como representação alienada de si, reflexo pervertido da dominação branca.
(PINHO, 2004, p.107)

Em contraposição a toda violência vivida pelos negros, intelectuais de vários países, no decorrer do século XX, buscaram uma forma de recuperar a identidade negra tão inferiorizada. Esse movimento foi chamado de negritude e foi inaugurado por Aimé Césaire, em 1939 (Bernd, 1984). Tal busca se deu por meio da negação do africano como incivilizado ou atrasado. Assim, buscou-se o orgulho de ser negro e o abandono da “máscara branca” pela divulgação e valorização das tradições culturais africanas não mais como culturas primitivas, mas com o mesmo valor que todas as outras. Ou, até, mais valorizadas a considerar, por exemplo, a África como berço da humanidade e a origem negra dos faraós egípcios.

Tendo em vista as consequências da escravidão para a identidade dos negros, a negritude buscou essa identidade “roubada”. Depestre (1970) afirma que a escravidão foi a anti-identidade, a despersonalização total. A África perdeu não apenas a liberdade quanto ao trabalho, mas a liberdade quanto a sua cultura e sua identidade. Assim, o negro se convenceu de que era inferior e sua identidade sempre esteve constituída como o outro do branco – um outro, inferiorizado. É importante perceber a profundidade de tal angústia identitária. Brancos e negros formam sua identidade em oposição complementar, isto é, ambos profundamente alienados em mitos racistas.

Mas, a negritude, como qualquer movimento, tem contradições, fases, diferentes opiniões de seus proponentes. Não é possível a unidade social, política, econômica e geográfica de realidades de países tão diferentes. Para Depestre (1970), o que há de comum e original da negritude é a busca da identidade negra, mas a forma como isso vai se configurar é diferente em cada país. Porém, existe uma identificação histórica e psicológica em comum: pelo passado escravista e pelo presente de discriminação.

Bernd (1984) afirma que a ideia de negritude se “desvirtuou” com o tempo, mas em sua origem ela funcionou como “contracultura”, pois foi uma forma diferente de ver o negro, não mais como incivilizado ou em busca constante de superação de seu suposto atraso natural.

Para além das limitações da negritude enquanto movimento político, as reflexões propostas são interessantes pelo lugar que ocupam no discurso antirracista: uma forma de superar o sentimento de inferioridade imposta aos negros é divulgar a África como centro de identificação positivo. E, com isso, buscar uma identidade negra. Mas é possível tal

identidade? O que está implicado nesse processo? Autores como Fry (2005), contrários à racialização, acreditam que a insistência na busca de tal identidade leva ao perigo do ódio racial entre grupos brancos e negros. Entretanto, não se trata de essencializar a identidade negra reforçando a noção de raça que se quer extirpar. E sim de denunciar as sequelas que o ser negro têm na existência concreta das pessoas.

É nesse sentido, que Guimarães (2005, p.67) afirma: “(...) se os negros considerarem que as raças não existem, acabarão também por achar que eles não existem integralmente como pessoas, posto que é assim que são, em parte, percebidos e classificados por outros”. Isto é, admitir que raça não exista nas relações sociais é dizer ao negro que toda a discriminação cotidiana que ele vive é ilusória e, por consequência, um problema de adaptação e autoaceitação seu. Não se trata de defender a existência da raça porque, como já afirmamos, ela não existe. Mas, visamos com a denúncia do racismo existente ainda hoje, lutar por uma “sociedade *desracializada*”, no dizer de Pena (2008).

Enfim, negritude enquanto movimento parece ter tido uma importância fundamental de buscar superar a alienação do negro, o complexo de inferioridade, a falta de consciência histórica etc. Todo esse movimento não prescinde do fechamento do negro em uma possibilidade identitária. Se a essencialização do negro não é possível nem desejável, mas a ideia de negritude continua existindo nas relações concretas, as perguntas persistem: o que é ser negro? O que é possível fazer em um país como o Brasil, em que a diferença não é cultural ou étnica, mas marcada pela aparência fenotípica, pela lembrança da raça? Como isso é vivenciado pelos sujeitos negros? O que é se sentir negro? O que é se afirmar negro? O que é ter o fantasma da negritude sem a sua assunção?

3.3. O outro lado da moeda: a identidade branca

Não se deve esquecer, no entanto, que “raça” é um mero artifício de poder pelo qual a branquitude (a representação do branco como padrão universal de humanidade) pressiona o branqueamento sobre todos os não-brancos. O dever ser imposto por uns tem de retornar como um querer ser de outros. (CARONE, 2002, capa)

O ideal de branqueamento discutido no começo desse capítulo é entendido por autoras como Carone (2002), Bento (2002) e Piza (2002) como uma estratégia racista de imposição do desejo de ser branco aos não brancos. Tal processo caminha lado a lado com a branquitude que é a identidade branca entendida como normalidade. Nesse sentido, os negros são pressionados para serem “menos negros” por brancos que não precisam pensar no racismo e menos ainda na sua identidade racial.

A grande questão está na denúncia de que brancos e negros se constituem subjetivamente, um em relação ao outro. No entanto, a racialização é imposta somente ao negro. Isso significa que...

(...) um branco é apenas e tão-somente o representante de si mesmo, um indivíduo no sentido pleno da palavra. Cor e raça não fazem parte dessa individualidade. Um negro, ao contrário, representa uma coletividade racializada em bloco – cor e raça são ele mesmo. (CARONE, 2002, p.23)

É por isso que ao negro sempre recai um olhar que lembra que ele é negro, isto é, o fato de ser negro nunca é esquecido e todas as suas inúmeras outras características são postas de lado diante da lembrança de sua pertença racial. Ele é, antes de tudo, negro. Qualquer coisa que faça está vigiada pelo fato de ser negro. Isso não acontece com o branco. Como padrão de normalidade, sua identidade racial não é questionada. Nesse sentido, a branquitude é vivida como uma “(...) *guardiã silenciosa de privilégios*.” (BENTO, 2002, p.41) Existe um privilégio inicial, segundo a autora, que é o legado da escravidão para o branco. O trabalho escravo do negro permitiu ao branco partir de um lugar privilegiado na estrutura social. E tal privilégio não é sequer debatido. Além disso, um branco pobre diante de um negro pobre tem mais chances de aceitação social e trabalho, o que o privilegia constantemente. Também esse privilégio é silenciado. Isso significa afirmar que o branco sabe que entre ele e um negro, em diferentes áreas da vida social, ele tem muito mais chances de ser escolhido.

Estudos como o de Piza (2002) e Schucman (2009) mostram que os brancos vivenciam com alguma clareza essa situação, de modo a admitir que ser branco é ser normal, natural e ter mais chances que os negros. Por outro lado, pesquisa realizada por nós (NUNES, 2007) com adolescentes aponta o reconhecimento dos negros e mestiços de que o negro é discriminado porque “é diferente”. A diferença é naturalmente colocada como uma questão para o negro. Enquanto que o branco é naturalmente visto como padrão. A ausência de estudos sobre relações raciais, apenas reforçavam esse olhar para o negro como o único “detentor” de raça.

Bento (2002) nota que a constante acusação dos negros como menos esforçados, a desvalorização do racismo cotidiano vivido por eles, conjuntamente ao silêncio quanto aos benefícios vividos pelos brancos pelo simples fato de serem brancos, pode ser entendido como um “pacto narcísico” entre os brancos. O narcisismo entendido por ela, tal como formulado por Freud, está presente no desejo de preservação da imagem do próprio grupo como uma forma de definição da identidade e defesa contra qualquer alteração. Isto é, o outro diferente é ameaçador porque representa a possibilidade de mudança na identidade de si mesmo como portador da normalidade. No caso da branquitude, a autora nota que tudo o que é negativo no sujeito é projetado no negro. Nesse sentido, como já bem explorado por Freud, a projeção

sem reflexão do que é ruim no sujeito em outro grupo, o impede de se identificar com representantes de tal grupo.

Notando tal construção de raça e cor, Guimarães (2005, p.47) afirma:

De fato, não há nada espontaneamente visível na cor da pele, no formato do nariz, na espessura dos lábios ou dos cabelos, ou mais fácil de ser discriminado nesses traços do que em outros, como o tamanho dos pés, a altura, a cor dos olhos ou a largura dos ombros. Tais traços só têm significado no interior de uma ideologia preexistente (para ser preciso: de uma ideologia que cria os fatos, ao relacioná-los uns com os outros), e apenas por causa disso funcionam como critérios e marcas classificatórios.

Isso posto, as perguntas decorrentes são: como é ser branco? Que espaço a branquitude guarda na relação do sujeito consigo mesmo e com o outro? Dentre várias características que diferenciam e identificam pessoas que são brancas, qual é o papel que a branquitude tem em apresentar um sentimento de normalidade?

Barreto (2008) nota em sua pesquisa que os brancos, diferente dos negros e japoneses, não faziam referências a si mesmos como brancos, mas chamavam os negros e japoneses como “eles”. Para a autora, isso demonstra a obviedade da identidade branca, sentida como natural, normal e pouco questionável, pois os brancos pensam menos no fato de serem brancos, do que qualquer outro grupo brasileiro. Nas palavras da autora: “(...) o que está relacionado com o fato de que ser branco não estigmatiza, mas, pelo contrário, ainda é a norma em termos sociais e estéticos, com representações positivas sendo predominantes”. (BARRETO, 2008, p.63).

Isso não quer dizer que o conceito de branquitude deva ser “essencializado” no sentido de ser unívoco e estático, mas, ao contrário, tal dado mostra que políticas de ações afirmativas e outras estratégias de igualdade racial podem “provocar” a identidade branca no sentido de movimentá-la e colocá-la em questionamento.

Assim, como a branquitude não é fácil de ser assumida, ela não deixa de provocar a racialização, nas palavras de Piza (2002, p. 85):

Não tendo como demarcar sua condição racial, demarca-se a do “outro”, e a não explicitação ou nomeação das razões de uma suposta superioridade confirma o que se verifica cotidianamente. O silêncio sobre sua própria racialidade faz exacerbar a racialidade do outro. A neutralidade torna a raça um dado dispensável. Torna-se na verdade, uma porta de vidro. Gera a transparência de um universo que é observado como único, geral, imutável. São os “outros” que devem mudar. São os “outros” que devem se aproximar. São os “outros” que são vistos, avaliados, nomeados, classificados, esquecidos...

A branquitude vivida como porta de vidro é a denúncia de que o branco é tão racializado como o negro. No entanto, a racialização no caso do branco significa a pressuposição de sua superioridade, bem como o usufruto dos privilégios que tal superioridade fantasiosa permite, uma vez que socialmente ela continua presente por meio do estereótipo positivo de que gozam os brancos.

3.4. Categorias intervenientes: classe e gênero

O racismo no Brasil não é um fenômeno único ou isolado: o uso da ideia de raça no cotidiano está inter-relacionado a outras categorias. Iremos discorrer sobre duas delas: classe e gênero.

3.4.1. Raça e classe

(...) o racismo é uma desumanização e uma negação da humanidade do outro, uma destruição muito profunda, que a mobilidade social não resolve (MUNANGA, 1996, p.223).

Uma das formas de entender o racismo é relacioná-lo diretamente com a divisão de classes sociais. Em uma leitura marxista, segundo Munanga (1998), raça é entendida como justificativa para a dominação e exploração. Nessa lógica, em uma sociedade não capitalista, não haveria espaço para o racismo. Isto é, a questão não é de discriminação racial ou luta contra o racismo, mas a luta de classes. O racismo seria uma mera desculpa para discriminar alguém de classe inferior. E toda e qualquer discussão que se alongue mais em falar de raça do que em classe é inútil por não chegar ao cerne da questão.

Para pensarmos nessa argumentação, temos que lembrar que no Brasil, historicamente, configurou-se uma estreita relação entre ser negro e ser pobre. Como afirma Bento (2002, p. 27): *A pobreza tem cor*. Tal percepção pode ser observada nos argumentos contrários às cotas para negros nas universidades, atualmente discutidas no país: não é o racismo que tem que ser discutido, mas o preconceito contra o pobre. Entretanto, a crítica apresentada por Munanga (1998) a esse raciocínio é de que o racismo não pode ser subsumido ao preconceito de classe, pois também países como União Soviética, Cuba etc. têm sérios problemas de ordem racial. Por outro lado, se admitirmos que de fato não tenha existido no mundo uma sociedade realmente igualitária, então não há como comprovar que sem relação de exploração a raça seja desnecessária.

Horkheimer e Adorno (1986) também entendem que a exploração de uma classe sobre outra é uma forma de dominação que persiste mesmo quando tal exploração não é mais necessária. Isso quer dizer que existe algo na forma como os homens se constituem baseado na dominação e no poder que vai além das relações de classe. Nesse sentido, afirmam Baran e Sweezy (1966, p. 279): *“A pobreza e a opressão não são mais necessárias, e um sistema que as perpetua só pode parecer, às suas vítimas, ainda mais claramente, como um anacronismo bárbaro”*.

Para entender melhor a crueldade desse sistema, vale a pena ouvir as palavras de Depestre (1977, p.344) ao relacionar historicamente a escravidão e o capitalismo:

El ser humano africano, al que el comercio triangular bautizara como negro, pasó a ser el hombre-mineral que garantizaba la acumulación primitiva de la economía capitalista. Esta absoluta reificación, inherente al trabajo servil, trajo por consecuencia una forma de alienación que le era complementaria: el proyecto de asimilación pura y simple del colonizado, la desaparición de su ser psicológico, su zombificación.

Com a citação acima, podemos pensar que a humilhação imposta aos negros com o trabalho escravo foi a pedra angular da posterior organização social capitalista. E é por isso que até hoje existe uma estreita relação entre sistema capitalista e racismo. Aproveitando-se da hierarquia imposta pela escravidão, o capitalismo, de alguma forma, ajudou a perpetuar a estrutura hierárquica, de modo a dificultar uma verdadeira igualdade das relações entre brancos e negros.

Essa antiga e profunda relação entre as categorias raça e classe podem ficar mais claras a partir das reflexões de Baran e Sweezy (1966). A dupla discriminação vivida pelos negros americanos, pelas questões racial e social, os levou a comparar o processo de integração dos diversos grupos imigrantes europeus e os negros. Analisando a história americana, os autores concluíram que tais imigrantes, sobretudo nas cidades, chegavam em situação de pobreza e humilhação que, com o tempo, passavam. Após algumas décadas de processo de integração, tais imigrantes puderam ascender socialmente. No entanto, tal fenômeno não ocorreu com os negros, o que permitiu aos autores chamá-los de “imigrantes permanentes”. Primeiro, porque eles sempre ocupavam o lugar mais baixo da hierarquia entre as classes sociais (nenhum grupo entrava em situações mais precárias que eles), e depois, porque, ao se instalarem nas cidades, os empregos que conseguiam, a educação, saúde e moradia que tinham acesso os deixavam constantemente presos a sua classe, sem a mesma possibilidade de ascensão vivida por outros grupos de imigrantes. Para Baran e Sweezy (1966, p.262), as explicações para tal fato são:

Em primeiro lugar, há um formidável volume de interesses privados que se beneficiam, no sentido mais direto e imediato do termo, com a existência permanente de um subproletariado segregado. Em segundo, as pressões psico-sociais geradas por uma sociedade capitalista monopolista intensificam, ao invés de aliviar, os preconceitos raciais existentes e, conseqüentemente, também intensificam a discriminação e a segregação. E, em terceiro, com desenvolvimento do capitalismo monopolista, a procura de trabalho não-especializado e semi-especializado diminui tanto relativa quanto absolutamente, tendência que afeta muito mais os negros que qualquer outro grupo e acentua sua inferioridade econômica e social.

Esta intrincada relação entre raça e classe mostra a conveniência de se manter o negro em “seu lugar” no sistema capitalista. De tal modo que o privilégio permitido aos brancos os fazem sentir qualquer ascensão dos negros como uma “mobilidade descendente para eles” (BARAN; SWEEZY, 1966, p. 265). É por isso, segundo os autores, que há uma forte resistência por parte dos brancos à ascensão dos negros. No caso brasileiro, podemos perceber isso quando as discussões sobre políticas afirmativas são desvalorizadas por argumentos como a mestiçagem (a intensa mestiçagem real é a evidência da falta de racismo e não é possível identificar o negro em nosso país) e o preconceito de classe (o problema no Brasil é social e não racial, porque aqui não há racismo). É por isso que a ambição e privilégio exaltados e cultivados pela competição capitalista, embora esteja lado a lado com um discurso democratizante, acaba por não facilitar a mudança na realidade vivida pelos negros.

Tal fato pode ser observado, por exemplo, pelas discriminações constantes que vivem os negros que ascenderam socialmente. Figueiredo (2004, p. 201), após realizar pesquisa com sujeitos negros da classe média, afirma que seus entrevistados...

... mencionaram que são olhados com curiosidade quando participam de atividades sociais relacionadas à classe média, e com desconfiança quando querem adquirir ou desfrutar dos bens sociais e simbólicos associados a pessoas de poder aquisitivo mais elevado. E, mesmo quando de posse desses bens, há o constrangimento provocado pelas diversas perguntas acerca da efetiva possibilidade de que aqueles indivíduos negros venham a ser os verdadeiros proprietários de determinados bens, que tenham suficientes recursos financeiros para quitar uma dívida adquirida, ou que possam frequentar espaços sociais identificados com a classe média. Tudo isso cria uma tensão adicional no cotidiano das pessoas negras com poder aquisitivo mais elevado, que sempre são vistas como estando “fora do lugar” sociologicamente construído e simbolicamente determinado; em outras palavras, eles estão pagando um alto preço exatamente por estarem “fora do lugar”.

Assim, o “lugar” do negro é aquele marcado pela inferioridade, pela baixa qualidade de ensino, pelo acesso restrito à saúde, pelas piores condições de vida, pelos piores empregos

etc. Dados do SEADE²⁴ mostram as diferenças entre brancos e negros no que diz respeito a vários aspectos. Especificamente quanto ao mercado de trabalho, é possível notar que existem mais desempregados negros do que brancos e, dentre aqueles, mais mulheres do que homens. Isto é, as mulheres negras sofrem duplamente as dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Dentre os que estão empregados, observa-se um número muito maior de negros (homens e mulheres) em trabalhos manuais e pesados. A escolaridade é apontada como uma justificativa para a diferença entre brancos e negros no trabalho, pois os negros, por estarem mais presentes nas classes baixas, têm menor escolaridade que os brancos. Entretanto, negros com formação em nível superior recebem 21% a menos que os brancos de mesma escolaridade. Além disso, os indicadores do SEADE também apontam para uma maior vulnerabilidade da população negra no acesso e uso dos serviços de saúde. As taxas de mortalidade entre brancos e negros são semelhantes, mas as causas da morte variam: os negros morrem mais por causas externas (homicídios, acidentes e suicídios) e os brancos mais por causas naturais, o que é interpretado pelos especialistas do SEADE como consequências das “iniquidades raciais”. Essas informações mostram que o quesito cor da pele é um dentre outras características que facilitam ou dificultam a ascensão social, bem como a qualidade de vida.

3.4.2. Raça e gênero

De modo geral, quando falamos em preconceito de gênero, estamos nos referindo à opressão vivida pela mulher. Sem dúvida, pensando na relação homem/mulher, esta é a que encontra as consequências diretas pela submissão a que foi historicamente obrigada a viver. No entanto, pensar na intrincada relação entre raça e gênero significa lembrar não apenas a dupla opressão que vive a mulher negra, mas também as diferenças na estruturação do racismo quando se trata de um homem ou uma mulher. Isso quer dizer que o estereótipo direcionado para um homem negro tem alguns elementos particulares que não fazem parte da imagem negativa e preconceituosa vinculada à mulher negra. É dizer, quando estamos tratando de racismo, ser homem ou ser mulher, faz diferença.

As características raciais, independente do sexo, já são sexualizadas, pois faz parte da imagem social dos negros, a hipersexualização. Para a mulher negra, isso significa uma segunda justificativa para a dominação, porque a ela é atribuída uma sexualidade exagerada que possibilita o olhar de objeto do desejo, independente da sua vontade. A mulher negra é

²⁴ www.seade.gov.br/produtos/idr

então um duplo alvo da dominação.

A se pensar no histórico das relações raciais em nosso país e a intrincada relações de homens e mulheres com a raça, podemos lembrar as relações sexuais estabelecidas pela violência por portugueses colonizadores e as mulheres negras, índias e mestiças. Essa violenta imagem de colonização, chamada por Silva (2002) de “estupro colonial” evidencia um importante elemento no encontro das categorias raça e gênero: a violência sexual a que as mulheres negras foram e estão submetidas. O que ficou dessa violência colonial? De que forma a imagem da mulher negra ainda guarda resquícios desse momento?

Silva (2002, p. 131) dá um elemento a mais para pensarmos essa relação: *“Havia um mito do Brasil Colônia de que se poderia, por exemplo, curar a sífilis quando um homem mantivesse uma relação sexual com uma negra nova, bastante fogosa e virgem”*. A sexualização exagerada da mulher negra e mulata a coloca na situação de exploração justificada pela sua natureza “fogosa”. O que isso conta da nossa história? De que forma a sexualidade das mulheres negras e mulatas é construída? Podemos pensar que ainda existe no Brasil a continuidade do mito da hipersexualidade da mulher negra, como no nome da novela da Globo *“A Da cor do pecado”*, na qual a protagonista era a atriz negra Taís Araújo. O pecado é então atribuído ao corpo negro da mulher.

A autora afirma que muitas mulheres acreditam ser positiva essa imagem de sensualidade, o que não deixa de ser uma forma de introjeção do discurso do opressor. Assim, a hipersexualidade é usada para justificar uma relação mais animalizada com a mulher negra, justificando nela, o desejo.

Pinho (2004) defende a ideia de que a identidade nacional pensada necessariamente por meio da mestiçagem também carrega o elemento sexual, pois é a mulata que representa a sexualidade possível, uma vez que a mulher negra, por lembrar o primitivismo africano, é preterida. Mas, a mulata pode ser aceita porque ela carrega, de um lado, a “fineza” dos traços brancos e, do outro, o desejo sexual negado socialmente.

No campo das relações de trabalho, podemos perceber o duplo peso opressivo que recai sobre as mulheres negras nas estatísticas apresentada pelo SEADE²⁵: dentre a população economicamente ativa, 7,7% dos homens brancos estão desempregados; 11,6% dos homens negros; 12,4% das mulheres brancas; 18,6% das mulheres negras. A distância entre as dificuldades encontradas pelo homem branco e a mulher negra na busca de trabalho evidencia a justaposição de raça e gênero.

Por outro lado, a forma como o homem negro é visto também tem peculiaridades e

²⁵ www.seade.gov.br/produtos/idr

outras formas de violência. A ele é aludido não só uma hipersexualidade, mas uma grande tendência ao crime e à violência. Como fica claro na conclusão dessas pesquisadoras:

Se, por um lado, homens jovens, negros e pobres, em geral, são mais vigiados e perseguidos nos espaços públicos, por outro, é raro haver qualquer tipo de enfrentamento, o que decorre, muitas vezes, da crença de que seus direitos não serão garantidos perante as autoridades policiais. (CECCHETTO; MONTEIRO, 2006, p.209)

Ao examinar as relações raciais na Bahia, Pinho (2004, p. 111/112) percebe a hipersexualidade como um dos elementos da identidade masculina negra:

Expondo seu corpo, alterando a aparência do cabelo, exibindo nas ruas a agressividade de suas roupas, além de representar como mímica da violência a postura da agressividade, o brau desafia a moral, o bom gosto e o racismo de forma mais ou menos contundente. De forma mais ou menos contraditória, por outro lado, reproduz estereótipos sobre si próprio e, talvez, eleja a mulher ou a feminilidade como seu Outro desejado e oprimido.

O que o autor chama de “brau” se refere a aportuguesamento de “brown”, representado num estilo de vestimenta e cabelo, frequentemente, usado por jovens negros e pobres em Salvador. Influenciados pela música negra norte-americana, esses jovens buscam uma “reafricanização”, valorizando a negritude “global” como uma forma de resistência à discriminação racial. Segundo o autor, esse estilo é visto pela sociedade baiana como... “(...) ‘baixo-astral’, feio, de gosto duvidoso e, principalmente, perigoso, com seu cabelo Black Power e suas correntes ‘espalhafatosas’.” (PINHO, 2004, p. 108). Na análise do autor, a agressividade e a hipersexualidade continuam em pauta no olhar direcionado a esses jovens negros. E, de alguma forma, são também utilizadas por eles como recursos de afirmação da identidade negra.

Não encontramos estudos que comparem a forma como homens e mulheres, brancos e mestiços vivem o seu pertencimento racial conjuntamente com o gênero, o que nos parece ser uma boa pergunta de pesquisa.

Isso posto, a pergunta sobre a diferença entre homens e mulheres no que se refere à raça e ao racismo é examinada, na presente pesquisa, por meio da análise da variável sexo na resposta aos questionários e nas entrevistas realizadas a homens e mulheres – dentre eles, brancos, negros e mestiços.

Após todas essas reflexões sobre branquitude, negritude, mestiçagem, classe, raça e gênero, concluímos que, abolida a escravidão, houve a necessidade de outra justificativa para a continuação da hierarquia entre os homens e a constante violência aos negros e mestiços.

Ocultando a divisão em classes, os conflitos decorrentes delas e a história, o discurso ideológico dos teóricos raciais naturaliza as diferenças: o negro é inferior por sua constituição biológica e prova disso foi a sua submissão à escravidão européia. Ou seja, o fato (a escravidão do negro) se reduz a ele mesmo, como se pudesse por si só determinar a realidade. Dessa inferioridade empírica não questionada, os chamados homens de *sciencia* desenvolvem teorias que sempre vão legitimar a inferioridade do negro: ora sua tendência para o crime, ora sua incapacidade intelectual, ora sua selvageria; de modo que as diferenças físicas encontradas serviriam constantemente de justificativa científica para o racismo. Assim, as teorias raciais com o respaldo da ciência, permitiram a verificação empírica da diferença entre os homens mantendo, no começo do século XX, a mesma lógica no tratamento de negros e mestiços, vista até hoje: a violência, ora escancarada, ora silenciada acompanha o negro como constante suspeito.

Um exemplo está na violência sofrida por um homem negro, em 07/08/2009²⁶, em Osasco, quando parado no estacionamento do Carrefour, em frente ao seu carro, foi considerado suspeito de roubar seu próprio veículo. Seu filho de dois anos dormia no banco de trás, enquanto a família fazia compras. Ele foi espancado por cinco homens, seguranças da loja, por cerca de 15 minutos, em uma sala próxima à entrada da loja, teve ferimentos sérios no rosto e dentes quebrados. Com a chegada da polícia, a violência física parou, mas a humilhação persistiu, pois um policial lhe disse: “Você tem cara de que tem pelo menos três passagens”. A vítima foi abandonada pela polícia, que não prestou socorro.

Esse caso de violência e racismo explícito mostra que ao negro não é dada a oportunidade de não ser visto primeiro como negro, dentre muitas características suas. Conjuntamente à percepção do fato de ser negro estão estereótipos que o representam como pobre, criminoso, pouco inteligente, sexual etc. Por que o homem negro em questão tem “cara” de criminoso? Quando um homem branco, dada as mesmas condições, é tratado com a mesma violência injustificada?

Após a segunda guerra e toda a barbárie expressa, houve a intenção de se extinguir o racismo e durante um tempo se viveu a ilusão de tê-lo superado, pensando-o como algo do passado. Entretanto, como diz Paty (1998), a “besta” continua rondando entre nós.

²⁶Fonte: <http://www.afropress.com/noticiasLer.asp?id=1965>;
<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,acusado-de-roubar-seu-carro-cliente-e-espancado-em-mercado,421145,0.htm>

CAPÍTULO 4 – A PESQUISA

Num mundo amplamente dominado por leis econômicas, sob as quais os homens dispõem de escasso poder, a pretensão de considerar os fenômenos sociais, em princípio, um objeto da compreensão do “significado” ideal é ilusória. (HORKHEIMER; ADORNO, 1973, p.126)

A defesa da pesquisa ou da “investigação social empírica” – no dizer de Horkheimer e Adorno (1973) - não significa a crença na neutralidade, tampouco na superioridade da técnica sobre a teoria. O ganho da pesquisa é apresentar informações que possam ser pensadas à luz da teoria, com a consciência da limitação implícita nesse processo, qual seja, de que hipóteses levantadas são respondidas dentro de determinados espaços sócio-históricos e são por eles engendradas.

O fenômeno aqui estudado – preconceito racial – pode ser considerado como psicossocial, pelo entrelaçamento das questões sociais e psicológicas que o envolvem. Lembramos a relevância em se estudar questões sociais do ponto de vista do campo psicológico, ao admitirmos que... *“Do material subjetivo, é possível inferir determinantes objetivos”*. (ADORNO, 1995, p.146)

Vale ressaltar novamente que raça não é um conceito científico, com validade em si, como já explicamos no capítulo 2. Entretanto, a ideia de que existem grupos de pessoas inferiores e superiores, marcados pela cor da pele e outros elementos corporais a lembrar as definições de brancos, negros, amarelos etc. continua presente no cotidiano. Para evitar que esse conceito cotidiano, criado como categoria hierárquica nas relações humanas, seja legitimado, usamos na apresentação da pesquisa o termo “cor/raça”, com o intuito de marcar que tanto uma como outra palavra são criações humanas, isto é, não se reportam a diferenças naturais.

Nesse sentido, pode parecer estranho que “indígena” e “mestiço” encontrem-se ao lado de “branco”, “preto” e “amarelo”. Esses cinco exemplos de “cor/raça” não são criações nossas. Ao contrário, tais termos foram retirados da literatura especializada na área. O IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, por exemplo, usa os termos “branco”, “preto”, “indígena”, “amarelo” e “pardo”. Também Venturi e Bokany (2005) utilizam essa classificação. Substituímos a palavra “pardo” por “mestiço”, por considerarmos a segunda mais ampla e abrangente; e também pela vasta literatura na área que utiliza o termo “mestiçagem” e “mestiço”.

Nossa investigação utiliza um instrumento quantitativo (questionário) e um qualitativo

(roteiro de entrevista). O questionário permite um mapeamento um pouco mais amplo do fenômeno em questão. Já a entrevista possibilita aprofundar as questões citadas por ele.

A pesquisa foi realizada em três momentos: primeiramente, em 2007, alunos do primeiro ano de Letras da Universidade de São Paulo participaram do estudo piloto. Em 2008, questionários e entrevistas foram aplicados na Espanha em alunos do curso de Psicologia da *Universidad de Murcia*, onde fizemos um estágio de doutorado por meio de bolsa de estudo do Programa de Mobilidade Internacional de Pós-Graduandos Santander Banespa da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo. Posteriormente, em 2009, realizamos a última etapa da pesquisa, novamente no curso de Letras da Universidade de São Paulo.

Os dados coletados na Espanha são aqui analisados sem o intuito de um estudo comparativo. Ainda que um dos nossos instrumentos de pesquisa – as escalas de preconceito sutil e flagrante de Pettigrew e Meertens (1995) – seja utilizado pelos autores para comparar a expressão do preconceito em países diferentes, julgamos conveniente não fazer de tal comparação o foco da tese. Analisamos os dados obtidos em realidades diferentes, como as do Brasil e Espanha, com o cuidado de não esquecermos as diferenças históricas de cada país. Aqui no Brasil, investigamos o preconceito contra negros e, na realidade espanhola, escolhemos, como já dito na apresentação da tese, estudar o preconceito contra gitanos. Nosso objetivo, ao olhar para esses dois países, é aproveitarmos o estudo da diferença para conhecermos melhor a nossa realidade. Tendo isso em vista, organizamos a pesquisa de modo a visualizarmos primeiro as informações percebidas na Espanha para, depois olharmos para os dados obtidos no Brasil.

4.1. Objetivos e hipóteses

A partir das reflexões realizadas nos capítulos anteriores, podemos afirmar que o preconceito é facilitado pela cultura, pois nela encontramos dispositivos propícios ao aparecimento de estereótipos. Entretanto, há também um espaço psicológico peculiar no sujeito para o preconceito, qual seja, o de impossibilitar que a angústia e outros sentimentos reprimidos, não necessariamente relativos ao alvo do preconceito, sejam conscientizados. É justamente nessa relação entre o indivíduo e a sociedade que reside o nosso tema de investigação.

Isso posto, nosso objetivo geral foi estudar como as pessoas se posicionam sobre o racismo, por meio de questionários e entrevistas. Nossa hipótese para o questionário foi de que a expressão do preconceito seria mais frequente quando o racismo estivesse apresentado sutilmente. Já para as entrevistas, nossa hipótese foi de que a maioria dos alunos expressaria

falas racistas e não racistas, concomitantemente.

No que diz respeito aos objetivos específicos, algumas questões são comuns à pesquisa desenvolvida no Brasil e na Espanha; no entanto, uma pergunta é possível apenas para a realidade brasileira. Apresentamos, primeiramente os objetivos específicos que são comuns aos estudos realizados em ambos os países:

1. Verificar se há diferenças na expressão do preconceito quando apresentado de forma sutil e flagrante;
2. Verificar se há correlação entre as escalas de preconceito sutil e flagrante;
3. Investigar como os estudantes entendem o racismo;
4. Relacionar o resultado das escalas e as entrevistas.

Já o objetivo específico restrito à pesquisa realizada no Brasil é:

5. Comparar a coerência entre a identificação cor/raça e ascendência.

A partir desses objetivos específicos, temos as seguintes hipóteses para os estudos desenvolvidos no Brasil e na Espanha:

1. O preconceito é mais expresso quando apresentado de forma sutil do que de forma flagrante;
2. Há correlação nas respostas dadas pelos participantes nas escalas de preconceito sutil e flagrante;
3. O racismo é percebido como um fenômeno complexo, com alguns elementos contraditórios;
4. Os sujeitos com os escores mais altos nas duas escalas têm falas mais racistas do que os que apresentam baixos escores.

A hipótese específica da pesquisa realizada no Brasil é:

5. A autoidentificação cor/raça é apresentada, em sua maioria, de forma contraditória em relação à ascendência dos participantes.

4.2. Método

4. 2. 1. Participantes

Participaram da pesquisa 306 estudantes universitários, sendo 71 alunos espanhóis e 235 brasileiros. Todos responderam ao questionário. Destes, 15 foram entrevistados (4 na Espanha e 11 no Brasil). Uma breve descrição dos participantes é feita a seguir, organizada pelo país em que foi realizada.

a) Estudo I (Espanha)

Questionários

No 1º semestre de 2008, foi realizada uma parte da pesquisa, durante o estágio de doutorado já mencionado. Responderam ao questionário, 71 alunos do primeiro ano do curso de Psicologia, sendo 56 mulheres e 15 homens, com idades entre 18 e 23 anos. Todos os respondentes são *payos*, o que caracteriza uma ascendência espanhola não gitana. As pesquisas na Espanha com estudantes universitários, normalmente, não fazem avaliação socioeconômica porque esses sujeitos têm, na média, o mesmo perfil socioeconômico.

Entrevistas

Quatro alunas participaram das entrevistas. Devido à homogeneidade quanto à origem (nacionalidade) e classe, a tabela abaixo mostra as idades das entrevistadas, bem como os escores nas escalas de preconceito sutil e flagrante.

Tabela 1 – Informações sobre as entrevistadas do estudo I (Espanha)

Nome²⁷	Idade	Preconceito Sutil	Preconceito Flagrante	Escore Total
Diana	19,0	6,1	6,4	12,5
Angélica	23,0	2,3	2,2	4,5
Soledad	23,0	4,0	2,6	6,6
Josefa	20,0	4,4	1,9	6,3
Média dos entrevistados	21,3 (dp 2,7)	4,2 (dp 1,6)	3,3 (dp 2,1)	7,5 (dp 3,5)
Média da amostra espanhola	18,9 (dp 1,1)	4,6 (dp 1,0)	2,6 (dp 1,1)	7,2 (dp 1,8)

²⁷ Os nomes foram alterados.

O grupo de entrevistadas no estudo I é bem específico: somente mulheres aceitaram participar das entrevistas. A amostra conta com um número maior de mulheres (78,9%) do que homens (21,1%). Quanto à idade, as entrevistadas têm uma faixa etária maior do que a média da amostra total de respondentes ao questionário. Na escala de preconceito sutil, as entrevistadas apresentam média menor (4,2) do que a amostra total (4,6). O contrário acontece com a escala de preconceito flagrante: a média de respostas das entrevistadas é 3,3; enquanto a média do grupo total de respondentes é 2,6.

As entrevistadas representam a diversidade nas respostas às escalas de preconceito sutil e flagrante: Diana tem o escore mais alto da amostra total. Por outro lado, Angélica tem um dos três escores mais baixos. As outras duas participantes apresentam resultados próximos ao da média.

b) Estudo II (Brasil)

Questionários

O estudo II foi realizado em dois momentos. A primeira fase da pesquisa ocorreu no 2º semestre de 2007, na qual responderam ao questionário 68 estudantes universitários primeiranistas do curso de Letras da Universidade de São Paulo. A escolha desse curso foi baseada na informação de que os cursos da área das humanidades, mormente o de Letras, têm mais alunos negros e mestiços²⁸. A segunda fase aconteceu no primeiro semestre de 2009, quando 167 alunos do primeiro ano do mesmo curso responderam ao questionário. Analisadas essas duas amostras separadamente, notamos uma variação mínima nas respostas dadas no questionário.²⁹ Assim, decidimos apresentá-las conjuntamente. Temos, então, 235 respondentes ao questionário, com idades entre 17 e 23 anos. Dentre os quais, 171 são mulheres e 64, homens.

A identificação da cor/raça foi feita com base em Venturi e Bokany (2005) por meio da seguinte pergunta: “Dentre as opções, qual você escolheria para definir você?”, com as seguintes opções: branco, preto, mestiço, indígena, amarelo. As respostas estão apresentadas na tabela seguinte.

²⁸ Fontes: http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/edusuperior/provao/news04_01.htm
<http://www.comciencia.br/reportagens/2004/09/05.shtml>

²⁹ Ver tabela 15 no apêndice 1.

Tabela 2 – Frequência e porcentagem de respostas quanto à identificação cor/raça dos participantes do estudo II (Brasil)

Cor/raça	Frequência	Porcentagem
Branco	181	77,0
Mestiço	35	14,9
Amarelo	11	4,7
Preto	7	3,0
Indígena	1	0,4
Total	235	100

Há baixa frequência dos sujeitos que se identificaram como pretos e indígena. Para efeitos de análise, decidimos reunir as quatro categorias de sujeitos não-brancos em uma só, como mostra a tabela 2.

Tabela 3 – Frequência e porcentagem de respostas quanto à identificação cor/raça dos participantes do estudo II (Brasil), agrupadas em duas categorias

Cor/raça	Frequência	Porcentagem
Branco	181	77,0
Não Branco	54	23,0
Total	235	100

Como pode ser observado na tabela acima, a amostra foi composta por uma maioria de sujeitos de cor branca. Ainda que o curso de Letras tenha sido escolhido por ser um dos que mais têm alunos não brancos, a alta frequência de brancos em nossa amostra nos sugere que os cursos de graduação das universidades públicas com mais negros, ainda assim, têm um número pouco representativo dos mesmos, o que nos leva a refletir sobre a importância das políticas de ação afirmativa para a modificação desse quadro.

Para avaliar a condição socioeconômica dos respondentes, utilizamos o critério de classificação econômica Brasil da ABEP³⁰. Os participantes foram distribuídos nas classes A, B e C, como apresentado na tabela 4.

Tabela 4 – Frequência e porcentagem de respostas dos participantes do estudo II (Brasil) em relação à avaliação socioeconômica

Classes	Frequência	Porcentagem
A	56	23,8
B	124	52,8
C	55	23,4
Total	235	100

A maior parte dos estudantes pode ser considerada da classe B. Juntando-se essa informação com a da tabela anterior, notamos que nossa amostra é composta, em sua

³⁰ O instrumento e a classificação econômica Brasil da ABEP (Associação Brasileira em Empresas de Pesquisa) encontram-se no sítio: www.abep.org/codigosguias/Criterio_Brasil_2008.pdf

maioria, de sujeitos de cor branca e pertencente ao que chamamos, no senso comum, de classe média. Isto é, não nos foi possível, dada a característica da amostra, fazer comparações substanciais entre pessoas de diferentes classes e identificação cor/raça. Vale ressaltar que tais dados também nos confirmam que são os brancos de classe média quem têm acesso, em sua maioria, ao espaço universitário de formação, ainda que seja em um curso de graduação, como o de Letras, com grande número de vagas, tanto para o horário diurno, como noturno, isto é, contemplando os alunos trabalhadores; e com uma procura relativamente baixa, ao se considerar outros cursos mais procurados pelos vestibulandos.

Entrevistas

Onze alunos aceitaram participar das entrevistas, dentre eles, dois homens e nove mulheres. A tabela 5 apresenta informações sobre os entrevistados em relação à idade, classe, cor/raça e escores nas escalas de preconceito sutil e flagrante.

Tabela 5 – Informações sobre os entrevistados do estudo II (Brasil)

Nome³¹	Idade	Classe	Cor/Raça	Preconceito Sutil	Preconceito Flagrante	Escore Total
Adriana	19	A	Mestiço	1,5	1,6	3,1
Ana Paula	18	C	Branco	2,7	1,7	4,4
Isabele	18	C	Amarelo	1,8	1,5	3,3
Bianca	18	B	Preto	1,4	1,9	3,3
Janaína	18	B	Mestiço	1,8	1,6	3,4
Júlio ³²	43	C	Branco	3,8	2,4	6,2
Luíza	28	B	Branco	2,2	1,9	4,1
Gisele	23	B	Branco	1,9	1,1	3,0
Rodrigo	20	B	Mestiço	2,4	1,9	4,3
Mariana	23	C	Mestiço	1,8	1,3	3,1
Aline	20	B	Branco	2,4	2,3	4,7
Média/Moda dos entrevistados	22,6 (dp 7,5)	B	Branco	2,2 (dp 0,7)	1,8 (dp 0,4)	3,9 (dp 1,0)
Média/Moda da amostra brasileira	19,1 (dp 1,6)	B	Branco	2,1 (dp 0,7)	1,7 (dp 0,5)	3,8 (dp 1,1)

Podemos observar que o grupo de alunos que participaram da entrevista é majoritariamente feminino (81,8%), assim como na amostra geral de participantes, em que temos 72,8% de mulheres.

Em relação à idade, a maioria dos entrevistados tem entre 18 e 20 anos, o que condiz

³¹ Os nomes foram alterados.

³² Os questionários dos alunos Júlio e Luíza foram retirados da amostra por não fazerem parte da faixa etária definida. Entretanto, decidimos manter as suas entrevistas na análise pelo conteúdo interessante das mesmas.

com a amostra total de respondentes ao questionário, na qual temos 83,4% dos alunos com até 20 anos, ainda que a média da idade dos entrevistados (22,6) seja superior a média da amostra total de respondentes ao questionário (19,1).

No que diz respeito à classe, temos entrevistados das três classes (A, B e C). A maioria dos participantes da amostra total (52,8%) foi classificado como B; assim como a maioria dos entrevistados (54,5%) são dessa mesma classe social. Entretanto, em relação às outras duas classes, A e C, não temos entre os entrevistados uma porcentagem representativa da amostra, pois temos 23,8% de alunos classificados na classe A e 23,4% na classe C; mas apenas uma aluna entrevistada da classe A e quatro da classe C, o que equivaleria a 9,1% e 36,4%.

Das cinco possibilidades para a definição cor/raça - amarelo, branco, indígena, mestiço e preto - há uma maior incidência de brancos tanto no grupo de entrevistados, quanto na amostra total. No entanto, há pelo menos um aluno de cada cor/raça; o que permite alguma diversidade no relato proporcionado pelas entrevistas.

Notamos que, de modo geral, os entrevistados apresentam baixos escores. Cinco estudantes têm escore abaixo da média nas duas escalas, separada e conjuntamente: Adriana, Isabele, Janaína, Gisele, Mariana. Outros cinco entrevistados apresentam escores igual ou acima da média nas escalas de preconceito sutil, flagrante e na contagem total dos pontos das duas escalas: Ana Paula, Júlio, Luíza, Rodrigo e Aline. Já a entrevistada Bianca, diferente de todos os outros, tem respostas abaixo da média na escala de preconceito sutil e, também, no escore total. Mas quanto à escala de preconceito flagrante, ela apresenta resultado maior que a média da amostra. Além disso, a média e o desvio padrão das duas escalas são próximas em relação ao grupo de entrevistados e amostra total de estudantes.

4. 2. 2. Material

Os materiais utilizados na realização da pesquisa foram: gravador, questionários, roteiro de entrevista (apêndice 4).

Questionários

a) Estudo I (Espanha)

O questionário utilizado na Espanha (apêndice 5) é composto de duas partes. Em primeiro lugar, para a identificação dos sujeitos, solicitamos que o participante respondesse qual a sua data de nascimento, nacionalidade e sexo. Como já citado na seção “Participantes”, a avaliação socioeconômica não foi realizada por não existir um método tal qual o utilizado no Brasil. Estudiosos da área de psicologia da *Universidad de Murcia* nos afirmaram que nas investigações com estudantes universitários já se pressupõe o mesmo nível socioeconômico.

Na segunda parte do questionário, temos as escalas de preconceito sutil e flagrante, baseada em Pettigrew e Meertens (1995). O alfa de Cronbach encontrado por esses autores variou entre 0,87 a 0,90 na escala de preconceito flagrante e 0,73 e 0,82 na escala de preconceito sutil. Tal variação ocorre pelo fato dos pesquisadores terem aplicado as escalas em quatro países diferentes, como já exposto no capítulo 1, item 1.1. Utilizamos a versão espanhola das escalas de Rueda e Navas (1996), cujo alfa de Cronbach foi 0,79 na escala de preconceito flagrante e 0,78 para a escala de preconceito sutil.

As escalas são do tipo Likert, com seis alternativas de resposta, de amplitude entre 1 e 7, sem o valor 4, para evitar a tendência neutra nas respostas. As questões da escala de preconceito flagrante estão misturadas às da escala de preconceito sutil para que a sutileza ou não do racismo não seja facilmente identificada. Como as escalas foram utilizadas em língua espanhola, apresentamos uma versão, por nós, livremente traduzida. As escalas, em espanhol, encontram-se no apêndice 6. As afirmações de cada escala são apresentadas, separadamente, no quadro 1. A numeração ao lado de cada afirmação refere-se à ordem em que a questão foi apresentada no questionário.

Escala de Preconceito Sutil

1. Na Espanha, há outros grupos que superam o preconceito e conseguem vencer os desafios com seus próprios esforços. Os gitanos deveriam fazer o mesmo, sem nenhum tratamento especial.
3. Os gitanos ensinam a seus filhos valores e habilidades que não são adequadas para ter sucesso.
5. O inconveniente de que os gitanos entrem em determinados lugares (casas, espaços públicos etc.) é que eles não sabem respeitar as normas de convivência estabelecidas.
9. A maioria dos gitanos que recebem algum tipo de assistência social ou econômica poderiam viver sem ela, se quisessem.
11. Do que conheço, os gitanos são muito diferentes dos outros cidadãos espanhóis quanto aos valores que ensinam aos seus filhos.
12. Acho que os gitanos são muito diferentes dos *payos* em seus valores e/ou práticas sexuais.
14. Tudo é uma questão de esforço. Se os gitanos quiserem se esforçar um pouco mais, poderão estar, ao menos, tão bem como os outros cidadãos espanhóis.
16. Pelo que já percebi, os gitanos são muito diferentes dos *payos* em sua forma de falar.
18. Você já sentiu admiração por um algum gitano?
19. Com que frequência você sente compaixão pela situação que vivem os gitanos?

Escala de Preconceito Flagrante

2. A maioria dos políticos espanhóis se preocupam mais com os gitanos do que com os outros cidadãos espanhóis.
4. Não me importaria se uma pessoa gitana, competente em seu trabalho, fosse meu professor ou chefe.
6. As pessoas gitanas se diferenciam muito das não gitanas nos hábitos de higiene e limpeza.
7. Eu estaria disposto a ter relações sexuais com uma pessoa gitana.
8. Os *payos* e os gitanos nunca podem estar realmente tranquilos um com o outro, nem ser amigos.
10. Os gitanos ocupam trabalhos, moradias e escolas que não sabem aproveitar e deveriam estar com outras pessoas.
13. Não me importaria se um de meus parentes mais próximos se casasse com um gitano, de um nível parecido com o meu.
15. Não se pode confiar na honestidade dos gitanos.
17. Os gitanos vêm de raças menos capazes e isso explica porque vivem em uma situação pior que o resto dos espanhóis.
20. Suponha que um familiar próximo seu (filho ou irmão) tenha filhos com uma pessoa gitana. Como você se sentiria se o filho desse familiar tiver traços físicos de um gitano?

Quadro 1 – Afirmações traduzidas das escalas de preconceito sutil e flagrante do questionário aplicado na Espanha (estudo I)

A apresentação dos itens segue uma lógica parecida com a do questionário aplicado no Brasil. As alternativas de respostas para os itens de 1 a 17 são: (1) em total desacordo, (2) bastante em desacordo, (3) um pouco em desacordo, (5) um pouco de acordo, (6) bastante de acordo, (7) muito de acordo. Para as questões 18 e 19, as possibilidades de respostas são: (1) sempre, (2) quase sempre, (3) algumas vezes, (5) poucas vezes, (6) quase nunca, (7) nunca. E, finalmente, as respostas do último item: (1) nada aborrecido, (2) quase nada aborrecido, (3) um pouco aborrecido, (5) aborrecido, (6) muito aborrecido, (7) extremamente aborrecido³³.

³³ Em espanhol, as alternativas são: (1) *en total desacuerdo*, (2) *bastante en desacuerdo*, (3) *un poco en desacuerdo*, (5) *un poco de acuerdo*, (6) *bastante de acuerdo*, (7) *muy de acuerdo*. Para as questões 18 e 19: (1) *siempre*, (2)

Uma diferença entre os questionários aplicados no Brasil e na Espanha está na formulação dos itens. No Brasil, as afirmações são feitas de modo que aquele que concorda com a frase (respostas 5, 6, e 7), demonstra preconceito. No questionário espanhol, as frases seguem essa mesma lógica, com exceção dos itens 4, 7 e 13, nos quais as respostas que mostram preconceito são as respostas de número 1, 2, e 3. Para tais itens, a categorização dos dados foi feita de modo inverso, ou seja, onde havia a resposta 1, se categorizou 7, e o mesmo para 2, 3, 5 e 7 que, respectivamente, foram alterados para respostas 6, 5, 3, 2, e 1. Dessa forma, garantimos que a pontuação no escore final de cada questionário contemplasse o maior valor quanto mais preconceituosa fosse a resposta.

b) Estudo II (Brasil)

O questionário utilizado no Brasil (apêndice 7) segue o mesmo modelo do aplicado na Espanha, com algumas diferenças. Na primeira parte, há questões referentes à data de nascimento³⁴, sexo, identificação cor/raça e análise socioeconômica por meio da classificação econômica Brasil da ABEP. As perguntas sobre identificação cor/raça são baseadas nas questões utilizadas por Venturi e Bokany (2005), com duas alterações: substituímos o termo “pardo” por “mestiço” da questão 2 e retiramos a questão 4 (“Você se considera branco, negro ou índio?”) por considerá-la repetitiva e, assim, desnecessária. Trata-se de duas questões abertas e uma fechada. As questões abertas são: (1) Qual é a sua cor? (3) Considerando a cor da pele, raça ou etnia (ou origem) dos seus pais e avós, quais são as suas combinações de raça ou cor?. A questão fechada é: (2) Dentre as opções, qual você escolheria para definir você? Com as seguintes opções de resposta: branco, preto, mestiço, indígena e amarelo.

A segunda parte do questionário aplicado no Brasil, assim como o aplicado na Espanha, é composta pelas escalas de preconceito sutil e flagrante de Pettigrew e Meertens (1995). Utilizamos a versão brasileira traduzida por Galeão-Silva (2007) que, em sua pesquisa, obteve alfa de Cronbach igual a 0,76 para a escala de preconceito flagrante e 0,85 para a escala de preconceito sutil.

As afirmações de cada escala são apresentadas, separadamente, no quadro 2, a seguir.

casi siempre, (3) algunas veces, (5) pocas veces, (6) casi nunca, (7) nunca. E, para o último item: (1) nada enfadado, (2) casi nada enfadado, (3) un poco enfadado, (5) enfadado, (6) muy enfadado, (7) extremadamente enfadado.

³⁴ A forma utilizada de identificação do questionário é a data de nascimento, procedimento esse utilizado por Adorno et al. (1965). Com isso, buscamos garantir o sigilo das respostas para que o respondente se sinta mais à vontade para expressar sua opinião.

Escala de Preconceito Sutil

1. Muitos grupos de imigrantes vieram para o Brasil e superaram o preconceito e lutaram para encontrar seu caminho. Os negros deveriam fazer o mesmo sem qualquer favor especial.
2. Os negros não deveriam se impor onde não são bem-vindos.
6. A discriminação de pessoas negras é apenas um problema de pessoas que não se esforçaram o suficiente. Caso os negros se esforçassem mais eles seriam tão bons quanto os brancos.
8. Os negros ensinam valores e habilidades para seus filhos que não são adequados para se ter sucesso na sociedade.
14. Tratando-se de valores, como são negros e brancos?
15. Tratando-se de práticas religiosas, como são negros e brancos?
16. Tratando-se de valores e práticas sexuais, como são negros e brancos?
17. Tratando-se da forma de falar, como são negros e brancos?
18. Com que frequência você sente *simpatia* pelos negros?
19. Com que frequência você sente *admiração* pelos negros?

Escala de Preconceito Flagrante

3. A maioria dos negros que recebem assistência social poderia continuar vivendo bem sem essa ajuda.
4. Os negros têm empregos que deveriam ser dos brancos.
5. Brancos e negros dificilmente estão confortáveis uns com os outros, mesmo sendo amigos próximos.
7. Estão errados os governantes que se preocupam mais com os negros do que com os brancos em dificuldades.
9. Os negros vêm de povos menos capazes, e isso explica porque eles não são tão bons quanto a maioria dos brancos.
10. Eu não teria relações sexuais com um (a) negro (a).
11. Eu não gostaria que um negro suficientemente qualificado fosse escolhido pra meu chefe.
12. Eu não gostaria que um negro, do mesmo nível social que o meu, se casasse com algum familiar próximo a mim.
13. Tratando-se de honestidade, como são negros e brancos?
20. Como você se sentiria caso um (a) filho (a) seu tivesse um filho com uma pessoa negra³⁵ e com características muito diferentes das suas?

Quadro 2 – Afirmções das escalas de preconceito sutil e flagrante do questionário aplicado no Brasil (estudo II)

As respostas a serem escolhidas pelos respondentes variam conforme a formulação da pergunta. Os itens de 1 a 12 têm as seguintes possibilidades de respostas: (1) discordo muito, (2) discordo em parte, (3) discordo um pouco, (5) concordo um pouco, (6) concordo em parte, (7) concordo muito. Para os itens 13 a 17, apresentamos as respostas: (1) muito semelhante, (2) semelhante, (3) um pouco semelhante, (5) um pouco diferente, (6) diferente, (7) muito diferente. Os itens 18 e 19 têm as possíveis respostas: (1) sempre, (2) quase sempre, (3) algumas vezes, (5) poucas vezes, (6) quase nunca, (7) nunca. E, finalmente, para o último enunciado, as respostas são: (1) nada aborrecido, (2) quase nada aborrecido, (3) muito aborrecido, (5) aborrecido, (6) muito aborrecido, (7) extremamente aborrecido.

³⁵ Nessa frase, a expressão “pessoa de cor” foi substituída por “pessoa negra”.

Entrevistas

As entrevistas tiveram caráter semiestruturado. E foram gravadas e transcritas. Abaixo apresentamos os roteiros das entrevistas realizadas na Espanha e no Brasil.

a) Estudo I (Espanha)

A entrevista na Espanha teve apenas uma pergunta geradora: “Como foi sua experiência com os gitanos?”³⁶.

b) Estudo II (Brasil)

As entrevistas realizadas no Brasil tiveram duas etapas:

a) Primeiramente, o participante foi convidado a falar livremente a partir de duas perguntas geradoras. As dúvidas que foram surgindo foram esclarecidas no decorrer da entrevista. Para aqueles que se identificaram como brancos e mestiços, a primeira pergunta geradora foi: “Da sua experiência de vida, como foi a sua relação com os negros?”. Para os que se identificaram como negros, a pergunta foi: “Da sua experiência de vida, como foi sua relação com os brancos?”. A segunda pergunta geradora foi: “Existe racismo no Brasil?”

b) Em um segundo momento, três situações foram apresentadas ao entrevistado. As situações estão no quadro a seguir. As duas primeiras situações foram apresentadas na 1ª e 2ª fases da pesquisa. No entanto, a terceira situação utilizada na pesquisa de 2007, por tratar-se de uma fala de racismo explícito, foi retirada e substituída, em 2009, pela situação 4, que aborda o tema raça e classe. Tais situações tinham por objetivo estimular a fala do entrevistado. Alguns participantes falaram com mais espontaneidade sobre o tema; nesse caso, as situações não foram apresentadas, por não haver necessidade.

³⁶ Em espanhol: a pergunta é: “¿Cómo fue tu experiencia con los gitanos?”

Situação 1	Uma pessoa é contra as cotas para negros em universidades porque acredita que um negro roubará injustamente a vaga de seu filho em uma boa universidade.
Situação 2	Em um debate sobre política antirracista, uma pessoa do público diz aos palestrantes: eu não sou racista, tenho até uns amigos mais morenos, mas o problema são esses negros que não se aceitam.
Situação 3 (2007)	Em uma clínica particular, uma fisioterapeuta disse que não atende pacientes negros porque tem o direito de não gostar de negro.
Situação 4 (2009)	Duas pessoas conversando em um bar, uma delas pergunta: Por que você acha que a maioria das empregadas domésticas é negra, nas novelas? A outra responde: porque são pobres.

Quadro 3 – Situações apresentadas nas entrevistas realizadas no Brasil (estudo II).

4.2.3. Procedimentos

Nos dois estudos, o procedimento foi similar. Primeiramente, um professor foi contatado a fim de conseguir autorização para a aplicação dos questionários em horário de aula, que durou, em média, 15 minutos.

Na Espanha, os questionários foram aplicados em duas salas do primeiro ano de Psicologia, com 50 alunos matriculados em cada sala. Não tivemos tempo de contatar professores de outro curso porque um problema com o visto de autorização do Consulado Espanhol para ir à Espanha fez com que o estágio de doutorado tivesse início em um momento de final de semestre letivo naquele país. Duas semanas após a nossa chegada, os alunos estavam em período de provas, exames e entrega de trabalhos. Após o término da aula, o professor do curso de Psicologia solicitou voluntários para a entrevista. Quatro alunas se apresentaram voluntariamente. E as entrevistas foram realizadas, individualmente, no mesmo dia da aplicação do questionário, em sala de aula.

No Brasil, conseguimos autorização de cinco professores para aplicação dos questionários. Cada professor do curso de Letras da Universidade de São Paulo do primeiro semestre ministra aula em duas salas de 50 alunos. Na 1ª fase, em 2007, duas professoras da Letras foram contatadas e os questionários foram aplicados em quatro salas. Com o objetivo de aumentar o número de participantes na 2ª fase, em 2009, contatamos três professores do mesmo curso e aplicamos questionários em seis salas de aula. Na semana seguinte, após a tabulação inicial das respostas, 10 questionários de cada sala foram selecionados, dentre os cinco escores mais altos e os cinco mais baixos da sala. Aos alunos foi dito que os questionários tinham sido selecionados ao acaso. Três salas de aula foram visitadas e os alunos foram convidados a participar da entrevista por meio da identificação da data de nascimento – única identificação possível, já que não solicitamos que o estudante preenchesse o nome. Caso alguém que não estivesse na lista definida quisesse participar, também estava convidado.

Na primeira fase, em 2007, cinco alunos aceitaram participar da entrevista. No entanto, duas entrevistas foram perdidas devido a problemas técnicos com o gravador. Das três entrevistadas restantes, duas estavam na lista dos baixos escores. E uma aceitou participar espontaneamente. Já em 2009, oito alunos foram entrevistados. Cinco deles nos procuraram no decorrer da aplicação do questionário, em uma das salas, para fazer comentários sobre o mesmo. Esses cinco alunos foram convidados para as entrevistas, quatro deles aceitaram. Outros quatro alunos foram entrevistados. Apenas um estava na lista dos questionários com baixos escores e três aceitaram o convite, feito para toda a turma, espontaneamente.

Chama nossa atenção o fato de que, somando as listas de alunos com altos e baixos escores de 2007 e 2009, 50 alunos foram convidados para participar da entrevista. Entretanto, apenas sete aceitaram o convite. Em todas as salas, ocorreu algo parecido: após a leitura das datas de nascimento dos alunos convidados para a entrevista, ninguém se manifestou. Após um silêncio, um ou outro aluno aceitou participar da entrevista, tendo a sua data de nascimento citada ou não. Em 2009, em uma das salas, em um momento como esse, um aluno que não estava presente no dia da aplicação do questionário disse: “Eu não sei sobre o que era o questionário, mas acho que você assustou o pessoal, porque eles costumam ser mais solícitos”. A dificuldade em encontrar sujeitos que queiram falar de racismo traz uma reflexão interessante, qual seja, de que o tema em questão suscita um silêncio ou uma vontade espontânea de debater o assunto. É interessante notar também que nenhum sujeito com alto escore no questionário que tenha sido convidado, por meio da data de nascimento, aceitou participar da entrevista.

4.2.4. Análise dos dados

A análise dos questionários contou com dois momentos. Primeiramente, comparamos os resultados obtidos nas três perguntas referente à identificação cor/raça. Por tratarem-se de perguntas de natureza diferente (duas perguntas abertas e uma fechada), buscamos avaliar a coerência entre as respostas dadas às questões, por meio de comparação entre a maioria das respostas.

Provas estatísticas foram feitas para analisar alguns dados das escalas de preconceito sutil e flagrante. A escolha dos testes estatísticos não paramétricos se deu pelo fato de não podermos assegurar que as variáveis têm distribuição normal do tipo gaussiano, ainda que possamos considerá-las de nível intervalar de mensuração.

Isso posto, avaliamos se as amostras eram homogêneas no que diz respeito ao sexo

dos sujeitos nas amostras brasileira e espanhola; à identificação cor/raça e à classificação socioeconômica na amostra brasileira. Para tal, utilizamo-nos de testes estatísticos para amostras independentes, como a prova U de Mann-Whitney (variável sexo) e a prova de Kruskal-Wallis (variáveis cor/raça e classe).

Posteriormente, analisamos as médias das amostras espanhola e brasileira nas duas escalas, bem como a diferença significativa entre as respostas dadas, por meio das provas de U de Mann-Whitney e de Wilcoxon. Também a correlação entre as escalas de preconceito sutil e flagrante, nas duas amostras, foi testada por meio da correlação de Pearson.

Além disso, calculamos o alfa de Cronbach e o comparamos com o alfa encontrado por outras pesquisas que utilizaram o mesmo instrumento, qual seja, as escalas de preconceito sutil e flagrante desenvolvidas por Pettigrew e Meertens (1995).

Em relação às entrevistas, repetidas leituras da transcrição literal foram realizadas. Infelizmente, conseguimos poucas entrevistas na Espanha. A leitura das mesmas não nos permitiu organizar seu conteúdo em categorias. Julgamos mais conveniente apresentar e discutir os aspectos mais interessantes de cada entrevista juntamente com a análise das opiniões expressas no questionário.

No caso da amostra brasileira, a partir das leituras, agrupamos as falas comuns ou próximas. Com o objetivo de organizar categorias, primeiramente, dividimos as falas entre racistas e antirracistas – pois nossa hipótese inicial, tal como descrito no item 4.1, era encontrar falas racistas e não racistas. No entanto, um exame mais apurado das falas nos mostrou que as falas não racistas foram poucas. Algumas tinham um teor mais vinculado a um “discurso politicamente correto” do que a uma efetiva conscientização da não diferença entre os seres humanos por meio de raças. Outras denunciavam o racismo percebido em outras pessoas e situações. Tais falas foram, então, organizadas em outras categorias: as primeiras foram analisadas na categoria que confronta a fala aparentemente neutra com outras falas do entrevistado que inviabilizam tal neutralidade; e as segundas foram agregadas à categoria em que os alunos denunciam o racismo.

Assim, após extensivo trabalho de leitura e organização das falas, organizamos o conteúdo das falas que mais se sobressaíram nas entrevistas em categorias que apresentamos no capítulo a seguir. Após a apresentação e reflexão sobre o conteúdo de cada categoria, analisamos cada entrevista individualmente em conjunto com os resultados obtidos nos questionários.

Temos consciência de que as categorias elaboradas estão vinculadas ao nosso olhar sobre o problema de pesquisa, bem como à influência recebida pela literatura especializada que tivemos contato. Isso significa que outros pesquisadores de outras áreas ou com outros

referenciais poderiam formular outras categorias. Admitimos que a construção de categorias não signifique o encontro com a realidade dos dados em si. Mas, uma elaboração possível dado o montante de informações que as entrevistas trazem.

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Duas partes compõem a seção resultados: em um primeiro momento, apresentamos as análises decorrentes dos questionários das amostras brasileira e espanhola. Posteriormente, apresentamos e analisamos as entrevistas realizadas em cada país, relacionando-as com os respectivos questionários.

5.1. Questionários

Nesta seção, analisamos os dados concernentes às respostas obtidas nos questionários. Na primeira parte, está a análise estatística das escalas de preconceito sutil e flagrante, das amostras espanhola e brasileira. E, na segunda parte, temos a análise da identificação cor/raça, do estudo II (Brasil).

5.1.1. Escalas de preconceito sutil e flagrante

O estudo apresenta as seguintes variáveis dependentes: a escala de preconceito sutil, a escala de preconceito flagrante e o escore total, que é a soma das duas escalas. Primeiramente, avaliamos se há diferença significativa nas respostas dos sujeitos, considerando-se as variáveis independentes. Para a pesquisa realizada na Espanha, a única variável independente é sexo. Já para o estudo realizado no Brasil, tais variáveis são: sexo, raça/cor e classe.

Análise da homogeneidade da amostra – Espanha (estudo I)

A partir da prova estatística U de Mann-Whitney, notamos que há diferença significativa nas respostas de homens e mulheres para as três variáveis: escala de preconceito sutil ($U=191,5$ e $p<0,05$), escala de preconceito flagrante ($U=262,5$ e $p<0,05$) e escore total das duas escalas ($U=203,5$ e $p<0,05$). A média e desvio padrão calculado em cada escala, separadamente para homens e mulheres, podem ser observados na tabela 6, da página seguinte:

Tabela 6 – Média e desvio padrão nas escalas de preconceito sutil e flagrante do estudo I (Espanha)

Escalas	Mulheres		Homens	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
Preconceito Sutil	4,4	0,9	5,2	0,8
Preconceito Flagrante	2,4	1,0	2,9	0,9
Escore Total	3,4	0,8	4,1	0,8

A partir da tabela acima, notamos que os homens apresentam maior tendência a demonstrar preconceito nas escalas do que as mulheres. Na escala de preconceito sutil, as mulheres tenderam a dar respostas entre a alternativa 3 “um pouco em desacordo” e 5 “um pouco de acordo”. Já os homens responderam, na maior parte das vezes, “um pouco de acordo”. Para a escala de preconceito flagrante, ambos os grupos tiveram as respostas entre a alternativa 2 “bastante em desacordo” e 3 “um pouco em desacordo”. E, finalmente, somando-se as duas escalas, percebemos que tanto os homens quanto as mulheres ficaram entre a resposta 3 “um pouco em desacordo” e 5 “um pouco de acordo”. Isso mostra que os homens concordam mais com as afirmações racistas do que as mulheres.

Abaixo, na tabela 7, podemos ver a média da soma de postos obtida na prova U de Mann-Whitney para homens e mulheres nas duas escalas:

Tabela 7 – Média da soma de postos nas escalas de preconceito sutil e flagrante de homens e mulheres participantes do estudo I (Espanha)

Escalas	Mulheres	Homens
Preconceito Sutil	31,9	51,2
Preconceito Flagrante	33,2	46,5
Escore Total	32,1	50,4

A partir da média da soma de postos das duas escalas, podemos notar que os homens expressam mais preconceito do que as mulheres, tanto na escala de preconceito sutil quanto na escala de preconceito flagrante.

Análise da homogeneidade da amostra – Brasil (estudo II)

Para a pesquisa realizada no Brasil, foi feita uma análise da homogeneidade em relação às três variáveis independentes: sexo (homens e mulheres); raça/cor (amarelo, branco, indígena e mestiço, preto); classe (A, B, C). Os testes estatísticos usados foram a prova U de Mann-Whitney e a prova de Kruskal-Wallis.

Os testes mostraram que há diferença significativa nas respostas dos sujeitos no que

diz respeito ao sexo para as três variáveis dependentes: escala de preconceito sutil ($U=4436$, $p<0,05$); escala de preconceito flagrante ($U=3872$, $p<0,05$); escore total ($U=4056$ e $p<0,05$). A média de respostas nas duas escalas, bem como o desvio padrão, pode ser observado na tabela 8:

Tabela 8 – Média e desvio padrão nas escalas de preconceito sutil e flagrante do estudo II (Brasil)

Escalas	Mulheres		Homens	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
Preconceito Sutil	2,0	0,7	2,3	0,8
Preconceito Flagrante	1,6	0,5	1,9	0,5
Escore Total	1,3	0,5	2,0	0,6

Julgamos importante observar também a média da soma de postos para homens e mulheres nas duas escalas, o que é apresentado na tabela 9:

Tabela 9 – Média da soma de postos nas escalas de preconceito sutil e flagrante de homens e mulheres participantes do estudo II (Brasil)

Escalas	Mulheres	Homens
Preconceito Sutil	111,9	134,2
Preconceito Flagrante	108,6	143,0
Escore Total	109,7	140,1

A partir das tabelas 8 e 9 notamos que os homens apresentam respostas mais preconceituosas que as mulheres, quer de forma sutil, quer flagrante. A partir da análise das médias de respostas apresentadas na tabela 8, notamos que na escala de preconceito sutil, as mulheres, em sua maioria, deram respostas 2, ou seja, “discordo em parte”. Enquanto os homens, apresentaram além dessa, a resposta 3, isto é, “discordo um pouco”. Para a escala de preconceito flagrante, as respostas de ambos os grupos esteve entre essas duas alternativas. Avaliando as duas escalas conjuntamente, temos que as mulheres tenderam mais para a resposta 1 “discordo muito” e os homens para a resposta 2 “discordo em parte”. Na tabela 9, é possível perceber melhor as diferenças de respostas entre homens e mulheres nas escalas. A soma de postos para os homens foi superior a soma das mulheres nas duas escalas.

Tanto no estudo I (Espanha) quanto no estudo II (Brasil), os homens se mostraram mais preconceituosos que as mulheres. O mesmo dado aparece na pesquisa de Galeão-Silva

(2007), cuja pesquisa também foi realizada com estudantes universitários, na cidade de São Paulo: na escala de preconceito sutil, os homens têm média 2,9 (desvio padrão de 1,0) e as mulheres têm média 2,5 (desvio padrão 1,0). Já na escala de preconceito flagrante, a média dos homens foi 2,3 (desvio padrão de 0,9) e a das mulheres, 2,1 (desvio padrão de 0,9). Infelizmente, as outras pesquisas aqui apresentadas por utilizarem as mesmas escalas de preconceito sutil e flagrante (PETTIGREW; MEERTENS, 1995; RUEDA; NAVAS, 1996; GÓMEZ-BERROCAL; MOYA, 1999; ESPELT e cols.) não mencionam se encontraram diferenças entre as respostas das mulheres e dos homens pesquisados.

Estariam, as mulheres, mais sujeitas aos discursos antirracistas? Essa diferença significa que elas são menos racistas ou apenas expressam menos o racismo? Não nos é possível responder a essas perguntas, uma vez que nossos dados são limitados. Pesquisas futuras que investiguem essa informação nos parecem muito importantes.

No que diz respeito à variável cor/raça, foram realizados dois cálculos, ambos comprovaram que não há diferença significativa entre os grupos. Primeiro, com as cinco categorias (amarelo, branco, indígena, mestiço, preto), cujo $\chi^2 = 9$, g.l.= 4 e $p > 0,05$. Em um segundo momento, com duas categorias (branco e não-branco), em que o resultado foi: $U=4101$ e $p > 0,05$. Também em relação à variável classe não foi observada diferença significativa ($\chi^2 = 0,9$, g.l.=2 e $p > 0,05$).

Análise dos estudos realizados no Brasil e na Espanha

A confiabilidade das escalas foi avaliada pela prova de coerência interna (alfa de Cronbach) para os dez itens de cada escala nos estudos realizados no Brasil e na Espanha. Abaixo, apresentamos os resultados das provas, bem como os alfas obtidos em outras pesquisas para as escalas de preconceito sutil e flagrante.

Tabela 10 – Alfa de Cronbach para as escalas de preconceito sutil e flagrante nas amostras brasileira, espanhola e outros estudos

	Preconceito sutil	Preconceito flagrante	Escore total
Pettigrew e Meertens (1995)	0,70 - 0,81	0,84 – 0,89	-
Rueda e Navas (1996)	0,68	0,70	0,87
Gómez-Berrocal e Moya (1999)	0,69	0,80	-
Espelt e cols. (2006)	0,86	0,85	0,91
Galeão-Silva (2007)	0,85	0,76	-
Nosso estudo I (Brasil)	0,69	0,45	0,75
Nosso estudo II (Espanha)	0,74	0,84	0,87

As escalas de preconceito sutil e flagrante têm coeficientes significativos de confiabilidade em nossa amostra espanhola. O alfa do escore total (0,87) foi idêntico ao encontrado por Rueda e Navas (1996). Já na pesquisa realizada no Brasil, o alfa da escala de preconceito sutil (0,69) é igual ao de Gómez-Berrocal e Moya (1999). No entanto, o índice de confiabilidade da escala de preconceito flagrante é baixo (0,45), isso significa que há pouca coerência entre as respostas dadas pelos participantes nessa escala.

A média e desvio padrão das escalas de preconceito sutil e flagrante dos dois estudos estão na tabela 11, bem como a diferença estatística entre eles para cada escala, com base na prova U de Mann-Whitney.

Tabela 11 – Média, desvio padrão e diferença significativa das escalas de preconceito sutil e flagrante nos dois estudos

Escalas	Estudo I (Espanha)		Estudo II (Brasil)		Diferença Significante
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	
Preconceito Sutil	4,6	0,9	2,1	0,7	Sim (U= 320 p <0,05)
Preconceito Flagrante	2,5	1,0	1,7	0,5	Sim (U=3880 p<0,05)
Escore Total	3,5	0,9	1,9	0,5	Sim (U=672,5 p<0,05)

A tabela acima mostra que, em nossos estudos, tanto no Brasil quanto na Espanha, a média de respostas preconceituosas é mais alta na escala de preconceito sutil do que na escala de preconceito flagrante. Tal resultado condiz com a literatura que utiliza as mesmas escalas³⁷.

³⁷ Ver Pettigrew e Meertes (1995); Ruedas e Navas (1996); Gómez-Berrocal e Moya (1999); Espelt e cols. (2006) Galeão-Silva (2007).

Tal dado também é corroborado com o resultado obtido pela prova de Wilcoxon. Tanto para a amostra brasileira ($Z=9,37$ e $p<0,000$) quanto para a espanhola ($Z=7,26$ e $p<0,000$), houve diferença significativa entre a manifestação do preconceito sutil e flagrante, ao nível de significância de 0,05. Verificamos também, estatisticamente, a correlação entre as duas escalas para cada amostra. Segundo a correlação de Pearson, temos uma correlação de 0,59 ($p<0,05$) para a amostra brasileira e 0,57 ($p<0,05$) para a amostra espanhola.

As respostas dos estudantes espanhóis são claramente mais preconceituosas. Na escala de preconceito sutil, notamos que a média da amostra brasileira está na resposta 2 (discordo em parte) . Enquanto que, na Espanha, encontramos a média de respostas entre 3 (discordo um pouco) e 5 (concordo um pouco), uma vez que, para evitar a neutralidade, a resposta 4 não existe. Em relação ao preconceito flagrante, a média dos brasileiros está nas respostas 1 (discordo muito) e 2 (discordo em parte); enquanto que os espanhóis tenderam a responder com 2 (discordo em parte) e 3 (discordo um pouco) para frases claramente racistas. Assim, concluímos que os espanhóis concordam com frases racistas de forma muito mais evidente do que os brasileiros.

A tabela 12 mostra a média, o desvio padrão e a diferença significativa, baseada na prova U de Mann-Whitney para cada item da escala de preconceito sutil nos dois estudos, isto é, no Brasil e na Espanha.

Tabela 12 – Média, desvio padrão e diferença significativa dos itens da escala de preconceito sutil, nos dois estudos

Itens da escala de preconceito sutil	Estudo I Média	(Espanha) Desvio Padrão	Estudo II Média	(Brasil) Desvio Padrão	Diferença significante
1.Muitos grupos de imigrantes vieram para o Brasil e superaram o preconceito e lutaram para encontrar seu caminho. Os negros/gitanos deveriam fazer o mesmo sem qualquer favor especial.	4,8	1,6	3,3	2,1	Sim (U= 4976,5 p<0,05)
2.Os negros/gitanos não deveriam se impor onde não são bem-vindos.	4,5	1,6	1,3	0,8	Sim (U= 1122 p<0,05)
6.A discriminação de pessoas negras/gitanas é apenas um problema de pessoas que não se esforçaram o suficiente. Caso os negros/gitanos se esforçassem mais, eles seriam tão bons quanto os brancos/ <i>payos</i> .	5,2	1,6	1,4	1,3	Sim (U= 755 p<0,05)
8.Os negros/gitanos ensinam valores e habilidades para seus filhos que não são adequados para se ter sucesso na sociedade.	4,7	1,6	1,3	0,9	Sim (U= 741,5 p<0,05)
14.Tratando-se de valores, como são negros/gitanos e brancos/ <i>payos</i> ?	4,5	1,6	2,2	1,6	Sim (U= 2659,5 p<0,05)
16.Tratando-se de valores e práticas sexuais, como são negros/gitanos e brancos/ <i>payos</i> ?	5,0	1,3	1,8	1,2	Sim (U= 909 p<0,05)
17.Tratando-se da forma de falar, como são negros/gitanos e brancos/ <i>payos</i> ?	4,8	1,6	2,5	1,7	Sim (U= 2990 p<0,05)
18.Com que frequência você sente <i>simpatia</i> pelos negros/gitanos?	4,1	1,5	1,8	1,0	Sim (U= 1530 p<0,05)
19.Com que frequência você sente <i>admiração</i> pelos negros/gitanos?	4,3	1,9	2,2	1,1	Sim (U= 3029,5 p<0,05)
15.Tratando-se de práticas religiosas, como são negros/gitanos e brancos/ <i>payos</i> ?			3,0	1,7	
6.As pessoas gitanas se diferenciam muito das não gitanas nos hábitos de higiene e limpeza.	3,7	1,7			

No que diz respeito aos itens da escala de preconceito sutil, podemos notar que as médias apresentam diferenças em relação às respostas dadas pelos estudantes no Brasil e na Espanha. Como já observado na tabela 10, as respostas dos participantes espanhóis são mais

preconceituosas, pois as médias são mais altas. Estes alunos responderam com maior frequência “concordo um pouco” para as afirmações racistas, porém sutis, acima.

As duas últimas frases da tabela acima mostram uma diferença na adaptação da escala de preconceito sutil para a realidade espanhola e brasileira. Por tratarem-se de temas diferenciados – religião e higiene, julgamos conveniente não comparar as respostas dadas a essas afirmações pelas duas amostras. A questão da higiene, item 6 da escala espanhola, foi a que teve menor pontuação na escala (3,7). Isto é, os espanhóis tendem a não concordar que os gitanos tenham diferença com eles de limpeza e higiene. Já a segunda maior média (3,0) entre os brasileiros foi justamente a que aborda a diferença entre as religiões (item 15 do questionário aplicado no Brasil). Aqui, a percepção da diferença, ainda que possa ser exagerada, merece ser avaliada com cuidado. Notar a diferença religiosa, provavelmente mais histórica do que atual, não necessariamente significa em si expressão do racismo. Mas a concordância com essa diferença juntamente com outras afirmações podem ser avaliadas como racistas. Nesse sentido, é preciso avaliar o questionário como um todo.

A maior concordância entre os brasileiros é para a afirmação 1, a qual diz respeito à “luta” dos negros sem nenhum “favor especial”. Nesse item, a média 3,3 mostra que a maior parte dos alunos respondeu “discordo um pouco”. Os espanhóis, para a mesma afirmação, tiveram a média 4,8 que, embora seja alta, não é a mais alta dada por eles. Acreditamos que, também nesse sentido, está a maior média de respostas dada pelos alunos espanhóis na escala sutil (5,2), no item 6, uma vez que esse item coloca na questão do “esforço” como a chave para o fim do problema vivido pelos gitanos.

Para os espanhóis pesquisados, há diferença quanto aos “valores e práticas sexuais” dos gitanos e não gitanos, questionada no item 16, uma vez que a média de respostas para essa afirmação foi a segunda mais alta da escala (5,0). Embora não seja algo em si conclusivo, o exagero das diferenças culturais é considerado pelos autores Pettigrew e Meertens (1995) um fator importante na explicação do preconceito sutil. Isso porque quando se generaliza a diferença de um grupo pode-se com isso criar uma barreira facilitada pelos estereótipos de que a diferença do outro, causada pela sua pertença a um determinado grupo, envolve características já conhecidas. Tal mecanismo pode impossibilitar a experiência ou enviesá-la por esse conceito prévio.

Também o item 2 teve respostas de discordância entre os brasileiros (média 1,3). Tal item diz respeito à “não imposição dos negros onde não são bem-vindos”. Esse dado mostra que os brasileiros não concordam com tal afirmação racista, coerente com o direito democrático de ser recebido nos lugares, independente da situação ser “bem-vinda” ou não.

A tabela 13 apresenta a média e desvio padrão dos itens referentes à escala de preconceito flagrante para os estudos desenvolvidos no Brasil e na Espanha.

Tabela 13 – Média, desvio padrão e diferença significativa dos itens da escala de preconceito flagrante, nos dois estudos

Itens da escala de preconceito flagrante	Estudo I Média	(Espanha) Desvio Padrão	Estudo II Média	(Brasil) Desvio Padrão	Diferença significante
3.A maioria dos negros/gitanos que recebem assistência social poderia continuar vivendo bem sem essa ajuda.	4,1	1,8	2,4	1,6	Sim (U= 3915 p<0,05)
4.Os negros/gitanos têm empregos que deveriam ser dos brancos/ <i>payos</i> .	2,2	1,5	1,2	0,9	Sim (U= 4091 p<0,05)
5.Brancos/ <i>payos</i> e negros/gitanos dificilmente estão confortáveis uns com os outros, mesmo sendo amigos próximos.	2,3	1,7	1,6	1,2	Sim (U= 5750 p<0,05)
7.Estão errados os governantes que se preocupam mais com os negros/gitanos do que com os brancos/ <i>payos</i> em dificuldades.	2,4	1,3	3,9	2,2	Sim (U= 5068 p<0,05)
9.Os negros/gitanos vêm de povos menos capazes, e isso explica porque eles não são tão bons quanto a maioria dos brancos/ <i>payos</i> .	1,6	1,0	1,1	0,4	Sim (U= 5355 p<0,05)
10.Eu não teria relações sexuais com um (a) negro (a) /gitano (a).	3,6	2,2	1,6	1,4	Sim (U= 3308 p<0,05)
11.Eu não gostaria que um negro/gitano, suficientemente qualificado, fosse escolhido pra meu chefe.	1,7	1,3	1,0	0,3	Sim (U= 5405,5 p<0,05)
12.Eu não gostaria que um negro/gitano, do mesmo nível social que o meu, se casasse com algum familiar próximo a mim.	2,6	1,8	1,1	0,5	Sim (U= 3321,5 p<0,05)
13.Tratando-se de honestidade como são negros/gitanos e brancos/ <i>payos</i> ?	3,0	1,8	1,6	1,1	Sim (U= 4248 p<0,05)
20. Como você se sentiria caso um (a) filho (a) seu tivesse um filho com uma pessoa negra ³⁸ /gitana e com características muito diferentes das suas?	1,5	1,1	1,4	0,8	Não (U= 0000 p>0,05)

³⁸ Nessa frase, a expressão “pessoa de cor” foi substituída por “pessoa negra”.

Não houve diferença significativa nas respostas dos estudantes brasileiros e espanhóis quanto ao item 20, sobre a descendência com alguém negro/gitano – o que demonstra que os alunos não se incomodam com a semelhança física de um descendente com um negro/gitano, tanto no Brasil quanto na Espanha.

A média mais alta entre as duas amostras também apontaram uma opinião em comum. No Brasil, o item 7 (sobre preocupação do governo com negros em dificuldades) teve média 3,9. Enquanto que na Espanha, foi o item 3 (sobre assistência social) que teve pontuação maior: média 4,1. Isso significa que incomoda aos respondentes *payos* e aos brasileiros (em sua maioria, brancos) a preocupação do governo com políticas de assistência ao grupo discriminado em questão. Tal dado aparece claramente nas entrevistas no Brasil, quando o tema é cotas; e será discutido no item 5.2.2.

5.1.2 Identificação cor/raça

Duas questões abertas compunham a identificação cor/raça do questionário, baseadas em Venturi e Bokany (2005). A apresentação íntegra das respostas está nas tabelas 16 e 17 dos apêndices 2 e 3, respectivamente. A tabela abaixo aponta os resultados para a primeira pergunta aberta “Qual é a sua cor?”. Reunimos as 14 respostas de cores que não eram branca, por terem aparecido numa frequência menor.

Tabela 14 – Frequência e porcentagem de respostas para a pergunta aberta 1 “Qual é a sua cor?” dos participantes do estudo II (Brasil), em duas categorias

Cor	Frequência	Respostas
Branca	178	75,8
Não Branca	56	23,8
Não respondeu	1	0,4
Total	235	100

Como vemos na tabela 14, 75,8% dos participantes responderam “branco” para a primeira pergunta aberta “Qual é a sua cor?”, enquanto que 23,8% tiveram respostas que podem ser classificadas como “não-branco”. O que é próximo das respostas dadas para a pergunta fechada e apresentadas na tabela 2: 77% responderam branco e 23% apresentaram outras respostas, classificados por nós, como não branco.

No entanto, embora 75,8% dos alunos se identifiquem como brancos na pergunta aberta e 77% na pergunta fechada, apenas 32,3% do total de participantes responderam ter ascendência exclusivamente branca ou européia³⁹ para a pergunta aberta 3: “Considerando a

³⁹ Para chegarmos a esse número, somamos as respostas “branco” e as respostas referentes à ascendência exclusivamente europeia, tais como: “português”, “espanhol”, “austríaco”, “francês”, “lituano”, “grego” e

cor da pele, raça ou etnia (ou origem) dos seus pais e avós, quais são as suas combinações de raça ou cor?”. Enfim, somando todas as respostas abertas para esta pergunta, notamos que 65,6% dos participantes apresentam alguma mestiçagem (seja com negro, indígena, judeu ou oriental), mas apenas 14,9% se definem como mestiços para a pergunta fechada 2 (ver tabela 1). Além disso, 28,9% apresentam ascendência mestiça com negros⁴⁰, mas apenas 3% se identificou como preto para a pergunta 2.

Esses dados mostram que a grande maioria dos alunos participantes da pesquisa se identificam como brancos, mas uma porcentagem bem menor tem exclusivamente uma ascendência considerada branca, ou seja, européia – o que evidencia a influência existente até hoje do ideal do branqueamento.

Podemos comparar esses dados com os apresentados por Venturi e Bokany (2005). Como a pesquisa desses autores foi ampla, houve maior diversidade na composição da amostra. Na primeira pergunta aberta: “Qual é a sua cor?”, 38% das respostas foi “branca”. No nosso estudo, trata-se de 75,8%. Isso se deve ao fato de nossa amostra ser composta exclusivamente por alunos universitários. Tivemos o cuidado de escolher um curso de graduação que, usualmente, tem mais alunos negros que outros cursos. No entanto, ainda assim, nossa amostra é, sobretudo, branca.

Guardada as devidas diferenças, cerca de 60% em ambas as pesquisas responderam ter ascendência mestiça. Como já explicitado no capítulo anterior, apesar de nos basearmos nas perguntas elaboradas por Venturi e Bokany (2005), substituímos a palavra “pardo” por “mestiço”. Em nosso estudo, apenas 14,9% se identificaram como “mestiço” na pergunta fechada; enquanto que, no estudo de Venturi e Bokany (2005), para a mesma pergunta fechada, 34% se disseram “pardo” e 10% responderam espontaneamente “pardo” na pergunta aberta “Qual é a sua cor?”. Assim, concluímos que os participantes de nossa pesquisa apresentaram em suas respostas maior discrepância entre identificação cor/raça e ascendência que os sujeitos de Venturi e Bokany (2005).

5.2. Entrevistas

Foram realizadas 15 entrevistas. Quatro alunas foram entrevistadas na pesquisa realizada na Espanha (estudo I) e onze estudantes participaram da entrevista na pesquisa do Brasil (estudo II). A transcrição literal das entrevistas está nos apêndices 8 e 9.

A análise das entrevistas será apresentada de forma diferente para cada estudo.

“europeu”. Para mais detalhes, ver tabela 17, apêndice 3.

⁴⁰ Para esse dado, somamos as respostas do tipo “negro”, “preto”, “mulato” e “africano”.

Primeiramente, no item 5.2.1. “Análise comparativa: entrevistas e questionários – Espanha (estudo I)” apresentamos a análise das entrevistas realizadas na Espanha, conjuntamente com os respectivos questionários das entrevistadas. Isso porque o número e o conteúdo dessas entrevistadas não nos permitiu elaborar categorias. No entanto, importantes reflexões foram possíveis. Já no item 5.2.2 “Análise das entrevistas – Brasil (estudo II)”, apresentamos e discutimos as categorias elaboradas a partir de repetidas leituras das onze entrevistas realizadas no Brasil. Em seguida, no item 5.2.3 “Análise comparativa: entrevistas e questionários – Brasil (estudo II)”, temos a comparação entre as respostas dadas pelos entrevistados nos questionários e o conteúdo das entrevistas.

5.2.1. Análise comparativa: entrevistas e questionários - Espanha (estudo I)

A análise das entrevistas realizadas na Espanha é apresentada de forma diferenciada à análise do estudo anterior. Isso porque as entrevistas do estudo I são mais curtas e em menor número. Assim, não nos pareceu conveniente organizá-las em categorias. Apresentamo-las, aqui, relacionando as ideias principais das entrevistas com os resultados principais obtidos nas escalas de preconceito sutil e flagrante de cada aluna entrevistada.

As citações foram traduzidas do espanhol para o português, livremente, pela pesquisadora. As entrevistas em espanhol, na íntegra, estão no apêndice 8.

Diana⁴¹ é a entrevistada com falas mais claramente racistas. Ela é, dentre os respondentes ao questionário, a que apresenta o escore total mais alto. Sobre o questionário, ela diz:

[E sobre o questionário, você tem algo a dizer?] Eu sou mais rígida. Eu concordo bastante com eles, é pelo que conheço. (Diana)

O que ela diz conhecer não é de nenhuma experiência direta com os gitanos. Ao contrário, sua chamada “experiência” vem do relato de terceiros:

[Como foi sua experiência com os gitanos?] Não, de experiência, não... com eles... mas de onde sou, da minha cidade, mas para os lados de onde são minhas amigas e tal... tem bastante e causam problemas até chegar a conflitos graves... conflitos entre gitanos e payos... De chegarem a facadas... e tudo isso... com facas... e por isso, eu, da experiência que tenho... minhas opiniões... são bastante rígidas! (Diana)

⁴¹ Diana tem 19 anos e escore total de 125 (61 pontos na escala de preconceito sutil e 64 na escala de preconceito flagrante).

A experiência que relata, então, é o que contam suas amigas que moram perto de uma comunidade gitana. Sobre o porquê dessa situação, ela reafirma os conflitos existentes e o fato de serem tais conflitos a justificativa para sua opinião:

[E por que você acha que isso acontece?] Por quê? Porque, eu acho, pelos conflitos que existem entre *payos* e gitanos. Porque se tivesse conflitos, bem, eu teria outra opinião. Pelos conflitos com brigas. Morreu mais de um *payo*... gitanos... é pelo que conheço, existem outros problemas iguais. Mas, é pelo que conheço. Pois minha opinião é diferente, ou melhor, a de outra pessoa que não teve essa experiência. (Diana)

Ainda que as informações lhe cheguem pelo viés das amigas, Diana afirma que outra pessoa sem acesso a elas, pode ter outra opinião. Interessante que nenhum questionamento é feito sobre a veracidade ou parcialidade de tais informações. Sobre como a situação de conflito entre gitanos e *payos* poderia mudar, ela afirma que é preciso deixá-los longe:

[E o que poderia ser feito para mudar isso?] Deveriam colocá-los mais distante... fazer uma separação entre *gitanos* e *payos*. (Diana)

A separação já existente entre *payos* e gitanos não é suficiente para Diana. Seria preciso colocar os gitanos ainda mais longe dos olhos dos *payos*. Com exceção da entrevistada Josefa, nenhuma entrevistada tem contato com um gitano que faça parte da comunidade gitana⁴². O segregacionismo racista evidente na fala de Diana é acompanhado pela culpabilização dos gitanos:

[E por que você acha que acontecem esses conflitos com os gitanos?] Acho que é pelo jeito deles de ser. E que... por mais que se faça... eles são assim. (Diana)

Segundo Diana, por mais que se faça em prol dos gitanos, eles são assim. Eles têm um jeito de ser que os levam a conflitos. Sua opinião de que seria preciso deixá-los ainda mais distantes é coerente com essa percepção. É importante perceber que tal opinião não venha de uma experiência direta, o que evidencia seu preconceito. Ela não considera em nenhum momento a hipótese de tentar conhecer algum gitano por si mesma, pessoalmente, tampouco

⁴² Tal fenômeno parece ser frequente em Murcia. Todos os amigos espanhóis da entrevistadora foram questionados sobre o contato com pessoas gitanas. Nenhum deles tinham amigos gitanos. Alguns eram estudantes de Serviço Social e tinham bastante contato com grupos discriminados. Mas não gitanos. A única relação com eles é, informalmente e com certa distância, nas feiras de rua, semanais.

fala da possibilidade da opinião de suas amigas ser preconceituosa ou equivocada. Ela chama essas informações que recebe como experiência e a toma como fonte da realidade. A razão do conflito entre os dois grupos aponta a “idiossincrasia” do grupo discriminado, ou seja, é como se fosse natural dos gitanos serem a origem de conflitos. Diana tem uma postura claramente segregacionista: é preciso manter os gitanos longe. Além do determinismo em seu discurso, a segregação desejada revela a intolerância à diferença. Quanto ao questionário, a resposta menos preconceituosa foi em relação a sentir compaixão. Ainda que sinta compaixão, algumas vezes, esta não é suficiente para que se identifique com os gitanos e tente refletir sobre seus preconceitos e os que lhes são passados pela voz das amigas.

Angélica⁴³ tem uma das pontuações mais baixas, responde quase sempre em desacordo com as frases racistas. No entanto, ela é a única entrevistada que apresenta uma fala etnocentrista ao abordar a superação da discriminação:

Eu acho que a discriminação deveria acabar... então, fazendo uma melhor política de integração com eles, dando a eles mais possibilidades, ensinando outros costumes pra eles, desde a mesma escola para que as crianças pudessem aprender essas coisas, e dando mais informações sexuais para eles, e tudo isso... *[E como é isso de ensinar outros costumes?]* Por exemplo, ensinar a eles os costumes que nós *payos* temos... (Angélica)

O etnocentrismo de Angélica está na proposta em ensinar os costumes *payos* aos gitanos. Essa seria a forma de acabar com a discriminação. Isto é, segundo ela, os gitanos são discriminados devido aos costumes diferentes que têm. Mudando tais costumes, a situação de discriminação também mudaria. Além disso, ela acredita que eles não tenham informações sexuais. Nessa mesma lógica, Angélica fala das diferenças sexuais e religiosas:

[E você acha que os gitanos são muito diferentes dos payos?] Sim, por exemplo, os costumes sexuais deles. *[Sexuais?]* Sexuais deles, sim, por exemplo, o da virgindade antes de se casar. E também a discriminação pelas preferências sexuais, por exemplo, se são homossexuais, então... a maioria... e isso... *[E você acha que existem outras diferenças?]* Sim, e também são muito religiosos e muito... estão muito centrados nisso. E... como que não variam muito seus costumes. (Angélica)

Aqui, Angélica fala da importância da virgindade e da homofobia como diferenças sexuais entre *payos* e gitanos. Sobre a questão religiosa, ela diz que eles estão muito

⁴³ Angélica tem 23 anos e escore total de 45 (23 pontos na escala de preconceito sutil e 22 na escala de preconceito flagrante).

“centrados” e não “variam” seus costumes. No entanto, ao final da entrevista, a entrevistada fala do respeito que se deve ter à religião muçulmana:

Eu... não conheci gitanos, mas imigrantes sim... muçulmanos... Sim, e eles usam véu... e ninguém os discrimina. E... essa pessoa tem muitos amigos e tudo mais. E pra mim, não me importa estar com esse pessoal. [*E você acha que são muito diferentes?*] Claro, principalmente, na religião, na questão religiosa. [*Você acha que eles têm que mudar o costume deles?*] Eu acho que a religião não se muda nas pessoas. Acho que temos que nos aceitar uns aos outros e tentar conviver com todos. Nós temos que aceitar que ela tem um véu e que tem sua religião. E ela tem que aceitar que nós usamos menos roupa e que podemos ter ou não alguma religião. (Angélica)

O imigrante merece respeito e é necessário aceitá-lo como ele é. Mas tal lógica não cabe aos gitanos. Isso mostra que as relações estabelecidas com os gitanos e imigrantes são estruturalmente diferente. O convívio com os gitanos datam de cerca de seis séculos, enquanto a imigração a que se refere Angélica é um fenômeno das últimas décadas na sociedade espanhola. É mais fácil respeitar o imigrante, esse outro estrangeiro, com peculiaridades marcadas. Já os gitanos, embora estejam próximos têm, hoje, uma relação de distância com os *payos*. Isso porque sua língua própria foi proibida e a maioria de seus costumes muito diferentes também.

Angélica não passa incólume à existência do racismo na Espanha:

[*E você acha que tem discriminação contra os gitanos?*] Sim, tem discriminação, sim. E com pessoas de outros países também. Sim, tem discriminação tanto contra os gitanos quanto contra os imigrantes. [*E quando você percebe isso?*] Então, por exemplo, a discriminação por palavras... Pelos insultos, pelas humilhações. [*E você já ouviu...?*] Sim, eu já ouvi comentários sobre eles... (Angélica)

Angélica cita os insultos e humilhações que tanto gitanos quanto outros estrangeiros vivem. Em outro momento da entrevista, ela repete:

[*E você acha que tem discriminação?*] Então, ninguém pode dizer que não existe discriminação e racismo. Tem muitíssimo. (Angélica)

No questionário, Angélica não mostra muito preconceito em suas respostas, mas também não parece disposta a ter mais proximidade com os gitanos⁴⁴. Na entrevista, ao notar

⁴⁴ Angélica responde “Discordo em parte” para a afirmação: “Não me importaria se um dos meus parentes mais próximos se casasse com um gitano, de um nível parecido com o meu.” e “Um pouco em desacordo” para a frase:

que as ofensas partem de um e outro grupo, faz um esforço para não idealizar nenhum. Tem uma fala inicial antirracista. Porém, a forma como defende mudanças é claramente assimilacionista, pois é necessário mudar o que os gitanos são. Além do mais, quando se trata do véu de muçulmanos, diz que é necessário respeitar a diferença religiosa. Provavelmente porque os muçulmanos são imigrantes e não cidadãos espanhóis, sente facilidade em defendê-los. Mas, para aqueles que estão mais próximos, é mais difícil tal respeito.

Diferentes de Diana e Angélica que têm falas mais explicitamente racistas, as próximas duas entrevistadas Soledad⁴⁵ e Josefa⁴⁶, ainda que com escores não muito baixos nos questionários, têm um discurso antirracista. A começar por Soledad que citou situações em que nota o racismo, com certa indignação:

(...) o que acontece é que pagam justos por pecadores, no fim. E lá... muito ruim... Em Canaiero... Como existem pessoas que não se dedicam do mesmo jeito... o que acontece é que como são grupos minoritários e, de cinco, se dedicam quatro, claro, tem só um que não se dedica... e o mais... [*Se dedicam a que?*] A drogas... Lá, por exemplo, o caso que eu conheço, é um exemplo vivo. Tem gente que não se dedica... mas não estão nada integrados. [*E há payos que se dedicam a mesma coisa?*] Sim! Sim! Igual! É o que estou dizendo! Claro, do mesmo jeito que um payo pode se dedicar... mas... claro, se tem um grupo... um grupo minoritário, que tem muito poucos... não sei, de vinte, se dedicam quinze, é claro, é como se só eles se dedicassem. Mas... lá, não sei. E são muito agressivos, sempre estão atrás de brigas. Então... Lá, onde vivo, tem casos, estão muito separados e não querem se integrar... não querem... e claro, claro... nem as pessoas querem também que eles se integrem. Então, lá, sim, sempre tem problema. (Soledad)

Soledad relata os conflitos entre *payos* e gitanos onde mora. Ela nota o preconceito que existe contra os gitanos quando diz que “pagam justos por pecadores” no que diz respeito ao tráfico de drogas. No entanto, ela acusa os gitanos envolvidos com este tráfico de “estarem sempre buscando brigas” e não estarem “integrados”. Mas, em seguida, como um contraponto, lembra que os *payos* dessa comunidade não querem integrá-los. Ela explica melhor o preconceito que nota nos *payos*, a seguir:

“Eu estaria disposto a ter relações sexuais com uma pessoa gitana.”

⁴⁵ Soledad tem 23 anos e escore total de 66 (40 pontos na escala de preconceito sutil e 26 na escala de preconceito flagrante).

⁴⁶ Josefa tem 20 anos e escore total de 63 (44 pontos na escala de preconceito sutil e 19 na escala de preconceito flagrante).

[E como você acha que as coisas podem mudar?] Lá, já, como as coisas estão, é muito difícil. É muito difícil... que as pessoas... já é como... a mentalidade que têm, é que estão lá pra dar problema... então, é muito difícil... *[Os gitanos?]* Não, os *payos*, os *payos*. Muito difícil, porque já... de antemão... que estão lá para criar confusão e não querem confusões. *[Confusões?]* Problemas, brigas, disputas, principalmente. E lá está muito difícil que eles se integrem. (Soledad)

Os *payos* já pensam de antemão que os gitanos só querem “brigas”. Soledad, diferente de Angélica que acredita ser uma questão do “jeito de ser” gitano que só poderia ser mudado com o ensino dos costumes *payos*, ou de Diana que deseja ver os gitanos ainda mais afastados, nota as dificuldades a que passam os gitanos. Na próxima citação, ela relata uma situação que viu:

[E você acha que tem discriminação contra os gitanos?] Acho que sim, claro. *[Onde mais você viu uma situação e pensou: “isso é discriminação”?]* Não sei... mas, faz pouco tempo, por exemplo, estive na polícia para fazer minha carteira de identidade, na delegacia de polícia. E uma moça com uma criança e tal... ela era gitana, e dava para perceber que tinham prendido seu marido... tinham prendido... estávamos na delegacia. E a moça chegou para perguntar, então, onde poderia ir para vê-lo, onde teria que ir para vê-lo e quando iam soltá-lo, ali, é fatal o tratamento do mesmo policial... para... ali, estava eu... não lhe deram nenhum tipo de... não lhe disseram nada... sabe, diretamente a tiraram e disseram: fora! Sem dizer nada... nem onde teria que ir para ver seu marido... nada. E o mesmo policial. E a mesma moça saiu dizendo: “se fosse uma *paya*... não podem me dizer onde tenho que ir!” Para ver seu marido, seu irmão, o que... E ali mesmo, a discriminação total do mesmo policial. (Soledad)

A mesma funcionária da delegacia de polícia dispensa um tratamento totalmente diferenciado a ela e a gitana. A gitana simplesmente não foi atendida, não conseguiu ver seu companheiro e ainda foi expulsa da delegacia, de um lugar público, onde tem o direito de estar e o Estado tem o dever de atendê-la. Outra situação citada por Soledad se refere à vizinhança:

No meu bairro... uma igreja... é o mesmo, os vizinhos estavam reclamando que estavam ali todos os dias, que não sei quê, e falei: “Por que te incomoda? Eles vivem aqui...” *[E são gitanos?]* Sim, são gitanos. Em um lugar embaixo da minha casa... abriram uma igreja e o prédio todo é de *payos*. Então, eles estavam reclamando que estavam lá, que incomodavam, que faziam barulho... *[E não estavam?]* Não, eles não se metem... eu não sei... normal. Se fossem *payos*, certeza que não incomodariam. Não teria problema. (Soledad)

Segundo Soledad, o barulho dos gitanos que incomoda os *payos* não incomodaria se não fossem gitanos. O problema, então, como já deixou claro Diana, é ter gitanos por perto. Atenta a essas contradições, Soledad critica a falta de consciência do racismo:

(...) tem gente que pensa: “Eu não sou racista, não sou racista, não discrimino”, mas se acaba... durante a vida, você encontra muitíssimas situações em que você mesma... ou melhor, se acaba como... com medo, é como rejeição, eu não sei... E mesmo, no ônibus, as pessoas não se sentam ao lado de uma pessoa gitana, procura qualquer outro lugar, isso é racismo! Sim, existe racismo. (Soledad)

A entrevistada comenta o autoengano presente no pensamento sobre si mesmo como não racista. Nesse momento, ela passa a falar na primeira pessoa do plural, se colocando também como alguém que passa por isso. Pensar que não se é racista é negado pelas próprias situações da vida que mostram racismo, tais como sentir medo, rejeitar, não sentar-se perto de um gitano... Em seguida, Soledad explica melhor seu pensamento sobre isso:

[E você acha que quando as pessoas dizem que não são racistas...acreditam mesmo que não são racistas?] É, faltamente... é que não se dão conta de que são racistas... eu tenho amigos... gente que acredita que não é racista... têm a ideia básica e tal, mas quando começa a conversar com as pessoas e perguntar... eles vêm com: “tenho um amigo que não sei o quê...”, “meu vizinho é...”, “os gitanos...”, “os marroquinos...”, “e eu converso com eles e me dou muito bem...”. Sim, você fala com eles, se dá bem, mas na hora de... não vai ter mais união... eles ali e você aqui. É o que eu penso... que sim, sim, tem racismo. (Soledad)

O racismo, segundo essa fala de Soledad, parece um tema “tabu”. Ninguém quer ser acusado de racista. E, de fato, segundo ela, há quem pensa que não é racista. No entanto, outros momentos mostram certo afastamento em relação às pessoas desses grupos discriminados. Isso significa que, para Soledad, pode existir algum convívio dos *payos* com os gitanos, no entanto tal convívio tem um limite claro da superficialidade, pois quando for necessário “união”, ela não ocorrerá, o que ela entende como racismo. Ao final da entrevista, quando comenta o questionário, Soledad admite seu próprio racismo:

[Alguma coisa mais?... Sobre o questionário?] O questionário... tem muitas perguntas que você fica pensando... sou muito racista... *[O que você disse? “Que sou muito racista” ou “que são”...?]* Porque a ideia seria responder... se você não é racista, responder a tudo que

não... E tem que... quando tem uma pergunta... não estou de acordo... você acaba... isso sim, isso não... então, temos muito preconceito... principalmente muito preconceito também... que não chega a tratar a essa pessoa realmente como ela é, mas como você acredita que ela é... tem muito preconceito... tem muito... (Soledad)

Soledad nota que a concordância com o questionário significa racismo. O escore total dela é de 66. Sua pontuação na escala sutil é considerada alta. Assim, quando admite seu racismo, ela está sendo coerente com a percepção de que para não ser racista seria preciso discordar das frases racistas. Mas ela não discorda de todas.

Além do mais, nos chama a atenção o fato dela ter dito que não conhece ninguém da comunidade gitana, mas mora próximo de vários gitanos. A contradição vivida e expressa por Soledad entre ver a discriminação e injustiças que vivem os gitanos e permanecer distante deles é significativa de uma relação possível hoje entre grupos discriminados e não discriminados. Ela nota o racismo sutil. Sabe da falácia presente em afirmações do tipo: “Eu não sou racista, mas...”. No entanto, não vai além disso.

Josefa, seguindo um caminho similar de percepção e reflexão, também denuncia o racismo dissimulado:

[E quando você vê uma situação que você pensa: isso é racismo?] Isso se vê quando qualquer um diz... se você pergunta para alguém: “Você gostaria de ter um vizinho gitano?”. Eles dizem que não. Qualquer pessoa... nada... qualquer pessoa... se dizem a eles: “Você quer viver em um bairro com gitanos?”. Totalmente, dizem que não. Vão para outro lugar para viver. Ninguém quer ter contato com os gitanos. E mais, na Espanha, dizer “gitano”, isso é um insulto. Dizer: “gitaninho”, “você é um gitano”. Isso é um insulto. Sim, isso é um insulto. É igual... é como dizer um “mourinho”, um gitano... são insultos. Então, nós dissemos isso muito tranquilamente (Josefa)

Josefa dá exemplos concretos de como se pode notar o racismo de alguém: qualquer possibilidade de proximidade é evitada. Além disso, ela lembra que o uso da palavra gitano no cotidiano *payo* já tem uma conotação pejorativa denunciadora do racismo. Ela termina a passagem, afirmando na primeira pessoa do plural, que tais “insultos” são ditos tranquilamente. Em outro momento da entrevista, ela dá mais elementos dessa percepção:

[Eu li ontem que o governo da Espanha disse... que não tinha racismo, isso nos anos 80... que não tinha racismo na Espanha...] Na Espanha, sim, tem racismo. Se tem alguém que diz que não tem racismo, está mentindo. Se dizem: “Eu, eu aceito os gitanos, aceito os muçulmanos, aceito os árabes, mas que comigo...”. Sabe que

sempre vão colocar... “Eu não sou racista, mas que comigo... que não cheguem perto...”. É a mentalidade da Espanha, não é? “Eu não sou racista, mas comigo... que não tenham nada.” Isso é ser racista. Ou seja, por muito que se enganem, tentamos passar que não somos racistas. Mas, isso não é verdade. Somos racistas. E isso é assim. Não sei por que, mas somos racistas. (Josefa)

A “mentalidade” espanhola, segundo Josefa, é afirmar uma posição não racista que não se sustenta, porque a proximidade é preterida. Em outro momento da entrevista, ela fala também do quanto a Espanha é um país preconceituoso e, logo, afirma uma postura antirracista:

[E como você acha que essa situação pode mudar?] Mudar a situação seria esquecer dos preconceitos e avançar na forma de pensar. Eu acho que, na Espanha, somos um país muito fechado, muito conservador, com muitos preconceitos. E com muitos... preconceitos contra os que não são como nós, como já disse, como os gitanos, os mouros. Eu acho que isso que temos que mudar... a mentalidade e deixarmos de ser tão covardes, como eu disse antes, e aprendermos a conhecer outras culturas, aprendermos a nos relacionarmos sem pensar em raça, nem nada. E, eu sei... em parte, eu sei que também é verdade que eles têm que colaborar mais porque quando digo que temos que deixar de ter preconceitos significa de uma forma mútua, que eles também não tenham tanto preconceito contra os *payos*, e os *payos* não tenham preconceito contra... que se atrevam a se conhecer... e deixem as diferenças em casa, porque é normal que cada cultura tenha uma forma de pensar e um valor, e isso não vamos mudar, mas nos moldarmos, um pouco, ao outro. (Josefa)

A fala de Josefa é claramente antirracista. Pensando na superação dos conflitos existentes entre *payos* e gitanos, ela defende uma melhor convivência a partir da “adaptação” ao outro diferente. Para tal, é preciso “atraver-se a conhecer”. Josefa não idealiza nenhum dos dois lados, uma vez que também aborda o preconceito e fechamento dos gitanos em relação aos *payos*. A mudança de mentalidade para a superação de preconceitos deve atingir a todos, segundo ela. Em seguida, Josefa explica melhor o que ela está chamando de “moldar”:

Não mudar nossos valores, mas, sim, nos moldarmos. *[Moldarmos?]* Moldarmos um ao outro, adaptarmos, sem mudar nossa forma, mas é possível. *[E adaptarmos significa que os payos...]* Claro, aprender mutuamente a nos relacionarmos, sem mudar nossa forma de pensar, sem mudar nossos valores, porque isso não se pode fazer... também não pode a gente... a cultura tirar os valores, matar a cultura, pra mim, isso não seria bom, que de repente, os espanhóis tivéssemos... que tivéssemos que mudar para

a cultura gitana, que deixem de viver assim, que deixem de se comportar assim. Pois, não! Porque sua cultura, sua vida. Isso não se pode fazer. Temos que fazer o seguinte: aprender a viver com eles, a conviver. (Josefa)

Diferente de Angélica, Josefa defende o respeito a toda e qualquer cultura e acredita ser possível a convivência com o diferente, por um processo que ela chama de “moldar” e “adaptar” um ao outro. De todas as entrevistadas, Josefa é a única que tem proximidade com os gitanos. Ela deixa isso claro desde o começo da entrevista:

[Você tem alguma experiência com gitanos? Você conhece gitanos?] Sim, conheço gitanos. Inclusive, estou saindo com um moço gitano. E, na verdade, é que eu não tenho nenhum tipo de preconceito, de nenhum grupo, de nada. Se a pessoa é gitana, nem... porque isso não me põe nenhuma questão, nem nada, se são de uma etnia ou de uma... *[Etnia?]* Etnia gitana? Raça. *[Ah, entendi.]* Para mim, isso não me... a pessoa me diz como é... de como é seu jeito, sua personalidade... e não que seja gitana, que seja árabe, que seja... não sei, é isso. *[E você tem muitos amigos que são gitanos?]* Sim, tenho amigos. Inclusive tenho família... que não tem a ver comigo, mas tenho família... que são gitanos também, por parte do seu pai ou da sua mãe... *[Pessoas que são casadas com pessoas de sua família, é isso]* Sim, sim. *[Mas, você não tem ascendência gitana?]* Não. (Josefa)

Josefa diz não ter nenhum tipo de preconceito a nenhum grupo étnico ou racial, logo no começo da entrevista. Com uma fala antirracista, ela afirmou mais para o fim que seus pais são racistas. Diante dessa diferença em relação aos genitores, ela fala:

(...) é que meus pais são muito... têm outra educação, são de outra época. Eu sou uma pessoa muito liberal na forma de pensar, né? Eu sou... eu sou tolerante e respeito a todos. Enquanto houver um limite de respeito com a outra pessoa, acho que é preciso ser tolerante. Aceitar todas as ideias e tudo... porque cada pessoa é um mundo, cada um tem seu jeito, cada um tem uma forma de pensar. Eu acho que, enquanto houver um respeito mútuo, pode haver tolerância. (Josefa)

A proximidade que Josefa afirma ter com gitanos em relações de amizade e família é coerente com a resposta que dá no questionário sobre o tema. Tem uma fala claramente antirracista. A percepção de que a mudança envolve os dois grupos é interessante porque não coloca nem um nem outro de forma romantizada. Diferente das outras entrevistadas, sua fala não tem um tom de “assimilação” como forma de resolução de conflitos. Fala de convivência e de aceitação das diferenças. Entretanto, seria de se esperar que seu escore no questionário

fosse dos mais baixos. Mas não é o que acontece. Para ter respostas totalmente não racistas uma pessoa somaria 20 pontos. Josefa tem 63. Como interpretar essa discrepância? Seria uma limitação do questionário? Ou, ao contrário, na entrevista, ela já teria se preparado mais com um discurso antirracista, e o questionário mostraria mais o que ela realmente pensa?

As entrevistas realizadas na Espanha, ainda que tenham sido poucas e não muito longas, nos trouxeram algumas questões. Primeiramente, percebemos diferenças nas respostas dadas ao questionário e nas entrevistas. Esperávamos falas não racistas dos entrevistados com baixo escore e falas racistas dos que tivessem apresentado alto escore. Mas, a relação entre questionário e entrevista não foi tão simples assim. Entrevistadas com fala antirracista como Soledad e Josefa têm altos escores, embora estejam abaixo da média da amostra de respondentes espanhóis.

Além disso, do que pudemos observar da fala das entrevistadas, sem generalizações perigosas, notamos alguns elementos: (1) o pouco relacionamento com o grupo discriminado; (2) a defesa do segregacionismo como a solução para os conflitos entre *payos* e gitanos; (3) a defesa de uma política de integração etnocentrista; (4) a percepção da discriminação dos gitanos; (5) admissão do próprio racismo; (6) fala antirracista politicamente correta incoerente com o escore das escalas. Esses elementos também seriam encontrados nas entrevistas realizadas no Brasil?

5.2.2. Análise das entrevistas - Brasil (estudo II)

A análise das entrevistas foi feita a partir das ideias principais ditas pelos alunos. As entrevistas foram lidas e relidas diversas vezes e, posteriormente, organizadas nas seguintes categorias: (1) A sutileza do racismo (ou racista é o outro – um outro genérico); (2) Brincadeiras racistas (ou racista é o outro – um outro próximo); (3) O dedo apontado para o negro (ou racista é o negro); (4) Raça e classe (ou racistas são as cotas); (5) Pseudoneutralidade (ou eu não sou racista); e, finalmente, (6) Admissão do próprio racismo (ou eu sou racista).

Na primeira categoria “A sutileza do racismo (ou racista é o outro – um outro genérico)”, temos falas que descrevem situações de discriminação racial de forma sutil em que o racismo é percebido pelo entrevistado na fala, pensamento e ações de outras pessoas - que não ele mesmo. O racismo aqui é apontado no outro, mas trata-se, de modo geral, de um outro genérico, distante. Em sua maioria, nessa categoria, os entrevistados falam do racismo na sociedade, ou lembram situações observadas em ônibus, nas ruas; fazem referências a novelas, filmes, palestras; a casos ocorridos com amigos mais distantes. Já na segunda

categoria “Brincadeiras racistas (ou racista é o outro – um outro próximo)”, o racismo é, de novo, apontado no outro, mas é um outro próximo, isto, é trata-se de ocorrências na família e com amigos mais íntimos. É nesse contexto que se pode “brincar” com o racismo, dentro das relações intersubjetivas mais próximas. Na categoria “O dedo apontado para o negro (ou racista é o negro)”, agregamos falas em que o negro é responsabilizado pelo racismo existente, de modo a ser apontado como aquele que não se esforça o suficiente para mudar sua situação. Racista, então, é o negro. A categoria seguinte “Raça e classe (ou racistas são as cotas)”, aborda um tema específico, qual seja, a proposta de ações afirmativas nas universidades públicas, particularmente, as chamadas cotas raciais. Na quinta categoria “Pseudoneutralidade”, mostramos o desejo de alguns entrevistados de se posicionarem de forma neutra sobre o assunto, anulando qualquer possibilidade de tom racista. Porém, tal tendência é denunciada pela contradição na fala do mesmo entrevistado em outros momentos. Contrária a essa lógica de negar o próprio o racismo, estão as falas organizadas na última categoria “Admissão do próprio racismo”, na qual os entrevistados assumem o racismo que percebem em si mesmos.

1) A sutileza do racismo (ou racista é o outro – um outro genérico)

Diante de situações explícitas de discriminação⁴⁷ trazidas pela entrevistadora ou outros relatos lembrados pelos próprios entrevistados, há um posicionamento geral contra a manifestação aberta do racismo. Porém, alguns alunos notaram a sutileza presente no racismo brasileiro, como Adriana⁴⁸:

[Você acha que tem racismo no Brasil?] Com certeza. [Quando você acha que é? Assim, quando você percebe?] Quando eu percebo? Sempre assim, todo momento, quando você vê alguma situação... é que eu acho que hoje, assim, as pessoas, elas não deixam claro o que elas sentem, sabe? Porque isso é muito... hoje em dia, é visto como uma coisa que você não deve fazer, entendeu? Tem até... você é punido, se você fizer e a pessoa te denunciar. Então, por mais que a pessoa seja racista, ela não vai declarar isso, mas... (Adriana)

Adriana nota que não expressar o racismo não é sinônimo de sua inexistência, já que as pessoas não deixam claro o que sentem. A punição legal foi lembrada como algo que evita

⁴⁷ Como na situação “c” das entrevistas realizadas em 2007. Ver roteiro de entrevista, apêndice 7.

⁴⁸ Adriana se identificou como parda na questão 2 do questionário (apêndice 5), tem 19 anos, classificação socioeconômica “A”, escore total de 31 (15 pontos na escala de preconceito sutil e 16 na escala de preconceito flagrante).

a expressão do racismo. Ana Paula⁴⁹ também percebe a existência de um racismo indireto presente, principalmente, em forma de piada:

Não sei, acho que é mais de piadinha, assim, sabe, de: ah, do cabelo ruim, esse tipo de coisa... acho que é mais de piada... Agora, diretamente, não. O racismo no Brasil é muito disfarçado, assim, não tem essa coisa direta. Acho que é mais disfarçado de piadinha, mesmo, sabe. Não tem essa: ah, é porque você é negro, hahaha, sabe, de palhaçada, assim, seriamente, não tem não. (Ana Paula)

Ao dizer do “disfarce” presente no racismo, Ana Paula nos leva a refletir que muitas pessoas podem não notá-lo, como é o caso de Bianca⁵⁰, que é negra:

Olha, assim, eu sempre estudei em escola particular... Então, assim, preconceito eu acho que tinha. Eu nunca pensei que teria isso. Mas, eu era inocente na época da escola. Quando eu descobri como é o preconceito no Brasil, com certeza tem. Mas é que nunca foi uma coisa explícita. Assim, nunca chegou ninguém pra me agredir e me ofender, assim, diretamente que eu pudesse acusar. Isso é uma suposição que eu faço. (Bianca)

O fato de nunca ter vivido uma situação explícita de discriminação não é entendido por Bianca como sinal de que o racismo não existe:

[Mas você acha que tem racismo no Brasil?] Tem, com certeza. Ou as pessoas fingem... porque, que nem, tem uma amiga minha que ela, por exemplo, sempre estudou em colégio público, que falam: “ah, onde tem mais negro, no colégio público”, mas ela, por ser negra, sempre sofreu muito preconceito. Mas, nossa, eu lá na escola particular, com aquele monte de branco, ninguém falava nada... não sei, pra mim, acho que é falsidade, entendeu? Ah, ela chegava na escola pública, o povo zoava mesmo... *[Falsidade, como assim?]* Acho que não só assim... acho que tem muita gente que não fala na minha frente... entendeu? Sei lá, tem umas brincadeiras... (Bianca)

Bianca mostra em sua fala que a maior presença de negros em uma escola pública não é sinal de ausência de racismo e relata sua experiência na escola particular que estudou: não houve discriminação direta em relação a ela, mas acredita que isso se deve à falsidade e pelo fato das pessoas não falarem “na frente”. Ela acrescenta, na citação seguinte, uma situação de discriminação ouvida na ausência de uma aluna negra:

⁴⁹ Ana Paula se identificou como branca, tem 18 anos, classificação socioeconômica “C”, escore total de 44 (27 pontos na escala de preconceito sutil e 17 na escala de preconceito flagrante).

⁵⁰ Bianca se identificou como preta, tem 18 anos, classificação socioeconômica “B”, escore total de 33 (14 pontos na escala de preconceito sutil e 19 na escala de preconceito flagrante).

(...) que nem, uma vez uma amiga minha falou... que nem, tinha uma menina na classe, que era negra, que era muito bonita. E daí, uma amiga minha, uma vez, estava conversando com os meninos e falou quais eram as meninas mais bonitas da sala: “Por exemplo, fulana, né, tem o maior corpão e não sei o que...”. E eles: “Ai, ela não porque...” Porque se é branca e tem o corpo bonito, beleza. Mas se é preta, daí, já muda o pensamento. *[Você ouviu essa conversa?]* É. *[Eles estavam falando de uma outra menina, da sua sala mesmo?]* É, da minha sala. É. Eu acho que, na frente dela, eles não vão falar isso, porque sempre trataram ela muito bem, ela sempre foi muito amiga deles. Mas quando ela não estava, falaram isso, quer dizer... (Bianca)

A beleza da menina negra, por ser negra, é desconsiderada. A sutileza desse tipo de racismo está no fato de que há amizade entre brancos e negros. Mas qualquer possibilidade de relacionamento mais sério entre eles é descartada, o que Bianca explica melhor nessa passagem:

(...) porque uma pessoa pode até pensar: “ficar, tudo bem, ah, não vai dar em nada”. Mas namorar, eu acho que, com certeza, elas devem pensar: “ah vou apresentar para a minha família, que é toda branquinha... eles não vão gostar”. Como, eu realmente, tenho muitos amigos que não gostam. *[Amigos seus?]* Não, assim, muitas histórias que eu já ouvi assim. *[E como que são essas histórias?]* Bom, tem aquele... preconceito do jeito que eu falei que aquele que trata bem, mas que, por trás, diz: “nossa, ele poderia ter arranjado coisa melhor”. O que é melhor para ele? Uma pessoa branca. E tem aqueles que discriminam, que tratam mal a pessoa mesmo, pra ver se distancia da família. Não sei qual é pior. Os dois são ruins. (Bianca)

Para Bianca, “ficar” é possível, já que não existe compromisso; mas namorar, apresentar para a família, já é algo que não passa pelas escolhas dos meninos brancos. Na relação de namoro e família, ela cita famílias que se opõem claramente e outras, de forma sutil. Bianca nota que as duas formas de racismo são ruins.

A expressão do preconceito sutil na ausência do negro em questão notada por Bianca também é abordada pela entrevistada Lúcia, em Barreto (2008), que ouvia dos padrões brancos, comentários racistas “pelas costas” das pessoas negras, mesmo ela sendo também negra, como aconteceu com Bianca e o grupo de amigos. Para Lúcia, a proximidade com essa família, a embranquecia.

Gisele⁵¹, falando sobre o questionário, aborda a dificuldade em se falar do tema racismo:

⁵¹ Gisele se identificou como branca, tem 23 anos, classificação socioeconômica “B”, escore total de 30 (19 pontos na escala de preconceito sutil e 11 na escala de preconceito flagrante).

[Bom, Gisele, você lembra dos questionários?] Lembro, lembro. [O que que você achou? Tem alguma coisa que você queira comentar?] Bom, eu achei que são perguntas que ninguém vai responder com sinceridade, assim. Vai todo mundo colocar a resposta que a sociedade espera... não sei... mesmo que não tenha como identificar, acho que a pessoa fica... [silêncio] [E o que que você acha do tema?] Ah, eu acho o tema importante, mas acho que a sociedade não está preparada para ficar discutindo isso, ainda. Ninguém discute isso, ainda mais na universidade, que você vê que a maioria são brancos, então... Acho que só o questionário mesmo... mas depois, mesmo, que você passou o questionário não teve ninguém que chegasse e perguntasse sobre isso. [Ninguém falou do questionário?] Pra mim, não. [Entre vocês?] É, entre a gente, ali do grupo, ninguém falou nada. Ficou só no questionário e só... [Por que que você acha que isso acontece?] Ah, eu não sei. É um tema muito polêmico, assim. A pessoa fica meio intimidada de falar sobre isso. Porque o que ela falar, de repente, né, pode ser dado como preconceituoso e daí, ela não fala. (Gisele)

A não sinceridade nas respostas dadas no questionário sobre racismo mostra a percepção do preconceito sutil, pois o medo de ser acusado de racista levaria as pessoas a responderem o mais próximo possível do esperado socialmente. A partir dessa percepção, é razoável pensar que viver em uma sociedade preparada para abordar o racismo significa avançar em muito quanto aos preconceitos, uma vez que um dos aspectos centrais da sutileza do racismo está em negá-lo como dado da realidade.

Também Bianca fala da resposta ao questionário ser contraditória à ação do respondente:

[Você estava falando da universidade, eu fiquei pensando... e aqui na sua turma, você sente algum tipo de discriminação?] Por enquanto, ainda não senti nada. Até quando você entregou os questionários, eu até fiquei de olho, assim, nas duas que estavam do meu lado, pra ver o que elas respondiam... [risos] Mas elas responderam bonitinho lá. [Pois é, o questionário nem sempre...] É, às vezes, a pessoa responde normal: “é tudo igual”, mas na verdade não ia chegar a namorar com um negro né. (Bianca)

Bianca “fiscalizou” as respostas das amigas, mas ela percebe que a resposta não racista ao questionário não significa abertura ao relacionamento com negros. Gisele fala do que pensou depois do questionário:

Depois do questionário que você passou, eu fiquei pensando né... quantas pessoas... antes já... na semana da calourada, eles já haviam comentado sobre isso, né... a questão dos negros na universidade...

[Eles quem?] O pessoal do CAEL⁵². Mas, depois do questionário, eu fui parar para contar, assim, mesmo, quantas pessoas são negras. Porque a gente, na semana, escuta as palestras, mas não pensa muito, né? Depois do questionário, eu parei e contei. Foram cinco que eu... quer dizer, a sala tem 50, né. Então, são 45 brancas e só cinco negras. E dois são de intercâmbio, são de outros países. Então, é pouco. (Gisele)

Entretanto, ainda que constatadas as limitações do questionário, Gisele diz que depois dele, ela passou a observar a ausência dos negros em sua sala de aula. De alguma forma, o questionário a mobiliza. Mariana⁵³ também diz sobre a quantidade de negros que existe ao seu redor...

[E que que você acha do racismo no Brasil? Você acha que tem...] Tem. Eu acho que tem sim. Assim, eu comecei a... eu... a fazer pesquisa com os meus amigos, assim, né? E eu reparo que muitos amigos meus não têm amigos negros. Eu lembro que uma vez eu estava com a irmã de um amigo meu, branco e tal. E aí, ela me olhou assim e falou: “Nossa, o seu cotovelo é preto!”. Daí, eu achei tão... nossa, que comentário é esse? Eu fiquei assim... eu falei: “Como assim, A.?” E ela: “Não, é que eu nunca tinha visto”. Eu falei: nossa, como nunca tinha visto? Na verdade, é uma pessoa que nunca se relacionou com uma pessoa mais escura do que a cor dela, né? Não precisa ser negro para ter cor ou cabelo mais escuro. Aí, isso me causou transtorno, assim. E eu comecei a pensar: gente, as pessoas não se relacionam mesmo, né. É um clubinho fechado. Só que é inconsciente isso, ainda, eu acho. Meu irmão, às vezes, eu vejo assim, tipo, dos amigos dele, eu nunca vi um amigo, mais... escuro, mais moreno, assim. (Mariana)

Mariana percebe que seus próprios amigos e irmão não têm amigos negros. O comentário sobre o “cotovelo preto” a faz notar o quanto existem “clubes fechados”. Para ela, isso é uma forma de racismo, porque aborda esses temas para responder sobre a existência do racismo no Brasil, o que, de início, ela responde afirmativamente.

Também notando o estereótipo e a distância entre os grupos sociais, Gisele fala do papel da televisão em manter o negro, dentre outros grupos, em seu lugar:

E toda novela é assim, é igual, não tem jeito, essa que começou agora, são negros também, os personagens. Mas não são só negros, né. Mas acho que a maioria é negra, né, assim. E acho que a televisão quer continuar isso, né... manter essa situação de que negro só serve para isso. Ou, então, na última novela, o papel do negro, que foi o político corrupto. *[É verdade...]* Então, eu acho que eles querem manter esse

⁵² Centro Acadêmico do curso de Letras da Universidade de São Paulo.

⁵³ Mariana se identificou como mestiça, tem 23 anos, classificação socioeconômica “C”, escore total de 31 (18 pontos na escala de preconceito sutil e 13 na escala de preconceito flagrante).

preconceito contra os negros, né... quando não é empregada, é corrupto. E assim vai indo, não sei. Mas eu acho que a televisão, principalmente, a globo tem esse papel de mostrar que cada um tem o seu lugar. Acho que é isso também. Eles querem manter... por isso que é como é. E acho que vai ser sempre assim. [risos] Eu não tenho muita expectativa que isso mude, igual o papel dos gays... é sempre... apesar de aparecer mais em novelas, é sempre diferente... nessa última novela, também, né. Estranho... *[Ah, tinha também, né...]* Tinha também, né? *[Que no final deixou de ser...]* [risos] Ele virou homem. [risos] Estranho, assim. Mas acho que é pra manter, cada um no seu lugar, pobre é pobre, rico é rico, negro é negro. Nem classifica o negro como pobre, negro é negro. E assim fica... estranho. (Gisele)

Gisele nota o papel da mídia na perpetuação do preconceito, mantendo cada um em “seu lugar”. Quando ela diz que o negro não é classificado como pobre, mas como negro, nos parece que ela está falando do quanto o estereótipo do negro é perpetuado nos papéis nas novelas, em que ele, como negro não é tratado como outro personagem, ele tem seu lugar: ele é negro, e tem que se lembrar disso. Ana Paula também fala da imagem do negro, mas no cinema:

[Você lembra de uma situação que você pensa: nossa, isso é racismo?] Ah, não sei, deixa pensar. É, mas eu falo no geral, na imagem mesmo. Ah, por exemplo, tipo, você vai ver um filme, tipo “Cidade de Deus”, aí, os negros que estão na favela, e todo traficante é negro. Esse tipo de coisa, assim, que eu falo. (Ana Paula)

Relacionar o negro com a pobreza da favela e com o tráfico de drogas é, para Ana Paula, uma forma de racismo.

Aline⁵⁴, quando responde afirmativamente sobre existir racismo no Brasil, lembra que qualquer pessoa que está fora do padrão estético ideal, sofre preconceito.

[E você acha que tem racismo no Brasil?] Ah, tem. Não só de negros, mas eu, por exemplo, sou gorda. Então, tem um pessoal que já... que não gosta ou que acha estranho... que eu não me cuido. Mas com o negro, também é bem comum, com qualquer pessoa que esteja fora daquele padrãozinho, né, loira, alta, bonita, magra, bem-sucedida. Acho que qualquer pessoa que esteja fora desse padrãozinho, assim, sofre preconceito. Não tem como não sofrer. É bem comum isso e visível, com certeza. (Aline)

⁵⁴ Aline se identificou como branca, tem 20 anos, classificação socioeconômica “B”, escore total de 47 (24 pontos na escala de preconceito sutil e 23 na escala de preconceito flagrante).

Outra forma de perceber o racismo é dita por Luíza⁵⁵, no que diz respeito ao tratamento dado a brancos e negros, em situações similares:

Mas eu acredito que exista preconceito sim. É difícil. Às vezes, um negro chega com uma bermuda e uma camiseta num banco, ele não é tão bem tratado quanto se ele estivesse de terno. E um branco não vai sofrer a mesma coisa (...) (Luíza)

Na percepção de Luíza, um negro de terno é mais bem tratado em um banco, do que com uma roupa esporte. Porém, o branco, segundo ela, não passa por isso. Assim, o tratamento dado ao negro é condicionado a sua condição social. É interessante notar que na situação hipotética trazida por Luíza, ela não disse que o negro seria maltratado. Ela diz que teria um melhor tratamento se estivesse com uma roupa sinalizadora de uma classe social mais alta. Essa sutileza faz parte do racismo no Brasil. A forma de atender brancos e negros, ricos e pobres é diferenciada. E isso é notado nos olhares, no tom de voz, no atendimento recebido. Nesse sentido também, Júlio⁵⁶ relata sua percepção de que os negros passam por experiências diferentes dos brancos, pelo fato de serem negros:

Eu tenho, eu acho... eu tenho aprendido um pouco mais agora, baseado nessa experiência com eles, que eles levam... os negros, tanto no Brasil, quanto em outras regiões, mas aqui de São Paulo, eu conheço mais de convivência... eles levam... e observando mais por causa dos amigos negros, que reportam. Eu não me tocava que, ao entrar no ônibus, por exemplo, eles não são vistos iguais. Eles são vistos diferentes e... desde segurar a bolsa ou não, ou você primeiro, depois, o outro. Eles lidam com isso. Uns, de uma forma mais agressiva, ou menos. Mas, eles sabem lidar com isso. E quem não é negro, diz esse meu amigo, e alguns compartilham dessa mesma ideia, não sabe, não percebe esse dia-a-dia. E é verdade, não dá para: eu vou me pintar de negro e vou ter que sair, né, pela rua, para ver. (Júlio)

Os negros não são vistos como iguais e têm que conviver com essa realidade cotidiana. Júlio mostra que não é possível a um branco compreender exatamente o que passa um negro. E nos dois exemplos que traz, as situações são mais sutis do que explícitas: trata-se de segurar a bolsa com mais cuidado ou de não deixar o negro passar primeiro, na hora de entrar no ônibus. No reino da sutileza é mais difícil lutar contra o preconceito.

Outro exemplo que Júlio dá do racismo sutil que percebe é sobre o medo que os homens negros provocam à noite, nas ruas:

⁵⁵ Luíza se identificou como branca, tem 28 anos, classificação socioeconômica “B”, escore total de 41 (22 pontos na escala de preconceito sutil e 19 na escala de preconceito flagrante).

⁵⁶ Júlio se identificou como branco, tem 43 anos, classificação socioeconômica “C”, escore total de 62 (38 pontos na escala de preconceito sutil e 24 na escala de preconceito flagrante).

Negrão, grandão, está na rua, o sol baixou, já era. A mulherada fica com medo, eles mesmos dão risada e falam: “Oh, fica tranquila”. Eles se dão ainda esse papel de tranquilizar as pessoas, eles fazem... uma pessoa assim, um homem mais culto, mais tranquilo em relação ao que ele é, ele faz isso. Outros, talvez, tiram proveito disso. Outros se ofendem com isso. Mas, há, então... é... isso é racismo. É um racismo, e você tem ali, é um preconceito, né, que vem antes: ele é negro, então, ele deve ser um ladrão. *[Desculpa, seus amigos comentam essa situação?]* Amigos negros comentam isso. *[Ah, amigos negros comentam...]* É, bastante, isso é com frequência. (Júlio)

Há várias formas de lidar com a discriminação sutil: os que são “mais cultos” e “mais tranquilos” se colocam no papel de tranquilizar as pessoas; alguns se aproveitam e outros se ofendem com o fato de serem vistos como possíveis ladrões. Ao final dessa passagem, Júlio diz claramente que acha que isso é racismo.

Adriana conta duas situações de racismo sutil, mas dada a sutileza da discriminação, ela fica em dúvida se é de fato racismo ou não.

[Como é que você acha que dá para perceber o racismo?] Ah, não sei assim... Por exemplo, meu namorado, ele é... ele não é negro. Mas ele é mestiço. A mãe dele é e o pai dele não é. Então, assim, às vezes, acontece uma situação. Faz muito tempo e a gente foi numa balada e deixou várias pessoas passarem para uma área lá que era vip, e deixou as pessoas que estavam com a gente e tal e não deixou ele, e justamente sabe... Então, assim, você fica pensando: por que que é, entendeu? Não sei se realmente é por isso. Mas não deixou ele, justamente, sabe. *[Você fica em dúvida se é racismo...]* É. Você fica em dúvida. Por exemplo, o caso de uma amiga, que ela tinha um namorado. Ela tinha, acho, que 15 anos. E o namorado dela... a mãe dela não gostava que ela namorava ele... Só que assim, não tinha nenhum razão, assim, que pudesse justificar isso, sabe? Tanto que a outra irmã... ela falava que era por causa da idade dela, só que a outra irmã começou a namorar com 13 anos, entendeu? Não faz sentido... dela não gostar mesmo... Mas, assim, você não pode afirmar que é por causa disso, porque ela não declarou isso, entendeu? (Adriana)

Os dois relatos de Adriana são dados em resposta à pergunta sobre quando ela percebe o racismo. Mas ela não consegue afirmar se foi ou não racismo. Ela fica em dúvida. Desconfia do racismo, mas não consegue “capturá-lo” como algo concreto. Interessante notar, também, que Adriana fala da discriminação racial sofrida pelo namorado que não é negro, mas mestiço. Ao contar essa situação emblemática, ela ilustra algo importante do racismo no Brasil: não só o negro é discriminado. Os mestiços que podem ser considerados negros em uma determinada situação também podem passar pelo mesmo tipo de restrição e tratamento

que passam os negros. Tudo com sutileza. Mas ao mesmo tempo, claro, como ela mesma nota, a questão está na falta de argumentos: a razão para a mãe não deixar a filha namorar é infundado, porque a outra filha podia; na boate, todos puderam passar para ala “vip”, menos o namorado de Adriana, que ela chama de “mestiço” e que tem uma mãe negra.

Júlio encara a mestiçagem e nota o racismo:

(...) mestiços nós somos, de maior ou menor grau... enfim, embora eu não sinta pra mim tão forte, mas há também, eu sou bem sensível em relação a isso... da questão da raça, da pessoa olhar para você e daí sim, tem um preconceito, porque ela é mais escura, talvez ela não seja muito inteligente, talvez seja uma pessoa que gosta muito de sexo, as pessoas associam coisas um pouco absurdas. Existe, sim, a todo momento, eu vejo a questão da raça sendo o motivo das escolhas das pessoas. (Júlio)

Usando o termo “mais escura”, Júlio nota que a cor da pele não é algo irrelevante. E mais, ele especifica dois elementos do racismo contra negros: a crença na pouca capacidade intelectual e na sexualidade exagerada. E diz, claramente, que nota a raça como um motivo de escolha. No decorrer da sua entrevista ele explicará melhor essa questão da raça como parâmetro para a escolha, que estarão em outras categorias, mas sobretudo na “Admissão do próprio racismo”, uma vez que ele se coloca como protagonista de tais escolhas.

Também Rodrigo⁵⁷ cita uma situação de discriminação:

Eu já vi, no ônibus mesmo, uma senhora... senhora de idade já, branca, de olho azul, até. E o ônibus estava cheio, só que o lugar do lado dela estava vago. E entrou uma outra senhora negra para o ônibus... E quando ela foi sentar, essa senhora colocou, acho, que era sacola que estava do lado, para não deixar a outra senhora sentar. E naquilo eu percebi: pô, existe mesmo, né? E, também, foi uma situação que me deixou desconfortável. Isso existe. Isso está aí. E, eu sinceramente, não entendo por quê. Por que que a pessoa não é digna de sentar do lado dela, né? Só porque ela é branca de olho azul e a outra é negra, ela não é digna de sentar do lado dela? Às vezes, até, a pessoa negra é mais digna, mais íntegra, mais honesta do que a branca que estava ali sentada. Então, às vezes, até a pessoa negra que devia considerar que aquela branca não era digna de sentar ao lado dela... porque fez essa ação de colocar a sacola do lado, então, ela não é digna. (Rodrigo)

A discriminação assistida por Rodrigo é relatada por ele como “desconfortável”, além disso, ele entende que a senhora que mostra preconceito é que é indigna da proximidade com

⁵⁷ Rodrigo se identificou como mestiço, tem 20 anos, classificação socioeconômica “B”, escore total de 43 (24 pontos na escala de preconceito sutil e 19 na escala de preconceito flagrante).

a senhora negra. Parece que é quando ele vê a cena que passa a acreditar que o racismo existe. No entanto, seu desconforto não o mobilizou a ponto de se posicionar diante da cena de discriminação sutil. Aline também comenta cenas que vê no ônibus:

(...) às vezes, no ônibus, aqui, eu já vi alguns casos bem... tipo, entra um negro e todo mundo segura a bolsa. Ou, então, está com a mochila e põe a mochila na frente e fica olhando, meio que... “ele vai me assaltar”. Aqui, eu achei isso bem mais comum que no interior. Acho que pela violência ser maior, não sei. Mas, eu já vi algumas vezes aqui, com bem mais frequência. *[E quando você morava em A., você lembra de ter pensando: ah, isso é racismo?]* Em A.? Olha, eu não me lembro... assim, de nada que eu me lembre agora. Eu posso até ter presenciado, mas, assim, às vezes, um olhar, meio... não senta perto, alguma coisa assim... Mas não tão visível, as pessoas... como é uma cidade pequena, as pessoas têm muita preocupação em... em ter uma aparência de politicamente correto, então, não é tão visível quanto aqui. (Aline)

Aline percebe a tensão que existe dentro do ônibus, o que ela chama de racismo, porque sente que as pessoas têm medo de ser assaltadas por negros. Ela acredita que isso é mais claro em São Paulo do que no interior porque aqui há menos preocupação com o politicamente correto e, por isso, maior manifestação do racismo. Em outro momento, Aline comenta outra manifestação de racismo por meio da situação de um namoro entre uma moça negra e um branco que foi impedido pela não aceitação da família:

(...) por exemplo, uma amiga minha, negra, que namorava um cara que era branco. Então, quando ela foi conhecer a família dele, a família ficou meio... é negra, né, sei lá, acho que eles não tinham pensando nisso. Às vezes, planejaram outra coisa para o filho. Não sei, mas ela falou que a família ficou meio hostil com a presença dela ali, e ficou aquele clima assim, durante o jantar e tal, mas estava acontecendo, né, a gente tem que aprender a lidar com isso porque o preconceito está aí e você tem que... bola pra frente, arrumar uma pessoa melhor! *[risos]* *[E no caso dela, ela desistiu do moço?]* Ah, o namoro acabou não dando certo, né, porque quando a família implica muito, é difícil você conseguir num comecinho de namoro fazer dar certo. Talvez, se eles tivessem namorado mais tempo, tivessem se conhecido melhor, talvez o namoro tivesse dado certo. Mas, com tanta implicância da família, acabou não... durou uns seis, sete meses, só. Namoro bem curto. (Aline)

Ao relatar o preconceito de uma família branca com uma nova namorada negra de um dos seus integrantes, Aline o justifica dizendo que a família poderia ter “planejado outra coisa” para o rapaz. Não está nos planos de uma família branca alguém negro entrando na família por meio de um namoro. Essa percepção sutil é expressa como uma forma de racismo.

Interessante também o comentário de Aline de que é preciso saber lidar com o preconceito; o que no caso, significaria “arrumar uma pessoa melhor”. Assim, ao negro é fadado aceitar quem o aceite. Por outro lado, justamente esse papel de agradar ao branco, vivido pelo negro, pode ser notado quando Bianca faz comentário sobre o cabelo crespo e também a questão da incorporação do racismo pelo próprio negro:

Eu me lembro das pessoas zoando por causa do cabelo⁵⁸: “Ah, que é ruim ter cabelo duro, porque demora pra pentear...” Esse tipo de coisa, essa sutileza assim... dá pra pegar no ar. Mas é porque muita gente pensa assim mesmo: “ah eu quero casar com uma pessoa que tenha cabelo liso, daí, meu filho vai ter cabelo liso e não vai precisar ficar fazendo escova”. Eu já sinto um preconceito nisso... que se você quer cabelo liso, então você vai casar com uma pessoa branca! Então, tem um fundo de preconceito nisso, mas, às vezes, as pessoas não admitem, nem para elas mesmas. *[Mas quem fala isso? São brancos, negros, de qualquer pessoa... Você já ouviu isso?]* É... qualquer pessoa. Mesmo a pessoa... mestiça, assim, por exemplo, eu tenho uma prima que ela, tipo, fez alisamento, né, pra ficar com o cabelo “bom” né... Ela fala que ela quer casar com alguém que tenha cabelo liso pra prevalecer o pai e a criança nascer daquele jeito... [silêncio] *[Fica bem claro né...]* É. *[Mas você acha, por exemplo, que ela, ela percebe que isso... é um racismo?]* Acho que não, porque são pessoas assim também... ela, né, a família assim... porque, às vezes, a gente conversa... ah, o preconceito, o racismo, tudo... falando mal assim das pessoas que têm o preconceito, sabe. Ela tem amigos negros e tudo... Mas é... tem um limite sabe? É amigo. Não vai se tornar outra coisa, entendeu? *[Tem um limite?]* Algumas pessoas têm uma tolerância pra poder falar que não tem preconceito, mas não passa da amizade. Se for pra casar, ter filhos, daí, procura outro. (Bianca)

A valorização da estética branca que atinge brancos, negros, mestiços etc. envolve também a possibilidade de relacionamento afetivo-sexual. O limite apontado por Bianca mostra justamente uma relação de proximidade entre brancos e negros que o racismo notado por ela não permite que chegue ao casamento. Mas ela fala também do racismo incorporado pelo negro que, desejando um relacionamento com um branco, pode livrar a sua descendência dos traços físicos negros – evidência dos resquícios deixados pelo ideal de branqueamento.

Nesse sentido, Mariana percebe a relação entre racismo e autoestima:

Então, eu acho que uma das coisas que o racismo alimenta muito é a autoestima. A partir do momento que o... enfim, a criança, ouve que ela é feia, ouve que ela é ruim, ouve que ela é bandida, ouve que ela é menor, ou que ela é sei lá o quê, e ela internaliza isso muito a fundo,

⁵⁸ No dia da entrevista, Bianca, que é negra e tem cabelo crespo, usava um cabelo alisado.

ela acaba se submetendo a um monte de coisa que ela não tem que se submeter, sabe? E que talvez uma outra criança que ouviu que ela é o máximo a vida inteira, não se submete... a vida inteira já xinga pai e mãe, sabe? Então, eu acho que é uma coisa de se impor, independente de ser negro ou branco, ou gordo, ou mulher... de se impor como ser humano, de tipo: Não, qual é o problema? Sabe? E as pessoas ouvem e abaixam a cabeça. Ou ouve e dá tapa. E tipo, não é assim que funciona. (Mariana)

A introjeção do racismo desde a infância é notada por Mariana como algo que leva a duas consequências inadequadas: “baixar a cabeça” ou “dar tapa”. Ela percebe que aquilo que a criança vai vivendo no decorrer da sua vida vai ajudá-la a se submeter ou não, diante das situações de discriminação. A sutileza aqui está na história de discriminação racial que a criança negra vai vivendo.

Janaína⁵⁹ cita um diálogo em que a preocupação com o uso da palavra negro ou preto foi visto por ela como uma forma de preconceito:

Eu lembro de uma vez que a gente estava discutindo a utilização do termo negro e preto. E aí, uma pessoa pegou, virou e falou: mas eu acho o termo negro menos ofensivo. Aí, eu: peraí, mas como assim ofensivo? Ele não é ofensivo. Não é uma ofensa. É uma característica. É só uma expressão linguística para a característica e ponto. Então... *[Você sentiu que tem alguma coisa aí?]* Com certeza. Ele não falou querendo ser preconceituoso, mas... claramente, pra mim. (Janaína)

Janaína nota que associar a palavra “negro” com ofensa é uma forma de preconceito. Ela fala claramente que a intenção daquele que disse a frase não era ser preconceituoso, mas, para ela, foi. Isso porque o cuidado com as palavras parece denunciar um “desconforto”, como ela disse em outro momento da entrevista, em relação ao tema e uma vontade de não encarar tal desconforto. Assim, negar a existência do racismo é uma das facetas do racismo sutil que, pela sutileza dos argumentos e ações, transforma discriminação racial em qualquer outra coisa que não possa ser denunciado como racismo.

Bianca, também pensando no uso das palavras como forma de ofensa ou não, diz:

Uma coisa assim que eu acho muito necessária, que graças a Deus está mudando, é que... os negros mesmos ter consciência da cor deles. Que nem eu... muita gente branca ou preta mesmo, já chegou e falou: nossa, você não é negra, você é moreninha. [risos] Mas eu falo: eu sou preta. Porque eu fico com raiva desse “moreninha”. Uma pessoa branca de cabelo preto, não é considerada morena? Então, eu falo: eu não sou, eu sou preta. E uma coisa também que eu aprendo muito é

⁵⁹ Janaína se identificou como mestiça, tem 18 anos, classificação socioeconômica “B”, escore total de 34 (18 pontos na escala de preconceito sutil e 16 na escala de preconceito flagrante).

que se falar preto, eu não acho que é um xingamento. Pode ser negro ou pode ser preto, se você fala que a pessoa é branca, você não está xingando ela. São cores só. Então, não me sentiria ofendida se falarem: você é preta. Mas é que isso depende do modo que a pessoa fala, né? Tá na cabeça dela se é uma ofensa ou não. (Bianca)

Para Bianca, a maior consciência dos negros de sua própria cor é uma mudança que tem ocorrido. E ela explicita com sua própria reflexão: Bianca aprendeu a entender o termo “preto” não como algo negativo, mas simplesmente como a sua cor. Além disso, ela denuncia o racismo sutil expresso na negação da cor negra, o que ela retoma na seguinte passagem:

Porque pra mim, né, meio que as pessoas chegam e falam: ah, mas você não é negra. Isso, pra mim, não é nenhum consolo! [risos] Porque não é nenhuma vergonha ser negro. *[As pessoas falam assim: não fica triste não, você não é negra?]* É! Ah, eu vou chorar! [tom irônico] Não sei o que que passa na cabeça das pessoas! Ser melhor do que os outros, por causa da sua cor! Tem gente que... outra coisa que eu já ouvi de... na escola, falaram assim... duas pessoas conversando, a gente estava falando sobre genética, de ascendência, tal, de onde veio os pais, os avós e tudo. Aí, tinha duas conversando: “Ah, eu só tenho parentes brancos, sabe assim, são todos... veio da Europa”, como se se orgulhasse de falar isso. Grande coisa! Você vai ter... pode acontecer qualquer coisa com você... e se você ficar pobre, tem esse sangue europeu, ele vai valer o quê? Eu me orgulho mesmo de ser preta e está ótimo assim. (Bianca)

O desejo de consolo expresso a Bianca por meio da negação de sua negritude é notado por ela como uma sensação de superioridade dos brancos, o que ela também denuncia com a sutileza presente no orgulho da ascendência européia. Bianca nota o quanto esse orgulho é vazio porque, em uma situação de dificuldade financeira, ele nada muda. Ela também nota a responsabilização dada aos negros:

Acho que é muito mais fácil você colocar a culpa assim: ah, foram escravos, daí eram pobres. Ah, eu fico impressionada! Os negros são culpados por serem pobres, porque não se esforçam tanto. Com certeza tem muita gente que acha isso. Acha que os negros deveriam ter saído... com a liberdade... tinha que ter saído trabalhando e iam enriquecer. Mas as coisas não são assim. Preconceito, muitas vezes, fecha muitas oportunidades. E não tem como a pessoa melhorar de vida mesmo. (Bianca)

Bianca mostra em sua fala uma crítica à responsabilidade do negro pelas dificuldades vividas. Ela nota claramente o quanto o preconceito “fecha muitas oportunidades”. Também, nesse sentido, Janaína denuncia falas que responsabilizam o negro:

Ah! Agora que você está falando, eu lembrei de uma coisa: no ano passado, acho que foi ano passado, nós fizemos um trabalho, em relação a isso... à África, na verdade. Aí, discutiram... discuti racismo e a maioria das pessoas colocava assim: que eram os negros que eram preconceituosos, ou consigo mesmo ou com a situação e etc. Só que eu acho isso muito complicado porque eu, assim, me senti um pouco acuada em relação a isso, com todas as situações que eu te falei, né... de ver uma maioria branca, de ver uma cultura européia, eu me senti acuada. Então, eu acho que isso é só uma questão de resposta. Mas agora... realmente agora que você falou, eu me lembrei dessa situação e a maioria das pessoas pensa isso... coisa de preconceito... eu me lembro também de uma pessoa falando na questão desse debate que os negros não sentiam orgulho da própria raça. (Janaína)

Janaína comenta as falas em que o negro é visto como o “preconceituoso” e o que não tem “orgulho da própria raça”. Ela, que se identifica como mestiça, não concorda com tais frases e comenta que sentiu “acuada” diante de tais acusações, ainda que sutis, ao negro.

Também Gisele partilha dessa denúncia:

Nossa, eu não concordo. Eles se aceitam como eles são. Acho que a sociedade que coloca... que marginaliza eles... ficam nessa posição. Acho que eles não têm preconceito contra eles mesmos, não. Eu acho que... eu acho que não. (Gisele)

Aline, como Gisele, também nota a não aceitação social e o preconceito de quem não aceita a proximidade de namoro com negros:

[Na verdade, a pergunta é mais assim: esse é um argumento que se fala por aí, quando se fala de racismo... quero dizer, não é que eles sintam... mas as pessoas costumam falar: são eles que não se aceitam...] É, falam. Não, eu acho que é a sociedade que não aceita mesmo e fica colocando coisa... não sei... você nasce, assim, sua família... e você não vai gostar? Eu não vou gostar da minha cor? [risos] É estranho. Não sei... não se aceitar... mas aí, não seria válido só para negros, seria válido para quem... ou quem tem um nariz maior, pra quem é gay, pra quem é gordo, magro demais... [risos] Assim, eu nunca vi uma pessoa negra com preconceito de negro. Eu já vi as pessoas falarem que aceitam, mas, por exemplo, se a filha namorasse um cara negro, aí, já é outro assunto [risos]. Mas uma pessoa de cor, assim, de cor negra que não se aceite, honestamente, eu nunca ouvi. (Aline)

Aline estranha o discurso de não aceitação do negro e lembra que, não só os negros, mas também outros grupos é que não são aceitos. Bianca, diferente de Aline, fala da não aceitação dos próprios negros, mas a associa diretamente à não aceitação vivida pelo negro:

Mas é que realmente tem muita gente que não se aceita. Mas também, vai de outras pessoas brancas aceitarem eles também, né! (Bianca)

Culpabilizar o negro é responsabilizá-lo unicamente pelo racismo. Quando o enfoque está na vítima, nenhum outro grupo é questionado, nem a estrutura social que permite tal divisão hierárquica é sequer olhada. Os entrevistados que notam isso não concordam com esse posicionamento diante do racismo e, por isso, estão aqui classificados como “Percepção do racismo”.

2) Brincadeiras racistas (ou racista é o outro – um outro próximo)

Como já citado pela entrevistada Ana Paula, a brincadeira parece ser a expressão possível do racismo, uma vez que a discriminação explícita é condenada socialmente. Adriana fala da brincadeira:

Porque, sempre, todo mundo vai contra esse tipo de coisa, mesmo que não seja sincero, assim. Mas em brincadeira, mesmo, sempre teve. *[Como que você via?]* Bom, eu nunca fiz esse tipo de coisa, sinceramente, eu não fazia, mesmo. Mas... acho que... errado, né? Não faz sentido assim... *[Como que você sentia assim... Você, sei lá, achava alguma coisa, era indiferente?]* Não, eu achava errado. Eu não gostava que fizessem isso. Sempre tive amigos negros. Nunca gostei que fizessem, assim. E eu falava, né, que achava errado para quem fazia isso. (Adriana)

Adriana se defende de que não concordava e não gostava das brincadeiras racistas. Mais para frente, ela especifica melhor as brincadeiras, ao lembrar-se de um amigo negro da oitava série:

[Você sentia que ele era discriminado?] Não, eu sentia, mas era difícil, assim, de entender. Porque eram amigos mesmo dele que falavam, que faziam brincadeira: ah, você é preto, você não pode falar, sabe? Mas, assim, ele... não sei se ele ligava ou não, mas eram pessoas muito amigas mesmo pra fazer esse tipo de brincadeira... Não sei se ele ficava chateado, acho que ficava, né? *[E, assim, quando falavam você é preto e não pode falar isso... O que você acha... Como você achava que essa pessoa se sentia?]* Eu acho assim, a pessoa que fazia isso... não sei se era preconceito de verdade, sabe, porque era uma pessoa muito brincalhona mesmo, com todo mundo. Ele sempre zoava alguém. Não sei se era um preconceito de verdade, que ele não gostava que ele fizesse algum tipo de discriminação, assim, de exclusão com a pessoa. Mas, não sei, ele pegava um ponto que ele achava que pudesse... não é agredir, mas que fosse um ponto que ele pudesse falar de alguém,

ele falava, entendeu? Não era assim... Não sei se ele entendia que ele estava agredindo a pessoa, sabe? *[Você acha que não tinha agressão na fala?]* Às vezes, acho que não, assim. Não sei nem se o meu amigo se sentia agredido assim por ele... *[Ele nunca falou nada pra você?]* Falava sempre... *[Não, ele não falava disso... não se queixava? Esse seu amigo...]* Ah, não. Não falava. Ele ria... *[Não falava nada.]* Não falava nada, ele ria, ele achava... *[Normal?]* Não achava normal, assim. Mas ele não achava... aparentemente não achava ruim, entendeu? Mas de se queixar não, tanto que ele era mais amigo desse menino mesmo. (Adriana)

Adriana fica em dúvida se a brincadeira racista era uma agressão. Fica em dúvida também se o amigo negro se sentia ofendido. Tudo fica no reino da brincadeira, da sutileza e, por isso, o racismo se dissolve. No entanto, ela nota que esse amigo “brincalhão” pegava no “ponto” em que ele pudesse falar de alguém. Ser negro é, nesse caso, um “ponto”, uma fragilidade. As dúvidas de Adriana não existem quando a brincadeira racista é direcionada para ela. Para chegar a tal tema, a entrevistadora questionou sobre sua identificação racial, um tanto confusa e contraditória:

[Eu queria te fazer uma pergunta: aqui, quando eu pergunto (apontando para o questionário) qual é a sua cor, você colocou parda.] Então, é que na verdade, eu não sei, eu não entendo... porque branca não é... daí, eu não sei, eu sempre coloco... qualquer... que nem na prova de vestibular, eu não sabia o que responder, eu coloquei pardo. *[É? Você colocou várias origens (referente à segunda questão de identificação racial)...]* (Risos) *[Não, eu achei que várias está bem coerente. Mas eu fiquei pensando o seguinte: como é que você se sente? Se a gente pudesse dividir: brancos e negros. Você se identificaria com qual?]* (demora para responder) Ah, eu acho que... eu acho que mais com negros, né. *[É?]* É porque... assim, a minha bisavó era negra... e acho que meu bisavô, ele era branco, mas não sei se ele era branco, branco, assim, sempre tem... somos todos mestiços, né? Então, acho que... acho que não dá para fazer esse tipo de classificação, não tem como. (Adriana)

Sua dificuldade em se autodefinir em relação à cor/raça também aparece no questionário⁶⁰. Adriana respondeu “parda” para a pergunta aberta 1; “indígena” para a pergunta fechada 2 e “branco, preto e índio” para a pergunta aberta 3. Assim, notamos que, espontaneamente, ela não se identifica com os negros, tanto que no início da entrevista ela

⁶⁰ As perguntas de identificação cor/raça são: (1) Qual é a sua cor?; (2) Dentre as opções, qual você escolheria para definir você: com as opções “branco”, “preto”, “mestiço”, “indígena” e “amarelo”; (3) Considerando a cor da pele, raça ou etnia (origem) dos seus pais e avós, quais são as suas combinações de raça ou cor?

fala como não negra, pois chama aos negros de “eles”. Porém, ela também não se sente branca, porque dentre as duas únicas opções dada pela entrevistadora, ela escolhe ser negra. Mas é importante lembrarmos as críticas que ela fez aos negros, por não se aceitarem, por se fazerem de vítima. Ela não dá indícios de que se identifica com os negros, nesse aspecto. Em seguida à citação anterior, Adriana fala um pouco mais sobre o tema:

[E se você tivesse que falar assim: como as pessoas te veem: você acha que elas te veem como branca ou como negra?] Como negra. [E essas coisas que você contou de discriminação com seu namorado ou do seu amigo. Você já passou por isso?] Já. Porque, às vezes, assim... eu sempre fui assim, bem morena, né. Assim, se for ver por um tipo de classificação, eu não sou negra, né, porque a minha mãe não é negra, nem meu pai. Mas a gente é bem moreno, assim. Então, se for ver, por esse tipo de classificação... sempre teve, assim na escola, alguém que falava: ah, você é pretinha e não sei o quê... É uma forma de te classificar mais próximo dos negros. Não é... [E você falou de alguém te chamando... você é pretinha... mas você acha que essa fala é uma fala de discriminação ou é uma fala de brincadeira?] De discriminação... não, é porque... quando isso acontece, não é no sentido de... assim, a pessoa te... no momento... que ela está brincando, mas ela pega e fala isso pra te excluir assim. E não pra falar: ah, vem aqui que você é pretinha. É que eu não lembro de uma brincadeira específica, mas sempre tem esse tipo de coisa. E a pessoa não fala para te... pra falar: nossa, que legal, sabe? Acontece também, mas esse caso que eu estou lembrando não é para falar: ah, que legal a sua cor e não sei o quê. É pra tentar te agredir de alguma forma, mesmo que involuntariamente. Ela não quer te agredir, é... (pausa) Ela quer de alguma forma te agredir, assim... [E você esteve em algum lugar... como o exemplo que você deu do seu namorado... teve algum lugar que você não entrou... que te barraram explicitamente, ou que te chamaram de pretinha...] Não. [Alguma vez você não pôde fazer alguma coisa... ou, sei lá, alguém não te escolheu... sei lá, alguma coisa, alguma pessoa...] Não. Assim, não. É só mesmo esse tipo de brincadeira. Mas eu não fico em uma coisa ruim... ah, sabe... (risos) Falei: sou mesmo, ué, é a minha cor. Não vi como uma agressão. (Adriana)

Adriana tem uma fala representativa do mestiço brasileiro: às vezes, é discriminada por ser “pretinha”. Mas, muitas vezes, passa por não-negra, como na situação com o namorado, em que não foi barrada. Como mestiça, ela vive a contradição de ser e não ser negra. Às vezes, ela é chamada de “pretinha”. E mesmo isso ela aponta de forma contraditória, ora aponta a brincadeira como discriminatória, ora diz que não ficou com uma “coisa ruim” e que não viu como agressão. Percebemos que quando ela relata casos de discriminação de outras pessoas, ela fica em dúvida se é racismo. Quando ela fala da situação que ela viveu, primeiro, ela é categórica em dizer que era uma fala visando à exclusão. Depois, ela muda de ideia, pra dizer que não se sentia discriminada. Parece-nos que é uma ferida não só

discriminar, como ser discriminado também.

Ana Paula também aponta desde o começo da entrevista as “piadinhas” como forma de expressão do racismo. Ela relata essas piadas dentro de sua família. E explica que não tem ascendência negra, mas que, em sua família, muitas pessoas se casaram com negros.

Porque a minha família é totalmente isso. É muito misturada. Tem pessoas, assim, que me veem e uma prima minha e olha: não é sua parente, porque não tem nada a ver, assim, sabe. Mas eu adoro, não tem nem um... *[Não tem nenhum problema?]* Ah, tem muita piadinha, né. Às vezes, me incomoda. Eu que não sou negra. *[risos]* Mas, me incomoda, sabe, porque eu acho que não tem necessidade. Eu acho que machuca, às vezes, sabe, então, ficam aquelas piadinhas bestas, às vezes, com criança mesmo. Eu acho que, às vezes, até reforça o preconceito. (Ana Paula)

O fato de ser branca e ter uma família “misturada” é contado por Ana Paula como prova de não racismo. Entretanto, logo nas primeiras frases sobre o tema, diz que mesmo não sendo negra, se incomoda com as piadas na família. Em sua visão, parece que o fato de ser branca deveria deixá-la imune ao incômodo trazido pela piada racista. Diferente de Adriana, Ana Paula percebe a seriedade da piada e sua consequência de reforçar o preconceito. Esse é um dos poucos momentos da entrevista em que ela nota o racismo de brancos contra negros, pois sua fala está mais voltada em notar o racismo dos negros contra si próprios. Na próxima citação, que é sequência da anterior, Ana Paula relata o que sente da relação de um tio branco e uma prima negra:

Tipo, eu tenho uma priminha, que ela tem, acho que é, dois anos, acho que é, agora, não sei. Aí, fica, vai, meu tio pega ela e fica: eh, neguinha do cabelo duro e não sei o quê e fica zoando sabe. E a criança ouve, cresce ouvindo aquilo, vai enraizar o preconceito. Uma menina dessa quando crescer vai falar: ah, meu cabelo é ruim, meu cabelo é não sei o quê, sabe. Então, eu acho errado, eu não gosto, não, dessas piadinhas assim. E tem muita piada, muita brincadeira, sabe? Eu não gosto. Eu não vejo a menor graça. *[E quando seu tio faz...]* Sei lá, eu acho que toda brincadeira tem um fundinho de verdade. Eu acho que ele pode estar brincando ali e tal, mas no fundo ele tem um certo preconceito, sabe, de achar mesmo que ele é superior, porque o cabelo dele não é daquele jeito, sabe? Porque eu acho assim, você não vai zoar uma coisa que você acha que é. Porque ninguém se zoa. Se eu tiver o cabelo enrolado, eu não vou ficar: hahaha, você tem um cabelo enrolado. Então, eu acho que é assim, uma coisa: ah, eu estou acima, sabe, por mais que seja inconsciente, assim. Eu nunca vi discriminando ela, de não querer que ela faça alguma coisa. Ela é bem tratada na casa dele. Tem grudinho e tal, sabe, assim. Mas sei lá, eu acho que é meio que uma... um pensamento assim que os brancos são superiores, por

isso que brinca, porque senão, não tinha por que zoar se achasse que é igual, sabe? (Ana Paula)

Ana Paula mostra no relato sobre o tio branco e a prima negra, que o racismo ocorre em uma relação de proximidade e afeto. Ou seja, não é que a discriminação envolva exclusão nas relações, mas a entrevistada percebe que a brincadeira denuncia um “certo preconceito” porque existe um “fundinho de verdade” e, com isso, afirma o sentimento de superioridade do tio pelo fato de ser branco. No entanto, tal percepção clara do racismo não faz com que Ana Paula compreenda as dificuldades vividas pelo negro e todo e qualquer desejo de embranquecer deste é uma acusação que ela faz de racismo dos negros pela falta de autoaceitação. As falas nesse sentido serão apresentadas na próxima categoria.

Gisele, ao responder sobre a existência do racismo, cita as piadas feitas pelo pai. Piadas essas que não a impediram de ter amigos negros:

[E você acha que tem racismo, no Brasil?] Ah, com certeza. Acredito que sim. Eu fui criada em uma família, em tese, assim, racista, porque desde criança, que eu escuto piadas de negros... pai policial, então... Aquelas piadas de... “Negro só anda de carro quando é preso”... Piadinhas assim. Mas é sempre com humor, o preconceito, lá em casa. Então, nunca teve nada de mais proibição. Tanto que os nossos melhores amigos, meus e dos meus irmãos, são negros. Mas quando eles estão em casa, ninguém faz as piadinhas. (Gisele)

O preconceito na casa de Gisele é pela via do humor. O pai, por meio de piadas, indica para ela que sua família é racista. No entanto, como já comentado por Bianca, tais comentários racistas não são feitos na frente dos amigos negros. Em seguida, Gisele conta da mudança ocorrida no tempo:

Mas quando eu era menor, tinha muita piadinha, assim... *[E hoje?]* Hoje já não tem mais, porque cada um cresce, tem as suas opiniões formadas, e aí muda. Mas quando eu era criança, isso tinha bastante. Então, eu acho que isso é enraizado na cultura, né? Todo mundo tem alguém na família que é racista e vai passando... Só que, aí, você cresce e muda um pouco de ideia, pelo menos, eu mudei: meus melhores amigos são negros. Então, eu não tenho problema. *[Que que te ajudou a mudar?]* Eu acho que foi essa... esse contato com essas outras pessoas, né, com os negros. Eu sou de escola pública, né, então, tem sempre mais negros do que em escolas particulares. Então, essa mistura ajudou, né, a ver que todo mundo é igual e não tenho problema. Acho que foi isso. Em casa também, apesar das piadinhas, nunca teve uma proibição: “Ah, você não vai poder ter amizade com um negro”, “Se vier um negro aqui...”, “Você não vai poder namorar um negro”. Apesar das piadinhas, né? *[risos]* Mas, nunca teve essa proibição. Acho que, por isso que eu consegui escapar... *[risos]* (Gisele)

Gisele mostra a diferença geracional apontada por Barreto (2008): os pais apresentam falas racistas, mas ela, que cresceu ouvindo, consegue “escapar”, “formar suas opiniões” e as piadas não acontecem mais. É importante notar também que as piadas não envolvem interdição da relação com eles, mas são claramente percebidas como racismo, pela entrevistada. Também Rodrigo que diz que seu avô é racista e mostra a diferença de gerações sobre o tema:

[E você acha, Rodrigo, que tem racismo no Brasil?] Ah, eu acho. Eu acho que tem bastante, aliás. Eu até posso falar da minha família. Meu avô, ele tem problema, ele não gosta... de negro. Ele é espanhol, né, e sempre esteve acostumado com... até descendente de árabe, porque ele é do sul da Espanha. Então, tem muito árabe, mas negro ele não estava acostumado. Aí, ele veio para o Brasil, viu muito negro, e não sei se não se acostumou... não sei... não entendo por que, justamente, não entendo por que... mas... que tem bastante tem. [E que que ele faz, assim, que te faz pensar...] Ah, ele tira sarro o tempo todo, né? Inclusive, até brincadeira maldosa, do tipo: nunca vou querer ter um perto de mim; nunca vou querer, por exemplo, morar perto de algum, né? Eu acho incabível. Eu acho incabível. Mas, ele tem disso. (Rodrigo)

Rodrigo, que contou em algum momento da entrevista que mora com o avô, relata o racismo presente em sua família por meio deste. O avô não gostar de negro é justificado por ele pela pouca convivência com negros na Espanha. As frases racistas do avô são condenadas por ele e, embora aquele diga que não quer um negro por perto, sua família tem um casamento com descendente de negros, pois Rodrigo tem ascendência negra:

[É... e você tem alguma ascendência, alguma coisa?] Negra? [Eu lembro, eu acho que no seu questionário... quando você topou a entrevista, eu acho que eu peguei a sua data de nascimento...] Pegou. [E você colocou lá, não sei se foi... moreno, acho que mestiço, não foi?] Foi. [Como é que sua “mestiçagem”, na sua família?] É... por lado de mãe, são espanhóis do sul da Espanha e, aí, a mãe do meu avô era árabe, da Síria. E, do lado do meu pai, o avô dele era italiano e a avó dele era cabocla, era índia com negro... [Aqui do Brasil?] Aqui do Brasil. Eu, inclusive, convivi com ela. E é uma pessoa incrível, ela. E é isso que eu tenho de sangue negro e índio, é ela. [Entendi. E essa relação dessas pessoas... com esse avô que você disse?] Não teve, não teve. Mesmo porque a família do meu pai não tem muita relação com a gente. (Rodrigo)

A contradição entre a fala do avô que não quer conviver com negros, mas que mora com Rodrigo, não é naturalmente abordada pelo entrevistado, pois é a entrevistadora quem

questiona a evidente ascendência negra de Rodrigo. É interessante ressaltar também que o entrevistado não mencionou a parte negra de sua ascendência na pergunta do questionário referente a isso.

Também, Janaína aborda a piada como a forma de preconceito que ela já viu:

(...) eu conheço algumas pessoas que fazem piada, que não são tão brincadeira assim... mas, mais para esse lado. (Janaína)

Em outro momento da entrevista, Janaína fala de novo da brincadeira. Porém, agora, ela é protagonista da brincadeira e lhe parece algo natural:

Hoje, eu e meu irmão brincamos muito com isso. Sabe assim, piada. Mas, falar do assunto... não. Mas também não é uma coisa que não é natural, é uma coisa natural. Meu pai é branco e a gente sempre brinca que meu pai gosta de pretinha e etc. Então, assim, é uma coisa natural. Não é uma coisa sempre comentada, mas é natural. (Janaína)

Janaína respondeu “mestiço” para as duas primeiras perguntas de identificação cor/raça⁶¹ e identificou sua ascendência na pergunta 3 como “branco e preto”. Vale notar que, na fala acima, o tema não é comentado, mas a brincadeira aparece como algo “natural” e é o pai que é apontado como o que gosta de “pretinha”. O gosto da mãe não apareceu como objeto de brincadeira. Qual seria o desconforto? É assim tão natural ser mestiça?

Algum tempo depois, ela aborda de novo a questão da brincadeira. Mas de forma diferente. Para ela, a possibilidade de brincar seria, justamente, pelo fato do assunto ser “confortável”.

Eu acho que enquanto a gente fala do racismo é porque ele existe. Pelo menos, dessa maneira como a gente fala que não é natural... que é uma coisa assim: não, eu não posso utilizar esse termo... Porque a gente coloca preconceito nos termos... A gente coloca preconceito na brincadeira... porque, pra mim, quando você está confortável com uma coisa, você faz brincadeira, você faz brincadeira com tudo, o tempo todo: com a roupa que a pessoa está usando, com a maneira dela se comportar, com a maneira errada que ela fala, às vezes, a gente pega e faz uma brincadeira e etc. Então, não existe essa situação de naturalidade, de conforto... eu percebo mais isso, que em algumas situações não tem muito conforto... Mas como hoje, eu me sinto mais confortável com isso, então, acho que acaba... quando você está meio insegura com isso, com alguma questão, parece que... é igual, não é confortável pra você e pra pessoa. Mas quando você fala com mais naturalidade, parece que a pessoa também pega isso. (Janaína)

⁶¹ Primeira pergunta (aberta): Qual é a sua cor? Segunda pergunta (fechada): Dentre as opções, qual você escolheria para definir você? () branco () preto () mestiço () indígena () amarelo.

Assim, temos uma contradição: Janaína, primeiro fala da piada que não é tão brincadeira assim e, depois diz que em sua família, em que a mãe é negra, não se fala de racismo, mas se brinca, e isso é dito como algo “natural”. Nessa mesma linha, ela defende que o fato de se falar do racismo hoje sem naturalidade e sem conforto é sinal de que este existe. Nesse sentido, a piada seria o sinal de que o tema é “confortável”. Mas será que é tão confortável assim?

3) O dedo apontado para o negro (ou racista é o negro)

O racismo do negro contra si mesmo foi apontado como algo recorrente. Mas, de alguma forma, a presente categoria vai além de constatar a introjeção do racismo pelo negro, uma vez que se trata de um problema social. Aqui, a fala dos entrevistados é no sentido de responsabilizar os negros pelas difíceis situações que ainda passam. Começemos, então, por Adriana:

Muitas vezes, as pessoas, elas fazem isso, elas julgam, elas usam o preconceito contra elas mesmas. Elas não... elas se autodiscriminam, assim, independente das outras pessoas fazerem isso. Muitas vezes, a gente vê assim, alguém fez alguma coisa pra ela e ela nem... ela julga que é porque ela é negra e a pessoa não fez isso porque ela era negra. Ou então se faz de coitado por causa disso, sabe? Ou então faz piada com a própria situação, sabe? Eu já vi muita gente fazendo. (Adriana)

A autodiscriminação bem como o “se fazer de coitado”, ou o “se fazer de piada” é apontado por Adriana como formas de autopreconceito do negro. Essas situações são carregadas de contradições e sutilezas porque ela diz que o negro acha que algo aconteceu com ele por ser negro, mas não necessariamente é. Em seguida, Adriana exemplifica essa ideia:

(...) eu tenho um amigo que, vira e mexe, ele fala assim: por que você está fazendo isso comigo, só porque eu sou preto? *[Ele fala brincando ou ele fala sério?]* Ele fala brincando. Ele adora fazer piada dele... é sobre negro, entendeu? Ele fala brincando... Eu acho que... não sei se seria o caso dele não se aceitar. Eu acho até que ele se aceita. Mas, ele mesmo se... *[Ele usa como piada?]* É, ele usa como piada. E assim... não sei, não seria um caso de não aceitação. É um caso que assim... ele usa assim a situação que todo mundo faz mesmo e ele faz, só que não para se agredir, mas para... acho que seria para brincar com a situação das pessoas que fazem isso, sabe? *[E quando ele fala isso, como é a reação das pessoas? Elas riem? Ou elas ficam...]* Acho que as pessoas riem... eu, por exemplo, eu dou risada. Não sei, assim... acho que eu não deveria rir né, porque... nada a ver... mas eu dou risada. (Adriana)

O exemplo do amigo que brinca com o fato de ser negro é dito em seguida das afirmações sobre o negro usar o preconceito contra si mesmo. É interessante que, na citação anterior, Adriana critica o negro que acredita que alguém fez algo para ele com base no fato de ser negro. Essa vontade de neutralizar um olhar racializado para o negro também é expressa por ela quando não quer rir das piadas do amigo negro. Racionalmente, em sua lógica, não há porque rir, pois a discriminação vivida pelo negro não está relacionada com o fato de ser negro. Mas ela diz que ri. Ou seja, ela entende que a piada faz sentido. Ela percebe, ainda que pela comicidade, que o negro de fato passa por discriminações constantes.

Tal contradição, entre o que é aceito socialmente como correto e sua própria opinião, também é vista na fala de Ana Paula. Ao falar de racismo, inicialmente, ela tem uma fala clara e pensada sobre rótulos:

Sempre têm os rótulos, assim, né? Sempre tem, acho... *[Rótulos?]* Ah, eu acho que são rótulos né? Nem só de... quanto à etnia, mas tudo na nossa vida, a gente é rotulado, né, tipo, de qualquer forma assim. Se você gosta de uma música, você é de tal jeito. Se você se veste de um jeito, né, tem um rótulo e acho que a etnia faz parte disso, também, que não diz nada do que a pessoa é, são só rótulos que as pessoas colocam, assim. *[Você acha que a cor da pele, ou a etnia, é uma forma de rótulo?]* Ah, eu acho que sim. É meio que pra classificar as pessoas, né? Não sei, se, assim como todas as outras, às vezes, ajuda, né, mas muitas vezes dá uma ideia errada, né? Às vezes, você vê uma pessoa bem vestida, vai, você fala: nossa, é patricinha. Às vezes, não é, entendeu? Às vezes, a pessoa trabalha e batalha pra conseguir aquela roupa. Vamos dizer, então, não é... acho que a gente tem uma ideia né... é até meio que inconscientemente, né, você vê uma pessoa, você já cria uma imagem a respeito dela. Mas, nem sempre corresponde, né. Então, acho que é de rótulo, também... você vê o negro, mas muitas vezes, você não para para pensar o que tem por baixo daquele negro, aquela personalidade, aquele gosto, da pessoa, nada... É um negro, é aquilo, entendeu, rotula. (Ana Paula)

Em seguida, Ana Paula, ao responder sobre a existência do racismo, acusa os negros de racismo:

[Você acha que tem racismo no Brasil?] Ah, com certeza. Eu acho que sim e bastante, assim. Tipo, só que eu acho que também não é só dos brancos. Acho que, muitas vezes, parte dos próprios negros, assim, sabe, deles se discriminarem ou se aproveitarem desse racismo pra deixar de lutar muitas vezes por muita coisa. Eu falo inclusive por causa da minha família. Sabe, às vezes... Não todos, mas acho que tem muitas pessoas que têm isso: ah, eu sou negro, eu não consigo as coisas, para negro é mais difícil, tal, tal, tal. Mas sei lá, eu não sei se é. Sabe, acho que é difícil pra todo mundo, não tem isso. (Ana Paula)

Embora os rótulos sejam apontados por Ana Paula como algo ruim, ela mesma rotula os negros por sua autodiscriminação e por “deixarem de lutar”. Questionada sobre a existência do racismo no Brasil, ela rapidamente defende que o racismo não é só da parte dos brancos. A convivência com negros em sua família é apontada como a “prova” do que está dizendo. Ao final dessa passagem, quando diz que acha que é difícil para todos, não só para os negros, ela está negando a existência do racismo contra negros. Os negros estariam, então, em sua visão, tendo as mesmas possibilidades que os brancos. Então, é o fato de “não lutarem” e de se autodiscriminarem que justifica as dificuldades enfrentadas pelo negro. Em seguida, Ana Paula questiona a definição de negro:

E outra também, tem muito assim, o que é ser negro, né? Tem pessoas, ah, é morena, é mulata, é indígena, é não sei o quê, eu não sei falar, sabe, se é negro ou não é. Então, não sei assim, acho que brasileiro é muito misturado, não tem como você saber, assim, sabe: é negro, não é negro. *[É difícil de identificar, às vezes?]* Ah, muitas vezes assim... Ah, muitas vezes. Tipo, eu não sei assim. Por exemplo, você é morena. Se eu tivesse a sua cor, eu não sei se eu ia me identificar como negra, como morena, como branca, como indígena. Sabe, sei lá, eu acho legal, isso, essa mescla, sabe, de não saber identificar, assim. Agora o que eu falo assim de racismo dos próprios negros, assim. (Ana Paula)

Ana Paula aborda a dificuldade de definição do negro, elogia a mestiçagem, fala da cor da entrevistadora. Mas tal elogio à mestiçagem é seguido pela acusação de racismo dos próprios negros e ela se lembra de uma situação emblemática de seu pensamento:

Tipo, agora, eu lembrei, de uma situação, assim. No ano passado, que eu estava na escola, né, terceiro ano ou no segundo, não lembro... aí, teve um questionário do MEC, né. Chegou lá: você se considera branco, preto, pardo, amarelo, não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê. E, tipo, tem muita gente assim, que, bom, na minha concepção é negro, mas não coloca. Parece que tem medo de colocar, assim. Coloca pardo, coloca outra coisa, assim, mas não assume, sabe? Acho que se eles se assumissem, assim, seriam muito mais respeitados, sabe? Porque eu acho que isso também não é só o negro, é muita coisa. É você ser pobre, você ser gordo, você, enfim. Quando você se assume, as pessoas te respeitam. Só que se você cede a esse preconceito, aí, sabe, não vai acabar. Aí se enraíza mais ainda. *[Você acha que as pessoas não se assumem?]* Ah, pelas pessoas que eu conheço, tem muita gente que meio que se faz de vítima, sabe? Eu sei que muitas vezes é... eu sei que é mais difícil. Mas, sei lá, eu acho que eles estão ganhando terreno. E alguns aproveitam isso, outros não, sabe. Tipo, falam assim: ah, eu não vou fazer isso, porque eu não consigo. Mas não vai atrás, sabe? Então, eu acho que tem muito isso. Isso também não só relacionada a negros. Eu acho que toda generalização é

perigosa, assim. Acho que não só relacionado a negros. Tem muita gente que se conforma, sabe, que... por exemplo, se eu não gosto de uma pessoa, aí, se eu falo qualquer coisa dela e ela é negra. Ela fala: ah, é preconceito, é porque eu sou negra. Meu, às vezes, não é preconceito, às vezes, é por causa do jeito dela. Então, muitas vezes, eles se apoiam nisso, eles não param para rever suas atitudes, sabe, eles se apoiam nisso: é porque eu sou negro. E eu não concordo com isso. *[Você acha que se acomodam?]* É, exatamente. Comodismo, muito mesmo, eu vejo muito isso, exatamente. (Ana Paula)

Embora seja tão difícil identificar quem é, ou não, negro, Ana Paula sabe rapidamente identificá-los e acusá-los de racismo quando não se “assumem”. Em sua lógica, eles seriam respeitados se se assumissem. E são responsabilizados pela perpetuação do preconceito, porque “cedem” ao preconceito, e este se “enraíza” ainda mais. É evidente a culpabilização do negro pelo racismo. Perguntada sobre o porquê dos negros não se assumirem, Ana Paula fala do quanto eles se fazem de vítima. E afirma o que tinha negado pouco antes: ela diz saber ser mais difícil para o negro. Mas, em seguida, diz que os negros “estão ganhando terreno” e que alguns aproveitam, outros se acomodam e acham que tudo o que acontece com eles tem a ver com o fato de serem negros. O que ela nega. Aqui, Ana Paula dá mais elementos sobre a forma como pensa tal assunto:

[Eu ouvi também, em outro momento, em uma palestra: eu tenho até uns amigos que são negros e tal. Mas o problema é que eles não se aceitam...] Eu acho que tem muito isso, é... às vezes, não se aceitam, mesmo. Tem preconceito contra si próprio. Não quer ser negro. Não assume mesmo, né? O que a gente vê de negro pintando o cabelo de loiro, por exemplo. Eu acho ridículo, meu. Eu acho que você tem que se assumir, sabe? Pô, e o tanto de negro que tem bonita, a gente vê aí na TV: atriz, ator, assim, que eu pelo menos acho lindo, sabe?! E a pessoa fica querendo fugir, virar uma coisa que não é. E eu acho assim, você deixa de ser negro e você não vai ser branco, então você perde a sua identidade, entendeu? Então, eu acho muito errado isso. E aí, tem tanto no caso de não se aceitar. Ou, às vezes, pode até se aceitar, mas para os outros vai dar aquela de comodismo, sabe? Ah, tudo é porque eu sou negro. Você não gosta de mim porque eu sou negro. Eu não consigo isso porque eu sou negro, sabe? Aí, é um comodismo assim. (Ana Paula)

Para Ana Paula, é ridículo, errado e desnecessário a vontade do negro de não ser negro e pintar o cabelo de loiro, por exemplo. Ela, de alguma forma, critica o branqueamento, isto é, a vontade de ser branco do negro. Ela vê a beleza negra. Mas tal crítica e percepção são limitadas à acusação de preconceito dos negros. Toda vontade de embranquecer é responsabilidade deles. São eles, segundo ela, que têm preconceito contra si próprios. O preconceito dos brancos e de toda sociedade ao redor do negro não é considerado. É o negro

que perde sua identidade e se acomoda. Ao negro está a responsabilidade por seu bem estar estético. Entretanto, em seguida de apontar o comodismo dos negros, Ana Paula é questionada sobre o porquê dessa situação, o que ela remete aos padrões sociais:

[E por que você acha que isso acontece?] Ah, por causa dos padrões, né, que a sociedade impõe, assim, entre aspas. Tipo, aquela coisa que a mulher tem que ser magra, de cabelo liso, loira e não sei o quê. Daí, vem aquela onda de chapinha (risos), água oxigenada, assim, né? Isso não é nem só os negros, é todo mundo. Tipo, a gente acaba... por mais que a gente tente lutar contra, a gente acaba cedendo alguma coisa, porque a gente quer ser aceito, ninguém quer viver sozinho, quer viver isolado, né? A gente quer se enquadrar nos padrões. Só que, às vezes, se a gente é diferente, né? Então, aí, a gente não está nos padrões, aí, pra gente se enquadrar, você começa a perder a identidade. E a partir daí, eu não concordo. Eu acho que você tem que se enquadrar até certo ponto, naquilo que é comum a todo mundo. Agora, eu tenho a minha particularidade, eu não posso abrir mão dela pra me enquadrar no que você pensa, entendeu? Então, acho que muita gente faz isso, inclusive os negros, né? (Ana Paula)

A razão do autopreconceito dos negros está na imposição dos padrões sociais que atinge a todos, pois ninguém quer se isolar e o desejo de estar dentro de tais padrões é comum a todos, segundo Ana Paula. Porém, quando se é diferente – e os negros estão dentro dessa diferença, para ela – é preciso “abrir mão” do desejo de se enquadrar, o que ela explica melhor, em seguida:

[Você falou de padrões... como assim?] Tipo, acho que mais preconceito do padrão estético, mesmo, sabe, de não gostar de uma boca porque tem os lábios grossos ou porque o cabelo é enrolado, não é liso, sabe? Aí, fica aquela coisa de faz chapinha, faz cirurgia, faz não sei o quê. Nossa, eu acho muito ridículo, sabe, eu acho desnecessário, totalmente, sabe, eu não sei, eu não gosto, não. Eu acho que, a partir do momento que você começa a cuidar mais do que é externo, você perde sua substância, sabe, por dentro. Aí você vai ficar uma pessoa vazia, aí, tipo, é um círculo vicioso. Porque uma pessoa dessa, por exemplo, uma negra que não se aceita, que se acha feia, que faz chapinha, que faz não sei o quê, ela vai virar uma pessoa mais vazia, daí, as pessoas podem começar a evitar ela, e ela vai achar que é porque ela é negra e porque ela é feia. Mas não é. É porque ela está dando importância para o que não é importante, entendeu? Ela está se esvaziando por causa daquilo. E aí, né, é uma concepção errada, eu acho. (Ana Paula)

A menção aos padrões sociais se deu após a pergunta sobre o porquê dos negros pintarem o cabelo de loiro ou fazerem chapinha, que ela citou. Mas a percepção da influência dos padrões tem um limite. A submissão ao padrão social deve estar restrita aos que já estão

dentro dele. Existe o padrão e a pressão para que as pessoas entrem nesse padrão, porém, para aquele que é diferente o padrão não serve, e quem insiste “se esvazia”. Ou seja, o padrão deve homogeneizar aqueles que já estão na norma, ou próximo dela. No caso, os brancos. Os negros não têm que tentar se aproximar da norma, ou tentar ser aceitos. Ela diz que todos querem ser aceitos porque ninguém quer ficar isolado. Mas essa realidade não serve para os negros. Eles são a exceção e devem se conformar com isso. A submissão ao padrão significa a perda da identidade, o que faz as pessoas negras vazias e, por isso, discriminadas. Para Ana Paula, a pessoa negra que cede ao padrão social está valorizando o que não é importante. E ainda que, antes ela tenha dito que todo mundo quer ser aceito, fica na sua fala a ideia de que o negro deve ficar imune ao padrão.

Enfim, concluímos que Ana Paula, como branca, sente-se autorizada para questionar sobre quem é negro e quem não é. De alguma forma, pode-se dizer que, para debater o tema, o racismo é minimizado pela fala de mistura entre grupos que não permite a identificação do negro. No entanto, para acusar o negro de racista, é fácil definir quem é ou não o negro. Quando convém, o argumento vem da biologia: não existe o negro porque o brasileiro é mestiço; quando se trata de olhar para o negro, o argumento vem da psicologia: é falta de autoaceitação e conformismo.

Também Luíza parte da miscigenação brasileira, para falar dos negros:

Eu acho que a pessoa que falou isso: “Ah, porque elas são pobres” considera que a maior parte dos pobres é negra, que a grande parte da pobreza é negra. O que eu não concordo, se você já entrou em uma favela, você já viu que não é assim. Tem pessoas de toda cor, especialmente... o meio-termo: não é nem branco, nem negro. É um moreno geral. Então, o pobre não é preto. O pobre, ele é pardo, ele é misturado... ele é brasileiro. Sabe aquela coisa de miscigenação, de diversas raças? O pobre... o brasileiro é pobre. Não é... não dá para você identificar: ele é descendente de fulano. A não ser, eu acho, que o índio que aparenta mais, por causa do olhinho que é meio puxado e tal... mas é difícil. Se você caminhar assim num bairro pobre, não precisa nem ser favela, você vai ver que é difícil você encontrar ou, um negro, negro, escuro mesmo ou um branco, branco, loirinho de olho azul, pra ficar nas manchetes: loirinho de olho azul, o mestiço. Eu acho que é mais o moreno mesmo que é o pobre. (Luíza)

Sob o título de “moreno”, vemos a discussão de preconceito racial diluída. Segundo Luíza, o brasileiro é pobre, e o pobre é moreno. Nessa lógica não cabe falar de negro nem discutir o racismo, o discurso de miscigenação e pobreza o dilui. Para Luíza, cabe falar de racismo quando se olha individualmente para as situações, como no exemplo de uma mãe e uma filha, que ela traz:

Eu acho que... eu conheço pessoas... aliás, é uma mãe e filha. A mãe é negra, a filha é mulata. A filha sente discriminação, assim, muito. A mãe, não. E nessa família específica, parece que, por conta de uma sensação da filha, ela tem baixa autoestima, isso afeta a vida dela em todos os sentidos. É muito amplo o que ela sente. Ela começou a engordar. Ela teve vários problemas mais... e eu acredito que seja por conta disso. É um chute meu, pessoa leiga falando, aparentemente, é isso. E a mãe dela, ela fala assim: “Eu não acredito que a minha filha se prenda tanto a questão de cor da pele”. Ela falou... ela falava: “Eu sou mais preta...”. Ela fala isso, ela é negra: “Eu sou mais preta que ela e eu não sinto isso”. Então, eu acho que tem uma questão pessoal também, de você ter uma autoestima elevada e saber o seu valor. Porque, geralmente, quando a pessoa sente isso, ela tem uma baixa autoestima porque ela... ela está achando que a cor da pele aumenta ou diminui o valor e acho que isso pesa... deve ser levado em conta. Embora existam muitas pessoas que pensam isso. Então, se fosse uma resposta sim ou não: existe racismo no Brasil? Existe. Mas ele não é tão forte como nos Estados Unidos, por exemplo. (Luíza)

O exemplo da mãe e filha que conhece é emblemático de sua opinião de que o racismo é um problema pessoal e psicológico e não se trata, então, de uma questão social. Cabe ao negro se adaptar, ter uma alta autoestima, saber seu valor. Cabe ao negro não transformar o racismo em problema pessoal porque, para Luíza, racismo mesmo é o que acontece nos Estados Unidos. Mais pra frente, ela explica melhor o exemplo da mãe e filha:

No meu caso, eu vejo isso com uma mãe e com uma filha, sabe. A mãe é bem resolvida. Ela se impõe. Ela chega, ela tem uma presença, ela é forte. Você olha para ela, você vê uma pessoa assim, positiva. E a filha, não. A filha é uma pessoa depressiva. É estranho. Inclusive, a mãe fica triste por causa disso. (Luíza)

A situação apresentada pela entrevistadora (situação b, apêndice 4) é confirmada por Luíza como possível, pois ela acredita que existam negros que não se assumem. No caso que ela apresenta, a menina é vista como depressiva. E a mãe, que é “bem resolvida”, é uma pessoa “positiva”, que se “impõe”. Mariana também fala da importância do negro “se impor”. Diferente de Luíza, ela parte não de exemplos de outras pessoas, mas da sua própria vida e de sua assunção como homossexual.

Mas, antigamente, eu tinha um medo de me declarar, em um ambiente, que não era 100% um bar gay, assim. E, no trabalho, isso tinha muito. E a partir do momento que eu fiquei em paz com isso, tipo, a autoestima melhorou, é justamente a coisa da autoestima, né, de você se colocar, as coisas ficaram mais simples, pra mim. Eu lembro que, eu estava comentando com uma amiga minha... que, assim, todas as meninas que trabalham comigo na recepção falam com os namorados. E aí, teve uma namorada minha que ligou no hotel, pra

falar comigo, aí, eu meio que disfarcei e não falei quem era e tal. E ela falou assim: “Tá e se fosse um namorado, você ia falar?”, aí, eu falei: “sim”. E ela: “Então, o preconceito é seu”. [risos] Daí, eu tomei na cara, várias vezes, assim, né? Aí eu falei: putz, foi péssimo, né? E era mesmo, na verdade, era um medo meu, mas, assim, tem uma coisa de você se submeter, então, assim, teve uma briga enorme na minha família... para eu, para eu... enfim, ter um espaço na família enquanto mulher lésbica e tal. Foi muito difícil. E isso me traumatizou muito. Então, a autoestima caiu. E eu acho que o negro tem isso desde pequeno, dele se ver renegado, ou... Ah, e tem outra coisa do ídolo, né, os ídolos que ele tem enquanto criança, sei lá, de novelas, de filme, na rua mesmo, de ter sempre um loiro, um branco, ou um príncipe encantado de olho azul, sabe? De Jesus ser branco e todo mundo é branco e ele é negro. Então, assim, eu acho que falta isso assim, também, da identificação, né, desde pequeno. (Mariana)

Partindo de sua própria experiência como homossexual, Mariana fala da importância de estar “em paz” consigo para a autoestima melhorar. Ela comenta a situação em que percebeu que o “preconceito” é seu. Sensível à situação do negro, ela diz sobre o quanto acredita que o negro seja “renegado” desde a infância; ela lembra a amiga que comentou a cor de seu cotovelo, notando os “clubes fechados” e, com isso, o racismo sutil. Mas coloca a possibilidade de mudança como responsabilidade da família do negro. O racismo não é visto em sua dimensão social, mas particularizado como questão do negro, que deve ter a responsabilidade de mudar o racismo presente. Em seguida, questionada sobre como mudar tal quadro, Mariana insiste na questão da “assunção”:

[E você acha... como que você acha que a gente poderia mudar esse...]
Eu acho que primeiro tem que assumir, né, que é um trabalho imenso e não se fala nisso. Eu acho que o tabu já está nisso de assumir que é e que causa um desconforto, sabe? E a galera faz questão de falar que não, eu super apoio e não sei o quê, mas... no dia-a-dia da pessoa, ela não tem nenhum conhecido... não é nem negro, é um pouco menos escuro que ela, que nem aquela minha amiga do cotovelo, que tem 22 anos, faz Direito, já viajou e tal e não... É, vive naquele círculo fechado, entendeu? Mas eu acho que... eu acho que é o papo da autoestima, desde criança. Eu acho que tem que começar... como essa coisa do governo que começou agora, acho que política de diversidade sexual, também, desde criança assim, de reprimir... entendeu? Essa coisa de não pode. Aliás, uma outra coisa que a gente conversava muito é que o racismo vem de casa, na verdade, né, vem da família. (Mariana)

No final desse trecho, Mariana fala de novo da importância da família como a origem do racismo. Em outro momento da entrevista, ela aborda a sua percepção da “timidez” do negro e da necessidade dele “se impor”:

Eu sinto muito... negro que fica mais tímido, que fica mais assim, sem graça, não sei... que não é tão desenrolado, entendeu? Eu acho que tem essa coisa, deles... de desde pequena, a família mexer com essa autoestima. Aliás, já tem um movimento grande disso né, mas acho que tem que ter mais, assim. De se impor mesmo, eu também estudei para caramba que nem você que está ao meu lado, e também falo não sei quantos idiomas, e daí? Entendeu? Pelo menos, eu consigo me impor assim, né, eu estou na segunda faculdade, aliás, e eu faço questão assim de dar exemplos... (Mariana)

Falando do lugar de quem é homossexual e consegue se impor pela sua própria competência e esforço, Mariana se esquece do “estigma”⁶² que a homossexualidade pode esconder ou permite alguma “negociação”. Isto é, a homossexualidade, embora seja um estigma e fonte de preconceito, não é necessariamente evidente em si. O negro tem outra relação com seu estigma, pois a sua presença física expressa o fato de ser visto como negro. O homossexual pode ser identificado como tal, ou não. É nesse espaço de negociação que Mariana aponta a saída para o racismo contra negros. Porém tal negociação é, de certa forma, menos possível ao negro do que ao homossexual, pois o negro não tem a opção de não se mostrar negro como tem o homossexual. Isso quer dizer que a sensibilidade de Mariana sobre as discriminações que o negro passa, influenciada por seu olhar de pessoa homossexual, que também sofre discriminação, fica pela metade quando ela não nota o que de fato o negro passa e, insiste que tudo pode ser mudado pelo esforço do negro, como fica claro na próxima passagem:

E, então, eu acho que o racismo parte de dentro também. Dos negros... não de se mobilizarem e fazerem passeata, mas de pessoalmente, tipo, serem seus heróis pessoais, assim: eu vou estudar e tipo, o cara não vai ter como não me contratar, eu tendo tudo isso, entendeu, ou falando bem essas línguas, que eu vou ler, que eu vou fazer curso, que eu vou estar atuando ou fazendo, ou bababá. Acho que é de dentro para fora, mesmo. (Mariana)

O racismo é visto por ela, como algo de “dentro pra fora”. Trata-se de uma questão dos negros se mobilizarem. Sua ideia de que a contratação não tem como não ocorrer se o negro for competente e um “herói pessoal” esbarra em um dado da realidade⁶³ em que negros com mesmo nível de competência que brancos são preteridos em postos de trabalho. Vale lembrar que alguns negros quando ascendem socialmente são vistos como menos negros. Mas não escapam do estigma de serem não brancos⁶⁴. Assim, Mariana fala de uma lógica possível a

⁶² Ver Goffman (2008).

⁶³ Ver dados do SEADE apresentados no capítulo cinco.

⁶⁴ Ver Figueiredo (2004).

seu grupo de pertença - que também sofre sérios estigmas – e ignora as diferenças que permitem ascensão social a uns e não aos outros.

Ana Paula, ao comentar o questionário, também fala que os negros têm que se esforçar para que possam “conseguir coisas”:

[E aqui na admiração, você colocou no meio, né...] Então, porque assim, eu coloquei algumas vezes, porque não pode ser sempre, porque é que nem eu falei, tem uns que são acomodados e tal. E não é nunca, porque tem negros que eu admiro. Por exemplo, a Glória Maria é uma jornalista que eu acho o máximo. E é assim, eu sei que ela deve ter lutado muito mais do que muitos jornalistas que estão lá, porque existe preconceito. Aí que está: impediu ela de chegar lá? Não. Ela lutou, ela chegou lá e ela é uma ótima jornalista. Ou tem atrizes, tem atores que assim, tipo, deixa eu pensar... Tem um rapaz que está na novela da tarde, só que eu não sei o nome dele. O nome do personagem é Felipe, só que eu não sei o nome dele na vida real. Acho ele também o máximo, acho bonito, simpático e tal, sabe. Então, assim, eu sinto admiração por aqueles que lutam e se destacam. Mas por que algumas vezes? Porque é difícil na verdade, a gente ver, sabe, infelizmente, né, é difícil a gente ver negros que se destacam assim realmente, sabe, pelo seu valor mesmo, não por estar lutando contra a estereotipa... ah, sei lá, o estereótipo. Enfim, é difícil, mas eu admiro muito quando eu vejo, sabe. Aí é que está, não só deles, também, acho que qualquer pessoa que você vê saindo... Por exemplo, o pobre, vamos dizer. Tem muito preconceito também contra uma classe mais baixa. Então, você vê alguém que... Aqui na USP mesmo, a gente vê muita gente que lutou pra caramba para estar aqui, que se matou pra pagar cursinho. Eu admiro muito gente que luta pra conseguir as coisas. Eu acho que você dá muito mais valor. Então, como eu sei que eles muitas vezes têm um caminho mais longo, que tem que lutar mais pra chegar, eu admiro muito quando eu vejo, chegando lá. (Ana Paula)

Ana Paula diz que admira aqueles que “lutam”. Glória Maria é um exemplo. O sucesso dela é a prova de que é possível superar o preconceito. Mas, Ana Paula admite que não sente admiração com muita frequência porque, infelizmente, ela não vê o negro lutando sempre. O foco no esforço do negro nega a existência do racismo como um problema social. O racismo passa a existir como uma questão de falta de aceitação e esforço do próprio negro. A vítima passa a ser o culpado.

Aline lembra outros grupos que sofrem preconceito, inclusive ela mesma por ser gorda:

Porque é normal... eu sofro preconceito por ser gorda, tenho amigos que são gays, amigas lésbicas, que também sofrem muito preconceito. É... pessoas negras, que são meus amigos, até japonês sofre preconceito porque tem aquela fama que tem que ser mais

inteligente. O pessoal fala: ah, aquele lá vai roubar a minha vaga. Então, você tem que ignorar as coisas, ser feliz com você mesma. Aprender a falar: não, eu não tenho problema nenhum, se é branca ou se é negra e tentar levar a vida da melhor forma possível, porque se você for se importar com todas essas críticas, com todos esses preconceitos, você acaba sendo uma pessoa infeliz e frustrada. Não tem jeito, então, o melhor é seguir a sua vida, tentar esquecer que existem pessoas assim, e tentar conhecer pessoas melhores, que têm a mente mais aberta, que tiveram mais experiência, não sei. (Aline)

Ainda que a fala de Aline tenha um tom antipreconceito, a estratégia de superação do racismo, defendida por ela, está, unicamente, sob a responsabilidade do negro: é ele quem tem que aprender a não ver problema nas discriminações que vive, pois senão será “infeliz e frustrado”.

Júlio também aponta para o negro e para seu posicionamento com forma de “colaborar” para o racismo:

Desde uma posição, por incrível que pareça, né, no ônibus, a seleção dos lugares para sentar, a... ah, vou dar um exemplo: uma senhora negra, provavelmente, de 70 anos, entrou no ônibus e ninguém deu lugar para ela sentar, até então. Aí, eu estava ao fundo, não era nem um lugar reservado, mas, eu me levantei... é engraçado a forma como ela agradece: ela agradece como se ainda ela estivesse errada, porque, então... eu fiquei imaginando aí, a situação dela, talvez, a primeira hipótese: para ela, é assim mesmo, uma pessoa de 70 anos, já passou a vida assim, ela se convence de que ela está no lugar errado, talvez, então, ela não exige os lugares dela, enfim, ela espera a manifestação do outro, então, ela acaba até colaborando com isso, né, de uma certa forma. Mas, há, esse é um exemplo. Eu vi pessoas jovens e até mais maduras no lugar ali... agora, engraçado, em contrapartida, quando vem aquela velhinha branquinha, assim, é mais comum as pessoas se levantarem, e já ceder o lugar, é mais comum. É o que eu presencio no dia a dia. (Júlio)

Júlio nota que uma senhora branca não passa pela situação da mesma forma que a senhora negra. No entanto, para ele, o fato de senhora negra não “exigir seu lugar” e “esperar a manifestação do outro” é uma forma de “colaboração” com o racismo. Ao negro é dado o papel de lutar contra o racismo. No entanto, ele mesmo em outros momentos da entrevista critica a agressividade dos negros e chama de “saber lidar” os comportamentos dos negros que em situações de discriminação ficam “tranquilos” e não se ofendem. A contradição é vivida pelo negro de forma intensa: sua passividade é condenada e também o são suas ações diretas contra a discriminação racial.

4) Raça e classe (ou racistas são as cotas)

As relações entre racismo e classe social foram abordadas, principalmente, quando o tema era cotas. A situação 1 do roteiro de entrevista questiona esse ponto. No entanto, tal situação foi apresentada apenas para os entrevistados de 2009. Todos eles foram unânimes em se posicionarem contra as cotas. Foi comum também a abordagem do tema, sem conhecimento deste. Alguns entrevistados falaram das cotas, antes da pergunta sobre o tema. Isso porque discutir racismo parece despertar as opiniões contrárias às cotas.

Adriana, por exemplo, fala espontaneamente das cotas, sem ser questionada diretamente sobre isso:

As pessoas, muitas vezes, elas têm preconceito contra elas mesmas, né. Então, assim, às vezes, não sei explicar, assim... Mas, por exemplo, esse negócio das cotas. Eu sou um pouco contra, porque eu acho que não é porque a pessoa... por causa da cor da pele dela que ela tem a necessidade de ganhar pontos, entendeu? Porque não é isso que justifica, é o fato dela não ter tido condições de estudar. Muitas vezes, as pessoas, elas fazem isso, elas julgam, elas usam o preconceito contra elas mesmas. Elas não... elas se autodiscriminam, assim, independente das outras pessoas fazerem isso. (Adriana)

O tema das cotas aparece na fala de Adriana para exemplificar sua percepção do autopreconceito dos negros. Adriana, depois de dar dois exemplos de racismo sutil comentados na categoria “Percepção do racismo”, fala do tema como se o racismo não existisse; sua ênfase está na “autodiscriminação” dos negros. Segundo ela, eles usam o preconceito contra eles mesmos.

Também Isabele fala do tema espontaneamente, ao argumentar sobre o preconceito “sociocultural e econômico” como mais “complicado” que o racismo:

Eu acho que a questão é um pouco mais complicada do que falar em racismo. Eu acho que existe todo um preconceito, na verdade, sociocultural e econômico. Tanto que, independente da etnia da pessoa, se a pessoa aparece dirigindo um carro, sei lá, extremamente caro, de mais de 200, 300 mil reais, ela é tratada de uma forma. E se essa pessoa sai de um ônibus, ela é tratada de outra. Então, eu acho que a questão não é nem uma coisa assim tão racista. Eu acho que é um pouco maior, assim. Não sei, eu vejo que essa questão socioeconômica é bem incrustada no Brasil. Mas existe também essa questão de bagagem escravista também. As pessoas sempre levam em consideração isso. Só que eu acho que... eu não acho que... por exemplo, as medidas feitas hoje, como cotas universitárias, sejam a solução. Eu acho que a questão é um pouquinho mais... fica num

âmbito um pouco maior, da sociedade, você... por exemplo, tem que ter um investimento na escola. Antes de chegar e tapar o buraco aqui, na hora que chega na universidade. Se você investe desde o começo, todo mundo tem condição de chegar, porque ninguém é melhor que ninguém, ninguém é pior que ninguém. (Isabele)

Na fala de Isabele, parece que o racismo é visto como um problema mais superficial e o preconceito de classe, sim, é a grande questão. Ela percebe isso no tratamento diferenciado que se dá às pessoas que estejam em um carro caro. Nesse sentido, as cotas não são a solução. Para ela, é como “tapar o buraco”, e com uma fala universalista, ela afirma a igualdade entre as pessoas, ao final desse trecho, que é incompatível com a diferenciação proposta pelas ações afirmativas. Em seguida, ela dá mais elementos sobre o que pensa do tema:

Não é porque a pessoa foi para uma escola e não teve condição que ela é desprovida de inteligência para poder passar no curso que outra pessoa é mais inteligente pra passar. Acho que o preconceito entra um pouco aí, na verdade, também. Porque eu, por exemplo, não gostaria de falarem assim, de falar assim pra mim: bom, então, você tem 50% oriental, 50% europeu, então, você se encaixa nesse perfil, então, você pode entrar nesse curso, porque a gente vai te dar um ponto. Eu não gostaria. Se eu fosse descendente de negro ou índio, eu não sei assim o que eu acharia... Mesmo o meu amigo, que ele é... que o pai dele é negro, a mãe dele é branca, ele faz UNESP, ele entrou com uma colocação, uma das melhores, ele não precisou, então eu acho... Ele mesmo era contra. Então, eu acho que a pessoa tem... que partir dela mesma, essa concepção de, eu sou capaz e a sociedade tem que ver que realmente é capaz. (Isabele)

Isabele acredita que a lógica das cotas refere-se ao negro como “desprovido de inteligência”, o que mostra claramente seu pouco conhecimento do tema. E termina dando exemplo de si mesma e do amigo mestiço que não querem nem precisam das cotas. A entrevistada conclui como argumento contra as cotas que deve “partir” do próprio aluno provar sua capacidade à sociedade. Assim, Isabele, embora tenha afirmado que exista racismo no Brasil, mostra sua pouca percepção da discriminação racial. Cabe ao negro provar que é capaz, independentemente do mundo que o cerca permitir isso ou não. Mais uma vez o “dedo” é apontado para o negro, pois a ele cabe a responsabilidade de transformar sua situação.

Também Rodrigo acha que existe um problema anterior à discussão das cotas, que é a qualidade da escola pública:

Eu acho que esse problema, ele é anterior, né, eu acho que esse problema vem... do problema que é a escola pública. E como forma de mascarar esse problema, de tirar o corpo fora desse problema, eles criaram essa cota. Eu acho que, assim... o problema que devia ser resolvido não era criar cota era resolver o problema da escola pública... para que não houvesse a cota e para que o pessoal da escola pública tivesse a mesma chance do pessoal da escola particular. Então, eu acho que o que tinha que haver era a melhoria do ensino e não abrir cota para o pessoal da escola pública. Eu acho que o problema não é, em si, a cota. Eu acho que o problema é anterior a isso... que tem que resolver. (Rodrigo)

Para Rodrigo, as cotas foram criadas para “mascarar” o problema da escola pública e “tirar o corpo fora”. Ele se mostra contra não só às cotas para negros, mas também para alunos de escola pública. Também com uma fala universalista de que alunos de ambas as escolas devem ter a “mesma chance”, Rodrigo se posiciona contra as cotas, mas com argumentos neutros.

Mariana também acha que as cotas não são uma boa alternativa:

Então, é isso que eu falo, as coisas começam de baixo, porque o mundo não funciona em cotas, entendeu? Tipo, olha você é negro, mas você é *VIP* no avião, então você vai ter essa cadeira. Você é negro, então você é *VIP* no trabalho, você vai entrar em um emprego que já é seu. Não existe isso no mundo, entendeu? Eu acho que é muito falso. É muito... são umas coisas que são imediatistas, assim, eu acho ainda que é ensino básico, acho que ensino básico é tudo. Primeiro, que não tem creche nem para 20% das crianças, eu acho, que saiu uma pesquisa aí, agora, né? Enfim, saiu uma pesquisa, que eu acho que só 5, 10% das crianças até 5 anos têm creche. Começa por aí, então, eu acho que a... eu sou a favor da oportunidade... se todos... de todos terem oportunidades iguais, de poderem estudar e concorrerem igual. E não ficar botando *band-aid* em cima das feridas. Eu acho... eu sou super contra, entendeu? Eu acho que é capacitar todo mundo para... oh, está aqui, todo mundo tem direito de estudar, os livros estão aqui, as matérias estão aqui, tem reforço para quem quiser ir atrás. Tem gente que não se interessa, entendeu? Tem gente que se interessa. Os interessados vão atrás. (Mariana)

Mariana acredita que essa política seja falsa, imediatista e a compara com um “*band-aid*” em cima da ferida. Ela marca o fato de algumas pessoas não se interessarem para dizer que aqueles que são interessados “vão atrás”. Em outro momento, ela explica essa ideia um pouco melhor falando da ascensão social de sua mãe, fruto de seu próprio esforço. O exemplo tão próximo é usado para se posicionar contra políticas públicas que auxiliem a população a sair da situação de pobreza:

É, é como se não tivessem brancos pobres. E pensando assim, eu já tive, eu fui criada por empregadas também, e enfim, em Natal, tem poucos negros, né, como teve... é uma cidade pobre, né, como teve escravidão, então não teve essa coisa do negro trazer riqueza para a cidade e tal, como teve em Recife, Salvador e Rio. E, então, tem muitos pobres brancos, na verdade, e eu lembro que as empregadas que eu tive eram brancas, eram de lá e eram brancas. E aí, o pobre branco não vai ter cota na universidade, por quê? E outra coisa, essa coisa de: ah, é pobre, tem cota. E aí, eu acho, não sei, eu venho de família simples, também, eu tenho uma avó analfabeta... e minha mãe, meio que por sorte, se interessou, estudou e conseguiu se formar e está bem hoje, é psicóloga, aliás, e eu acho que é a coisa da oportunidade, mesmo de você oferecer: olha, você quer estudar, você pode, ou de oferecer a coisa do trabalho, eu sou contra essa coisa da bolsa, que eles dão, também, da bolsa família. Eu sou a favor de tipo, dá o valor: Não, você pode trabalhar, e trocar o seu tempo trabalhado por dinheiro, eu acho que a dignidade, sobretudo, aumenta, porque tipo, eu sou capaz. Então, está tudo relacionado, né, essa coisa de você contrata as pessoas, independente de ter uma aparência diferente, para que se interesse pelo trabalho. Então, vamos lá, então, é uma pessoa que se mostra... com essa história da empregada, né, da pobreza. Então, tem muito branco pobre, na verdade, loiro, de olho azul, na verdade. E aí, ele não pode ter uma vaga na universidade porque ele não é negro? (Mariana)

Mariana se mostra contra cotas para negros. Tendo o exemplo de sua própria mãe, acha que o esforço pessoal é que vai fazer as pessoas saírem da situação de pobreza. Posiciona-se contra o “bolsa família” e propõe que o trabalho seja trocado por dinheiro e que as pessoas sejam contratadas independente da cor da pele. Termina lembrando que os brancos pobres não serão beneficiados com as cotas para negros. Na próxima citação, já ao final da entrevista, Mariana apresenta uma fala antirracista:

[Você falou dos seus amigos negros em Salvador. Aqui você tem também?] Sim, sim. Tenho... é que eu não fico prestando atenção se é negro... depois que eu reparo. Depois, que eu fico reparando, assim. Mas, eu tenho uma coisa assim, de ter uma facilidade maior... da pessoa ser gay, porque o meu ambiente é muito gay, e as conversas são muito assim e tal. Daí, eu acabo fazendo essa distinção, né? Claro que eu não vou deixar de ser amiga de uma pessoa só porque ela é hétero, mas não dá para levar ela no programa, porque a pessoa, às vezes, se sente meio acuada. A pessoa já não se sente bem nas conversas e tal. Mas, não sei, eu sempre, sempre me enturmei assim, já fiquei com meninas negras também, aliás, tem uma delas que está namorando uma menina super branca, dá um super contraste, porque ela é grandona, tem aquele cabelo e tal, black, e a outra é grande e branca. E... não sei assim, eu não faço... eu não sei a história de ser negro ou ser branco, é por... sei lá, se é engraçada, se tem um papo

interessante. (Mariana)

Mariana diz não estar atenta ao fato de alguém ser branco ou negro, pois vale mais se o “papo é interessante” e está aberta para “ficar”, independente da cor. Essa abertura para o outro, independente da cor é, de fato, a expressão de uma fala antirracista. Porém, o conteúdo de falas anteriores mostra uma contradição: ora, ela percebe o racismo e suas consequências na autoestima; ora, ela é indiferente ao racismo, pois acredita que qualquer mudança deve vir do próprio negro e a nível pessoal. Podemos pensar que essa percepção limitada do racismo vivido pelo negro é expressa também em frases da escala de racismos sutil, tais como: *“A discriminação de pessoas negras é apenas um problema de pessoas que não se esforçaram o suficiente. Caso os negros se esforçassem mais eles seriam tão bons quanto os brancos”*. Isto é, nessa lógica, é o esforço do negro que mudaria a situação social do racismo. E ninguém é mais responsável por isso que o próprio negro.

Diferente de Mariana, Aline é contra as cotas para negros, mas a favor da “cota socioeconômica”:

Olha, eu acho que vaga, cota para negro, especificamente, não é uma coisa que vai resolver o problema, né, talvez uma cota socioeconômica para as pessoas que não têm condição de estudar, talvez, seja uma coisa mais justa. Mesmo porque os negros não são menos capazes que ninguém. Eu estudei com pessoas negras em escolas particulares e eles eram melhores que eu, na maioria das vezes [risos]. Então, eu acho que a cota para negro assim... e também é uma forma, às vezes, de ter um preconceito maior na universidade porque, às vezes, uma pessoa menos... uma pessoa mais preconceituosa ou qualquer coisa assim vai falar: ah, aquela lá passou por cota. E eu acho que eles são tão capazes do que outras pessoas brancas. Mas, assim, não sei... o governo deveria, em vez de tirar vaga e criar cota, aumentar vaga. E isso ia ser bem melhor para todo mundo. Não sei... tirar vaga, não sei se acontece isso, porque quem rala mesmo acaba conseguindo. Mas, eu acho que cota não resolve o problema. Precisava ter uma educação melhor, criar mais vaga, pra... o acesso à universidade teria que ser para todo mundo, né? Porque tem muita gente boa que ficou de fora. E, não sei, é estranho pensar, né, em cota, se todo mundo, teoricamente, tem a mesma capacidade pra aprender. O ensino é que é diferente, então, desfavorece. Mas também desfavorece o branco que é pobre. Então, é meio controverso, isso. (Aline)

Como Isabele, ela também acha que a proposta de cotas entende os negros como “menos capazes”, o que ela discorda. Ela também não conhece a proposta de ações afirmativas. E acredita que tal política tende a aumentar o preconceito, porque aqueles que já são preconceituosos iriam discriminar os cotistas. Suas frases finais dizem de um estranhamento sobre a proposta das cotas. Embora, em sua entrevista, ela tenha contado do

quanto nota o racismo existente no Brasil, nesse momento, ela parece esquecer que as cotas são uma proposta antirracista.

Luíza é claramente contra as cotas. Ela fala, informalmente, depois da entrevista, que achava que o objetivo da pesquisa estava relacionado a isso⁶⁵. Antes de fazer as perguntas básicas da entrevista, Luíza recebeu o questionário e algumas perguntas foram feitas em relação às respostas dadas por ela e sem que o tema “cotas” fosse citado, falou:

Uma coisa, assim, que eu gostaria de falar é que eu sou contra a cota racial nas universidades. Eu não acho que essa cota tenha que ser por cor da pele. Por isso também que eu fiquei receosa de responder o questionário. Eu acho que a cota, ela precisa ser econômica, sabe? Não é certo, uma pessoa, por ela ser negra, ela ter facilidades para entrar na universidade, enquanto que o mesmo critério não é aplicado... não seria né, não seria aplicado para um branco, pobre, que teve o mesmo problema... que mora em favela, que é desfavorecido, não ter esse critério de cor da pele... Acredito que no Brasil, isso criaria mais problemas do que facilidades. Eu acho que tem que existir cota, mas, relacionada ao mérito, ou seja, atingir um patamar mínimo de excelência e a partir daí, colocar um fator econômico, social. Eu não sou contra isso. Acho que a educação, de um modo geral, desde o pré-primário até a universidade, ela tem que ser universal, porque é um meio de alavancar socialmente, de subir, de melhorar de vida, então, eu acho que não deve ser negado isso para nenhum ser humano. E não acho que a cor da pele seria um critério bom pra poder fazer essa distinção. (Luíza)

Como Aline, Luíza, é a favor da cota pelo viés econômico. Para ela, não é certo com o branco pobre o fato de existir uma política para o negro. A fala da Luíza, parecida com a de outros entrevistados, mostra desconhecimento sobre a proposta de ações afirmativas, na qual a cota racial se encontra. Até o fim de 2007, 40 instituições públicas no país adotaram alguma forma de ação afirmativa com o objetivo de beneficiar negros e indígenas⁶⁶. Nenhuma universidade, até hoje, utilizou um programa de cotas em que o mérito não seja considerado. Mais adiante, ela fala de novo do assunto, agora perguntada diretamente por meio da exposição da situação 1:

Eu acho que é triste e reducionista o discurso, principalmente em relação às cotas, porque discrimina, por outro lado, todo o restante da pobreza brasileira. Quando você fala que você vai abrir cotas para cor da pele, você está falando: “Olha, seu branco, pobre...” Desculpa, eu vou ter que falar um palavrão, eu não consigo pensar em uma coisa

⁶⁵ Tal informação será comentada no próximo item 5.2.3.

⁶⁶ <http://www.comvest.unicamp.br/clipping/ano2009/clipping0701.html#11>

mais fácil de expressar: “Você vai se fuder porque você é branco. Se você fosse preto, você estava na escola”. Então, você começa a dar um merecimento por cor da pele, o que eu não posso... eu não posso compartilhar desse pensamento. Por que isso? Por que o mesmo pobre, seja branco, preto, índio, japonês, chinês, ele não vai... não vai ter a mesma oportunidade que o outro, que era branco? Tem que ter escola para todo mundo, então, o que mais me irrita é a questão da cota porque discrimina inversamente todo mundo que não é... todo mundo que não faz parte de uma minoria e que precisa. Então, assim, se você começar a passar cota por causa de cor da pele, você vai ter que começar a passar cota por causa de ser mulher, ou... que também é entre aspas hipossuficiente, ou é uma pessoa que tem a capacidade diminuída... não sei. Eu não acho isso, saliente-se. Ou cota pra quem é maneta... ou cota pra não sei quem... Existe a lei de deficiente que tem cota pra deficiente, tá, tudo bem, daí coloca no mesmo patamar, mas ele passa por mérito, ele tem que atingir um patamar mínimo. Não é só porque ele é deficiente que ele vai entrar. Eu acho que tem que ser nesses termos. É isso, Sylvia. É isso que mais me trouxe... eu preciso falar isso, se não eu vou ficar com catapora. (Luíza)

Isabele usa o termo “desprovido de inteligência”, Aline, “menos capazes” e Luíza, “hipossuficiente”. Elas deixam claro que não concordam com essa forma de ver o negro, mas acreditam que é assim que o negro é visto pelos proponentes das ações afirmativas. Isso evidencia o desconhecimento da proposta. De novo, Luíza fala do mérito e, explicando um pouco mais, mostra claramente que não sabe que qualquer proposta de ação afirmativa não ignora o mérito. As reservas de vagas para pessoas com deficiência seguem a mesma lógica de que é preciso passar no concurso ou qualquer que seja o processo seletivo. Interessante notar o quanto o tema a irrita. Esse é o único momento da entrevista em que ela fala um palavrão. E é por ele que ela expressa sua indignação com a proposta das cotas: elas são injustas com o branco pobre.

Gisele também é a favor da cota social:

Eu não concordo com a cota racial. Eu acho que teria que ser uma cota social porque se você for ver, eu também venho de uma classe baixa, e estudei sempre em escola pública, então, eu também teria direito a isso mesmo que um negro também teria... Então, eu acho que por cor, a cota, ela é preconceituosa, já. Mas eu acho que se fosse uma cota social, isso já seria válido. Porque hoje, na sala mesmo, na minha sala, negros... tem no máximo cinco, eu acho... que eu já contei, assim, pra poder ver mesmo, que há muita diferença. Então, não sei... mas eu acho que se a cota fosse social, ela seria bem-vinda... 50%, não sei... (Gisele)

Gisele é contra a cota para negros, mas a favor da cota por classe social. Ela se compara com os negros, lembrando que também veio de escola pública e que também “teria direito”. O único argumento que apresenta é que a cota é preconceituosa. Mas, em seguida, lembra, novamente, um dado que já tinha notado: a quantidade de negros em sua sala de aula é muito pequena. No entanto, essa informação não é suficiente para que ela reflita se a chamada cota social sanaria o problema. Bianca se diz em dúvida, no começo, e depois se posiciona contra a cota “pela cor”:

(...) das cotas, pra mim, é uma coisa que eu fico na dúvida. Porque eu sou muito a favor de cotas pra pobres. Porque se você fala cotas para negros... por exemplo, tinha gente da minha escola que falava: “ah, eu queria que tivesse cotas, para eu poder entrar mais fácil na USP”. Não é por aí! Você estudou a vida inteira em uma das melhores escolas e tu quer cota ainda? Tá querendo demais! Deixa isso pra quem precisa, pra quem estudou em escola pública. Então, se a cota for só pela cor, eu não concordo. Eu acho que você tem que ver também o histórico da pessoa: onde ela estudou, a situação econômica dela. Entendeu? (Bianca)

Para Bianca, a cota não deveria ser utilizada por aqueles que vieram de boas escolas particulares. Em outro momento da entrevista, ela fala do seu receio do aumento do racismo com a política de cotas:

Mas eu entendo que as cotas, elas pioram um pouco, eu acho, o racismo. *[Pioram?]* Eu acho isso dentro da faculdade. Por exemplo, se uma pessoa que é racista me vê aqui dentro da USP... aqui na USP, não tem pra negros, mas... na universidade de Brasília por exemplo. Vê a pessoa lá e, às vezes, a pessoa nem entrou por cotas, porque sabia que tinha a capacidade, mas vai sofrer um pouco de preconceito, porque vão achar que entrou por cotas. *[Você acha que pode piorar a discriminação?]* É, mas vai da pessoa que entrou se impor, mostrar que ela está lá e que ela tem capacidade... (Bianca)

Como negra, Bianca parece temer uma maior discriminação de seu grupo, mas sua fala é contraditória porque termina falando do quanto o aluno negro, em questão, tem que “se impor”. De novo, a responsabilidade em superar o racismo é colocada no negro. É ele que tem que ser forte o suficiente para se impor. Os brancos, mestiços e eventuais outros grupos demarcados racialmente não são chamados a se posicionarem contra o racismo. A neutralidade ajuda a focar o negro como o problema e como a solução. A política de cotas que parte do pressuposto da assunção de um problema racial estrutural no Brasil é mal recebida, justamente, porque convida todas as pessoas a pensar e encarar um problema que normalmente é vivido como sendo um problema dos negros.

Como Mariana, Janaína acredita que a proposta seja imediatista:

[Entendi. Bom, a terceira situação... fechando... a não ser que você queira falar mais alguma coisa, é sobre cotas. Então...] Nossa, essa é muito complicada, né! Assim, com certeza é uma questão imediatista, que você não está vendo assim, em melhorar a escola pública, que no caso seria essa de que... a maioria dos negros está estudando em escola pública, em que o ensino é péssimo, realmente, é sucateada. Então, é... o certo seria melhorar a escola pública, só que aí, tem também a questão de que isso vai ajudar para se... acontecesse da melhoria do ensino público, ia ajudar pra quem já veio, para as pessoas que estão na escola pública e não entraram ainda para essa escola pública boa. E para as pessoas que já passaram? Então, assim, é uma questão imediatista. É muito, muito delicada essa questão. Então, pra mim, é... é meio confuso ainda. Mas eu acho que é uma boa alternativa para essas pessoas que não têm mais oportunidade de voltar ao estudo, de ter um ensino melhor para entrar numa faculdade pública. (Janaína)

Primeiro, Janaína entende que o “certo” seria melhorar a escola pública, porém, diz, depois, que a questão é complicada e se mostra confusa sobre o tema. Ela afirma que é “uma boa alternativa” para aqueles que não poderão usufruir de bom ensino público.

A dúvida e confusão quanto ao tema apresentadas por Bianca e Janaína, juntamente com as poucas informações sobre as propostas vigentes no país há sete anos, mostra que o tema cotas é delicado. Embora sem conhecimento da proposta de ação afirmativa, todos se posicionam contra e qualificam as cotas de várias formas negativas, como a chamá-las de racistas e preconceituosas por sua possível visão do negro como “hipossuficiente”, “menos capaz” ou “desprovido de inteligência”. As cotas foram chamadas também de medidas que “tapam o buraco” e “mascaram” os verdadeiros problemas da escola pública, bem como uma forma de “band-aid”, além da crítica de ser um tratamento *VIP* dado ao negro, incompatível com a vida cotidiana. Alguns entrevistados foram contra qualquer tipo de cota, outros são a favor da cota social, ou seja, que considere o fator socioeconômico do aluno. Os argumentos que justificam o posicionamento contrário às cotas variam entre uma fala universalista e antirracista, que pressupõe a igualdade entre todos e um discurso que aponta para o negro a responsabilidade em se mostrar capaz e esforçado.

É evidente que o mero posicionamento contrário a essa política pública não é, em si, racista. No entanto, a análise dos argumentos que embasam tal disposição traz elementos que, analisados conjuntamente com outras falas, consideradas por nós, racistas, denunciam, no mínimo, a pouca disponibilidade em considerar o tema como algo importante para a discussão da superação do racismo no Brasil. Por um lado, os alunos não têm informações sobre o tema

porque os meios de comunicação não o oferecem de forma neutra, a considerar as coerências e incoerências dos dois posicionamentos à proposta. Entretanto, ainda que com quase nenhuma informação, os entrevistados não se esquivaram do posicionamento contrário. Não seria essa rápida “adesão” resquício do pensamento racista que deixa aos negros a única responsabilidade em mudar a situação de discriminação que vivem?

5) Pseudoneutralidade (ou eu não sou racista)

Pseudoneutralidade é aqui entendida como a identificação de uma fala com intenção antirracista, muitas vezes, indiferente à questão racial, mas que é denunciada como falsa por alguma contradição apresentada pelo entrevistado, juntamente com essa fala antirracista ou em algum outro momento da entrevista. Isabelle⁶⁷, por exemplo, fala da dificuldade na definição de quem é negro, usando o termo etnia e não raça:

Mas o meu melhor amigo mesmo, um dos melhores, ele é, o pai dele é negro e a mãe dele é branca. É um dos meus melhores amigos. *[E ele?]* Ele é assim uma pessoa genial. *[Mas, tipo, a cor da pele?]* Ah, tá, ah, moreno, assim... *[Não seria negro?]* Não. Porque é difícil de definir. Porque é que eu já vejo assim, eu não vejo uma questão de raça. Pra mim, é dividido em etnia. Então, assim, pra ele era muito... um passado africano, na verdade. Uma etnia africana, não assim... uma questão de cor, assim, na verdade. Ele é assim, a pele dele é morena. (Isabele)

Isabele usa o termo etnia, mas de forma a substituir o conceito de raça porque sua forma de nomear o amigo negro continua sendo por meio da cor da pele. Isto é, o conceito de etnia que diz respeito a uma diferença cultural é usado por ela como um substituto para raça, já que ela não delimitou nenhuma diferença em relação à cultura, mas à cor da pele, que é uma classificação com base no conceito de raça, ainda que ela não seja usada claramente. Em outro momento, a mesma entrevistada fala de uma forma neutra sobre sua experiência com os negros:

[Primeira coisa que eu vou te perguntar: da sua experiência de vida, como foi a sua experiência com as pessoas negras?] Não, eu sempre tive uma experiência assim, é... eu lembro de colegas na escola, assim, pessoas que trabalhavam próximas ou moravam próximas, assim, então, sempre tive uma experiência normal assim, nada... nem muito: “nós temos que ser solidários” nem, também, preconceituosos. Assim,

⁶⁷ Isabele se identificou como amarela, tem 18 anos, classificação socioeconômica “C”, escore total de 33 (18 pontos na escala de preconceito sutil e 15 na escala de preconceito flagrante).

sempre foi uma experiência normal. (Isabele)

Essa ponderação dos dois lados possíveis - colocados como extremos - evidencia um meio termo neutro, que não se posiciona e se mostra indiferente. Nessa mesma lógica, ela dá porcentagem de alunos representantes das “etnias”, em sua sala de aula:

[E tinha quantos alunos?] Nossa, uns 40 por sala. [Quantos eram negros?] Era uma porcentagem bem pequena. Eu acho que da minha sala, três morenos, assim, mais misturados... não me lembro muito... Mas era uma porcentagem considerável, acho que... porque aí é que está, das etnias, tinha uma porcentagem também... a mesma porcentagem de orientais, a mesma porcentagem de descendentes de alemães, de italianos. Era tudo muito misturado. Era uma porcentagem considerável de cada etnia, de cada tipo étnico, mesmo. (Isabele)

A neutralidade de Isabele a impede de perceber que 3 alunos “morenos” em uma sala com 40, em uma cidade como São Paulo, não é uma porcentagem considerável em se comparando com a porcentagem da população negra na cidade⁶⁸. Seu argumento sobre a discriminação contra negros tende à “biologização” da “resistência de um DNA”:

[Algumas pessoas falam: olha, eu tenho direito de não gostar de determinado grupo. Eu tenho direito de não gostar de oriental, de negro... o que você acha disso? sei lá, eu tenho direito de...] Eu acho ridículo, assim. Porque... Direito, tá... Primeiro, eu acho que assim, o planeta passa por várias fases. Já passou por era glacial, né, e... um dia, não sei, daqui a muitos e muitos anos, milhões de anos, talvez, não sei, vai vir uma fase em que só um certo DNA vai resistir. Então, assim, pode ser que não exista mais loiros, mais morenos, pode ser que alguém deixe de existir, entende? Então, essa coisa de eu não gosto de tal grupo, bom, às vezes, esse grupo o qual você não gosta vai dominar o planeta, entende? Então, eu acho meio ridículo isso, até porque todo mundo é ser humano e o ser humano é igual. No fundo, no fundo, você tem um mesmo... esse código genético, assim. Então, eu acho todo mundo igual. Acho que até mesmo um esquimó e um africano têm... são mais parecidos que dois macacos da mesma família, eu acho, não sei. (Isabele)

No começo da entrevista, como já dito, Isabele disse que não “via” a questão como racial, mas étnica. Aqui, os conceitos estão misturados. A referência a diferentes grupos humanos se dá pela diferença no DNA, em seu argumento. Assim, a discriminação de um algum grupo seria ridícula, segundo ela, por questões evolutivas. Mas, em seguida, Isabele

⁶⁸ Mais de 40% da população da grande São Paulo é negra – pretos e pardos.
Fonte: www.seade.gov.br/produtos/idr

afirma que todo ser humano é igual e que existe um mesmo código genético. E faz comparações entre africanos e esquimós e macacos. A contradição expressa por Isabelle mostra um anseio por superar a racialização presente, no entanto os argumentos usados por ela fazem referência ao conceito de raça.

Luíza também fala do seu incômodo com o termo raça:

Acredito que seja preconceito, acho que o racismo é mais questão de... outra coisa que eu não con... eu detesto essa palavra, pela questão de ser racismo ligado à raça. Se é ser humano, como é que a gente tem raça? Né? Não é um cachorro, que você pode falar: isso aqui é um *pinscher*, aquele é um *dog* alemão, aquele é não sei o quê... Não é. É um ser humano. Então, eu acho que tem que respeitar o indivíduo porque ele é humano, tem dignidade humana e não pela cor da pele. Mas, nem sempre isso acontece, seria o ideal. *[Que a gente conseguisse pensar sempre assim?]* É, seria o ideal. Não vou falar que eu nunca me assustei na rua, à noite, andando, com um cara vindo com capuz na direção contrária. Eu me assusto mais com o jeito dele do que, sabe, se ele é preto, branco, mulato, moreno, não sei que terminologia que se usa... (Luíza)

Luíza percebe o equívoco que o termo racismo pode trazer ao legitimar o conceito de raça. Sua fala, com claro teor antirracista é de negar a existência de raças humanas. E exemplifica seu olhar desracializado com o fato de não diferenciar a cor da pele em um possível assaltante. A neutralidade também aparece, ao responder que o negro é quem está autorizado a falar de racismo:

[E, Luíza, você acha que tem racismo no Brasil?] Depende do que você entende por racismo. *[Discriminação por causa da cor da pele...]* Por causa da cor da pele? Eu acho que um negro pode sentir isso. Eu não sinto (...) (Luíza)

E Luíza repete essa ideia em outro momento da entrevista:

Eu me considero branca e eu acho que eu sou branca, eu não sei se um moreno, um mulato, um negro sentiu do mesmo jeito. Eu não posso falar por eles (Luíza)

O fato de ser sensível à diferença de percepção entre ela, branca, e um negro mostra sua noção de que raça existe enquanto categoria que faz parte da vida cotidiana das pessoas e que influencia suas concepções sobre a discriminação. Entretanto, tal sensibilidade pode se tornar justamente uma insensibilidade ao fato do racismo existir. É como se, sendo branca, não precisasse atentar para o racismo, ainda que concorde que ele exista.

Aline demonstra essa crença na existência de raça, de modo a notar uma diferença física dos negros:

(...) e a força do negro para o trabalho é muito maior do que a nossa, eles são mais fortes, de corpo, de... você vê, a gente vê, nas Olimpíadas, é corrida, quando... aqueles lançamentos de peso, essas coisas assim, eles têm uma força física grande, né? A mãe de uma amiga minha é dentista, ela fala que para extrair dente de negro, ela precisa, às vezes, reaplicar a anestesia. Às vezes, o dente quebra porque não sai, eles têm uma força maxilar maior. (Aline)

Para Aline, a força para o trabalho, para os esportes e também a “força do dente” é maior nos negros. Essa fala pode ser chamada de “racializada”, no sentido de pressupor diferenças entre os seres humanos pautadas no conceito de raça. Racializar não é sinônimo de racismo. Historicamente, todas as definições de raça sempre estiveram acompanhadas de uma hierarquização que localizavam os negros nos patamares mais baixos dessa escala de valor hierárquica. No entanto, como resquício dessa diferenciação entre pessoas, notamos certas falas que ainda estão baseadas em raça, mas que nem por isso são diretamente racistas, porque não apresentam hierarquias, isto é, não qualificam, necessariamente, as diferenças observadas como melhores ou piores do que outras características de outros grupos.

No entanto, a linha de demarcação entre a racialização e o racismo é tênue, pois agrupando e percebendo como similares em alguns pontos “neutros”, pessoas que são tão diferentes, a associação com outras características morais e intelectuais também podem acontecer. Aline, pouco antes de se referir a essa força extraordinária dos negros disse:

Mas, também, eu acho assim, tem muito branco malandro e eu não acho que seja porque é negro que é pobre. Existe negro que é muito, muito rico, a capacidade intelectual... (Aline)

Quando afirma que “existe negro” com grande “capacidade intelectual”, Aline parece estar se reportando a exceções, ou a uma minoria. No entanto, quando racializa, isto é, quando nota diferenças raciais nos negros, tal apreciação é generalizada. Tudo indica, então, que a exceção que abre aos negros inteligentes é, no mínimo, um diálogo com o estereótipo de pouco inteligência desse grupo. Sensibilizada que está para a racialização, é mais difícil notar os estereótipos e suas origens. Assim, concluímos que ainda que uma fala racializada não seja sinônimo de discriminação racial, indicamos a necessidade de atenção para tal concepção, pois aparentemente neutra, o racismo pode estar, pela visão fechada de características raciais de um grupo, como uma decorrência sutil, evidenciada em momentos específicos.

Não obstante a evidente racialização de Aline, ela apresenta, em outros momentos da entrevista, uma fala antirracista:

[Mais alguma coisa você quer falar?] Eu acho que é bom parar de ter preconceito, porque todo mundo é igual. [risos] *[É verdade.]* Mas, é ridículo isso de ter preconceito, com qualquer tipo de pessoa, deficiente, ou negro, ou alto, ou baixo, ou gordo, ou magro, com nariz grande, com nariz pequeno, você não ter bunda no Brasil... também é preconceito [risos]. Quando a mulher não tem bunda, tem que ficar injetando, tirando da barriga pra pôr na bunda. Sabe? A gente tem que aprender a conviver com as pessoas que são diferentes. É gostoso. [risos]. Ter amigos diferentes, ter amigos de religiões diferentes, de países diferentes, de cores diferentes, traços... é tão gostoso a gente ter contato com tudo isso. É uma forma de você conhecer muita coisa, com poucas pessoas. Não tem razão para ter preconceito, é uma coisa muito estranha. Não precisa disso, a gente já viveu tanta coisa. E o mundo já passou por tantos problemas. E está passando por outros maiores, eu acho que se a gente não se unir um pouquinho e tentar fazer a vida ser melhor, ser mais feliz... as coisas acabam perdendo um pouco de sentido. (Aline)

Em um primeiro momento, analisamos essa fala de Aline de que é “bom parar de ter preconceito” porque “é gostoso” ter “amigos diferentes” como uma fala não racista. Porém, um exame mais apurado da entrevista nos mostrou contradições que nos fizeram questioná-la. A aparente neutralidade não racista foi confrontada com a racialização e também com a defesa de Aline de que o negro tem que aceitar quem o aceite, analisada na categoria 1 - A sutileza do racismo (ou racista é o outro – um outro genérico).

Também, Júlio⁶⁹ racializa: para ele, os negros têm um cheiro particular, o que lhe parece ser inegável...

Tem gente que nega, eu acho engraçado, não é tudo igual... As pessoas querem democratizar com a palavra, o que em substância física, você... você não democratiza. As pessoas têm cheiros diferentes. Pra mim, é fato. Daí, alega-se: “Ah, depende do que comeu”... cada um fala uma coisa e eu entro numa casa de pessoas... residentes negros, eu sinto lá do passado, aquela conexão, eu falo: é! Talvez se alguém... se me fizesse um teste cego, eu pudesse ter uma, uma... *[Verificar?]* É, verificar. Aí, a parte científica ficaria melhor, mas, eu tenho pra mim, forte, de que o cheiro, ele é diferente, porque quando eu entro na casa de amigos, eu sinto o cheiro. Tem... recentemente, aqui na faculdade, tinha uma garota, que eu fiquei ao lado, na aula, é diferente. Enfim, eu namorei... é diferente. Agora, pode ser... como eu te falei, fazendo um teste, essa é a memória que eu tenho... agora, sobre raça, é engraçado que isso já entra em distinção. É conceito, é campo conceitual, não é

⁶⁹ Chama-nos a atenção o fato de os únicos dois entrevistados a apresentar uma fala “racializada” serem também os que apresentam os dois maiores escores, considerando-se as escalas de preconceito sutil e flagrante. Tal dado será discutido no próximo item (5.2.3) de comparação entre as entrevistas e questionários.

“preconceitual”. Talvez haja uma confusão, as pessoas: “Não, porque você tem preconceito com o negro, porque você fala que o cheiro é diferente”. Não é preconceito, é conceito isso. O preconceito é... se eu dissesse: “Puxa, ela tem aquele cheiro, então, ela não deve ser inteligente”... Aí, fica claro. (Júlio)

Em sua convivência com pessoas negras, Júlio acredita que, de fato, sente uma diferença no cheiro, e que isso não é preconceito. Ele diz não ser possível “democratizar” com a palavra aquilo que em “substância física” é diferente. A racialização de Júlio é evidente. Para ele, não se trata de notar cheiros diferentes em pessoas diferentes, mas ele assimila o mesmo cheiro diferente no mesmo grupo de pessoas, qual seja o dos negros. Sua justificativa para não associar tal percepção ao preconceito está na neutralidade da percepção: trata-se de um cheiro diferente e não de uma diferença de inteligência.

No começo da entrevista, ao falar de sua experiência de vida com negros, Júlio lembra, primeiramente, da boa experiência que teve na infância:

(...) minha mãe tinha uma amiga, D. Maria, negra, do Rio Grande do Sul, com dois filhos, todos negros, o marido, ela, e os dois filhos... que eu fui criado, praticamente, a infância, boa parte, a gente se relacionou, porque ela cuidava de mim, aos dois anos de idade, e a minha mãe ia trabalhar. Então, assim, então, a gente tinha... eu me acostumei... eu tive um costume com a cor negra e aquela coisa com as pessoas negras... *[Desde pequeno...]* Desde pequeno. É engraçado notar... eu tenho uma memória boa para a infância, eu lembro bem, eu lembro bem, assim, bem pequeno, até cheiro... quando eu ia à casa dela, assim, eu associava casa de negro com cheiro diferente e eu gostava, porque eu era bem recebido, enfim. *[Como era esse cheiro? Cheiro da casa?]* É difícil, é... hoje, eu acho que eu tenho mais certezas por causa da umidade lá local... o cheiro da pessoa também. Isso eu consegui detectar, isso é fato. Esse meu amigo, até hoje, eu sou amigo dele, passados aí, mais de quarenta anos. E eu posso afirmar, com certeza, que o cheiro é diferente. Isso, eu não... não resta muita dúvida, assim. Eu lembro dele, eu lembro da família dele... ele perdeu o irmão, ele perdeu o pai... isso é irrelevante, mas o que é interessante é a memória do prazer que eu tive ao lado deles. (Júlio)

A lembrança boa é vista aqui com pseudoneutralidade pela nossa interpretação de que a fala está em um contexto que se neutraliza o racismo devido a essa boa convivência. Se a entrevista parasse nesse ponto, teríamos a impressão de ouvir alguém que convive bem com os negros e mal percebe o racismo. No entanto, Júlio é o entrevistado que mais admite seu racismo, o que será analisado na categoria “Admissão do próprio racismo”. Em outro momento da entrevista, falando ainda da infância, ele conta o outro lado da relação com os negros:

Eu ficava na casa da Dona Maria, brincava com os filhos dela e adorava aquilo. Mas as nossas férias de escola, por exemplo, eu ia aonde meu pai trabalhava. E, aos domingos, era a igreja. E tinha a escola dominical. E todos eram brancos. A fala branca, gente branca, o natal... então, eu não ia, por exemplo, à umbanda, ao terreiro, ou enfim... a minha comunidade não era... a escola... é outro detalhe, a escola. As pessoas negras eram agressivas. Então, o que marcou no meu primário. Por exemplo, um rapaz negro... é engraçado, além de roubar meu lanche, ainda me fazia carregar ele de cavalinho. Um negro. Hoje, eu consegui refletir e pensar: isso deve ter marcado. Então, eu tive minha época também de bronca deles. Eu lembro de um rapaz, uma vez, entrou na sala de aula, negro, e bateu num menino, na sala de aula. E, inclusive, num menino que eu gostava pra caramba, que eu achava extraordinário, eu fiquei... chocado. Essas cenas, fora que... quando tinha briga na rua, tinha negro envolvido. Tinha... era encrenca, eles estavam presentes. Então, isso marcou também. (Júlio)

O bem estar que viveu na casa de Dona Maria é relativizado pelo mal estar causado pela agressividade dos meninos negros na escola. Desses dois lados opostos, Júlio conclui que sua relação com os negros hoje carrega a marca de tais experiências.

Também Rodrigo apresenta uma aparente neutralidade, porque no início da entrevista, ele diz não pensar muito no tema:

[Bom, Rodrigo, você se lembra do questionário?] Lembro, lembro. *[É? E o que que você achou?]* Eu achei bem legal. Mas, assim, eu nunca tinha pensado nessas coisas, né... nesses... Pra mim, não tem problema nenhum, né? Então, eu nunca tinha pensado nisso... a fundo mesmo. *[E da sua experiência de vida, como que foi sua relação com os negros?]* Sempre tive relação boa. Inclusive, eu... faz 10, 12 anos que eu jogo beisebol, e tinha um time de Pirituba para criança carente, né. O time acabou, deu uns problemas lá e aí, e os jogadores do time foram para os outros times de São Paulo e três deles vieram para o time que eu jogava. E os três eram negros e moravam em COHAB e tudo o mais e eram grandes amigos nossos... eu sempre tive relação mesmo... (Rodrigo)

Porém, ao comentar a pobreza dos negros apresentada na situação 4, ele fala de um mal estar:

É. Esse é um negócio que eu me sinto mal. Me sinto mal mesmo... a minha empregada, ela é negra. Mas ela é como se fosse uma segunda mãe pra mim, porque eu tenho quase 21 anos e faz quase 21 anos que ela trabalha pra gente. Então, a minha relação com ela é como se ela fosse uma mãe pra mim. E, às vezes, eu fico... Eu não me sinto confortável... por exemplo, eu chamo ela de Bê, porque o nome dela é Berenice. Às vezes, eu estou falando com os amigos e eles perguntam:

“Ah, quem que fez isso, esse bolo?”. E eu falo: “Foi a Bê.” E eles perguntam: “Quem é a Bê?” e eu fico... eu não acho... certo dizer: “Ah, é a empregada.” Então, eu digo: “É a minha amiga. É a minha amiga.” E... porque eu acho assim... só porque ela é negra, ela vai trabalhar com isso? Eu não acho isso certo. Eu não acho isso certo. E isso também vem de problemas anteriores, dos negros serem discriminados, e isso acaba... isso acarretando hoje, deles serem os pobres. Então, mas eu não me sinto confortável com isso, não me sinto mesmo. (Rodrigo)

O fato de ter uma empregada doméstica negra, com quem tem uma relação afetiva forte, o constrange. Ele sente-se mal por ela ser negra e ser sua empregada. Esse desconforto sentido dentro de sua própria casa parece contraditório à fala inicial de não pensar no assunto. No entanto, mais para o fim da entrevista, depois de relatar o racismo do avô, a sua ascendência negra e a situação discriminatória no ônibus, Rodrigo diz que não pensa muito no assunto e questiona as expressões negativas relacionadas à palavra “negro”:

Eu, assim, eu não penso muito no assunto, porque pra mim é indiferente se a pessoa é negra, se a pessoa é branca. O que importa pra mim é as atitudes dela, o que ela faz, isso que é a pessoa... Eu, até queria falar, por que que o negro que é o ruim? Por que que, às vezes, você fala... por que que o mercado negro que é o mercado ruim, né? Por que que tudo que tem a ver com preto é ruim? E com canhoto, também. Se você perceber, como que acha a disciplina? Direito. Você está fazendo a coisa direito. [*Sinistro, também, né...*] Sinistro, em italiano. Em espanhol, é surdo. Então, mesmo com o canhoto, é malvisto. E eu queria saber por quê. E por que que o negro é ruim, por que que é mercado negro e essas coisas... Eu não entendo. (Rodrigo)

Isso quer dizer que notar o racismo alheio ou sentir-se desconfortável com a pobreza dos negros passa a ser uma reflexão que vem de fora. Ele, como a grande maioria dos entrevistados, esforça-se para não se mostrar racista e dizer que, para ele, tanto faz a cor da pele. A questão é que esse esforço em não parecer racista pode impedi-lo de refletir mais profundamente sobre o tema que está presente dentro de sua própria casa, seja pelas falas racistas de seu avô, seja pelo sentimento de desconforto com a empregada negra. O problema do discurso neutro é que ele ignora o racismo existente, dado a sua frequente sutileza. Ignorando o racismo, a tendência é a insensibilidade e a omissão.

6) Admissão do próprio racismo (ou eu sou racista)

A presente categoria é formada, sobretudo, com falas de um entrevistado: Júlio, que tem 43 anos, e se mostra interessado sobre o tema racismo. Ele compartilha, no decorrer da entrevista, várias reflexões que tem feito sobre o assunto, notando seu próprio preconceito. Além de Júlio, apenas Gisele assume o próprio racismo ao falar do medo de ser assaltada por um negro:

É, essa relação... por ter sido criada por policial, né, por PM, então, você sempre fica com aquela imagem de que o negro é o ladrão que vem te assaltar... então, se você está na rua e você vê uma pessoa negra, um homem, né, principalmente... é, à noite, você já olha né, com medo... já fica esperando que a pessoa vai te assaltar e enfim... sempre foi passada essa imagem pra mim, lá em casa. E acho que até hoje, eu ainda penso assim, um pouco. Você fica esperando uma coisa ruim... também por ser negro, sabe? Eu acho que isso já... não sei... se eu vejo um branco e eu vejo um negro, eu já fico sempre esperando... o negro, eu acho que ele vai me assaltar. Eu acho que é isso. Então, esse negócio que todo mundo fala que não é racista, eu tenho amigos negros, mas... eu acho que essa visão... à noite, negro, assalto... vem muito lá da minha infância e acho que isso pra sair, vai demorar muito [risos]. Eu acho que isso ficou, daquele tempo, assim, não sei... Mas, isso, lá em casa, é assim. E a gente é de P⁷⁰, e interior é mais conservador. E esses preconceitos são mais fortes, eu acho, do que aqui, que é tudo mais misturado. Acho que é isso. (Gisele)

Gisele relaciona a imagem de assaltante do negro com o fato de ser filha de policial. No começo da entrevista, como já discutido na categoria “Brincadeiras racistas (ou racista é o outro – um outro próximo)”, ela relata as frases racistas do seu pai, em tom de piada. Ela denuncia a mentira existente nas frases do tipo: “eu não sou racista, tenho amigos negros...”. Em outro momento da entrevista ela disse que seus melhores amigos são negros. Mas tal proximidade não é suficiente para mudar a imagem negativa do negro. E ela diz que “vai demorar muito” para sair tal imagem.

Tal coragem de admissão do próprio racismo é feita também por Júlio. Inicialmente, ele faz uma clara distinção de sua relação com homens e mulheres negros:

⁷⁰ Cidade no interior do Estado de São Paulo.

Considerando a quantidade de pessoas negras que há e as que eu tenho e tive amizade, refletindo... foram poucos amigos negros. Relacionamento com mulheres negras... é, foi bastante. É engraçado isso. É legal pensar que, o relacionamento é... o afetivo, aquela coisa lá da infância que reflete, eu percebo isso na sexualidade... refletiu nesses namoros, né, esse gosto, né. Essa... com as mulheres negras, é mais fácil. Já com os homens, lembrando daquele rapaz que me roubava lanche, que me fazia carregar de cavalinho, eu já sou mais exigente. Exigente para fazer amizade com homens negros, menos exigente com as mulheres negras, incluindo a amizade delas. Eu acho que tem a ver com... aquele lá atrás. Agora onde que o racismo está presente aí? Eu não sei afirmar, mas eu sei que a distinção há... nas minhas escolhas, elas acontecem. Agora, o racismo, o preconceito... talvez o preconceito venha daí, também, de que eu tenho pré-concebido a ideia... inconsciente de que o afeto, o carinho, pode vir... que do pessoal negro, é legal. Mas a amizade, a confiança, vai demorar um pouco, talvez venha daí essa relação... então, os caras briguentos, os caras, né? Acho que é isso. É o que eu sinto hoje, das minhas escolhas atuais. (Júlio)

O namoro com as mulheres é facilitado, segundo sua interpretação, pelo afeto positivo da infância. Enquanto que na amizade com os homens ele é mais “exigente” e pode “demorar um pouco”. Júlio lembra novamente as situações da infância que já analisamos na categoria “Pseudoneutralidade”. Ainda que associe tal diferença na sua relação com homens e mulheres às experiências na infância, ele tem clareza do preconceito existente nessa distinção e o admite.

Depois de relatar cenas que já viu e ouviu de discriminação, comentadas nas categorias anteriores, Júlio se coloca no papel de protagonista do racismo:

(...) eu vou dar um exemplo pessoal, na adolescência... Nós temos, hoje, mais solidez, mas antes, não era tão sólido essa amizade entre os meninos brancos, os negros e enfim, imagina aquela molecada de periferia... mesmo assim há essa distinção que descamba para o racismo. Bom, a distinção é quando você, por exemplo... onde eu morava, entre aspas: “Ah, prefiro...”, na época, eu me lembro, “Prefiro uma moreninha do que uma branquinha”. Então, essa distinção, né, agora já descamba para o racismo, partindo dessa distinção, né... o que aconteceu com esse nosso amigo. Eu até fui protagonista disso, depois, algum tempo depois que eu fui refletir, olha a mancada que a gente dá, porque na época já se falava: “Eu não sou racista, eu não tenho nenhum problema com negros...”, as pessoas costumam falar isso. Mas aí, tem o Renato. O Renato é negro, idade próxima a minha, hoje, pouco mais novo, imagine um final de jogo de rua, de bola, e a gente vai comer uma pizza, mais tarde, à noite... pessoal que trabalha, depois tem um dinheirinho, vai lá e... é o que aconteceu aquele dia. Nós nos

divertimos muito, inclusive demos muito risada aquele dia, isso, há anos atrás. O Renato estava junto e riu também e ele foi motivo de umas piadas legais e tal. Ótimo. Na hora de combinar para sair, nós esperamos o Renato ir para casa, ou enfim, aí, nós combinamos a nossa saída. E ele não foi. Óbvio. Depois que a gente foi à pizzaria, eu voltei e tal, acho que passou até um final de semana, depois, eu voltei com a turma, eu falei: “pô, a gente”, só refletindo, eu falei para o pessoal e depois eu insisti nisso anos depois, a mesma conversa, em uma reunião com os amigos, que todos ainda, enfim... com o mesmo discurso de que não são racistas e tal e eu sempre lembrando eles... que eu também participei, que eu também fui protagonista, falei: “Gente, mas vocês lembram do Renato e aquele dia que a gente foi na pizzaria, daí, eu recontei a história, nós não convidamos ele”. Um lá quis se desculpar: “Não, é porque a gente combinou depois...”, cada um... e eu falei: “Não, meu, não é isso que aconteceu, ficou óbvio pra mim, o que aconteceu”. E eles tentaram... nós tentamos de alguma forma... “Não, mas tem o Otávio também que é negro...”, “Mas ele também não sai com a gente”... mas, mas, mas e foi indo. (Júlio)

Júlio começa dizendo que nessa relação - não tão sólida - entre jovens brancos e negros na periferia, ele notou certa “distinção que descamba para o racismo”. Em seguida faz referência a preferências de gosto afetivossexual como uma forma de racismo. Na história que passa a relatar já não está em questão esse gosto, mas a relação de seus amigos brancos com negros. Júlio chamou de “mancada” a discriminação que relatou e notou que desde aquela época, cerca de 20 anos atrás, o discurso pronto “eu não sou racista” era contraditório com a relação concreta com os negros. A proximidade com Renato é permitida no futebol e nas piadas. Mas estar junto em uma pizzaria já não é mais desejável ao grupo branco. Júlio tem coragem de refletir sobre essa ação excludente prenhe de sutileza e, no seu relato, é o único que nota o racismo presente nesse distanciamento dos colegas de futebol negros.

Júlio, ao falar sobre histórias do seu passado envolvendo situações de racismo, lembra do enterro de uma vizinha negra:

Eu ia talvez remontar uma do enterro, mas eu não consigo me recordar muito bem... do enterro de uma senhora negra, na rua, mas eu não lembro o nome, ela é muito antiga... que ela morreu há muitos anos atrás. Imagina uma pessoa que morreu há muitos anos atrás e que já era muito velha. Já era bisavó, indo para tataravó. Ela fumava cachimbo. Não lembro de ninguém ter ido no enterro dela. Era famosa... *[Ela era do grupo da sua...]* Era vizinha, do bairro. Não lembro de ter ido muita gente. *[Você foi?]* Não (...) (Júlio)

Para Júlio, o fato de ninguém ir ao enterro dessa senhora é uma forma de racismo. Mais para frente, perguntado de novo sobre isso, ele retoma o relato...

[Tem uma coisa que eu fiquei pensando, mas eu não quis te interromper porque estava muito legal o que você estava falando... lá do enterro daquela senhora, muito velhinha, já... há muito tempo, você marcou: ninguém foi. E eu fiquei pensando: você sentiu essa... o fato de ninguém ter ido... quando você se deu conta disso? Lá na infância?] Isso é coisa de muito tempo atrás, a única coisa que eu lembro é assim: morreu, eu não lembro do enterro dela. Eu lembro que era muito comum, alguém morria, vinha ônibus... era quase uma excursão para o cemitério... o dela eu não lembro disso. (Júlio)

Júlio diz não se recordar de ter ido ao enterro da senhora negra. No entanto, era comum que todos fossem aos enterros. Em seguida, ele lembra um outro exemplo que explica a mesma ideia de que os negros foram menos valorizados nos seus grupos sociais, ainda que a relação com eles não fosse ruim:

E... tem uma senhora, por exemplo... essa senhora, tem uma senhora, a Dona Maria, é a que foi amiga da minha mãe. Talvez a melhor amiga da minha mãe. Minha mãe falava muito disso. E a Dona Maria retrata isso, ela reporta isso pra mim. Dona Maria é negra. Engraçado, às vezes, ela desaparece, fica dentro de casa... ela estava sozinha, fazia uns dois anos, porque o filho tinha casado. Uma pessoa só da rua comentou assim, que eu me lembre: “Cadê a Dona Maria?”, isso depois de, acho, uma semana... “Será que aconteceu alguma coisa”? Tinham até cogitado que ela tivesse morrido dentro de casa. Eu fiquei pensando: bom, ela foi muito conhecida na rua, das pessoas mais... acima de trinta e cinco anos, provavelmente, todos conhecem ela. Mas a preocupação não nasceu... em ninguém, assim... nem em mim. O que deveria ser o contrário... é que... engraçado, por que será? É uma questão ainda. Eu estou tentando “rebuscar” na... se existe, no inconsciente, essa questão: de as pessoas terem mais ou menos relevância nas nossas lembranças, no nosso emocional, dependendo do... dessa questão... se essa questão ainda, ela é forte, né? A questão da etnia, da cor da pele e outras coisas. (Júlio)

No exemplo trazido por Júlio, a melhor amiga da mãe fica uma semana dentro de casa e, só depois desse tempo, ela é lembrada. Júlio admite que nem ele mesmo se lembra dela. O fato de ninguém se preocupar com ela o leva a concluir que as pessoas têm “mais ou menos relevância” dependendo da “etnia” ou “cor”.

Ainda sobre a infância, Júlio fala de sua branquitude “posta em cheque”, uma vez que sua cor de pele e cabelo estavam no limiar da definição de branco na região onde vivia, Rio Grande do Sul, segundo seu ponto de vista:

Todos do Rio Grande do Sul, ou Paraná, ou Santa Catarina, talvez, mais pessoas brancas. É engraçado, que eu tive a experiência, acho que a primeira experiência... como ser visto como uma pessoa mais moreno, mais escuro, quase negro. É engraçado, a pessoa olhar para mim e falar... [Lá?] É. Porque meu pai trabalhando lá, ele, o meu pai é... mais a sua cor, quando mais jovem, mais escuro por causa do sol e tal. Então você imagina que eles viam meu pai como negro e a mim também, sol, cabelo duro, então é negro. Acho que era essa a relação. E eles são brancos, muito brancos, então essa diferença é... Jogando bola uma vez, alguém falou: oh, neguinho, passa a bola. Eu quase parei no campo, e falei: para eles aqui, eu sou negro. Esse foi um impacto que eu tive. (Júlio)

Ser chamado de “neguinho” foi algo impactante para Júlio. Ele, que tem pele clara, olhos escuros, cabelo escuro e crespo, se assusta por não ser tão branco como as pessoas com quem convivia no Rio Grande do Sul, durante sua infância. Ao relatar sobre as relações raciais dentro da igreja, Júlio diz de sua surpresa por ver pessoas mais brancas que ele:

Porque elas me pegavam no braço assim... meu braço dessa finura, né, e, menina, eu lembro do choque que... eu olhei não só da questão de ser o braço da menina, mas branca. Aí, eu me toquei, eu sou negro, para eles, mesmo. Ah, é mais um item para eu entender as escolhas das pessoas... (Júlio)

A surpresa de ser menos branco do que os outros trouxe também a lembrança das diferenças entre ele, não tão branco assim, e os outros:

(...) eu lembro, por exemplo, a bicicleta. Uma vez nós fomos compartilhar uma bicicleta, não sei de quem, onde tinha as loirinhas, que estavam andando de bicicleta e eu queria a minha volta, né, a minha vez, aí, a menina vinha, passava pela garagem do instituto e voltava assim e falava: “Calma, que o Brasil é nosso!”. Hoje, a gente lembra dessa frase, que é de uma questão militar... acho que do Ernesto Geisel, dessa época e os luteranos... já liga uma coisa a outra. Eles tinham isso, ordem e progresso e tal. Embora, admirável o trabalho deles, eu fiquei... eu sempre gostei... não fiquei traumatizado com nada que eu lembre. Mas, observando e hoje, tentando lembrar aquela cena da bicicleta, eu acho que ela não faria... eu teria que ter uma evidência de que outra pessoa branca, ela daria a bicicleta, ou ela deu para dar a volta. Eu tenho que lembrar. Então, uma coisa velada, talvez, fica uma hipótese, eu teria que resgatar todo o cenário e ver... mas o sentimento que ficou para mim é... não foi relacionado à cor, mas relacionado a uma questão física, sim, e estava embutida ali. Física e social. Por quê? É... meio moreninho, magrinho, pequeno... Eu não moro dentro do instituto, eu morava fora, tinha toda essa... esses traços, né, que poderiam me identificar como diferente, e não merecedor da volta da bicicleta. (Júlio)

Embora os elementos não sejam muito claros, Júlio se sentiu discriminado na situação da bicicleta. O fato de ser moreninho, para ele, é um dos aspectos considerados pelo grupo para não permitir que ele tenha a possibilidade de usufruir da bicicleta como os outros. Em seguida, Júlio dá outro exemplo desse momento de sua vida:

Outra coisa, vamos ver... é, nós fomos a uma viagem a Campos do Jordão e eu fiquei com o pangaré de um cavalo que não andava. Mas, talvez por conta do meu próprio comportamento, não porque as pessoas brancas foram logo sendo... mas tinha uma questão da gente ofere... nós mesmos oferecemos aos brancos o privilégio da primeira vez, o privilégio de... das escolhas. Era isso... para mim, era normal fazer isso. Hoje, não... não é tão normal assim, não é tão saudável, inclusive, permitir que isso aconteça. Mas para mim era saudável oferecer a um menino filho do pastor, ou o branquinho, lá... tanto que... para não confundir que... ser filha ou não do pastor, isso, que a privilegiava dar voltas de bicicleta, nós podemos destacar o fato de que havia pessoas brancas, de origem mais humilde, fora do instituto. Mas que eu oferecia privilégios a eles, por extensão, daqueles privilégios que eu cedia, porque o traço que me diferenciava um do outro era a cor da pele, e não ser filha ou não do pastor, e ter mais ou menos dinheiro. Eu lembro desse fato. (Júlio)

Aqui, a história que Júlio remonta a outro lugar ocupado por ele: o de “oferecer privilégios”. Ele percebe, notando seu próprio racismo, que ele se colocava em uma posição submissa para que os brancos pudessem ter o maior bem estar possível. Ao final, ele é claro em notar que a cor da pele é o que o diferenciava dos seus colegas da igreja. Bento (2002) nos fala da branquitude como guardiã dos privilégios. Aqui, Júlio, que é branco, mas se sentia menos branco que o restante do grupo com quem convivia, percebia esse privilégio e, na posição de “não branco”, ajudava na manutenção do privilégio. É uma crítica que faz ao seu próprio comportamento que, submisso, percebe os “mais brancos” como “mais merecedores”. E essa hierarquização das relações é forte o suficiente para se incomodar com os não brancos que desejavam o mesmo espaço privilegiado aos brancos:

Tanto que eu associava, engraçado, as poucas pessoas que vinham do Espírito Santo. Espírito Santo é uma região de calor, sol, e tem muito moreno lá. Mas os únicos que vieram do Espírito Santo eram brancos, de olhos azuis. E eu associava aquela região com pessoas brancas. E, não sei por que eu estou falando isso... porque, é engraçado, por extensão, a gente acha que todo povo é igual, né, e engraçado, o pessoal do Espírito Santo vinha e eu dava privilégio a quem fosse... sempre branco. É. Agora eu lembrei de uma coisa engraçada. Um

amigo meu, fora do instituto, fora da igreja, eu sempre respeitei ele e muito bem. Ele é filho de... é descendente de índio. Cabelo preto liso, a característica muito própria, né? A cor da pele, assim, como a sua. Mas engraçado que um dia, ele falou: eu quero ser seminarista. Eu não gostei. Porque eu achava... daí, inconscientemente, alguma coisa me tocou, ele não era branco! Ele não... então, eu... É racismo! É um racismo não agressivo, né, passivo, né? Acho que eu vou denominar assim. (Júlio)

Júlio percebe seu racismo e o admite. Ele chama de racismo passivo, porque não se trata de uma ação deliberada contra os negros ou indígenas, mas sim de um incômodo nascido do fato de alguém que não é branco querer ocupar um espaço garantido apenas para os brancos. E Júlio segue sua reflexão:

Você ter... você... você... você não é branco... ou loiro, branco... mas você os defende! Dando privilégios a eles, então é isso, é essa passividade. Então, então, eu protagonizei tanto a parte agressiva... não agressiva de sair catando, jogando pedra, você viu que é... aquela historinha da pizzeria. Nós... nós escolhemos ir à pizzeria entre nós, brancos. Aí, um menino negro, não foi convidado. Essa forma agressiva. A passiva foi essa, de eu achar absurdo ele, pardo, querer ser seminarista. Eu quero proteger a comunidade branca da vinda de um semelhante... mais semelhante a mim do que a eles, de entrar ali. Talvez porque eu ficasse com inveja deles, ou o que nascesse dali. Mas existe essa forma racista de agir, de escolher as etnias que vão ter o privilégio ou não. Esse é um exemplo. (Júlio)

Como Júlio teve a possibilidade de conhecer pessoas vindas do Espírito Santo que poderiam ocupar esses dois lugares: de brancos e não brancos, ele pôde avaliar sua própria conduta em relação a eles: os que eram brancos eram merecedores dos mesmos privilégios. Já o amigo descendente de índio tem um espaço diferenciado para ele. O fato de querer ser seminarista e se colocar em um lugar de igual para igual com todos os brancos da igreja desagradou Júlio. Ele admite o racismo presente em seu pensamento. E o classifica como um racismo “passivo”, em contraposição ao racismo da situação da pizzeria, que ele chamou de “agressivo”. Júlio arrisca uma interpretação para esse incômodo provocado pelo amigo descendente de índio: inveja dos brancos. Ele assume, assim, o desejo de ser mais branco do que é, de ter a branquitude das pessoas da igreja. É como se a presença do amigo do Espírito Santo, com traços indígenas, ameaçasse esse lugar de poder, privilégio dos brancos que ele não é, mas que se sente, de alguma forma, guardião. Na passagem seguinte, Júlio explica um pouco mais esse sentimento:

Que mais? Se buscar, tem bastante coisa. Por exemplo, eu sempre... por causa do imaginário que... mostrou a nós crianças, talvez... que achava que negro era da umbanda, sempre. Não poderia pertencer a uma igreja luterana. Não foi determinante, mas colaborou para a minha saída da igreja. E... é como se eu dissesse para mim: estou escandalizado. Descambou! Eu era o único escurinho aqui, agora tem negro, tem todo mundo aqui, virou um lugar que eu não quero mais ficar. Engraçado, então, né? O que é isso? É movido pelo quê? As minhas escolhas... eu escolhi sair porque... tava entrando muita gente escura, num lugar, isso é um pouco “hitleriano”, né? Ele sendo estrangeiro, querendo proteger um lugar que não era dele. Então, está... talvez, isso... se nós formos fazer uma busca, dentro, interna... vamos ver que isso é uma atitude comum entre nós, mas nós não percebamos. Como hoje, eu reflito muito mais, hoje, me choca pensar que eu fiz isso. Então, esse é uma forma agressiva também. (Júlio)

Esse sentimento de incômodo com a presença de pessoas não brancas na igreja foi forte o suficiente para colaborar com sua saída da igreja. E Júlio relaciona tal ideia com Hitler, por ser um “estrangeiro querendo proteger um lugar que não era dele”. A comparação feita por Júlio nos permite pensar que o lugar em questão é o da branquitude. O lugar de poder e de conservação de direitos. Ao final, ele mostra que se choca em perceber isso em si mesmo, mas é pela sua afinada capacidade de reflexão que tais elementos podem vir à tona, pois ele nota que se trata de “atitude comum entre nós”, mas nem sempre perceptível.

Júlio conta uma situação em que ele se questiona se foi novamente protagonista de racismo:

(...) três semanas atrás, eu ajudei a prender um sujeito que eles chamam de “mão leve”. Assaltante de ônibus, não pode-se dizer, porque é tão forte... ele fica só fuçando a bolsa das pessoas, pegando dinheiro, enfim. Há muito tempo que eu fico observando esses homens, há muitos anos, na verdade, que eu os acompanho... porque eu fui vítima várias vezes. E recentemente, eu tomei uma decisão de... eu não aguento mais e eu vou ajudar a pegar. Só que na escolha é curioso... fica fácil, quando eu vi que eu peguei um homem negro... peguei não, eu ajudei a pegar... mas há homens brancos que fazem isso também, e mais claros, enfim. Aí, eu fiquei refletindo: será que existe um inconsciente... eu estou tentando me justificar, nas minhas ações... de que é um negro, então, é óbvio que ele é, e ficou muito fácil de pegar. (Júlio)

Júlio ajudou a prender um ladrão, que ele chama de “mão leve”. Em sua fala, sua escolha por um homem negro, talvez, ainda que sem consciência, não tenha sido ao acaso. Ele assume que pelo fato de ser negro, seria mais “óbvio” que o homem em questão fosse um

ladrão. Em seguida, seu sentimento em relação ao ladrão muda e ele relata como tal homem é tratado pelos policiais:

Depois, eu até senti um pouco de pena dele, eu falei... Os policiais chegaram, não tinha a prova do... a prova do furto, então, eles falaram: “Você não quer dizer que ele tentou te assaltar?”. Não, eu falei não, radicalmente, eu disse não. Inclusive eu chamei os outros soldados, eu disse: “Vem cá, se vocês estão tentando plantar alguma coisa aqui, que é o que vocês estão fazendo, isso não vai acontecer. A vontade de prender um sujeito desse, em vocês, é tão grande quanto a minha. Mas, dessa forma, não vai ser feito”. Mas mesmo assim, eles trataram o rapaz de uma forma... na minha opinião, cruel, porque... talvez movido pela aparência dele ou algo assim, porque vendo pessoas... é, não negras, em outras situações, eu não vi essa agressividade sendo tão marcada. Então, aí, eu estou tentando detectar de alguma forma que há uma pressão muito grande sobre as pessoas negras, nesse nível também e que eu também fui mais uma vez protagonista. Só que desta vez eu tento justificar de uma forma mais inconsciente, que na hora de localizar um meliante ali no ponto, ficou fácil pra mim, um sujeito negro, alto, mal... meio mal vestido: aquele ali é assaltante. Mas eu já vi muitos brancos também fazendo isso... é, brancos, não. Mais claros do que ele. Nunca vi... na verdade, eu nunca vi um branco, que eu me lembre, fazendo isso. Mas tem... o próprio policial, eu conversando com eles, eu vi, eles mesmos constatarem isso. (Júlio)

Júlio sente pena do homem que ajudou a prender, assiste e discorda da ação policial de querer “plantar provas” e a agressividade dos policiais que ele nota ser maior com negros do que com brancos. No entanto, ele continua sua reflexão sobre os negros serem “mais ladrões” que brancos. Tal suposição é confirmada pelos policiais. Assim, parece que a “pena” que sentiu do homem preso é relativizada.

Depois de todos esses relatos com “tom” de confissão de racismo, Júlio diz claramente:

Então, a sua pergunta: como você se relaciona com as pessoas, é, com as outras pessoas, né, em termos de etnia, e mais voltado para o pessoal mais negro? De uma forma pouco inconsciente... há o preconceito sim, da minha parte. Se eu estou na rua, na periferia, voltando muito tarde pra casa, eu tenho mais medo de uma pessoa mais escura do que de uma mais clara, embora já tenha sido assaltado por pessoa clara. (Júlio)

A contradição na sua fala é evidente. Ele acabara de dizer que nunca tinha visto brancos assaltando, mas em contraposição ao seu próprio racismo expresso no medo de ser assaltado por negros, afirma que já foi assaltado por “pessoa clara”. Em outro momento, Júlio relembra o tio e o pai:

(...) eu tenho um tio que foi... não sei por que cargas d'água, eu fiquei sabendo há pouco tempo... embora eu já tinha referências, mas eu não sabia a história. Mas ele deu o nome, por exemplo, do filho dele de Adolf E., que foi um dos auxiliares do Hitler, no chamado Holocausto. Aí que eu fui sacar que meu tio era partidário do nazismo, mas ele não era associado, que eu saiba, a nenhum... Ele é um tio estranho, que faleceu há pouco tempo. Mas é engraçado porque, origem mineira, praticamente, mais escuros, meu pai, bem moreno, mais para escuro e eles tinham uma relação com os negros, meu pai também tinha, ruim. Tanto que meu pai dizia coisas... e até hoje, às vezes, ele usa no vocabulário dele, algumas coisas assim, que são resquícios dessa... dessa bronca que ele tinha. E, de uma certa forma, ele não defendia completamente, mas, algumas coisas, ele concordava com o meu tio, talvez por ser um cara muito inteligente... que ele não gostava muito de negro... Minha mãe é branca, mas ela dava risada, porque ela achava engraçado um negro falar dos negros, porque os dois juntos, ela chamava... ela achava, ela via eles como mais negros. (Júlio)

O tio, simpático ao movimento nazista, é associado ao pai, na relação que tinham ambos com os negros. A “bronca” do pai, isto é, o “não gostar muito de negro” é lembrado, por Júlio, como algo incoerente porque tanto o pai como o tio são “escuros”, o que era motivo de “risada” para sua mãe que, branca, os via como negros. Em seguida, Júlio fala mais do pai:

O meu pai, ele falava assim, por exemplo, dessa família que eu mencionei que era mais amiga da minha mãe, mas o meu pai também adorava eles, eles tinham um relacionamento muito bom, enfim, nós todos... Mas o meu pai fazia uma ressalva, de que, poxa, até, recentemente, ele disse algo assim: “Poxa, o Antonio, ele é negro, mas ele é bom”... ou algo assim. Se eu, por exemplo, tivesse namorando uma negra, o que já aconteceu, mas o meu pai... eu não trouxe em casa e tal... eu trouxe poucas pessoas em casa, ele diria isso, provavelmente: “Poxa, ela é negra, mas é bonita”. Eu... então, eu fui crescendo assim, com essa coisa da infância, do relacionamento, da igreja e, em casa, esse paradoxo. Meu pai foi assaltado, uma vez, com todo o dinheiro que ele tinha para comprar um carro, pra trabalhar, foi a primeira vez que meu pai chorou... primeira vez, a segunda foi quando a minha mãe faleceu, que eu o vi chorando e eu fiquei surpreso, e: “Foi um negro”. *[Ele falou isso?]* É, dali para frente, ele ficou com mais bronca ainda, via um negro, nem queria... não fazia questão de fazer amizade, ele diferenciou isso muito bem, na cabeça dele era assim: a pessoa tinha que provar que era muito boa e, enfim, merecer o respeito dele. Mas eu não cresci muito com isso... (Júlio)

A ressalva que acompanha as frases: “Ele é negro, mas é bom” ou “Ela é negra, mas é bonita” denuncia o claro racismo do pai de Júlio, facilmente notado por este. No entanto, a ocorrência do assalto parece ter piorado ainda mais a relação do pai de Júlio com os negros, pois “ele ficou com mais bronca ainda”. Uma pessoa negra, então, só seria respeitada se

provasse que é “muito boa”. Embora Júlio tenha dito que não crescera “muito com isso”, tal lógica do negro “super-herói” está presente em sua fala em vários momentos como, por exemplo, quando Júlio admite o preconceito intelectual em relação aos negros:

Quando a gente fala de uma pessoa negra, achar que ela é menos capaz né... Isso... me auto-observando, eu percebo que existe isso, de alguma forma, que ela está se acabando agora, assim, com muito esforço de observação, porque, puxa, como é interessante, existe esse preconceito sim, meu. Eu olho, é inconsciente também, tanto que depois, eu conversando comigo mesmo, falo: meu, não tem nada a ver uma coisa com a outra. E também, defender o contrário, é também, absurdo. Mas eu tenho observado assim que, quando eu... eu dando aula, por exemplo, eu tenho uns alunos... mais brancos e uns alunos mais negros, né? A primeira impressão, sem conversar, é preconceituosa de que: ah, os branquinhos vão detonar. Mas depois, eu tenho que ligar o sistema mais inteligente da minha cabeça e pensar: meu, uma coisa não está ligada à outra e... definitivamente, não, e por experiência própria. E essa experiência, ela está demorando para bater lá na cabeça e falar: oh, limpa isso aí. As atitudes, os gestos demonstram isso. (Júlio)

Júlio relata a “primeira impressão” que tem diante de alunos “mais brancos” e alunos “mais negros”: os “branquinhos” serão melhores. Depois, em um esforço para perceber e lutar contra seu próprio preconceito, ele diz sobre usar sua própria inteligência e superar tal preconceito. Em outro momento da entrevista, ele relata alguns exemplos de associação do negro não só com o menor potencial, mas também com a maior necessidade de “descontos”:

Ah, mais recentemente, eu fui entrevistar um aluno prospectivo, ele é negro... *[Que que é prospectivo?]* Ele pode ser aluno, poderá vir a ser um aluno, ele veio perguntar sobre o curso. É, aí, mais um preconceito. Meu, é o preconceito financeiro, achando que a pessoa sendo negra, já vem na mente, querendo dar desconto, assim. Acho que eu vou... e não é ver... não é por aí. E vem, acende aquele negocinho: “Olha, o curso custa tanto, mas...”. Só que eu tenho uma estratégia para vender o curso que é não ficar oferecendo desconto, subestimando o bolso das pessoas. A regra é clara para mim. Mas a vontade nasce, assim, eu percebo ela... vem, querendo vir. É como se um branco, em vestes mais humildes, eu também, fizesse o mesmo. Mas, um negro... mais uma vez aquela condição, ele tem que estar bem vestido, tem que estar com algo identificável... ali como um possuidor aquisitivo forte. Uma pessoa desse nível. E ele se veste bem, é uma pessoa saudável e, enfim, fala muito bem. É curioso notar que, mesmo assim, ainda nasce um: acho que eu vou ter que oferecer um desconto, né? É mais um erro, seria mais um erro, mas que é vigiado por essa consciência que eu tenho de não impor. Então, isso é mais um episódio... mais um exemplo de... dessa... desse preconceito. Preconceito... é

racial. Racial? Eu não sei se pode utilizar esse termo. Mas é étnico, né, enfim. Ele é negro, e eu acho que... ele é negro e, portanto, ele tem pouco dinheiro. Ele vai... e nasce essa coisa e eu já quebrei muito a cara com isso. (Júlio)

Júlio admite que seja mais um preconceito essa “vontade” de oferecer desconto. Embora, ele não tenha dito dessa forma, é como se o aluno negro despertasse nele a solidariedade. O negro seria então aquele que está em desvantagem constante e que precisa de sua ajuda. A mesma lógica já explicada por ele em relação ao racismo de seu pai – e seu próprio para fazer amizade com negros – é usada: o possível aluno tem que estar muito bem vestido, tem que ter algo identificável de que tem um “poder aquisitivo forte”. Mais pra frente, Júlio dá mais um exemplo em que ele nota seu próprio racismo:

A hesitação... eu dei o exemplo do ônibus, a hesitação em ceder o lugar pra pessoa negra. Ou o contrário, também, revela o... revela o preconceito. Por exemplo, entrou uma mulher negra, velhinha pra caramba, cheirando xixi, dentro do ônibus. Ontem, entrou um homem, assim. Mas, imagine eu... dividindo as situações, né, exageradas: ou eu vou ficar sentado, ou eu vou mesmo ceder o lugar, ou eu vou logo ceder o lugar para mostrar para todo mundo que eu não sou preconceituoso. Então, as duas revelam o preconceito. Sem julgamento, isso é algo que eu sinto acontecer comigo. E que eu vejo nos outros, mas as pessoas... quando eu vou comentar, nossa, eu gostaria muito de fazê-lo, de chegar para a pessoa e perguntar: olha você fez isso, por causa daquilo? Mas eu já quebrei a cara, tentando fazer isso, entrevistar pessoas... *[Para falar do assunto?]* Eu quero ter certeza: você fez isso mesmo? Qual foi a intenção? Você se tocou do que você fez? Pessoa nem lembra, às vezes, e nega. Primeira coisa é negar para não criar conflito. Mas, eu não estou tão preocupado em criar conflito interno, estou a fim de desfazer os nós, né? E aí, acontece isso. Eu vejo atitudes extremas. Ou não, já sai do próprio lugar e pode sentar, e daí, mostra para todo mundo que está fazendo uma atitude, ou então, chega: “Senhorita, dá pra você ceder o lugar para a senhora aqui”? E ainda só falta dar uma bronca, né? Eu acho que as duas revelam o preconceito. Eles têm umas ideias pré-concebidas e têm que mostrar para as pessoas que não têm. Mas, enfim. E eu faço isso também. De uma forma mais vigiada, eu acabo fazendo menos, e espero que eu vou ficando mais velho e vai acabando, né? (Júlio)

Neste caso, a hesitação em qual atitude tomar mostra uma prisão em duas ações opostas, mas ambas preconceituosas, como ele mesmo admite. De um lado está a possibilidade de se mostrar preconceituoso, de outro, está a necessidade de mostrar aos outros que não tem preconceito, o que não elimina o preconceito. Ele nota isso não só em si mesmo, mas no comportamento de outras pessoas também. Porém não consegue parceiros nessa reflexão. E, ao final dessa passagem, ele diz da vontade de superar o próprio

preconceito. Júlio parece ter uma grande disposição em não ser mais racista. E tem a coragem de olhar para si mesmo para perceber quando é racista. Esse é um passo importante na luta contra o racismo: a coragem de admiti-lo. Pouco depois, fala mais do tema da escolha pela raça e exemplifica com o assento no ônibus...

É igual à escolha de onde eu vou ficar nesse ônibus. Eu tenho muito esse negócio de cheiro, né? As pessoas reclamam: você sente cheiro de tudo. Daí, é lógico, eu fico ao lado de pessoas que têm o cheiro melhor. Isso, eu faço. Mas, mas, tirando isso, eu escolho ficar ao lado de uma pessoa... digamos, tem lá duas pessoas vestidas iguais, são iguais, são iguais, a única coisa é a cor da pele. Cara, acende uma dúvida: meu, você vai escolher politicamente, ou você vai escolher... ou não vai fazer... você vai simplesmente, eu fico às vezes, pensando: ah, eu vou ficar ao lado daquela menina ali, ela é bonita. É, é uma escolha. Eu vou ficar ao lado daquele ali, que é o menos suspeito. Mas no... no movimento do ônibus, por ter observado durante anos, eu sempre peguei ônibus, né, muito cheio, já fui assaltado, já vivi várias coisas dentro de ônibus. Mas eu vejo as escolhas das pessoas e as minhas escolhas. As escolhas das pessoas têm sido ficar ao lado de pessoas... brancas. E, curiosamente, algumas pessoas mais negras também ficam ao lado de pessoas brancas. Mas isso não é uma regra muito observável ainda, para mim, não é muito fácil de lembrar exemplos. Mas eu lembro muito dos exemplos dos brancos, em relação à escolha do lugar, na hora da... mas é aquilo que eu falei das exigências: se for ao lado de uma pessoa negra, tem que ter... há uma condição: a pessoa tem que ser bonita, tem pessoa que tem que ser... a pessoa tem que ter um diferencial, sempre as coisas que nós consideramos positivas. Então, isso é observável. Eu tenho presenciado algumas coisas desse nível. É da escolha, tanto de homem para mulher, como de mulher para homem. (Júlio)

De novo, a lógica da pessoa negra que tem que sobressair para ser escolhida está presente: é necessário que seja uma pessoa bonita, com um “diferencial”, com aquilo que é considerado “positivo”. O negro para ser aceito com alguma proximidade precisa ter uma série de outras características “positivas” para que a sua negritude seja desfocada. Júlio diz claramente que percebe o racismo presente em São Paulo. Para ele, é visível, embora inconsciente:

(...) aqui, em São Paulo, há racismo, sim. Há racismo em qualquer esquina, em qualquer sala de aula. É visível. Eu não sei se pode chamar velado ou não velado, esclarecido ou não. Mas existe um sentimento racista que a pessoa não tem consciência. Por exemplo, entrou uma menina negra e sentou do lado, por que cargas d’água, eu tenho observado que as meninas, elas olham mais longamente, elas en... não é encarar, mas olhar... fazer um... dos pés à cabeça, mais longamente, do que quando é com uma branca? É claro... a minha antena fica ligada

nisso porque eu gosto do assunto... *[Eu não entendi, as meninas, elas olham mais...]* Então, chegou uma negra... é... elas... dura mais tempo. Elas ficam mais tempo olhando. Todas olham, todas reparam. A maioria, talvez. Reparam, dos pés à cabeça. E já olham para a lousa, para a professora falando. Mas quando é uma pessoa negra, fica assim... parece que parou no tempo. Às vezes, eu quase que abano: Oh! [risos] Ela é negra. Ela está na faculdade também. [risos] (Júlio)

Júlio nota uma diferença no olhar de suas colegas de classe quando se trata de uma aluna branca ou uma aluna negra que entra na sala, durante a aula. As negras são mais olhadas, segundo sua percepção. Suas frases finais, com uma certa ironia, mostram o espanto que existe na presença de negros na universidade. No trecho seguinte, Júlio fala de um exemplo que viveu:

Eu não estou falando algo tão longe, isso... Isso aconteceu com uma garota negra, ela não percebeu... talvez, ela saiba lidar com isso, talvez, então, não passa mais pelo emocional tão forte. Mas como eu sou observador, o que que aconteceu? Eu me acho observador, né? Até eu fiquei tentando entender... que essa menina... geralmente quando você... vai em qualquer lugar, meu, qualquer ambiente, você cria estereótipos sim, é natural fazer isso. Por exemplo, você fala que é psicóloga. O que você tem de psicóloga? O óculos. [risos] O jeito de sentar... é, você busca traços, se você viesse aqui como uma *punk*, eu ia achar... eu ia ficar alguns minutos tentando, hesitando, restringindo a conversa, tentando identificar, pra sentir a confiança. Talvez, inconscientemente, acontecesse isso. Com essa menina aconteceu, que eu observando, ela entrando, que desde o caderno, a roupa que ela usava... não é brincadeira, mais detalhadamente até a calcinha dela é diferente. E eu vou precisar, para não ficar isso de uma forma ah... O que que chamou tanto a atenção nela? Imagina o seguinte: a menina está com uma calça jeans. E as calças hoje são baixas. Isso é moda e é legal. Mas não observável aqui... essa da calcinha aparente, aqui, são algumas poucas, não é o estereótipo da universitária, e ela estava com uma calcinha vermelha e desse nível, só que ao mesmo tempo... não é aquela... ela não está vestida para: vou sair à festa ou... não! Pertence a ela aquele jeito. E aquilo, pra mim, é periferia. Eu conheço bem isso, né... eu vim de lá. Será que ela entrou na escola... ela entrou por acaso? Eu fiquei com isso na cabeça. Desde o caderno, o jeito de prender o cabelo e... o jeito de olhar a aula, como tudo estranho. Eu falei: eu acho que ela entrou na escola... ela está no lugar errado. Eu fiquei, eu estava próximo a ela. Acabou a aula e eu fiquei escutando ela falando algo e ela não falava claramente, eu falei: ela não é daqui. No mínimo, o que você espera é a pessoa falar claramente. Eu acho que ela... combinou com alguma turminha do colegial para vir aqui e errou a sala. (Júlio)

A colega de aula, negra, é vista, por Júlio como fora do estereótipo de universitária. Ela é negra. Seja pela roupa, pela calcinha, pelo jeito de prender o cabelo, pelo caderno, pelo jeito de falar e de olhar para a aula, tudo lhe é estranho. Para ele, ela só pode estar no lugar errado. É como se um negro, para estar no meio universitário, precisasse se desvincular de qualquer traço de pobreza. Júlio continua, então, explicitando a forma como sentiu seu preconceito em relação a essa garota:

Não é! Ali estava um preconceito muito marcado e forte. E a soma disso que coroa isso é a cor da pele, que dá esse... que reforça isso. E eu acabei sendo, completamente, me vendo... completamente, me vendo equivocado em relação a isso. O preconceito ali foi muito forte e a cor da pele foi determinante para falar: ah, com certeza, ela... Salto alto? Colocar salto alto com calça jeans, as meninas vêm de chinelo, vem de... tem umas coisas muito diferentes. Uma ou outra que chama a atenção, mas que são brancas... ou então, quando é negra, ela vem com o cabelo afro, vem com a coisa diferente... ela não, ela veio, ao estilo que eu... assim, está bem periferia e, se é um baile *funk*, daqui a pouco, ela só vai trocar um pouco... uma peça de roupa e já está indo. E não era o caso. É universitária. Aí, eu até, cheguei para ela: “Você...”, tinha uma dúvida, ela, acho, que tinha perguntado, não sei... “Você conseguiu achar sua sala?”. Ela: “Ah, eu estou perdida... eu estou perdida...”. Mas, ela descreveu que nas matérias, ela dá o nome certinho. E ela está mesmo matriculada. E eu encontro com ela de vez em quando aí, pelos corredores, tranquila. Não tem nada a ver. Mas a cor da pele foi determinante, porque deve ter muita gente branca perdida mais do que cego em tiroteio e você acha que vai bem e está indo mal, e está ali... mas está quieta e ninguém está mexendo com ela. Já uma pessoa negra, assim, bate uma... sempre chama a atenção. (Júlio)

Júlio admite seu preconceito e diz claramente que o elemento diferencial é a cor da pele. Pois o estar “perdida” da aluna negra é vivenciado por alunos brancos, mas que por serem brancos “ninguém está mexendo” com eles. O branco pode estar perdido. O negro não. Ele deve usar um “cabelo afro”, não pode sair do estereótipo do universitário. Em seguida, Júlio dá mais elementos sobre essa questão:

É a minoria né, aí, tem a questão da minoria. Mas a minoria... digamos que só tenha um japonês na sala de aula. O máximo de... de poder discrimi... não, não é isso... de comentários, inconsciente, que tenha de preconceito, de discriminação e coisa assim: ah, esse cara vai bem na matéria. Esse cara vai... é o máximo que chega. Não, assim: esse cara vai levar minha carteira, vai... já o negro, o peruano, essas pessoas, dizem: ah, você já emprega os valores e segura porque pode... mas sempre lembrando daquilo que eu falei. Se o negro está vestindo uma roupa... que o identifica como uma pessoa de uma classe social melhor, ninguém vai ter medo dele. Mas, se essa menina, por

exemplo, é como eu falei, vestida, como periferia... você fica desconfiado. Você fica: pô, eu vou deixar as minhas coisas, vou deixar a minha bolsa aqui, exposta, eu deixo, normalmente, eu deixo, mas será que, se ela fosse a única da sala de aula, você deixaria? Eu deixaria? Eu acho que não. Um peruano, um boliviano, você deixaria? De um modo geral, também não. As pessoas fazem isso, aqui. Mas tratando só da questão do negro, se ele estiver bem vestido e eu identifico ele com uma relação social mais elevada, eu deixo minha bolsa lá e vou sair tranquilo. Ah, em outras circunstâncias, no caso da dúvida, eu vou levar a minha bolsa. Melhor, porque... Por quê? Não porque eu conheço os negros, mas é porque eu me conheço. Se sumir minha carteira, eu vou achar que foi ele, e eu posso quebrar a minha cara. (Júlio)

Júlio justifica, inicialmente, o estranhamento causado pelos alunos negros por estes comporem uma minoria. Mas, em seguida, reconsidera porque os “japoneses” seriam minoria, mas os comentários relacionados a esse grupo seriam no sentido de uma alta expectativa quanto ao desempenho acadêmico. Logo depois, ele fornece elementos da inter-relação entre classe e raça. Segundo Júlio, se o negro está bem vestido, ele não desperta o medo de ser roubado. Se o negro não mostra a pertença a uma classe mais abastada, recai sobre ele a desconfiança do furto. Na dúvida em confiar ou não no negro, Júlio prefere levar a bolsa porque “se conhece” e sabe que vai ficar “desconfiado”. Não lhe parece ser possível se libertar do seu medo que os negros e outros grupos, como “peruano” e “boliviano”, lhe despertam. A seguir, ele diz:

E isso já aconteceu, eu dando aula, por exemplo, eu dando aula e eu deixar os alunos, lá à vontade, depois, quando eu chego: cadê meu DVD? Cadê meu DVD? Quem levou? A mais escurinha. Foi ela, não é negra. Mas é a mais escurinha. Até hoje, aquilo fica me martelando na cabeça, porque eu não vi o DVD nunca mais. Eu vou ficar surpreso se foi a outra... os nomes, eu não menciono, que levou... eu vou ficar: cara, é bom para aprender, é bom para aprender. E, geralmente, eu tenho aprendido, ao longo do tempo que as pessoas agem de uma forma muito semelhante. Cada vez mais semelhantemente, nesse... nesses aspectos, né? Mas, dentro de nós, esse é o problema, eu estou nessa fase do problema, eu... como eu vou agir, como eu vou reagir, sem... sem achar que a cor da pele é determinante para a pessoa ter feito tal coisa, sem agir preconceituosamente. Então, é melhor eu levar a bolsa. Agora, pode ser provocativo também... eu não vou levar a bolsa e eu quero ver... aí, seria provocativo com alguém que eu não teria, não... teria tido uma experiência muito boa. (Júlio)

Nessa passagem, Júlio exemplifica o que estava dizendo antes. Diante do roubo, sua desconfiança está na “mais escurinha”. E seria surpreendente se não for ela. Ele mesmo sabe que isso é preconceito e com grandes chances de erro porque diz que seria “bom pra aprender” se não descobrisse que foi a “mais escurinha”. Essa é a fase do problema em que ele

diz se encontrar: identificação do próprio preconceito. Ele procura encontrar “dentro de nós” a solução para superar seu racismo. Por hora, o que consegue fazer é evitar o conflito levando a bolsa, mas se questiona se outra alternativa seria possível, tal como deixar a bolsa como provação a si mesmo. Mas, de novo, ele se encontra preso ao racismo, tentando burlar as armadilhas que seu preconceito lhe traz e ele tão claramente percebe.

5.2.3. Análise comparativa: entrevistas e questionários - Brasil (estudo II)

Nesta seção, relacionamos os conteúdos principais de cada entrevista em comparação às respostas dadas nos respectivos questionários. Nosso objetivo é verificar a coerência ou a contradição entre o que o aluno respondeu nas escalas e o que falou na entrevista.

1) Adriana

Idade: 18 anos

Classificação socioeconômica: D

Participação na entrevista: espontânea

Identificação cor/raça	Respostas de Adriana
1. Qual é a sua cor?	<i>Parda</i>
2. Dentre as opções, qual você escolheria para definir você:	() branco () preto () mestiço (x) indígena () amarelo
3. Considerando a cor da pele, raça ou etnia (ou origem) dos seus pais e avós, quais são as suas combinações de raça ou cor?	<i>Branco, preto, índio</i>

Quadro 4 – Respostas da entrevistada Adriana às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça

O escore de Adriana é baixo nas duas escalas. Em relação ao preconceito sutil, seu escore (1,5) é abaixo da média (2,1). Já na escala de preconceito flagrante, Adriana tem escore (1,6) muito próximo da média de respostas dos alunos (1,7). A aluna responde à maioria das questões como “discordo muito” (1) e “discordo em parte” (2), com exceção do item 7 (*Estão errados os governantes que se preocupam mais com os negros do que com os brancos em dificuldades*) em que responde com “concordo muito” (7), o que é coerente com sua fala contra cotas durante a entrevista.

Em relação à identificação racial, existe uma diversidade de respostas por parte de Adriana. Ela escreve que sua cor é “parda” na questão 1; responde “indígena” na questão 2; e sobre a ascendência na questão 3, ela coloca “branco, preto, índio”. No decorrer da entrevista, falou dos negros como “eles” (por exemplo, quando disse que tem negro que “se faz de coitado”), mas, mais ao final, falou de modo a se identificar com eles. Foi questionada se se identificava com brancos ou negros, ao que ela respondeu com a segunda opção. Adriana tem

uma fala representativa do mestiço brasileiro: às vezes, é discriminada por ser “pretinha”. Mas, muitas vezes, passa por não negra, como na situação com o namorado, em que não foi barrada na boate. Como mestiça, ela vive a contradição de ser e não ser negra. E mesmo isso ela aponta de forma contraditória: quando fala das situações em que era chamada de “pretinha” na escola, primeiro, ela é categórica em dizer que era agressivo. Depois, ela muda de ideia, pra dizer que não se sentia discriminada. Parece-nos que é uma ferida não só discriminar, como ser discriminado, também.

2) Ana Paula

Idade: 19 anos

Classificação socioeconômica: C

Participação na entrevista: seleção por alto escore

Identificação cor/raça	Respostas de Ana Paula
1. Qual é a sua cor?	<i>Branca</i>
2. Dentre as opções, qual você escolheria para definir você:	(x) branco () preto () mestiço () indígena () amarelo
3. Considerando a cor da pele, raça ou etnia (ou origem) dos seus pais e avós, quais são as suas combinações de raça ou cor?	<i>Minha família tem origem europeia (portuguesa, espanhola e grega)</i>

Quadro 5 – Respostas da entrevistada Ana Paula às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça

Ana Paula tem pontuação acima da média (2,1) na escala de preconceito sutil: 1,7. Quanto à escala de preconceito flagrante, sua pontuação é muito próxima à média. Isso quer dizer que diante de situações explícitas de preconceito, ela responde como a média dos alunos: entre a resposta 1 (discordo muito) e 2 (discordo em parte). Já na escala de preconceito sutil, ela responde com 5 (concordo um pouco) para quatro itens: item 1 (*Muitos grupos de imigrantes vieram para o Brasil e superaram o preconceito e lutaram para encontrar seu caminho. Os negros deveriam fazer o mesmo sem qualquer favor especial*); item 6 (*A discriminação de pessoas negras é apenas um problema de pessoas que não se esforçaram o suficiente. Caso os negros se esforçassem mais eles seriam tão bons quanto os brancos*); item 15 (*Tratando-se de práticas religiosas, como são negros e brancos?*); item 7 (*Estão errados os governantes que se preocupam mais com os negros do que com os brancos em dificuldades*).

Ana Paula tem uma fala antirracista de início, porque aborda o racismo como uma questão de rótulo colocado no negro antes de conhecê-lo. A expressão que usa para dizer de sua experiência com os negros presentes em sua família é de não estranhamento. Embora não estranhe o convívio e condene rapidamente situações explícitas de racismo, o decorrer de sua

fala nos permite ver que ela não percebe o “rótulo” que usa para falar dos negros. Isto é, ela já parte do pressuposto de que os negros não se assumem, que têm autopreconceito, que não querem ser negros e, com isso, desconsidera todo o contexto social que fomenta o preconceito, delegando ao negro o papel de cuidar desse contexto e aproveitar o “terreno” que tem ganhado. Ana Paula valoriza as exceções para justificar sua ideia de que todos os negros são capazes de superar as dificuldades, basta o esforço. A responsabilização do negro pela mudança de sua situação é coerente com a concordância de Ana Paula, no questionário, para as afirmações 1, 6, e 7, em que critica a defesa do negro como um grupo que necessite de políticas especiais para o combate à discriminação.

Ao abordar a existência do racismo no Brasil, Ana Paula fala da dificuldade de se identificar quem é ou não negro. Em seguida, diz da não assunção dos negros de sua sala no questionário do MEC. Então, é difícil, para ela, identificar quem é negro quando se fala de racismo. Porém, essa dificuldade não ocorre no momento da crítica ao negro, pois ela identifica e critica quem é negro e não se assume como tal. A aluna se sente assim autorizada para definir quem é ou não negro. E usa o discurso da mestiçagem para diluir a questão racial. No entanto, Ana Paula percebe o racismo, inclusive dentro de sua própria família. A relação de seu tio com uma prima nos parece emblemática das relações raciais no Brasil: o tio demonstra afeto para a prima “neguinha”, mas a discriminação por meio das brincadeiras é patente, para ela.

3) Isabele

Idade: 19 anos

Classificação socioeconômica: C

Participação na entrevista: seleção por baixo escore

Identificação cor/raça	Respostas de Isabele
1. Qual é a sua cor?	<i>Amarela</i>
2. Dentre as opções, qual você escolheria para definir você:	() branco () preto () mestiço () indígena (x) amarelo
3. Considerando a cor da pele, raça ou etnia (ou origem) dos seus pais e avós, quais são as suas combinações de raça ou cor?	<i>Etnia oriental e européia</i>

Quadro 6 – Respostas da entrevistada Isabele às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça

Isabele tem respostas abaixo da média nas duas escalas. Ela só responde com 5 (concordo um pouco) no item 1 (*Muitos grupos de imigrantes vieram para o Brasil e superaram o preconceito e lutaram para encontrar seu caminho. Os negros deveriam fazer o mesmo sem qualquer favor especial*), o que é coerente com sua fala de equiparação dos negros com outras etnias, ao falar da quantidade de alunos na escola, acredita que três

“morenos” em uma sala de 40 seja “representante” da “etnia” negra.

Isabele tem uma fala aparentemente neutra, com uma clara tentativa de “desracializar”. Ela prefere o uso do termo etnia. E, para ela, “mais complicado” que o racismo é o preconceito de classe. Ao evitar falar em raça, ela utiliza, em alguns momentos, argumentos humanistas, no qual todas as pessoas são iguais. Por outro lado, notamos uma insensibilidade à discriminação vivida pelo negro. O olhar que tenta humanizar a relação com o outro desracializando, isto é, investindo contra a ideia de raça, acaba por colocar os grupos discriminados em um lugar de invisibilidade.

4) Bianca

Idade: 18

Classificação socioeconômica: B

Participação na entrevista: espontânea

Identificação cor/raça	Respostas de Bianca
1. Qual é a sua cor?	<i>Preto</i>
2. Dentre as opções, qual você escolheria para definir você:	() branco (x) preto () mestiço () indígena () amarelo
3. Considerando a cor da pele, raça ou etnia (ou origem) dos seus pais e avós, quais são as suas combinações de raça ou cor?	<i>Branco, preto e indígena</i>

Quadro 7 – Respostas da entrevistada Bianca às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça

Em relação ao questionário, Bianca tem um escore total (3,3) inferior à média da amostra (3,8). Na escala de preconceito sutil, o mesmo acontece: seu escore (1,4) é menor do que o da média (2,1). No entanto, na outra escala, sua pontuação (1,9) está acima da média do grupo (1,7). Grande parte das respostas de Bianca está na alternativa 1 (discordo muito). Mas ela responde com 2 (discordo em parte) para o item 1 (*Muitos grupos de imigrantes vieram para o Brasil e superaram o preconceito e lutaram para encontrar seu caminho. Os negros deveriam fazer o mesmo sem qualquer favor especial*) e com 2 (quase sempre) para a pergunta 19 (*Com que frequência você sente admiração pelos negros?*).

Os três itens seguintes em que sua resposta não foi nem 1 (discordo muito) nem 2 (discordo em parte) fazem parte da escala de preconceito flagrante – o que explica sua pontuação acima da média para essa escala. Bianca respondeu com 3 (discordo um pouco) para a frase 3 (*A maioria dos negros que recebem assistência social poderia continuar vivendo bem sem essa ajuda*); e com 3 (um pouco semelhantes) para o item 17 (*Tratando-se da forma de falar, como são negros e brancos?*). E, finalmente, deu a resposta 5 (concordo um pouco) para a afirmação 7 (*Estão errados os governantes que se preocupam mais com os negros do que com os brancos em dificuldades*).

Bianca é a única negra da amostra de entrevistados. Apesar de ter uma ascendência mestiça, ela se identifica como negra. Ela diz sentir orgulho de ser preta e se irrita quando ouve frases que diminuem sua negritude, do tipo: “Você não é negra, você é moreninha”. Ela afirma nunca ter sido discriminada diretamente, mas nota várias situações em que o racismo, de forma sutil, está presente. Ela comenta, de forma crítica, o preconceito existente nas falas de “zoeira” sobre ter cabelo “ruim”. No entanto, a aluna, no dia da entrevista, usava um cabelo “alisado”, ainda que tenha criticado a prima que fez alisamento para ficar com cabelo “bom”.

Sobre as cotas, Bianca se diz em dúvidas, mas se posiciona contra. Sua opinião é coerente com suas respostas para as afirmações 3 (sobre maior assistência aos negros) e 7 (sobre a maior preocupação dos governantes com os negros). Ela fala do preconceito que os alunos negros, sejam cotistas ou não, podem passar nas universidades que adotam tal procedimento. Em seguida, diz que seria, então, responsabilidade do aluno negro “se impor”.

Enfim, Bianca tem uma fala crítica ao racismo, faz várias denúncias de situações que lhe parecem racistas, se assume como negra, faz reflexões sobre isso. No entanto, algumas contradições podem ser percebidas na sua fala: o medo da discriminação está acompanhado pelo peso de que é o negro que tem que carregar o fardo de lidar sozinho com a situação, simplesmente “se impondo”. Além disso, a crítica ao cabelo alisado alheio é denunciada como problemática uma vez que seu cabelo também é alisado e ela não aborda esse fato.

5) Janaína

Idade: 18

Classificação socioeconômica: B

Participação na entrevista: seleção por baixo escore

Identificação cor/raça	Respostas de Janaína
1. Qual é a sua cor?	<i>Mestiço</i>
2. Dentre as opções, qual você escolheria para definir você:	() branco () preto (x) mestiço () indígena () amarelo
3. Considerando a cor da pele, raça ou etnia (ou origem) dos seus pais e avós, quais são as suas combinações de raça ou cor?	<i>Branco e preto</i>

Quadro 8 – Respostas da entrevistada Janaína às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça

Janaína tem escore abaixo da média para as duas escalas. Suas respostas estiveram, sobretudo, nas alternativas 1 (discordo muito) e 2 (discordo em parte). Responde com 3 (discordo um pouco) nos itens: 5 (*Branco e negro dificilmente estão confortáveis uns com os outros, mesmo sendo amigos próximos*); e 3 (algumas vezes) para as perguntas 18 (*Com que frequência você sente simpatia pelos negros?*) e 19 (*Com que frequência você sente admiração*

pelos negros?).

A aluna tem uma fala antirracista coerente com o resultado nas escalas. Ela denuncia o racismo, reflete sobre seu processo de conscientização e superação do preconceito. Mas ao abordar a questão das piadas, uma contradição se fez patente: primeiramente, ela comenta brincadeiras racistas que “não são tão brincadeiras assim”. E, em outro momento, fala do esforço em naturalizar o tema na sua casa, as piadas, segundo ela, seriam a demonstração de que o tema é confortável. A forma como essas brincadeiras foram relatadas por ela nos deixaram em dúvida se, realmente, o tema está confortável. Filha de pai branco e mãe negra, Janaína se identifica como mestiça, mas as piadas são feitas pelo “gosto” do pai por “pretinhas”. E o tema racial não é abordado na família. Ficamos com essa questão: é tão confortável assim para Janaína ser mestiça? Seu processo pessoal de reflexão sobre o racismo já está fechado?

6) Júlio

Idade: 43

Classificação socioeconômica: C

Participação na entrevista: espontânea

Identificação cor/raça	Respostas de Júlio
1. Qual é a sua cor?	<i>Branca</i>
2. Dentre as opções, qual você escolheria para definir você:	(x) branco () preto () mestiço () indígena () amarelo
3. Considerando a cor da pele, raça ou etnia (ou origem) dos seus pais e avós, quais são as suas combinações de raça ou cor?	<i>Branca e parda</i>

Quadro 9 – Respostas do entrevistado Júlio às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça

Considerando-se as duas escalas, Júlio tem um dos escores mais altos (6,2) da amostra total - somente cinco alunos alcançaram maior pontuação que ele. Embora a maioria de suas respostas esteja nas três alternativas de discordância para as afirmações racistas, em sete itens suas respostas apresentam alguma concordância com tais frases. Ele responde com 6 (concordo em parte) para três afirmativas: 2 (*Os negros não deveriam se impor onde não são bem-vindos*); 5 (*Branços e negros dificilmente estão confortáveis uns com os outros, mesmo sendo amigos próximos*); 7 (*Estão errados os governantes que se preocupam mais com os negros do que com os brancos em dificuldades*). Responde com 5 (um pouco diferentes) para as perguntas 16 (*Tratando-se de valores e práticas sexuais, como são negros e brancos*) e 17 (*Tratando-se da forma de falar, como são negros e brancos?*). E, finalmente, com 6 (diferentes) para as questões 14 (*Tratando-se de valores, como são negros e brancos?*) e 15 (*Tratando-se de práticas religiosas, como são negros e brancos?*).

Coerente com a alta pontuação de Júlio nas duas escalas está a admissão do seu próprio racismo. Ele se mostra muito atento às relações raciais e afirma que percebe a todo o momento a questão da raça como o “motivo de escolha das pessoas” – percepção que ele também aplica a si mesmo.

A afinada capacidade de observação de Júlio sobre as relações raciais e sua coragem em se assumir “protagonista” do racismo o levam a várias reflexões. Entretanto, algumas de suas falas mostram a contradição de não se perceber racista em alguns pontos. O primeiro é sobre a sua aparente neutra racialização. Tal racialização está presente quando ele afirma existir um cheiro específico dos negros. Para ele, isso é um dado, o cheiro não permite a “democratização”. A racialização em si, como já discutimos, não é necessariamente racista - embora guarde proximidade com o racismo, pois racializar significa definir características por meio de uma concepção anterior de raça, na qual grupos de pessoas muito diferentes são vistos como iguais em alguns pontos, como no caso, no cheiro – sem necessariamente hierarquizar. Juntamente com essa percepção do cheiro diferente dos negros, que ele não diz ser nem bom nem mau, está uma fala de Júlio, em que ele admite seu próprio racismo, ao afirmar que para um negro “convencer” de que vale a amizade, ele tem que estar “bem arrumadinho”, tem que ser bonito e tem que estar muito cheiroso. De novo, o cheiro é um elemento que coloca ou tira o sujeito da possibilidade de ser visto para além do fato de ser negro. Um negro não cheiroso não “convence”. E essa desconfiança leva à consequente distância que Júlio, provavelmente, mantém dos negros que não se encaixam no perfil definido por ele como negros “que convencem”. Essa é a repetição da lógica racista de seu pai: “O Antônio, ele é negro, mas ele é bom”.

Além disso, Júlio relatou lembranças agradáveis com negros na sua infância em um contexto em que isso parecia justificar seu bom relacionamento com eles, no momento atual. Entretanto, más recordações com negros – porque esses eram sempre “agressivos” – também foram lembradas depois. Esses dois afetos opostos permitem a Júlio um olhar ainda dúbio para o negro: ora ele valoriza a força que os negros têm para lidar com difíceis situações de discriminação; ora ele desconfia da honestidade, do poder aquisitivo, da capacidade intelectual deles; e, ainda, em um momento que relatou a forma como uma senhora negra o agradeceu por ter cedido o lugar a ela, no ônibus, ele diz que essa humildade contribuiria para a permanência da situação de preconceito contra os negros.

Júlio assume que se preocupa em não ter atitudes racistas, por exemplo, quando está no ônibus. Mas sua reflexão está mais voltada em não parecer racista e não chega ao ponto de olhar para o negro como ser humano com todas as possíveis características de outro ser humano. Fechado, o negro está em seu conceito do que negro é. No entanto, suas reflexões

apontam um caminho na superação do preconceito, uma vez que ele é capaz de notar quando está sendo preconceituoso e se move no sentido de tentar superar isso.

7) Luíza

Idade: 28

Classificação socioeconômica: B

Participação na entrevista: espontânea

Identificação cor/raça	Respostas de Luíza
1. Qual é a sua cor?	<i>Branca ou arco-íris</i>
2. Dentre as opções, qual você escolheria para definir você:	(x) branco () preto () mestiço () indígena () amarelo
3. Considerando a cor da pele, raça ou etnia (ou origem) dos seus pais e avós, quais são as suas combinações de raça ou cor?	<i>Brasileira</i>

Quadro 10 – Respostas da entrevistada Luíza às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça

Nas duas escalas de preconceito, as respostas de Luíza estão próximas da média da amostra: 2,2 para a escala de preconceito sutil (média 2,1) e 1,9 para a escala de preconceito flagrante (média 1,7). Quase todas as suas respostas foram para as três alternativas de discordância com as frases racistas: 1 (discordo muito), 2 (discordo em parte) e 3 (discordo um pouco). As exceções estiveram em dois itens: 1 (*Muitos grupos de imigrantes vieram para o Brasil e superaram o preconceito e lutaram para encontrar seu caminho. Os negros deveriam fazer o mesmo sem qualquer favor especial.*) e 7 (*Estão errados os governantes que se preocupam mais com os negros do que com os brancos em dificuldades*), na qual ela responde com 7 (concordo muito).

Luíza concorda com as duas frases que são contra políticas de preferência para os negros, o que é coerente a preocupação que demonstrou no dia da aplicação do questionário e na entrevista: se manifestar contra as cotas raciais. Durante a aplicação do questionário, Luíza chamou a entrevistadora até sua carteira para perguntar se era de algum partido político. Tendo um “não” como resposta, ela perguntou de novo se não tinha nenhum partido político. Como a resposta da entrevistadora foi de certa hesitação, ela perguntou se era “em cima do muro”, “tipo PSDB”. A resposta foi não. Ela perguntou, então, se a entrevistadora seria do PT ou PSTU. Como era um momento de silêncio na sala, pois os alunos estavam respondendo o questionário, o diálogo não continuou. No decorrer do tempo de aplicação do questionário, Luíza procurou novamente a entrevistadora para fazer perguntas sobre as escalas. Nesse momento, então, ela foi convidada para participar da entrevista. No fim da entrevista, em situação informal e sem gravação, ela disse que não aguenta mais esse discurso sobre racismo como um problema social, porque ela acredita que não seja. Luíza falou que

este é um problema para ser estudado pela psicologia.

Para além de ser totalmente contra as políticas de ação afirmativa, do tipo cotas raciais, Luíza demonstra uma tentativa de “desracialização”. A começar da resposta que escreveu na primeira pergunta de identificação cor/raça que pode ser visto no quadro 10: branca ou arco-íris. Durante a entrevista, ela criticou a palavra raça, dizendo que a “detesta”. No entanto, ela diz três vezes que, como branca, não pode falar do racismo vivido por um negro, pois só quem passa por isso estaria autorizado para falar do assunto. Como branca que é, e que sabe que é, ela sabe que existe racismo, comenta uma situação hipotética, mas exime da responsabilidade de pensar no assunto, pois cabe ao negro a responsabilidade de relatar tal dado. Nesse sentido, a discussão racial cabe apenas a nível individual e o exemplo que traz de uma mãe negra e uma filha mulata ilustra isso: o racismo é, para ela, uma questão de autoestima. De novo, é o negro que tem que se aceitar. Os brancos e mestiços não são convidados a participar desse difícil debate. A reflexão e a superação das dificuldades cabem ao negro.

Essa fala nos recorda um discurso existente dentro da psicologia, como ciência, de que a origem dos sofrimentos humanos é meramente individual. Crochík (1998) critica essa visão de psicologia denunciando-a como ideológica pela ocultação da gênese social do sofrimento particular.

8) Gisele

Idade: 24

Classificação socioeconômica: B

Participação na entrevista: espontânea

Identificação cor/raça	Respostas de Gisele
1. Qual é a sua cor?	<i>Branco</i>
2. Dentre as opções, qual você escolheria para definir você:	(x) branco () preto () mestiço () indígena () amarelo
3. Considerando a cor da pele, raça ou etnia (ou origem) dos seus pais e avós, quais são as suas combinações de raça ou cor?	<i>Italianos e brasileiros (região nordeste)</i>

Quadro 11 – Respostas da entrevistada Gisele às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça

Os escores de Gisele são abaixo da média dos participantes. Ela respondeu “discordo muito” para quase todas as frases. Apenas para as perguntas 15 (*Tratando-se de práticas religiosas, como são negros e brancos*) e 17 (*Tratando-se da forma de falar, como são negros e brancos*), ela escolheu a alternativa 5 (um pouco diferentes).

Essa discordância com o racismo expressa no questionário também aparece na fala de Gisele, durante a entrevista. Ela percebe o racismo sutil em várias situações, nota a ausência

dos negros na universidade e a dificuldade das pessoas de tratar o assunto. Apenas dois entrevistados assumiram o próprio racismo, dentre os participantes do estudo II (Brasil), Gisele é uma delas. Ela afirma ter nascido em uma família racista e comenta as piadas racistas do pai que, embora não proíba a relação dela e do irmão com negros, deixa consequências em sua vida, pois ela diz que até hoje, por mais que já tenha superado um tanto do racismo dentro de si, sabe que sente mais medo de ser assaltada por um negro, do que por um branco. Essa coragem em assumir o próprio racismo nos parece ser um caminho para superação do mesmo.

9) Rodrigo

Idade: 20

Classificação socioeconômica: B

Participação na entrevista: espontânea

Identificação cor/raça	Respostas de Rodrigo
1. Qual é a sua cor?	<i>Pardo</i>
2. Dentre as opções, qual você escolheria para definir você:	() branco () preto (x) mestiço () indígena () amarelo
3. Considerando a cor da pele, raça ou etnia (ou origem) dos seus pais e avós, quais são as suas combinações de raça ou cor?	<i>Por parte materna, árabes por parte da Espanha e Portugal. Paterna, italiano e índio</i>

Quadro 12 – Respostas do entrevistado Rodrigo às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça

A soma das respostas dadas por Rodrigo está acima da média da amostra. A maioria de suas respostas que dá está nas alternativas 1 (discordo muito) e 2 (discordo um pouco); com quatro exceções. Para os próximos três itens, ele deu a resposta 5 (concordo um pouco): 1 (*Muitos grupos de imigrantes vieram para o Brasil e superaram o preconceito e lutaram para encontrar seu caminho. Os negros deveriam fazer o mesmo sem qualquer favor especial*); 3 (*A maioria dos negros que recebem assistência social poderia continuar vivendo bem sem essa ajuda*); e, finalmente, 7 (*Estão errados os governantes que se preocupam mais com os negros do que com os brancos em dificuldades*). Além disso, também para o item 17 (*Tratando-se da forma de falar, como são negros e brancos?*), a resposta de Rodrigo foi 5 (um pouco diferentes).

Podemos perceber que Rodrigo concorda com frases que negam ao negro o espaço como um grupo especial que necessita de políticas alternativas para sua real inserção de igual para igual com outros grupos. Tal escolha nas respostas é coerente com o seu posicionamento contrário às cotas. Do mesmo modo, é possível notar que Rodrigo se nega a pensar no racismo de forma mais sistemática e aprofundada. Rodrigo diz, no começo e no fim da entrevista, não pensar muito no racismo. Mas duas informações denunciam que ele precisa lidar com o

racismo cotidianamente. Primeiro, os comentários racistas do avô, com quem mora. Segundo, o desconforto com relação a ter, desde a infância, uma empregada negra. Seu incômodo está no fato de lhe parecer que “só porque ela é negra, ela vai trabalhar com isso”. A forma como lida com a situação, já que tem um afeto grande por essa empregada, é não chamá-la de empregada, mas pelo apelido carinhoso. Outro ponto importante é o fato de Rodrigo só ter falado da ascendência negra porque a entrevistadora perguntou diretamente. Tal ascendência, como pode ser visto no quadro acima, não aparece na resposta dada ao questionário exatamente sobre isso. Na entrevista, ele contou que a avó paterna era filha de índio com negro. No questionário aparece só a ascendência indígena por parte de pai.

Ao final da entrevista, Rodrigo relata a vontade que teve de conversar com africanos em português, no tempo em que morou na Europa. Ele mesmo disse que veio para a entrevista pensando em falar isso. Esse discurso pronto – com aparência de não racismo – juntamente com as duas vezes em que diz não pensar muito sobre o racismo nos sugere sua dificuldade em encarar a questão. Inclusive de encarar sua ascendência negra.

10) Mariana

Idade: 24

Classificação socioeconômica: C

Participação na entrevista: espontânea

Identificação cor/raça	Respostas de Mariana
1. Qual é a sua cor?	<i>Morena</i>
2. Dentre as opções, qual você escolheria para definir você:	() branco () preto (x) mestiço () indígena () amarelo
3. Considerando a cor da pele, raça ou etnia (ou origem) dos seus pais e avós, quais são as suas combinações de raça ou cor?	<i>Índios, portugueses. Raça humana.</i>

Quadro 13 – Respostas da entrevistada Mariana às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça

As respostas de Mariana estão abaixo da média. Ela escolheu as alternativas 1 (discordo muito) e 2 (discordo um pouco) para quase todas as afirmações. A única exceção foi a resposta 7 (muito diferentes) para a questão 15 (*Tratando-se de práticas religiosas, como são negros e brancos?*).

Tal discordância com afirmativas racistas pôde ser vista no dia da aplicação do questionário, pois Mariana nos procurou dizendo não entender algumas frases do questionário. Seu questionamento foi no sentido de estranhar frases tão racistas, a ponto de não conseguir entender do que elas estavam falando. No entanto, no decorrer da entrevista Mariana mostra perceber o racismo e suas consequências na autoestima dos negros.

Comparando a situação do negro com a vivida por si mesma como homossexual, Mariana acredita que o racismo pode ser combatido com o negro “se impondo” mais e se esforçando muito para se tornar seu “herói pessoal”. Suas reflexões estão restritas à esfera individual. A responsabilidade coletiva pelo racismo não entra em questão, em sua fala.

11) Aline

Idade: 20

Classificação socioeconômica: B

Participação na entrevista: espontânea

Identificação cor/raça	Respostas de Aline
1. Qual é a sua cor?	<i>Branca</i>
2. Dentre as opções, qual você escolheria para definir você:	(x) branco () preto () mestiço () indígena () amarelo
3. Considerando a cor da pele, raça ou etnia (ou origem) dos seus pais e avós, quais são as suas combinações de raça ou cor?	<i>Indígena, italiano, portugueses e austríacos</i>

Quadro 14 – Respostas da entrevistada Aline às perguntas do questionário sobre identificação cor/raça

Aline teve respostas acima da média nas duas escalas. Ela responde com as alternativas de discordância para quase todos os itens. No entanto, escolhe a resposta 5 (concordo um pouco) para a afirmação 1 (*Muitos grupos de imigrantes vieram para o Brasil e superaram o preconceito e lutaram para encontrar seu caminho. Os negros deveriam fazer o mesmo sem qualquer favor especial*); a resposta 6 (concordo em parte) para o item 10 (*Eu não teria relações sexuais com um(a) negro(a)*); 7 (concordo muito) para a frase 4 (*Os negros têm empregos que deveriam ser dos brancos*); e, finalmente, 5 (um pouco diferentes) para as perguntas: 15 (*Tratando-se de práticas religiosas, como são negros e brancos*) e 17 (*Tratando-se da forma de falar, como são negros e brancos*).

Aline nota o racismo e tem uma fala com tom antirracista de que é preciso superar os preconceitos, todos são iguais e etc. Porém, uma análise mais apurada mostra um teor mais “politicamente correto” do que efetivo em tais frases. Por exemplo, ao contar situações de discriminação racial, ela diz que o negro tem que “ignorar” essas coisas. Ao negro, então, é dada a responsabilidade de superar as discriminações, sozinho. De alguma forma, isso é coerente com algumas de suas respostas ao questionário, por exemplo, a sua concordância com a frase 1. Além disso, ela concorda em parte que não teria relações sexuais com um negro e escreve na frente dessa afirmação “não sei”. Apesar de ter proximidade com negros (cunhado e amigos), essa proximidade não passaria do limite da amizade, o que demonstra incoerência com seu discurso de igualdade.

Ao retomarmos às questões que nos colocamos no item 5.2.1 sobre as entrevistas realizadas na Espanha, notamos que não há nos entrevistados brasileiros o etnocentrismo, nem o segregacionismo tal como apareceu naquele país. Os brasileiros que participaram das entrevistas também notam o racismo como os espanhóis, mas têm uma relação mais próxima do que estes com o grupo discriminado em questão.

Também entre os brasileiros, percebemos que as entrevistas puderam elucidar melhor as respostas dadas nas escalas. Alguns alunos tiveram baixos escores nas escalas e, de fato, não apresentaram falas racistas. São os casos de Bianca, Janaína e Gisele. A fala delas é de notar o racismo – e apontá-lo no outro. Das três, Gisele foi a única a assumir seu próprio racismo. Também Adriana, Isabele e Mariana tiveram baixos escores nas escalas. Porém, no decorrer das entrevistas, elas foram mostrando, de uma forma ou de outra, a responsabilidade que dão ao negro pela dificuldade que passa. Das três, a fala de Isabele é a que mais tem uma aparência de neutralidade. Isso posto, é possível que muitos participantes respondam negativamente às frases racistas da escala, sem muita reflexão, com o intuito de não parecer racista, nem para si nem para os outros, como nos parece ser o caso de Isabele.

Os cinco entrevistados restantes têm escores acima da média total de respondentes. Júlio é quem tem o mais escore do grupo de entrevistados. Sua concordância com ideias racistas é coerente com a admissão do seu próprio racismo. Também há coerência nas falas de Ana Paula e Luíza com os questionários respondidos por elas, pois elas criticam claramente o autorracismo dos negros e defendem a não aceitação do próprio negro como a fonte do problema. No entanto, Aline e Rodrigo, que também têm altos escores, não apresentam assim claramente suas ideias racistas. Rodrigo, como Isabele, tem uma fala aparentemente neutra, cuja análise um pouco mais apurada demonstra contradições interessantes. Já, a responsabilização que Aline dá aos negros para mudarem as situações difíceis juntamente com a racialização que faz nos permite questionar a profundidade de sua defesa da igualdade de todos.

Com isso, concluímos que tanto nas entrevistas quanto nas respostas dadas ao questionário, há o desejo de não ser (e não parecer) racista. Porém, a entrevista, ainda que não seja aprofundada, permite contradições que abalam a fachada antirracista da fala de alguns entrevistados. Por outro lado, ainda que a tendência geral dos alunos tenha sido a de não concordar com frases racistas, a menor discordância com algumas frases específicas (sobre políticas afirmativas, por exemplo) mostra em que aspectos podem estar se apoiando o racismo ainda existente.

CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de um método qualitativo de pesquisa e de um quantitativo nos ajudou a delinear algumas considerações sobre o racismo e, especificamente, sobre a nova forma de preconceito atual: o racismo sutil.

Sabemos das limitações das escalas de opinião. Uma delas, por exemplo, é a dificuldade em entender por que alguém concorda ou discorda com uma afirmação racista. Em alguns casos, tanto um argumento racista quanto um não racista podem justificar a opinião do respondente. Na escala que utilizamos, pressupomos, com base na literatura da área, que as frases são racistas. Mas não necessariamente a discordância com a frase seja sinal da ausência de racismo. É por isso que lançamos mão das entrevistas como estratégia de compreensão do tema pelo participante.

Comparando-se as pesquisas realizadas no Brasil e na Espanha, ficou claro para nós que as respostas nos questionários são significativamente diferentes: os alunos espanhóis tendem a expressar mais preconceito do que os brasileiros. As entrevistas, ainda que restritas, trouxeram elementos próprios da realidade espanhola no que diz respeito à discriminação dos gitanos, como o desejo de segregação e etnocentrismo. Por outro lado, há na Espanha, assim como no Brasil, uma fala não racista denunciada pelas entrevistadas como não verdadeira. Isto é, também existe naquele país um desejo de não ser racista justificado por alguma proximidade com o grupo discriminado. Mas essa proximidade tem limitações claras. O fechamento à experiência não permite a identificação dos *payos* com os gitanos e, com isso, o afastamento é quase automático. Desse dado decorre uma importante pergunta: por que será que os espanhóis expressam mais preconceito do que os brasileiros? É evidente que a história de cada país é diferente. E a resposta para tal questão exigiria um exaustivo estudo sobre tal história – o que não nos é possível na elaboração da presente tese. Mas permitimo-nos algumas hipóteses.

Há uma distância muito grande entre os *payos* e gitanos. Tal distância chega a configurar uma quase invisibilidade⁷¹. De modo geral, admite-se, na Espanha, que haja discriminação contra os gitanos e que isso seja um problema social sério. Mas a segregação vivida pelos gitanos é entendida pelos *payos* como um autoafastamento, de modo a serem responsabilizados pelos conflitos existentes. Como os *payos* não se responsabilizam pela

⁷¹ Durante o período de estágio em que estivemos em Murcia, tivemos a oportunidade de participar de um evento cultural anual patrocinado pela prefeitura chamado “Murcia três culturas”. Nesse evento são feitas apresentações de música durante a noite em vários pontos da cidade, gratuitamente, por duas semanas. O objetivo é respeitar as diferentes culturas que compõem a história espanhola: judeus, mouros e cristãos. A cultura gitana não é sequer citada.

discriminação cotidiana vivida pelos gitanos, há, como no Brasil, uma dificuldade em modificar o quadro existente.

Já no Brasil, a realidade se coloca de outra maneira. A porcentagem de negros (considerando-se pretos e pardos) pode chegar a 45%; enquanto que a população gitana⁷² na Espanha é de, no máximo 2%. Não apenas a grande diversidade numérica, mas o histórico de relações em cada país configura uma realidade diferenciada; ainda que, em comum, tenhamos a existência da expressão mais sutil do que evidente do racismo.

Vale lembrar que as relações raciais no Brasil são complexas e envolvem vários aspectos, de modo a ser difícil contemplá-los em uma tese de doutorado de uma área específica. Questões históricas, sociais, culturais, psicológicas etc. nos acompanham de modo a configurar realidades diferenciadas ao longo do país. Assim, nossas considerações são restritas à realidade que pudemos observar por meio das falas dos entrevistados e das respostas dadas nos questionários em uma amostra limitada de estudantes universitários moradores da cidade de São Paulo.

Concluimos, por meio da fala de nossos entrevistados, que o racismo no Brasil é velado e presente, ao mesmo tempo. Todos os alunos entrevistados afirmam que existe racismo no país. Porém, só dois deles se assumiram racistas e, nos questionários, percebemos uma tendência dos alunos em não concordarem com afirmações racistas – o que não é sinônimo de ausência de racismo, mas pode revelar a maior preocupação em não parecer racista. Ninguém quer o título de racista. Nem mesmo assumir que já foi discriminado é algo agradável porque reafirma o rótulo de inferioridade.

Nossas leituras e reflexões sobre o tema do preconceito por meio das obras de Adorno e Horkheimer nos levam a crer que existam aspectos racionais e irracionais que compõem o preconceito. A consciência de que o racismo existe e que faz parte do nosso cotidiano tem estado cada vez mais próximo de todos, porque tem sido mais debatido na mídia, nas escolas, universidades etc. Entretanto, abordar mais o tema não significa automaticamente que ele está bem resolvido. O racismo é visto como algo negativo há tempos. No entanto, ele persiste por uma série de questões. Podemos pensar, assim, que há uma série de “subterfúgios” que abrigam o racismo dentro de nós, por meio de argumentos racionais e irracionais. A elaboração das categorias na análise das entrevistas permitiu que nos aproximássemos de tais argumentos.

De início, vale ressaltar que esperávamos encontrar falas racistas e não racistas por parte dos entrevistados. No entanto, as falas não racistas foram tão poucas que não foi

⁷² Referência: http://www.unionromani.org/pueblo_es.htm#distribucion

possível elaborar uma categoria para elas. A análise total de cada entrevista nos mostrou que algumas falas não racistas poderiam ser classificadas como um “discurso politicamente correto” e, foram, então, apresentadas na categoria referente à “pseudoneutralidade”, que confrontou tentativas de parecer neutro em relação ao racismo e falas que denunciavam essa tentativa como falsa. Outras falas que poderia ser classificadas como não racistas eram no sentido de denunciar o racismo notado nos outros e foram analisadas na categoria referente a percepção do racismo.

Notamos uma tensão constante na fala dos entrevistados entre constatar o racismo, ser conivente, ter proximidade com negros, se sentir racista, não se sentir racista etc. Percebemos um jogo entre não querer ser visto como racista e realmente não querer ser. Das seis categorias criadas, cinco delas, onde esteve grande parte da fala dos entrevistados são acusações de racismo para outra pessoa ou afirmações que visem à autodefesa da acusação de racista. Julgando o outro como racista, ou tentando disfarçar o próprio racismo, dificilmente avançamos na discussão. Na última categoria, em que se assume o racismo, está, nos parece, o caminho de superação possível. A coragem em assumir o próprio racismo leva à reflexão e à constatação de sentimentos racistas em diferentes momentos. Isso não quer dizer que tal processo seja simples. Ao contrário, estamos tão acostumados a ver o negro como inferior, que precisaremos de tempo para superar essa desumanidade.

Além disso, foi uma constância na fala dos entrevistados a acusação do negro como responsável pelo racismo ou, no mínimo, a ênfase no esforço do negro como a chave para a solução da discriminação e preconceito. Essa questão encontra eco também nos questionários. Embora a tendência geral dos alunos tenha sido de discordância com frases racistas – e maior discordância para frases claramente racistas do que para aquelas que apresentam o preconceito de forma sutil, as frases que tiveram maior pontuação de concordância foram as que se referiram à necessidade do negro obter sucesso por meio de seu próprio esforço. Isto é, estratégias do governo em prol da população negra não são bem vistas pelos participantes. É nesse sentido que podemos afirmar que “apontar o dedo” para o negro como o único responsável pelo racismo é se ausentar da reflexão e responsabilização da contínua discriminação racial a que este grupo está submetido, cotidianamente.

Nesse sentido, a pobreza na relação sujeito-objeto que pode levar ao preconceito pelo fechamento à experiência, conforme nos apresenta Crochík (2006), pode ser observada na fala dos entrevistados a medida em que a relação com o negro parece constantemente pautada no estereótipo de não esforço deste. É o negro que não se esforça para mudar sua própria situação. É o negro que, como representante de sua raça, não encontra lugar nas relações cotidianas que o coloquem de igual para igual com o branco. Como aponta Carone (2002), o

negro é sempre representante de seu grupo racial, isto é, ele é racializado. Tal racialização não ocorre com um branco, pois quando uma pessoa branca comete um crime, ninguém se lembra de acusá-lo de branco. Ele é uma pessoa que cometeu um crime. Mas o negro é constantemente suspeito de estar fora da norma, sobretudo se está em condições que não são as de pobreza. Já que ser negro e pobre parece ser o mais natural.

É por isso que usamos, na presente tese, o conceito de raça, como categoria nativa (GUIMARÃES, 2003). Pois tal forma estereotipada de olhar para o negro é fruto da racialização ainda existente. Isso significa dizer que pensar de forma racializada, ou seja, baseada em raça, faz sentido para as pessoas em sua vida cotidiana. Claro está que nosso norte é uma sociedade sem raças, ou seja, um mundo em que não será preciso a hierarquia na construção das relações pessoais e das subjetividades. Porém, entendemos ser necessário usar a raça por enquanto para que, pela denúncia de suas profundas consequências na vida de brancos, negros e mestiços, possamos lidar com um sério problema do qual costumamos fugir. Nesse sentido, concordamos com Munanga (1996) de que é necessário “reconhecer o racismo” como estratégia de luta contra o racismo. Pois despertar em nós a sensibilidade para a dor do negro é caminhar na luta contra o racismo porque podemos, com isso, nos tornarmos militantes do nosso próprio racismo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Sérgio. Violência e racismo: discriminação no acesso à justiça penal. Em: Lília Moritz Schwarcz & Renato da Silva Queiroz (Orgs.) *Raça e diversidade*. São Paulo: Edusp: Estação Ciência, 1996.
- ADORNO, Theodor W. *Palavras e sinais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- ADORNO, Theodor W.; FRENKEL-BRUNSWIK, E.; LEVINSON, D. J.; SANFORD, R.N. *La personalidad autoritaria*. Buenos Aires: Editorial Proyección, 1965.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Temas básicos da sociologia*. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1973.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- BALIBAR, E. *Race, nation, classe: les identités ambiguës*. Paris : La Découverte, 1988.
- BARAN, Paul A.; SWEEZY, Paul M. *Capitalismo monopolista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- BARRETO, Paula Cristina da Silva. *Múltiplas vozes: racismo e anti-racismo na perspectiva dos universitários de São Paulo*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: Carone, Iray; Bento, Maria Aparecida Silva (Orgs.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BERND, Z. *A questão da negritude*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984 (Coleção QualÉ).
- BLIKSTEIN, I. Indo-europeu e racismo. *Revista USP*, n. 14, 1992.
- BOULLE, Pierre. François Bernier and the origins of the modern concept of race. In: Sue Peabody; Tyler Stovall (ed.). *The color of liberty: histories of race in France*. Durham, NC, 2003.
- CÂNDIDO, Antônio. Racismo: crime ontológico. *Ethnos Brasil*, ano 1, n. 1, março 2002.
- CARONE, Iray. Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. Em: Carone, Iray; Bento, Maria Aparecida Silva (Orgs.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- CECCHETTO, F.; MONTEIRO, S. Discriminação, cor e intervenção social entre jovens na cidade do Rio de Janeiro (RJ, Brasil): a perspectiva masculina. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 14 (1), p. 199-218, janeiro-abril, 2006.
- COSTA, Rosely Gomes. Mestiçagem, racialização e gênero. *Sociologias*. 11 (21), p. 94-120, jan-jul, 2009.

CROCHÍK, José Leon. Notas sobre a psicologia social de T.W. Adorno. *Psicologia & Sociedade*, 8 (1), p. 43-62, 1996.

CROCHÍK, José Leon. Os desafios atuais do estudo da subjetividade na psicologia. *Psicologia USP*, 9 (2), p.69-85, 1998.

CROCHÍK, José Leon. *A ideologia da racionalidade tecnológica e a personalidade narcísica*. Tese de livre docência. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1999.

CROCHÍK, José Leon. Teoria crítica da sociedade e estudos sobre o preconceito. *Revista Psicologia Política*, v.1, p.67-99, 2001.

CROCHÍK, José Leon. *Preconceito: indivíduo e cultura*. 3ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

CROCHÍK, José Leon. T.W. Adorno e a psicologia social. *Psicologia & Sociedade*, 20 (2), 297-305. 2008a.

CROCHÍK, José Leon. (Org.). *Perspectivas teóricas acerca do preconceito*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008b.

DEPESTRE, René. Les métamorphoses de la negritude em Amérique. *Revue Présence Africaine*. (75), p. 19-33, 1970.

DEPESTRE, René. Saludo y despedida a la negritud. Em: Manuel Moreni Fragnals (Org.) *África em América Latina*. México: Siglo XXI, p.337-362, 1977.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

ESPELT, Esteve; JAVALOY, Federico; CORNEJO, José Manuel. Las escalas de prejuicio manifiesto y sutil: ¿una o dos dimensiones? *Anales de Psicología*, 22 (1), junio, p. 81-88, 2006.

FIGUEIREDO, Angela. Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira. *Cadernos Pagu* (23), p.199-228, julho- dezembro, 2004.

FRY, Peter. *A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GALEÃO-SILVA, Luís Guilherme. *Adesão ao fascismo e preconceito contra negros: um estudo com universitários na cidade de São Paulo*. Tese de doutorado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GÓMEZ-BERROCAL, Carmen; MOYA, Miguel. El prejuicio hacia los gitanos: características diferenciales. *Revista de Psicología Social*, (14), 1, p. 15-40, 1999.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, Ed. 34, 2002.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com “raça” em sociologia. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p.93-107, jan./jul., 2003.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2005.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Temas básicos de sociologia*. São Paulo: Editora Cultrix; Edusp, 1973.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

IMBRIZI, Jaqueline Maria. *A formação do indivíduo no capitalismo tardio: uma análise de estudos que vinculam a esfera subjetiva ao mundo do trabalho*. São Paulo: Editora Hucitec, FAPESP, 2005.

JAHODA, M.; ACKERMAN, N. W. *Distúrbios emocionais e anti-semitismo*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

JONES, J. *Racismo e preconceito*. São Paulo: Editora Edgar Blucher, 1973.

LACERDA, João Batista. Sur les métis au Brésil. *Premier Congrès Universel de Races*. Paris. Imprimerie Devouge, 1911.

LEWIS, B. *Race et couleur en pays d'Islam*. Paris: Payot, 1982.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira ; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia* (Natal), 9 (3), p. 401-411, 2004.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. A arena jurídica e a luta pela liberdade. Em: Lilia Moritz Schwarcz & Leticia Vidor de Souza Reis (Orgs.) *Negras imagens: Ensaio sobre Cultura e Escravidão no Brasil*. São Paulo: EDUSP: Estação Ciência, 1996.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. As facetas de um racismo silenciado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva (Org.) *Raça e diversidade*. São Paulo: EDUSP: Estação Ciência, 1996.

MUNANGA, Kabengele. Teorias sobre o racismo. In: HASENBALG, Carlos A.; MUNANGA, Kabengele; SCHWARCZ, Lilia Moritz *Racismo: Perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.

MUNANGA, Kabengele. Prefácio. Em: Carone, Iray; Bento, Maria Aparecida Silva. (Orgs.) *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, A. A. P. *Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2004a.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b.

NUNES, Sylvia da Silveira. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita. *Psicologia USP*. Vol. 17, n. 1, p. 89-98, 2006.

NUNES, Sylvia da Silveira. Racismo e escola: o que pensam os adolescentes? *Anais do VIII Congresso de Psicologia Escolar e Educacional*, São João Del Rei, 2007

PATY, Michael. Os discursos sobre a raça e a ciência. *Estudos avançados*, 12 (33), p. 157-170, 1998.

PÉREZ, Juan Antonio; DASÍ, Francisco. Nuevas formas de racismo. Em: J. Francisco Morales; Miguel Olza (organizadores). *Psicología social y trabajo social*. Madrid: McGraw-Hill, 1996, p. 202-223.

PENA, Sérgio D. J. *Humanidade sem raças?* São Paulo: Publifolha, 2008.

PETTIGREW, T. F.; MEERTENS, R. W.; Subtle and blatant prejudice in Western Europe. *European Journal of Social Psychology*, vol. 25, p. 57-75, 1995.

PINHO, Osmundo de Araújo. O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação. *Cadernos Pagu* (23), julho-dezembro, p.89-119, 2004.

PIZA, Edith. Porta de vidro: entrada para a branquitude. Em: Carone, Iray; Bento, Maria Aparecida Silva. (Orgs.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

POLIAKOV, Léon. *Mito ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

POLIAKOV, Léon; DELACAMPAGNE, C.; GIRARD, P. *Le racisme*. Paris: Ed. Sehers, 1977.

REIS, Letícia Vidor de Souza. Negro “em terra de branco”: a reinvenção da identidade. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; REIS, Letícia Vidor de Souza (Org.) *Negras imagens: Ensaio sobre Cultura e Escravidão no Brasil*. São Paulo: Edusp: Estação Ciência, 1996.

RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. Brasília: Bibliotheca Pedagógica Brasileira, série V, Vol. XI, 1933.

RUEDA, José Francisco; NAVAS, Marisol. Hacia una evaluación de las nuevas formas del prejuicio racial: las actitudes sutiles del racismo. *Revista de Psicología*, 11 (2), p. 131-149, 1996.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Raça e subjetividade no Brasil contemporâneo*. Anais do XV Encontro Nacional da ABRAPSO – Associação Brasileira de Psicologia Social, Maceió, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Ser peça, ser coisa: definições e especificidades da escravidão no Brasil. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; REIS, Letícia Vidor de Souza (Org.) *Negras imagens: Ensaio sobre Cultura e Escravidão no Brasil*. São Paulo: Edusp: Estação Ciência, 1996a.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Questão racial no Brasil. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz REIS, Letícia Vidor de Souza (Org.) *Negras imagens: Ensaio sobre Cultura e Escravidão no Brasil*. São Paulo: Edusp: Estação Ciência, 1996b.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. As teorias raciais, uma construção histórica de finais do século XIX: o contexto brasileiro. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva (Org.) *Raça e diversidade*. São Paulo: Edusp: Estação Ciência, 1996c.

SIEGEL, Sidney; N. John Castellan Jr. *Estatística não-paramétrica para ciências do comportamento*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SILVA, M. A. *Dominação, ocultamento e resistência: relações de raça, classe e gênero no Brasil*. São Paulo: DCE-Livre da USP, 2002.

TURRA, C.; VENTURI, G. *Racismo cordial: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil*. São Paulo: Ática, 1995.

VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma. Pesquisando discriminação institucional e identidade racial: considerações metodológicas. In: SANTOS, Gevanilda; SILVA, Maria Palmira da (Orgs.). *Racismo no Brasil: percepções da discriminação e do preconceito racial do século XXI*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

WIEVIORKA, Michel. *L'espace du racisme*. Paris : Du Seuil, 1991.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Tabela da média e desvio padrão das escalas de preconceito sutil e flagrante calculadas separadamente para a amostra I e II (Pesquisa no Brasil – estudo II)

Tabela 15 – Média e desvio padrão das escalas de preconceito sutil e flagrante nas amostras de 2007 e 2009

Escalas	Amostra I – (2007)	Amostra II – (2009)
Preconceito Sutil	Média 2,1 (desvio padrão 0,8)	Média 2,1 (desvio padrão 0,7)
Preconceito Flagrante	Média 1,7 (desvio padrão 0,4)	Média 1,7 (desvio padrão 0,5)
Escore Total	Média 1,9 (desvio padrão 0,6)	Média 1,9 (desvio padrão 0,5)

APÊNDICE 2 - Tabela de respostas para a pergunta aberta 1 “Qual é a sua cor?” do estudo II (Brasil)

Tabela 16 – Respostas para a pergunta aberta 1 “Qual é a sua cor?”.

Cor	Respostas
Branca	178 – 75,7%
Parda	26 – 11,1%
Amarela	10 – 4,3 %
Morena	5 – 2,2%
Preta	5 – 2, 2%
Branca/amarela	1 – 0,4%
Branca (quase transparente)	1 – 0,4%
Bege	1 – 0,4%
Caucasiana	1 – 0,4%
Impadronizada	1 – 0,4%
Marrom	1 – 0,4%
Mestiço	1 – 0,4%
Mulato	1 – 0,4%
Negra	1 – 0,4%
Parda/morena	1 – 0,4%
Não respondeu	1 – 0,4%
Total	235 – 100%

APÊNDICE 3 - Tabela de respostas da pergunta aberta 3 “Considerando a cor da pele, raça ou etnia (ou origem) dos seus pais e avós, quais são as suas combinações de raça ou cor?” do estudo II (Brasil)

Tabela 17 – Respostas para a pergunta aberta 3 “Considerando a cor da pele, raça ou etnia (ou origem) dos seus pais e avós, quais são as suas combinações de raça ou cor?”, do estudo II (Brasil)

Respostas	Frequência
Branco	52
Branco e negro	24
Branco, negro e indígena	21
Branco e indígena	16
Branco e mestiço	15
Português e italiano	7
Português, espanhol e italiano	7
Japonês	4
Branco e amarelo	3
Branca e parda	3
Europeu	3
Italiano e indígena	3
Branco e moreno	2
Branco e mulato	2
Branco, negro e mulato	2
Europeu e indígena	2
Indígena e português	2
Italiano e espanhol	2
Italiano, espanhol, japonês	2
Português com ascendência árabe	2
Africano, indígena e português	1
Amarela	1
Árabes (da Espanha e Portugal), italiano e indígena	1
Árabe, polonês, português e indígena	1
Branco, europeu e árabe	1
Branco, indígena e sírio	1
Branco, mestiço e indígena	1
Branco, negro e mestiço	1
Branco e mameluco	1
Branco, indígena e amarelo	1
Branco, negro e amarelo	1
Branco, negro, árabe	1
Branco, moreno, europeu e asiático (árabe)	1
Branco, mestiço e africano	1
Chinês, português, italiano, alemão, indígena, negro	1
Espanhol, português, indígenas e holandeses	1
Etnia oriental e europeia	1
Europeu e indígena	1
Europeu, indígena, africano	1
Europeu, judeu, indígena	1
Europeu e sírio	1
Grego, egípcio, português, italiano, alemão	1
Ibéricos, italianos, mestiços	1

Indígena, alemão, espanhol, português, italiano	1
Indígena, amarelo, branco e negro	1
Indígena, branco, negro e mestiço	1
Indígena, brasileiro	1
Indígena, europeu, africano, árabe	1
Italiano	1
Italiano, austríaco, português	1
Italiano, francês, brasileiro	1
Italiano, indígena, austríaco e português	1
Italiano, indígena e brasileiro	1
Italiano e indígena (peruano)	1
Italiano, indígena, português	1
Italiano, português, indígena e africano	1
Italiano, português e francês	1
Italiano, português e lituano	1
Italiano, português e sírio	1
Japonês, alemão	1
Japonês, alemão, espanhol, português	1
Japonês, brasileiro	1
Negro, branco, indígena, italiano	1
Negro (africano), branco (alemão), italiano, brasileiro, pardo	1
Negro e europeu	1
Negro, europeu e brasileiro de pele clara	1
Negro e mestiço	1
Pardo	1
Polonês, húngaro, semitas, português	1
Português	1
Português e espanhol	1
Português, espanhol e grego	1
Português, negro, indígena	1
Português, russo, italiano, negro e indígena	1
Não responderam	7
Total	235

APÊNDICE 4 – Roteiros de entrevista semiestruturada (Pesquisa no Brasil – estudo II)

Entrevistas realizadas no Brasil em 2007

1. Da sua experiência de vida, como foi a sua relação com os negros (para brancos e mestiços)?
2. Da sua experiência de vida, como foi a sua relação com os brancos (para negros)?
3. O que você acha das situações abaixo?
 - a) Uma pessoa é contra as cotas para negros em universidades porque acredita que um negro roubará injustamente a vaga de seu filho em uma boa universidade.
 - b) Em um debate sobre política antirracista, uma pessoa do público diz aos palestrantes: eu não sou racista, tenho até uns amigos mais morenos, mas o problema são esses negros que não se aceitam.
 - c) Em uma clínica particular, uma fisioterapeuta disse que não atende pacientes negros porque tem o direito de não gostar de negro.

Entrevistas realizadas no Brasil em 2009

1. Da sua experiência de vida, como foi a sua relação com os negros (para brancos e mestiços)?
2. Da sua experiência de vida, como foi a sua relação com os brancos (para negros)?
3. O que você acha das situações abaixo?
 - a) Uma pessoa é contra as cotas para negros em universidades porque acredita que um negro roubará injustamente a vaga de seu filho em uma boa universidade.
 - b) Em um debate sobre política antirracista, uma pessoa do público diz aos palestrantes: eu não sou racista, tenho até uns amigos mais morenos, mas o problema são esses negros que não se aceitam.
 - c) Duas pessoas conversando em um bar, uma delas pergunta: Por que você acha que a maioria das empregadas domésticas é negra nas novelas? A outra responde: porque são pobres.

APÊNDICE 5 – Questionário (Pesquisa na Espanha – Estudo I)

Buenos días, soy Sylvia Nunes y soy estudiante de doctorado en Brasil. Estoy haciendo una investigación en Murcia, sobre opiniones y actitudes. Tú no necesitas identificarte y podrás desistir, cuándo quieras, de participar de la investigación. En la primera parte del cuestionario, hay preguntas personales, pero no hay nada que te identifiques. En la segunda parte, hay algunas frases. Pido que tú contestes si estás de acuerdo o no. Si tienes alguna duda o interés, puedes me enviar un correo: sylvianunes@usp.br

Muchas gracias,

Sylvia Nunes

1ª PARTE

Fecha de nacimiento: ____/____/____

Sexo: ☐ Mujer ☐ Hombre

¿Cuál es tu nacionalidad? _____

2ª parte

Describe tu opinión personal, en relación a las siguientes frases, usando los indicadores mostrados debajo. No hay respuestas correctas o incorrectas. Este no es un test psicológico o de personalidad, sólo queremos saber tu opinión. El objetivo de la investigación es conocer mejor las opiniones de las personas sobre el tema. Las frases tampoco expresan la opinión de la investigadora.

Leyenda:

1 = En total desacuerdo **2** = Bastante en desacuerdo **3** = Un poco en desacuerdo

5 = un poco de acuerdo **6** = Bastante de acuerdo **7** = Muy de acuerdo

1. En España existen otros grupos que superan el prejuicio y salen adelante por sus propios esfuerzos. Los gitanos deberían hacer lo mismo sin que se les tenga que dar un trato especial.	1	2	3	5	6	7
2. La mayoría de los políticos españoles se preocupan demasiado por los gitanos y no lo suficiente de otros ciudadanos españoles.	1	2	3	5	6	7
3. Los gitanos enseñan a sus hijos valores y destrezas que no son las adecuadas para triunfar en esta sociedad.	1	2	3	5	6	7
4. No me importaría si una persona gitana, competente en su trabajo, fuera profesor o jefe mío.	1	2	3	5	6	7
5. El inconveniente de que los gitanos se introduzcan en determinados lugares (pisos, locales públicos, etc.) es que no saben respetar las normas de convivencia establecidas.	1	2	3	5	6	7
6. Las personas gitanas se diferencian mucho de las personas no gitanas en los hábitos de higiene y en la necesidad de limpieza.	1	2	3	5	6	7
7. Estaría dispuesto/a tener relaciones sexuales con una persona gitana.	1	2	3	5	6	7
8. Los españoles no gitanos/payos y los gitanos nunca pueden estar realmente tranquilos unos con otros, incluso aunque sean amigos.	1	2	3	5	6	7
9. La mayoría de los gitanos que reciben algún tipo de ayuda social o económica podrían vivir sin ella si lo quisieran.	1	2	3	5	6	7

10. Los gitanos ocupan trabajos, viviendas y puestos escolares que no saben utilizar y que deberían ser ocupados por otras personas.	1	2	3	5	6	7
11. Por lo que conozco, los gitanos son muy diferentes al resto de ciudadanos españoles en los valores que enseñan a sus hijos.	1	2	3	5	6	7
12. Pienso que las personas gitanas son muy diferentes a las personas no gitanas (payos), en sus valores y/o en sus prácticas sexuales.	1	2	3	5	6	7
13. No me importaría si uno de mis parientes más próximos se casara con una persona gitana, de un nivel parecido al mío.	1	2	3	5	6	7
14. Es cuestión de esfuerzo de las personas. Si las personas gitanas se quisieran esforzar un poco más, podrían estar, al menos, tan acomodadas como otros ciudadanos españoles.	1	2	3	5	6	7
15. No se puede uno/a fiar de la honestidad de los gitanos.	1	2	3	5	6	7
16. Por lo que he podido ver, los gitanos son muy diferentes a los no gitanos/payos en sus formas de hablar y de comunicarse con la gente.	1	2	3	5	6	7
17. Los gitanos proceden de razas menos capaces y esto explica por qué viven en una situación peor que el resto de los españoles.	1	2	3	5	6	7

Leyenda:

1 = Siempre **2** = Case siempre **3** = Algunas veces **5** = Pocas veces **6** = Case nunca **7** = Nunca

18. ¿Has sentido alguna vez admiración por personas del grupo gitano?	1	2	3	5	6	7
19. ¿Con qué frecuencia has sentido compasión por la situación en la que se encuentran las personas gitanas?	1	2	3	5	6	7

Leyenda:

1 = Nada enfadado **2** = Casi nada enfadado **3** = Un poco enfadado
5 = Enfadado **6** = Muy enfadado **7** = Extremamente enfadado

20. Supon que uno de tus familiares más cercanos (p.e. hijos o hermanos) tuviera descendencia con una persona gitana. ¿Cómo te sentirías si el hijo de tu familiar tuviera todos los rasgos físicos de esa persona gitana?	1	2	3	5	6	7
--	---	---	---	---	---	---

APÊNDICE 6 – Quadro dos itens das escalas de preconceito sutil e flagrante utilizado no questionário aplicado na Espanha (Estudo I)

Escala de Preconceito Sutil
<i>1. En España existen otros grupos que superan el prejuicio y salen adelante por sus propios esfuerzos. Los gitanos deberían hacer lo mismo sin que se les tenga que dar un trato especial.</i>
<i>3. Los gitanos enseñan a sus hijos valores y destrezas que no son las adecuadas para triunfar en esta sociedad.</i>
<i>5. El inconveniente de que los gitanos se introduzcan en determinados lugares (pisos, locales públicos, etc.) es que no saben respetar las normas de convivencia establecidas.</i>
<i>9. La mayoría de los gitanos que reciben algún tipo de ayuda social o económica podrían vivir sin ella si lo quisieran.</i>
<i>11. Por lo que conozco, los gitanos son muy diferentes al resto de ciudadanos españoles en los valores que enseñan a sus hijos.</i>
<i>12. Pienso que las personas gitanas son muy diferentes a las personas no gitanas (payos), en sus valores y/o en sus prácticas sexuales.</i>
<i>14. Es cuestión de esfuerzo de las personas. Si las personas gitanas se quisieran esforzar un poco más, podrían estar, al menos, tan acomodadas como otros ciudadanos españoles.</i>
<i>16. Por lo que he podido ver, los gitanos son muy diferentes a los no gitanos/payos en sus formas de hablar y de comunicarse con la gente.</i>
<i>18. ¿Has sentido alguna vez admiración por personas del grupo gitano?</i>
<i>19. ¿Con qué frecuencia has sentido compasión por la situación en la que se encuentran las personas gitanas?</i>
Escala de Preconceito Flagrante
<i>2. La mayoría de los políticos españoles se preocupan demasiado por los gitanos y no lo suficiente de otros ciudadanos españoles.</i>
<i>4. No me importaría si una persona gitana, competente en su trabajo, fuera profesor o jefe mío.</i>
<i>6. Las personas gitanas se diferencian mucho de las personas no gitanas en los hábitos de higiene y en la necesidad de limpieza.</i>
<i>7. Estaría dispuesto/a tener relaciones sexuales con una persona gitana.</i>
<i>8. Los españoles no gitanos/payos y los gitanos nunca pueden estar realmente tranquilos unos con otros, incluso aunque sean amigos.</i>
<i>10. Los gitanos ocupan trabajos, viviendas y puestos escolares que no saben utilizar y que deberían ser ocupados por otras personas.</i>
<i>13. No me importaría si uno de mis parientes más próximos se casara con una persona gitana, de un nivel parecido al mío.</i>
<i>15. No se puede uno/a fiar de la honestidad de los gitanos.</i>
<i>17. Los gitanos proceden de razas menos capaces y esto explica por qué viven en una situación peor que el resto de los españoles.</i>
<i>20. Supón que uno de tus familiares más cercanos (p.e. hijos o hermanos) tuviera descendencia con una persona gitana. ¿Cómo te sentirías si el hijo de tu familiar tuviera todos los rasgos físicos de esa persona gitana?</i>

APÊNDICE 7 – Questionário (Pesquisa no Brasil – Estudo II)

Bom dia, meu nome é Sylvia Nunes, sou doutoranda do Instituto de Psicologia da USP e estou realizando uma pesquisa sobre opiniões e atitudes, com financiamento da FAPESP. Você não precisa se identificar e está livre para desistir, a qualquer momento, de participar da pesquisa. A primeira parte do questionário é composta por perguntas pessoais. No entanto, não há nenhuma possibilidade de identificação sua ou de sua família. Na segunda parte, algumas afirmações são apresentadas. Solicitamos que você responda o quanto concorda ou discorda de tais afirmações. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso à pesquisadora para esclarecimento de eventuais dúvidas, pelo e-mail sylvianunes@usp.br.

1ª PARTE

Data de nascimento: ____/____/____

Sexo: [F] [M]

Responda as seguintes questões:

1. Qual é a sua cor? _____

2. Dentre as opções, qual você escolheria para definir você:

() branco () preto () mestiço () indígena () amarelo

3. Considerando a cor da pele, raça ou etnia (ou origem) dos seus pais e avós, quais são as suas combinações de raça ou cor?

4. Assinale no quadro se você tem ou não os itens apresentados e a quantidade de cada.

	Quantidade				
Televisão em cores	0	1	2	3	4
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	1	2	3	4
Automóvel	0	1	2	3	4
Empregada mensalista	0	1	2	3	4
Máquina de lavar	0	1	2	3	4
Videocassete e/ou DVD	0	1	2	3	4
Geladeira	0	1	2	3	4
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	1	2	3	4

5. Assinale o grau de instrução de quem é considerado o chefe da família, isto é, quem tem a renda principal em casa.

() Analfabeto ou até 3ª série do Ensino Fundamental

() 4ª série Fundamental

() Fundamental Completo

() Médio Completo

() Superior Completo

2ª parte

Abaixo são oferecidas afirmações das quais você pode concordar ou discordar. Não há resposta certa ou errada. Não se trata de um teste psicológico ou de personalidade. Apenas queremos saber sua opinião. O objetivo da pesquisa é conhecer melhor as opiniões das pessoas sobre o tema abordado. As afirmações não expressam a opinião da pesquisadora.

Legenda:

1 = Discordo muito 2 = Discordo em parte 3 = Discordo um pouco
5 = Concordo um pouco 6 = Concordo em parte 7 = Concordo muito

Muitos grupos de imigrantes vieram para o Brasil e superaram o preconceito e lutaram para encontrar seu caminho. Os negros deveriam fazer o mesmo sem qualquer favor especial.	1	2	3	5	6	7
Os negros não deveriam se impor onde não são bem-vindos.	1	2	3	5	6	7
A maioria dos negros que recebe assistência social poderia continuar vivendo bem sem essa ajuda.	1	2	3	5	6	7
Os negros têm empregos que deveriam ser dos brancos.	1	2	3	5	6	7
Brancos e negros dificilmente estão confortáveis uns com os outros, mesmo sendo amigos próximos.	1	2	3	5	6	7
A discriminação de pessoas negras é apenas um problema de pessoas que não se esforçaram o suficiente. Caso os negros se esforçassem mais eles seriam tão bons quanto os brancos.	1	2	3	5	6	7
Estão errados os governantes que se preocupam mais com os negros do que com os brancos em dificuldades.	1	2	3	5	6	7
Os negros ensinam valores e habilidades para seus filhos que não são adequados para se ter sucesso na sociedade.	1	2	3	5	6	7
Os negros vêm de povos menos capazes, e isso explica por que eles não são tão bons quanto a maioria dos brancos.	1	2	3	5	6	7
Eu não teria relações sexuais com um(a) negro(a).	1	2	3	5	6	7
Eu não gostaria que um negro suficientemente qualificado fosse escolhido pra meu chefe.	1	2	3	5	6	7
Eu não gostaria que um negro, do mesmo nível social que o meu, se casasse com algum familiar próximo a mim.	1	2	3	5	6	7

Legenda:

1 = Muito semelhantes 2 = Semelhantes 3 = Um pouco semelhantes
5 = Um pouco diferentes 6 = Diferentes 7 = Muito diferentes

Tratando-se de honestidade, como são negros e brancos?	1	2	3	5	6	7
Tratando-se de valores, como são negros e brancos?	1	2	3	5	6	7
Tratando-se de práticas religiosas, como são negros e brancos?	1	2	3	5	6	7
Tratando-se de valores e práticas sexuais, como são negros e brancos?	1	2	3	5	6	7
Tratando-se da forma de falar, como são negros e brancos?	1	2	3	5	6	7

Legenda:

1 = Sempre 2 = Quase sempre 3 = Algumas vezes 5 = Poucas vezes 6 = Quase nunca 7 = Nunca

Com que frequência você sente <i>simpatia</i> pelos negros?	1	2	3	5	6	7
Com que frequência você sente <i>admiração</i> pelos negros?	1	2	3	5	6	7

Legenda:

1 = Nada aborrecido 2 = Quase nada aborrecido 3 = Um pouco aborrecido
5 = Aborrecido 6 = Muito aborrecido 7 = Extremamente aborrecido

Como você se sentiria caso um(a) filho(a) seu tivesse um filho com uma pessoa negra e com características muito diferentes das suas?	1	2	3	5	6	7
--	---	---	---	---	---	---

APÉNDICE 8 – Entrevistas (Pesquisa na Espanha – Estudo I)

Entrevista 1 – Diana

[¿Cómo fue tu experiencia con los gitanos?]

No de experiencia no... con ellos... pero... donde soy, de mi pueblo, pero por al lado donde están mis amigas y tal, hay bastante y se causarían problemas hasta llegar hasta conflictos graves... conflictos entre los gitanos y los payos, ¡vamos! De llegaren a cuchillazo... Y todo esto... con cuchillas... y por eso, yo la experiencia que tengo... mis opiniones... bastante estrictas, ¡vamos!

[¿Y por qué piensas tú que se pasa eso?]

¿Por qué? Porque, yo creo, por los conflictos que hay entre payos y gitanos. Porque si no hubiera conflictos, buen, que yo tendría otra opinión. Por los conflictos que hay de peleas. Ha muerto más de un payo... gitanos. Pero de lo que yo conozco, hay otros problemas iguales. Pero, lo que yo conozco. Pues mi opinión es diferente, o mejor, a de otra persona que no haya conocido esta experiencia.

[¿Y qué podrían hacer para cambiar esto?]

Que deberían poner más lejanos... hacer una aparte de los gitanos y los payos. Pero... no sé lo que podrían hacer porque... Lo que sería mejor, no sé.

[¿Y por qué piensa que se pasa estos conflictos con los gitanos...?]

Es que creo que es su manera de ser. Y que por mucho que hagan, creo que ellos son así. ¿Hay que respetarlos y ellos también porque... no puede desrespetar a nosotros, no?

[¿Y esto se pasa en todos los sitios...?]

Por lo que yo conozco no. Hay que se dan en todos los sitios iguales. Por lo que yo conozco no.

[¿Y hay iniciativas del gobierno para cambiar esta situación?]

Sí, eso creo que sí. No hay... se ayudarlos o mejor económicamente... en algunos sitios... en colegios con los niños, por ejemplo... algunos sitios les ofrecen alguna oportunidad. Pienso yo, por lo que yo conozco de mi zona, mi pueblo... do que me han hablado y todo esto.

[¿Pero tú conoces personalmente algún gitano?]

Personalmente, no. Es pelo que me ha hablado el pueblo, que mis amigas son de allí. Y los conflictos que se añaden allí. Y, por eso, mi opinión es esto. Que se no me habían hablado, lo mejor, yo tendría otra opinión. Yo por lo que conozco, mi opinión es esto.

[¿Y sobre el cuestionario, tienes algo a decir?]

Yo soy más restricta. Estoy bastante de acuerdo con ellos, por lo yo conozco.

[¿Y algo más que quieras decir?]

No, ya está. Tengo una opinión más restricta por los motivos de conocerlos, la experiencia, lo que me han contado y, por esto.

Entrevista 2 – Angélica

[¿Cómo ha sido tu experiencia con los gitanos...?]

Sí, yo conozco algunos, pero no de experiencia cercana... así, eran vecinos de otros barrios de mi ciudad, de diferentes habitantes, y son personas totalmente integradas. Son integradas y que no dan ningún problema. Ahora, también hay pequeños grupos que son diferentes, como en todo... me refiero en todo.

[¿Y tú conoces algún directamente?]

No, pero porque no... a la casualidad.

[¿Y conoces gitanos en la universidad?]

No he conocido tampoco.

[¿Y piensas que los gitanos son muy diferentes de los payos?]

Sí, por ejemplo las costumbres sexuales que tienen.

[¿Sexuales?]

Sexuales que tienen, sí, por ejemplo, lo de la virginidad en la hora de casarse. Y también la discriminación por las preferencias sexuales, por ejemplo, si son homosexuales, pues... en la mayoría y todo eso.

[¿Y piensas que hay otras diferencias?]

Sí, y también son muy religiosos y muy... están muy centrados en eso. Y... como que no varían mucho sus costumbres. Y los suyos...

[¿Y piensas que hay discriminación contra los gitanos?]

Sí, hay discriminación, sí. Y con gente de otros países también. Sí. Hay tanta discriminación entre los grupos gitanos que entre los inmigrantes.

[¿Y cuándo tú percebes eso?]

Pues, por ejemplo, en la discriminación de palabras y los calificativos que les dan. Los insultos, las aberraciones...

[¿Aberraciones?]

Sí, humillaciones.

[¿Y tú ya has oído...?]

Sí, yo he oído comentarios acerca de ellos...

[¿Comentarios de payos hablando de gitanos...?]

Sí, y también ya he oído los gitanos hablando de payos, se critican lo uno a lo otro.

[¿Comentarios?]

Sí, comentarios. Sí.

[¿Y que podrían hacer para cambiar esa situación?]

Pues, yo creo que habría de acabar con la discriminación, pues, haciendo una mejor política de integración con ellos, dando a ellos más posibilidades, enseñándoles otras costumbres, desde la misma escuela para que los niños pudieran aprender esas cosas, y dándoles informaciones sexuales, y todo eso.

[¿Y cómo es eso de enseñar otras costumbres?]

Por ejemplo, enseñarles las costumbres que tenemos los payos, y convivir también con los gitanos. Y propiciarles una mejor educación para que puedan integrarse en la universidad e instituto. Y que tuvieran poco más incentivo escolar, que estudiaran más.

[¿Y piensas que hay discriminación?]

Pues, nadie puede afirmar que no hay discriminación y racismo. Hay muchísimo.

[¿Y lo que puede hacer el gobierno...?]

Sí, hay determinados partidos políticos, por ejemplo, el partido popular que los discriminan mucho...

[¿El partido popular?]

El partido de derecha. Sí, en Murcia está en partido popular y en España, está el partido socialista. El que gobierna Madrid es el partido socialista. Y el partido popular, vamos, que los discriminan totalmente con las políticas y los comentarios que hacen y todo. Los partidos de derecha discriminan a los... no a las demás razas, más a los inmigrantes, a demás gente, que vengan ya de otros países. Y hay muchísima discriminación y el grupo neonazi y de todo, hay mucho...

[¿Qué hace el partido socialista?]

Hace ayuda a los inmigrantes, y hacen políticas para ellos, intentan integrarlos con trabajo e intentan que sus derechos... así como también tienen deberes, pero... intentan que sus derechos prevalezcan sobre sus deberes. Y, pues, intentan no discriminarlos.

[¿Más alguna cosa?]

Pues, que nada más. Pues, habría que cambiar la discriminación y el racismo que es... que no será cosa de un año. Pero, un trabajo largo, sí. Pero, que se podría implicar más la gente, no solamente el gobierno, el partido socialista, si no, también que la oposición ayudara... el partido popular y que uniera todos los demás partidos, ayudando al gobierno a la integración de los inmigrantes y de las demás razas.

[¿Pero, tú, no has conocido gitanos, verdad?]

Pues, yo... que no he conocido gitanos, pero que inmigrantes sí... como personas musulmanas y todo eso. Sí, y van con su velo y demás... nadie la discrimina. Y, vamos, que esta persona tiene bastante amigos y todo. Y a mí, no me importa mezclarme con esta gente.

[¿Y piensas que son muy diferentes?]

Claro, sobretodo, en religión. En la cuestión religiosa.

[¿Piensas que ellos tienen que cambiar sus costumbres?]

Hombre, yo creo que la religión no se puede cambiar en cada uno. Creo que tenemos que aceptarnos todos e intentar convivir todo. Nosotros tenemos que aceptar que ella tiene un pañuelo y que tiene su religión. Y ella tiene aceptar que nosotros vamos más descubierto y, pues, que profesemos o no alguna religión.

[¿Y algo más?]

Nada más.

Entrevista 3 – Soledad

[¿Has tenido alguna experiencia con los gitanos?]

No, personalmente, no. Tengo un compañero que su padre es gitano y está casado con una paya, entonces él es medio gitano. Y claro, esto no es su caso, porque está superintegrado... y no es lo mismo...

[¿Y él está en la universidad?]

Sí, sí, él está estudiando, desde el colegio, tiene un año más que yo. Sí, lo que pasa es que su madre está un poco... su madre es de un pueblo de aquí... de Mula... y allí está muy integrado.

[¿Su madre es paya y su padre es gitano?]

Sí, sí. Claro, no es lo mismo... ya están muy integrados y muy bien, genial.

[¿Piensas que los gitanos son muy diferentes... las costumbres...?]

Ellos no mucho... claro, lo más gitano es lo padre, pero él están un poco apartado de lo que... están más apartados, entonces, no tienen, así, costumbres de... nada...

[¿Y los otros gitanos?]

Porque yo, claro, yo no conozco tampoco, personalmente, entonces, lo que pasa es, que claro, con la gente que conozco. Hay... soy de un pueblo de aquí... y allí, no están nada integrado, del pueblo donde vivo, no están nada integrados. Es malo típico, ¿no? Todo mundo no es igual, lo que pasa es que pagan justos por pecadores, al final. Y allí, muy mal. En Canaiero... Igual que hay gente que se dedica igual... lo que pasa es que como son grupos minoritarios, y de cinco, se dedican cuatro, claro, hay sólo uno que no se dedica... es lo más saca...

[¿Se dedican a qué?]

A drogas... Allí, por ejemplo, lo caso que yo conozco, es un ejemplo vivo. Hay gente que no se dedica... pero no están nada integrado.

[¿Y hay payos que se dedican a lo mismo?]

¡Sí, sí! ¡Igual! ¡Lo que te digo! Claro, igual lo que se puede dedicar un payo, pero... claro, se hay un grupo... un grupo minoritario, que hay muy pocos... no sé, de veinte, se dedican quince, es claro, es como que solo se dedican ellos. Pero, claro, hay payos, pero, vamos, muchísimos más se dedican a lo mismo. Más... que allí, no sé. Y son muy agresivos, siempre están buscando follones. Entonces... Allí, donde yo vivo, hay casos, están muy apartados y no quieren integrarse... no quieren... y claro, claro... ni la gente tampoco quiere que ellos se integren. Entonces, allí, sí, siempre hay problema.

[¿Y cómo tú piensas que las cosas pueden cambiar?]

Allí, ya, conforme están las cosas, es muy difícil. Es muy difícil... que la gente... ya es como... la mentalidad que tienen, es que están allí a crear problema... entonces, es muy difícil...

[¿La gente gitana?]

No, la paya, la paya. Muy difícil, porque ya... de antemano... que están allí a crear follones y no quieren follones.

[¿Follones?]

Problemas, peleas, disputas, sobretodo. Y allí, se pone muy difícil, quedarles integrado.

[¿Y piensas que hay discriminación de los gitanos?]

Pienso que sí, por supuesto.

[¿Dónde más has visto alguna situación que pensó: “esto es discriminación”?]

No sé... pero, hace poco, por ejemplo, estuve en la policía haciendo mi carné de identidad, en el comisariado de policía. Y una chica joven, con un niño, tal... que era gitana, y se ve que habían detenido su pareja... lo habían detenido, estaba en el comisariado. Y la muchacha llegó a preguntar, pues, que dónde lo podría verlo, que dónde tenía que ir para verlo y cuándo iban a soltar, allí, es fatal el trato de la misma policía... para... allí, estaba yo... no le dieran ningún tipo de... no le dijeran... sabes, directamente la sacaran, le dijeran fuera, sin decirle nada... ni dónde tendría que ir para ver su pareja... nada. Y la misma policía. Y la misma chica salió diciendo: “se fuera una paya... ¡No me pueden decir dónde tengo que ir!” ... Para ver su pareja, su hermano, lo que... Y de allí mismo, hay discriminación total de la misma policía. Ya los trata como...

[¿Algo más?]

Es que en la vida normal, por la gente no se va apartando... Debajo de mi casco,... una iglesia... Y lo mismo, los vecinos ya estaban quejándose que estaban allí todos los días, que no sé que, y estuve hablando... “¿porqué te molestas? Ellos viven aquí...”

[¿Y son gitanos?]

Sí, son gitanos. En un puesto debajo de mi casa... una iglesia, y en el edificio son todos payos. Entonces,

ellos estaban quejándose que estaban allí, que molestaban, que armaban ruidos...

[¿Y no estaban?]

No ellos se meten, yo no sé... normal. Se fueran los payos, seguro que no se molestaban. Ningún problema.

[He leído, ayer, que en 1981, el gobierno de España ha declarado para las organizaciones unidas que no hay racismo en España...]

Por supuesto... pero... vamos... hay quien piensa: “no soy racista, no soy racista, no discrimino”, pero te encuentras... en cabo de tu vida, vas a encontrar muchísimas situaciones en que tú misma... o mejor, te quedas como... con miedo, es como rechazo, yo no sé... Y mismo, en el autobús, la gente no se sienta al lado de una persona gitana, busca cualquier otro sitio, iesto es racismo! Sí, lo hay.

[¿Y piensas que cuándo las personas dicen que no son racistas... creen mismo que no son racistas?]

Es fatalmente... es que no se dan cuenta de que tienen racismo... yo tengo amigos... la gente que cree que no es racista... no creo que la gente sepa plantear bien el tema de racismo... tienen la idea básica y tal, pero cuando empiezas a hablar con la gente, y a preguntar... te quedan con: “tengo un amigo que no sé que...”, “mi vecino es...”, “los gitanos...” o “marroquís”, “y hablo con ellos y me do muy bien”. Sí, tú hablas con ellos, te das muy bien, pero, a la hora de... no vas a tener mucho más unión... ellos allí y tú aquí. Es lo que yo pienso que sí, sí, hay racismo.

[¿Hay alguna cosa más?... ¿Sobre el cuestionario?]

El cuestionario... hay muchas preguntas que te quedas pensando... soy muy racista...

[¿Qué tú has dicho...? ¿“Que soy muy racista” o “que son...”?]

Porque el idea sería contestar... si no eres racista, contestar a todo que no... Y tienes que... cuándo haces alguna pregunta... no estoy de acuerdo... y te quedas... esto tal, esto no... entonces, tenemos mucho prejuicio... sobretodo muchos los prejuicios también... de que no llegas a tratar a esta persona realmente como lo que es, pero como tú crees que es... hay mucho prejuicio... hay mucho... ¿También querías hablar con ellos? ¿Has hablado con ellos, con los gitanos? Es un estudio sobre los gitanos, ¿no?

[Me gustaría... todavía... voy a intentar...]

Me gustaría saber lo que ellos... porque... también lo que ellos piensan de nosotros. Porque claro... están muy discriminados, pero tampoco... claro si yo soy muy discriminado, no querría irme con los payos, que están en discriminando. Es que es un problema que no sé la solución cuál que es...

[Te quedó alguna vez... has tenido alguna oportunidad de estar con ellos...]

Muy pocas... nada... hay este compañero que te comentado antes, que conozco, o con algún familiar con ellos, que son gitanos y están con nosotros... normal... hablé con ellos y muy bien. Cómo todo, ¿no? Si una persona que va normal... tampoco he conocido muchos... es que están muy apartados, no tenemos contactos... como a cosa esa de no hablar con ellos, por ejemplo...

[¿Alguna cosa a más?]

No.

Entrevista 4 –Josefa

[¿Tienes alguna experiencia con gitanos? ¿Conoces a personas gitanas?]

Sí, conozco a la gente gitana. Incluso yo estoy saliendo con un chico gitano. Y la verdad es que yo no tengo ningún tipo de prejuicios, di nadie, ni nada. Si la gente es gitana, ni... porque eso no me pone ninguna cuestión, ni nada, si son de una etnia o de una...

[¿Etnia?]

¿Etnia gitana? Raza.

[Sí, comprendo.]

Que a mí, eso no me... la persona me dice de cómo es... de cómo es la persona, su personalidad... y no que sea gitana, que sea árabe, que sea... no sé, y eso.

[¿Y tienes muchos amigos que son gitanos?]

Sí, tengo amigos. Incluso tengo familia... que no me toca a mí, pero, tengo familia que son gitanos también, por parte de su padre o de su madre...

[¿Personas que son casadas con personas de su familia, es eso?]

Sí, sí.

[¿Pero tú no tienes ascendencia gitana?]

No. Y, vamos que... yo pienso que el problema que haya tanto racismo hasta los gitanos es porque la gente es muy cobarde y no se atreve a conocer, a ir más allá de sus prejuicios, de su forma cerrada de pensar. No se atreven a: “vamos intentar a conocer estas personas” y no se atreven, son muy cobardes y

tienen medo... o mejor, que... yo no soy racista, no soy nada, por eso, pienso que tiene que haber tolerancia total para todos, en todos los aspectos y nada más.

[¿Y cuándo tú ves una situación que piensas: eso es racismo?]

Eso se ve a cualquiera que le diga... si tu pregunta a alguien: “¿Te gustaría tener un vecino gitano?”. Ellos te dicen que no. Cualquier persona... nada... Cualquier persona... si le dijeran: “¿Tú quieres vivir en un barrio con gitanos, en una calle con gitanos?”. Totalmente dicen que no. Se van a otro sitio a vivir. Nadie quiere tener contacto con los gitanos. Y más, en España, decir “gitano”, eso es un insulto. Decir: “menudo gitano”, “es un gitano”. Eso es un insulto.

[¿Menudo?]

Sí, eso es un insulto... Está igual... es como decir un moraco, un gitano... son insultos. Entonces, lo hacemos muy relajados.

[¿Y cómo tú piensas que podría cambiar la situación?]

Cambiar la situación sería olvidarnos de prejuicios y avanzar en la forma de pensar. Yo pienso que, en España, somos un país demasiado cerrado, demasiado conservador, con muchos prejuicios. Y con muchos... prejuicios hasta los que no son como nosotros, como ya te dicho, con los gitanos, los moros. Yo pienso que eso que tendremos que cambiar la mentalidad, y dejar de ser tan cobardes como yo he dicho antes y aprendernos a conocer otras culturas, aprendernos a relacionarnos sin pensar en raza, ni nada. Y yo sé... en parte, yo sé, que también es verdad que ellos tienen mejor que colaborar porque cuando digo que tenemos que dejar de tener prejuicios significa de una forma mutua, que ellos también no tengan tanto prejuicio hasta los payos, y los payos no tengan prejuicio hasta... que se atrevan a conocerse... y se dejen las diferencias en casa, por normal que cada cultura tenga una forma de pensar y un valor, y eso no vamos a cambiar, pero a moldarnos un poco al otro. No cambiar nuestros valores, pero, si a moldarnos.

[¿Moldarnos?]

Moldarnos un al otro, a adaptarnos, sin cambiar nuestra forma, pero se puede hacer.

[Y adaptarnos significa que los payos...]

Claro, se aprende mutuamente a relacionarnos, sin cambiar nuestra forma de pensar, sin cambiar nuestros valores, porque eso no se puede hacer... tampoco puede uno... la cultura quitarles los valores, matar la cultura, a mí, eso no me parecería bien. A mí, no me parecería bien, que de repente, los españoles quedemos... que tenemos que cambiar para la cultura gitana, que dejen de vivir así, que dejen de comportarse así. Pues, no. Porque su cultura, su vida. Eso no lo podemos hacer. Tendremos que hacer eso: aprender a vivir con ellos, a convivir.

[¿Y hay iniciativas del gobierno para cambiar...?]

Realmente, no, no lo creo. Sí, es verdad que, por ejemplo, el gobierno ha puesto, por ejemplo, la educación para la ciudadanía... con valores de respeto y tolerancia, es mejor, eso es un paso, ¿no? Pero... yo no sé. La clave está en poner todo mundo de su parte, que el gobierno haga, si el gobierno hace, si la gente no hace esfuerzo y algo, si no cambia la mente, si no cambia la forma de pensar, va se viviendo con mucho racismo y mucha discriminación.

[He leído ayer que el gobierno de España ha dicho... que no había racismo, en los años 80... que no había racismo en España...]

En España, sí, hay racismo. Si hay quien diga que no hay racismo, miente. Se dicen: “Yo, yo acepto a los gitanos, o acepto a los musulmanes, o acepto a los árabes, pero que conmigo...”. Sabes que siempre van poner... “yo no soy racista, pero que a mí, no se me acerquen”. Es la mentalidad de España, ¿no? “Yo no soy racista, pero conmigo... que no tengan nada”. Eso es ser racista. O sea, por mucho que se engañan, intentamos desenvolvernos que no somos racistas. Pero, eso no es verdad. Somos racistas. Y eso es así. No sé porque, pero somos racistas.

[¿Y qué te pareció el cuestionario?]

¿Del cuestionario? Está bien, a verdad, para ver la opinión de... Yo pienso que eso tiene que cambiarlo. Que no se puede ser. Eso tiene que cambiarlo ya. Pero, para cambiarlo es mejor... tendremos que cambiar también la mentalidad de las personas mayores que son quién educan a la gente joven... y les dan una educación más conservadora... y poco a poco, la gente joven va cambiando su manera de pensar. Yo tengo, por ejemplo, en mi casa, mis padres son muy cerrados, son muy racistas, y yo soy totalmente al contrario, soy... hay que cambiar...

[¿Y cómo se pasó eso? ¿Sus padres te educaron y son racistas... y tú no...?]

No, es que mis padres son muy... tienen otra educación, son de otra época. Yo soy una persona bastante liberal, en la forma de pensar, ¿no? Yo soy, ya tengo tolerancia y respeto a todos. Mientras hay un límite de respeto a otra persona, pienso que hay que ser tolerante. Aceptar todas las ideas y todo... porque

cada persona es un mundo, cada uno es una manera, cada uno tiene una forma de pensar. Yo pienso que mientras hay un respeto mutuo, puede haber tolerancia.

[¿Otra cosa más que quiera decir?]

No, ya lo te he dicho: que hay que cambiar la educación, cambiar la forma de pensar y que no podemos seguir tan racistas, que aquí hay mucha hipocresía: que “vamos, no somos racistas”. Pero, si somos racistas.

APÊNDICE 9 – Entrevistas (Pesquisa no Brasil – Estudo II)

Entrevista 1 – Adriana

[Da sua experiência de vida, como é que foi a sua experiência com os negros? Quando você passou a perceber que as pessoas eram chamadas de negras? Que tinham cores de pele diferentes... quando você lembra?]

Quando, assim? Acho que desde quando eu era pequena... Assim, na escola... que tem as pessoas que são negras e a gente percebe o racismo de outras... outros alunos. Até dos professores, né... que faz diferença.

[Não tinha negros na sua escola?]

Tinha pouco.

[Escola pública?]

Não, particular. Mas tinha pouco.

[Você percebeu o racismo... do professor...]

Professor é difícil, mas aluno sempre, assim. Acho que... não diretamente, em brincadeira. É... Brincadeira mesmo, assim, não diretamente, né? Porque sempre todo mundo vai contra esse tipo de coisa, mesmo que não seja sincero, assim. Mas em brincadeira mesmo, sempre teve.

[Como que você via?]

Bom, eu nunca fiz esse tipo de coisa, sinceramente, eu não fazia mesmo. Mas... acho que é errado, né? Não faz sentido assim...

[Como que você sentia, assim... Você, sei lá, achava alguma coisa, era indiferente?]

Não, eu achava errado. Eu não gostava que fizessem isso. Sempre tive amigos negros. Nunca gostei que fizessem, assim. E eu falava, né, que achava errado pra quem fazia isso.

[E, assim, você consegue lembrar... na sua infância... Foi na sua infância que você percebeu que algumas pessoas eram chamadas de negras, que tinha discriminação com elas...]

Ah, eu não... bom, uma data certa, não...

[Nem uma experiência?]

Ah, que eu me lembre, diretamente, assim, foi na oitava série, que eu tinha um amigo, muito amigo mesmo que era negro.

[Oitava?]

Oitava série, é. Antes deve ter tido, mas que eu me lembre...

[Você lembra mais dele?]

É.

[Você sentia que ele era discriminado?]

Não, eu sentia, mas era difícil, assim, de entender. Porque eram amigos mesmo dele que falavam, que faziam brincadeira: ah, você é preto, você não pode falar, sabe? Mas, assim, ele... não sei se ele ligava ou não, mas eram pessoas muito amigas mesmo pra fazer esse tipo de brincadeira... Não sei se ele ficava chateado, acho que ficava, né...

[E, assim, quando falavam você é preto e não pode falar isso... O que você acha... Como você achava que essa pessoa se sente?]

Eu acho assim, a pessoa que fazia isso... não sei se era preconceito de verdade, sabe, porque era uma pessoa muito brincalhona, mesmo, com todo mundo. Ele sempre zoava alguém. Não sei se era um preconceito de verdade, que ele não gostava, que ele fizesse algum tipo de discriminação, assim, de exclusão com a pessoa. Mas, não sei, ele pegava um ponto que ele achava que pudesse... não é agredir, mas que fosse um ponto que ele pudesse falar de alguém, ele falava, entendeu? Não era assim... Não sei se ele entendia que ele estava agredindo a pessoa, sabe?

[Você acha que não tinha agressão na fala?]

Às vezes, acho que não, assim. Não sei nem se o meu amigo se sentia agredido assim por ele...

[Ele nunca falou nada pra você?]

Falava sempre...

[Não, ele não falava disso... não se queixava? Esse seu amigo...]

Ah, não. Não falava. Ele ria...

[Não falava nada.]

Não falava nada, ele ria, ele achava...

[Normal?]

Não achava normal, assim. Mas ele não achava... aparentemente não achava ruim, entendeu? Mas de

se queixar não, tanto que ele era mais amigo desse menino mesmo.

[Você acha que tem racismo no Brasil?]

Com certeza.

[Quando você acha que é? Assim, quando você percebe?]

Quando eu percebo? Sempre assim, todo momento, quando você vê alguma situação... é que eu acho que hoje, assim, as pessoas, elas não deixam claro o que elas sentem, sabe? Porque isso é muito... hoje em dia, é visto como uma coisa que você não deve fazer, entendeu? Tem até... você é punido, se você fizer e a pessoa te denunciar. Então, por mais que a pessoa seja racista, ela não vai declarar isso, mas...

[Como é que você acha que dá para perceber o racismo?]

Ah, não sei, assim... Por exemplo, meu namorado, ele é... ele não é negro. Mas ele é mestiço. A mãe dele é e o pai dele não é. Então, assim, às vezes, acontece uma situação. Faz muito tempo e a gente foi numa balada e deixou várias pessoas passarem para uma área lá que era vip, e deixou as pessoas que estavam com a gente e tal e não deixou ele, e justamente sabe... Então, assim, você fica pensando: por que que é, entendeu? Não sei se realmente é por isso. Mas não deixou ele, justamente, sabe.

[Você fica em dúvida se é racismo...]

É. Você fica em dúvida. Por exemplo, o caso de uma amiga, que ela tinha um namorado. Ela tinha acho que 15 anos. E o namorado dela... a mãe dela não gostava que ela namorava ele. Só que assim, não tinha nenhuma razão, assim, que pudesse justificar isso, sabe? Tanto que a outra irmã... ela falava que era por causa da idade dela, só que a outra irmã começou a namorar com 13 anos, entendeu? Não faz sentido... dela não gostar mesmo... Mas, assim, você não pode afirmar que é por causa disso, porque ela não declarou isso, entendeu?

[Fica meio sutil?]

É, eu acho.

[Mas alguma situação que você lembra, que você pensou: nossa, eu acho que isso é racismo?]

Acho que não, não que eu lembre agora.

[E o que você acha do Movimento Negro? Você ouviu falar? Conhece alguma coisa?]

Na verdade, eu não conheço muito, assim, pra falar.

[E aqui na universidade, já ouviu alguma coisa... alguma manifestação?]

Ah, não sei. Ah, na época da greve sempre tinha alguém que falava que a USP era branca, que ela era elitizada. Falavam isso, era o que eu ouvia. Algumas das vezes que iam reivindicar alguma coisa, falavam que isso tinha que mudar.

[E o que você acha?]

Eu acho que realmente, assim, ela é elitizada né, porque a maioria das pessoas que estão aqui dentro são pessoas que têm condições. Eu, pelo menos, acho assim, nunca... não tem como provar isso que eu falo, mas eu acho que é. Dificilmente as pessoas entram vindo de escola pública, só as pessoas que se esforçam muito, mesmo. E como os negros, em geral, assim, eles têm menos condições, né? Sempre tiveram... acaba ficando branca mesmo, né? Só que... eu não sei... eu acho que é... mas eu não sei explicar.

[Às vezes, eu ouço, não sei se você já ouviu isso. As pessoas falando assim... eu lembro de ter ouvido o caso de uma moça que é fisioterapeuta e ela dizia: olha, eu não atendo paciente negro e ela realmente não atendia. E quando as pessoas pressionavam e falavam: mas por que você não atende? Ela falava assim: olha, eu tenho direito de não gostar. Você já ouviu esse tipo de fala?]

Ah, ouvi assim, acho que não, eu nunca ouvi, mas...

[Mas pensando nesse exemplo... ter o direito de não gostar de um determinado grupo de pessoas... o que você acha?]

Eu acho que você tem o direito de não gostar de uma pessoa, mas acho assim, você não tem o direito de não gostar de um grupo, entendeu? Assim, que nem algumas perguntas que eu vi na Folha, né, que eu achava... não que eu achava errado... Por exemplo, falava: você gosta de todos os negros? Eu acho que não, ninguém gosta de todo mundo, independente de cor, de raça. Acho que você não... é muita hipocrisia você falar que gosta de todos os negros. E é um preconceito você falar que gosta de todos os negros só porque ele é negro. É uma forma de você discriminar, entendeu, você está sendo falso. Agora, não sei, assim, ela teria o direito... assim, acho que como... pela profissão, ela não teria o direito de fazer esse tipo de coisa. Acho que ela tem que atender todo mundo. Lógico, assim, hoje em dia, você pode pagar, eu... se atendo ou não, até aí, a gente ainda... Mas sei lá, esse tipo de coisa, acho que está errado, ninguém tem o direito de não gostar de um grupo, sem conhecer a pessoa, sem, sabe, só julgar por uma coisa, assim, aparência física... Daí, eu acho que está errado.

[Outra coisa que as pessoas falam bastante, quando falam de racismo... eu lembro de ouvir isso em uma

palestra: eu tenho até uns amigos que são negros e tal. Mas o problema é que eles não se aceitam...]

Hum, hum.

[É uma fala constante... O que você acha? Você acha que acontece...]

Eu acho que acontece. As pessoas, muitas vezes, elas têm preconceito contra elas mesmas, né? Então, assim, às vezes, não sei explicar, assim... Mas, por exemplo, esse negócio das cotas. Eu sou um pouco contra, porque eu acho que não é porque a pessoa... por causa da cor da pele dela que ela tem a necessidade de ganhar pontos, entendeu? Porque não é isso que justifica, é o fato dela não ter tido condições de estudar. Muitas vezes, as pessoas, elas fazem isso, elas julgam, elas usam o preconceito contra elas mesmas. Elas não... elas se autodiscriminam, assim, independente das outras pessoas fazerem isso. Muitas vezes, a gente vê assim, alguém fez alguma coisa pra ela e ela nem... ela julga que é porque ela é negra e a pessoa não fez isso porque ela era negra. Ou então se faz de coitado por causa disso, sabe? Ou então faz piada com a própria situação, sabe? Eu já vi muita gente fazendo.

[E como que é isso?]

Não sei (risos)... eu tenho um amigo que vira e mexe ele fala assim: por que você está fazendo isso comigo, só porque eu sou preto?

[Ele fala brincando ou ele fala sério?]

Ele fala brincando. Ele adora fazer piada dele... é sobre negro, entendeu? Ele fala brincando... Eu acho que... não sei se seria o caso dele não se aceitar. Eu acho até que ele se aceita. Mas, ele mesmo se...

[Ele usa como piada?]

É, ele usa como piada. E assim... não sei, não seria um caso de não aceitação. É um caso que assim... ele usa assim a situação que todo mundo faz mesmo e ele faz, só que não para se agredir, mas para... acho que seria para brincar com a situação das pessoas que fazem isso, sabe.

[E quando ele fala isso, como é a reação das pessoas? Elas riem? Ou elas ficam...]

Acho que as pessoas riem... eu, por exemplo, eu dou risada. Não sei, assim... acho que eu não deveria rir né, porque... nada a ver... mas eu dou risada.

[Ninguém fica constrangido?]

Acho que não assim. Acho que a gente está muito acostumado a ver ele fazer isso. Ele sempre fez isso.

[Até perdeu a graça...]

É a gente nem liga mais. Mas se tiver uma pessoa negra, perto dele, assim, que não está acostumada com o jeito dele e se ele fizer isso, a pessoa vai ficar constrangida, assim.

[Você acha que um negro se constrangeria?]

Sim, eu acho.

[Uma outra situação que também eu lembro e que acho que ajuda a gente a pensar no assunto... é o caso de uma pessoa branca que namorava um menino... não, um menino branco que começou a namorar uma menina negra. Daí, o pessoal da família ninguém se opôs claramente, assim, ninguém falou nada para ele. Mas a hora que ele não estava perto, eu ouvia as pessoas falarem assim: ah, mas ele podia ter arrumado coisa muito melhor... o que você acha? Você acha que essa frase quer dizer alguma coisa?]

Ah, quer dizer. Porque, às vezes, as pessoas nem conhecem a menina, nem sabem se ela é boa e está julgando exatamente pela cor dela, não está fazendo... porque, assim, às vezes, acontece assim, de você se opor à pessoa por uma característica dela que você não goste... mas, nesse caso, eu acho que a pessoa ela faz isso por causa da cor mesmo, só que ela não quer declarar, ela não quer assumir que ela tem esse preconceito. Acho que é um tipo mais comum assim de preconceito, que mais ocorre e que também agride as pessoas, porque a pessoa não declara isso, ela quer fazer... passar por outra coisa, mas no fundo, ela não está sendo sincera. E eu acho que é um jeito mais comum de preconceito hoje em dia... Não sei se eu respondi... Acho que eu...

[Não! Respondeu, sim.]

(risos)

[Eu queria te fazer uma pergunta: aqui, quando eu pergunto (apontando para o questionário) qual é a sua cor, você colocou parda.]

Então, é que na verdade, eu não sei, eu não entendo... porque branca não é... daí, eu não sei, eu sempre coloco... qualquer... que nem na prova de vestibular, eu não sabia o que responder, eu coloquei pardo.

[É? Você colocou várias origens (referente à segunda questão de identificação racial)...]

(Risos)

[Não, eu achei que várias está bem coerente. Mas eu fiquei pensando o seguinte: como é que você se sente? Se a gente pudesse dividir: brancos e negros. Você se identificaria com qual?]

(demora para responder)

Ah, eu acho que... eu acho que mais com negros, né?

[É?]

É, porque... assim, a minha bisavó era negra... e acho que meu bisavô, ele era branco, mas não sei se ele era branco, branco, assim, sempre tem... somos todos mestiços né? Então, acho que... acho que não dá para fazer esse tipo de classificação, não tem como.

[E se você tivesse que falar assim: como as pessoas te veem: você acha que elas te veem como branca ou como negra?]

Como negra.

[E essas coisas que você contou de discriminação com seu namorado ou do seu amigo. Você já passou por isso?]

Já. Porque, às vezes, assim... eu sempre fui assim, bem morena, né? Assim, se for ver por um tipo de classificação, eu não sou negra, né, porque a minha mãe não é negra, nem meu pai. Mas a gente é bem moreno, assim. Então, se for ver, por esse tipo de classificação.... sempre teve, assim na escola, alguém que falava: ah, você é pretinha e não sei o quê... É uma forma de te classificar mais próximo dos negros. Não é...

[E você falou de alguém te chamando... você é pretinha... mas você acha que essa fala é uma fala de discriminação ou é uma fala de brincadeira?]

De discriminação... não é porque... quando isso acontece, não é no sentido de... assim, a pessoa te... no momento... que ela está brincando, mas ela pega e fala isso pra te excluir assim. E não pra falar: ah, vem aqui que você é pretinha. É que eu não lembro de uma brincadeira específica, mas sempre tem esse tipo de coisa. E a pessoa não fala para te... pra falar: nossa, que legal, sabe? Acontece também, mas esse caso que eu estou lembrando não é para falar: ah, que legal a sua cor e não sei o quê. É pra tentar te agredir de alguma forma, mesmo que involuntariamente. Ela não quer te agredir, é... (pausa) Ela quer de alguma forma te agredir, assim...

[E você esteve em algum lugar... como o exemplo que você deu do seu namorado... teve algum lugar que você não entrou, que te barraram explicitamente, ou que te chamaram de pretinha...]

Não.

[Alguma vez você não pôde fazer alguma coisa... ou, sei lá, alguém não te escolheu... sei lá, alguma coisa, alguma pessoa...]

Não, assim não. É só mesmo esse tipo de brincadeira. Mas eu não fico com uma coisa ruim... ah, sabe... (risos) Falei: sou mesmo, ué, é a minha cor. Não vi como uma agressão.

[Uma coisa que eu pensei... você falou que se identificaria como negra... e antes você tinha falado que você não era a favor das cotas. Digamos que tivesse... sei lá, fosse implantado aqui na USP... via cor da pele, você se colocaria como negra, para tentar entrar, para participar?]

Ah, não sei.

[Você já tinha pensado nisso?]

Então, é porque na verdade, assim, na prova tem, acho que tem cotas. Então, dependendo da cor...

[Não tem.]

Não tem? Algum vestibular que eu fiz, devia ter.

[Ah, tá. E aí, o que você colocou?]

Mas, assim. Em todos, eu me declarei como parda. Deve ter tido alguma cota assim, pequena, mas deve ter. Mas eu não sei. Eu não sei se eu quere...

[Se gostaria?]

Se eu gostaria da cota...

[Você nunca pensou nisso pra você?]

Não. Nunca pensei. Porque, na verdade, eu entrei aqui na faculdade, meio que de surpresa, sabe? Eu pensei em fazer cursinho... eu coloquei... que eu não pretendia passar na verdade. Entrei sem eu pensar, na verdade. Então, eu não cheguei nem a pensar.

[Ah, então, acho que era isso que eu queria te perguntar...]

Está bom?

[Está ótimo. Valeu.]

Entrevista 2 – Ana Paula

[A primeira coisa que eu vou te perguntar é assim: da sua experiência de vida, como é que foi sua experiência com os negros?]

Bom, pra começar, tem bastante negro na minha família. Assim, é assim... ascendente mesmo eu não tenho. Mas muito casamento, muita mistura, né, básico, assim. Então, eu tenho muitos amigos, assim, dentro de casa, primos, né, sobrinhos, essas coisas assim têm bastante. Então, é natural, na verdade, pra mim, nunca causou nada de estranhamento, não.

[Isso faz parte então...]

Ah, com certeza.

[Quando que você lembra que você percebeu que as pessoas têm cores diferentes, nomes diferentes para essas cores?]

Ah, não sei, acho que na escola assim. É, acho que sim, quando você entra na escola, assim. Tem aquela... sempre tem os rótulos assim, né? Sempre tem os rótulos, assim, né? Sempre tem, acho...

[Rótulos?]

Ah, eu acho que são rótulos né? Nem só de... quanto à etnia, mas tudo na nossa vida, a gente é rotulado, né, tipo, de qualquer forma assim. Se você gosta de uma música, você é de tal jeito. Se você se veste de um jeito, né, tem um rótulo e acho que a etnia faz parte disso, também, que não diz nada do que a pessoa é. São só rótulos que as pessoas colocam, assim.

[Você acha que a cor da pele, ou a etnia, é uma forma de rótulo?]

Ah, eu acho que sim. É meio que pra classificar as pessoas, né? Não sei, se, assim como todas as outras, às vezes, ajuda, né, mas muitas vezes dá uma ideia errada, né? Às vezes, você vê uma pessoa bem vestida, vai, você fala: nossa, é patricinha. Às vezes, não é, entendeu? Às vezes, a pessoa trabalha e batalha pra conseguir aquela roupa. Vamos dizer, então, não é... acho que a gente tem uma ideia né... é até meio que inconscientemente, né, você vê uma pessoa, você já cria uma imagem a respeito dela. Mas, nem sempre corresponde, né? Então, acho que é de rótulo, também... você vê o negro, mas muitas vezes, você não para para pensar o que tem por baixo daquele negro, aquela personalidade, aquele gosto, da pessoa, nada... É um negro, é aquilo, entendeu, rotula.

[Você acha que tem racismo no Brasil?]

Ah, com certeza. Eu acho que sim e bastante, assim. Tipo, só que eu acho que também não é só dos brancos. Acho que, muitas vezes, parte dos próprios negros, assim, sabe, deles se discriminarem ou se aproveitarem desse racismo pra deixar de lutar, muitas vezes, por muita coisa. Eu falo, inclusive, por causa da minha família. Sabe, às vezes... Não todos, mas acho que tem muitas pessoas que tem isso: ah, eu sou negro, eu não consigo as coisas, para negro é mais difícil, tal, tal, tal. Mas sei lá, eu não sei se é. Sabe, acho que é difícil pra todo mundo, não tem isso.

[Você lembra de uma situação que você pensa: nossa, isso é racismo?]

Ah, não sei, deixa eu pensar. É, mas eu falo no geral, na imagem mesmo. Ah, por exemplo, tipo, você vai ver um filme, tipo “Cidade de Deus”, aí, os negros que estão na favela, e todo traficante é negro. Esse tipo de coisa, assim, que eu falo. Agora uma situação que eu vivi... Não sei, acho que é mais de piadinha, assim, sabe, de, ah, do cabelo ruim, esse tipo de coisa... acho que é mais de piada... Agora, diretamente, não. O racismo no Brasil é muito disfarçado, assim, não tem essa coisa direta. Acho que é mais disfarçado de piadinha, mesmo, sabe. Não tem essa: ah, é porque você é negro, hahaha, sabe, de palhaçada, assim, seriamente não tem não.

[Só de piada mesmo...]

Então, sabe que tem uma coisa interessante. Porque assim, é quando eu entrei na escola, eu morava aqui em São Paulo, na periferia, assim, então, tinha bastante negro. Acho até que eles eram até a maioria, assim. Aí, depois eu mudei daqui, que agora eu moro em outra cidade, né, e tem bem menos, assim, daí, você vê que quando aparece chama muito mais a atenção, né? Tem aquela coisa, assim. Tipo, fica diferente né? Acho que tudo o que é diferente chama atenção. Agora, na... quando eu comecei a ter experiência e tal era muito natural. Não acho que não tinha nada assim, porque eles eram a maioria, na verdade. Então, a gente é que era diferente, vamos dizer assim (risos), onde que eu estudava. E outra também, tem muito assim, o que é ser negro, né? Tem pessoas, ah, é morena, é mulata, é indígena, é não sei o quê, eu não sei falar, sabe: se é negro, se não é... Então, não sei assim, acho que brasileiro é muito misturado, não tem como você saber, assim, sabe: é negro, não é negro.

[É difícil de identificar, às vezes?]

Ah, muitas vezes assim... Ah, muitas vezes. Tipo, eu não sei assim. Por exemplo, você é morena. Se eu tivesse a sua cor, eu não sei se eu ia me identificar como negra, como morena, como branca, como

indígena. Sabe, sei lá, eu acho legal, isso, essa mescla, sabe, de não saber identificar, assim. Agora o que eu falo assim de racismo dos próprios negros, assim. Tipo, agora, eu lembrei, de uma situação, assim. No ano passado, que eu estava na escola, né, terceiro ano ou no segundo, não lembro... aí, teve um questionário do MEC, né? Chegou lá: você se considera branco, preto, pardo, amarelo, não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê. E, tipo, tem muita gente assim, que, bom, na minha concepção é negro, mas não coloca. Parece que tem medo de colocar, assim. Coloca pardo, coloca outra coisa, assim, mas não assume, sabe? Acho que se eles se assumissem, assim, seriam muito mais respeitados, sabe? Porque eu acho que isso também não é só o negro, é muita coisa. É você ser pobre, você ser gordo, você, enfim. Quando você se assume, as pessoas te respeitam. Só que se você cede a esse preconceito, aí, sabe, não vai acabar. Aí se enraíza mais ainda.

[Você acha que as pessoas não se assumem?]

Ah, pelas pessoas que eu conheço, tem muita gente que meio que se faz de vítima, sabe? Eu sei que muitas vezes é, eu sei que é mais difícil. Mas sei lá, eu acho que eles estão ganhando terreno. E alguns aproveitam isso, outros não, sabe? Tipo, falam assim: ah, eu não vou fazer isso porque eu não consigo. Mas não vai atrás, sabe? Então, eu acho que tem muito isso. Isso também não só relacionado a negros. Eu acho que toda generalização é perigosa, assim. Acho que não só relacionado a negros. Tem muita gente que se conforma, sabe, que... por exemplo, se eu não gosto de uma pessoa, aí, se eu falo qualquer coisa dela e ela é negra. Ela fala: ah, é preconceito, é porque eu sou negra. Meu, às vezes, não é preconceito, às vezes, é por causa do jeito dela. Então, muitas vezes, eles se apoiam nisso, eles não param para rever suas atitudes, sabe, eles se apoiam nisso: é porque eu sou negro. E eu não concordo com isso.

[Você acha que se acomodam?]

É, exatamente. Comodismo, muito mesmo, eu vejo muito isso, exatamente.

[Você já ouviu falar do movimento negro?]

Não, também não. Eu lembro de ter visto alguma reportagem, da mulher negra, só leitura mesmo. Se for vê mesmo, conviver mesmo, eu nunca tive acesso.

[Outro dia, eu ouvi uma coisa assim... tem uma moça que é fisioterapeuta e ela dizia: olha, eu não atendo paciente negro e ela realmente não atendia. E quando as pessoas pressionavam e falavam: mas por que você não atende? Ela falava: eu tenho direito de não gostar. O que você acha?]

Sinceramente? [risos] eu acho isso desprezível, isso. Porque sei lá, eu acho assim, eu acho que a gente tem direito de não gostar quando a gente conhece. Eu não posso falar que eu não gosto, se eu não conheço. Sabe, eu acho que tem que ter acesso, né? É aquela coisa, assim, eu falo: ah, eu não vou comer espinafre, porque eu não gosto. Mas não é porque a pessoa não gosta, nunca comeu! Então, eu acho que... isso é ridículo, sabe, sinceramente. Eu acho sem noção, assim, sabe? Porque, não só em relação ao negro, em relação a tudo. Sabe, você... aí, o rótulo que eu falei. Ela pôs um rótulo. É um rótulo que ela está colocando. Ela não está vendo as necessidades, o que que a pessoa pensa, o que que ela sente. Ela pôs um rótulo e pronto. E, assim, eu não concordo, não, de jeito nenhum. Eu acho que você tem que conhecer pra poder falar alguma coisa, entendeu? Então, assim, é... eu não vou falar assim: ah, eu gosto de todos os negros. Lógico que não. Vai ter negro que eu não vou gostar. Mas pela personalidade dele e não pela cor, entendeu? Acho que não tem nada a ver. Acho que você tem que conhecer pra rotular, né, tipo, no caso, sei lá.

[Eu ouvi também, em outro momento, em uma palestra: eu tenho até uns amigos que são negros e tal. Mas o problema é que eles não se aceitam...]

Eu acho que tem muito isso, é... às vezes, não se aceitam, mesmo. Tem preconceito contra si próprio. Não quer ser negro. Não assume mesmo, né? O que a gente vê de negro pintando o cabelo de loiro, por exemplo. Eu acho ridículo, meu. Eu acho que você tem que se assumir, sabe. Pô, e o tanto de negro que tem bonito, a gente vê aí na TV: atriz, ator, assim, que eu, pelo menos, acho lindo, sabe?! E a pessoa fica querendo fugir, virar uma coisa que não é. E eu acho assim, você deixa de ser negro e você não vai ser branco, então você perde a sua identidade, entendeu? Então, eu acho muito errado isso. E aí, tem tanto no caso de não se aceitar. Ou, às vezes, pode até se aceitar, mas para os outros vai dar aquela de comodismo, sabe? Ah, tudo é porque eu sou negro. Você não gosta de mim porque eu sou negro. Eu não consigo isso porque eu sou negro, sabe? Aí, é um comodismo assim.

[E por que você acha que isso acontece?]

Ah, por causa dos padrões, né, que a sociedade impõe, assim, entre aspas. Tipo, aquela coisa que a mulher tem que ser magra, de cabelo liso, loira e não sei o que. Daí, vem aquela onda de chapinha

(risos), água oxigenada, assim, né? Isso não é nem só os negros, é todo mundo. Tipo, a gente acaba... por mais que a gente tente lutar contra, a gente acaba cedendo alguma coisa, porque a gente quer ser aceito, ninguém quer viver sozinho, quer viver isolado, né? A gente quer se enquadrar nos padrões. Só que, às vezes, se a gente é diferente, né? Então, aí, a gente não está nos padrões, aí, pra gente se enquadrar, você começa a perder a identidade. E a partir daí, eu não concordo. Eu acho que você tem que se enquadrar, até certo ponto, naquilo que é comum a todo mundo. Agora, eu tenho a minha particularidade, eu não posso abrir mão dela pra me enquadrar no que você pensa, entendeu? Então, acho que muita gente faz isso, inclusive os negros, né?

[Você falou de padrões... como assim?]

Tipo, acho que mais preconceito do padrão estético, mesmo, sabe, de não gostar de uma boca porque tem os lábios grossos ou porque o cabelo é enrolado, não é liso, sabe? Aí, fica aquela coisa de faz chapinha, faz cirurgia, faz não sei o que. Nossa, eu acho muito ridículo, sabe, eu acho desnecessário, totalmente, sabe, eu não sei, eu não gosto não. Eu acho que, a partir do momento que você começa a cuidar mais do que é externo, você perde sua substância, sabe, por dentro. Aí você vai ficar uma pessoa vazia, aí, tipo, é um círculo vicioso. Porque uma pessoa dessa, por exemplo, uma negra que não se aceita, que se acha feia, que faz chapinha, que faz não sei o que, ela vai virar uma pessoa mais vazia, daí, as pessoas podem começar a evitar ela, e ela vai achar que é porque ela é negra e porque ela é feia. Mas não é. É porque ela está dando importância para o que não é importante, entendeu? Ela está se esvaziando por causa daquilo. E aí, né, é uma concepção errada, eu acho.

[Ok, mais alguma coisa?]

Ah, eu posso falar uma coisa do questionário?

[Pode, por favor.]

Eu achei umas coisas muito nada a ver [risos]. Porque está falando assim: com que frequência você sente simpatia pelos negros? Daí, a gente ficou assim, meu, mas como não tem como você falar, depende do negro que você conhece, pô! Às vezes, você conhece negros simpáticos ou negros antipáticos, sabe? Não tem como você sistematizar, assim, né? Eu achei umas perguntas meio diretas, assim.

[É né?]

É.

[E acaba não permitindo que a gente explique, né?]

É

[E aqui na admiração, você colocou no meio, né...]

Então, porque assim. Eu coloquei algumas vezes, porque não pode ser sempre, porque é que nem eu falei, tem uns que são acomodados e tal. E não é nunca, porque tem negros que eu admiro. Por exemplo, a Glória Maria é uma jornalista que eu acho o máximo. E é assim, eu sei que ela deve ter lutado muito mais do que muitos jornalistas que estão lá porque existe preconceito. Aí que está: impediu ela de chegar lá? Não. Ela lutou, ela chegou lá e ela é uma ótima jornalista. Ou tem atrizes, tem atores que assim, tipo, deixa eu pensar... Tem um rapaz que está na novela da tarde, só que eu não sei o nome dele. O nome do personagem é Felipe, só que eu não sei o nome dele na vida real. Acho ele também o máximo, acho bonito, simpático e tal, sabe? Então, assim, eu sinto admiração por aqueles que lutam e se destacam. Mas por que algumas vezes? Porque é difícil na verdade, a gente ver, sabe, infelizmente, né, é difícil a gente ver negros que se destacam assim realmente, sabe, pelo seu valor mesmo, não por estar lutando contra a estereotipa... ah, sei lá, o estereótipo. Enfim, é difícil, mas eu admiro muito quando eu vejo, sabe. Aí é que está, não só deles, também, acho que qualquer pessoa que você vê saindo... Por exemplo, o pobre, vamos dizer. Tem muito preconceito também contra uma classe mais baixa. Então, você vê alguém que... Aqui na USP mesmo, a gente vê muita gente que lutou pra caramba para estar aqui, que se matou pra pagar cursinho. Eu admiro muito gente que luta pra conseguir as coisas. Eu acho que você dá muito mais valor. Então, como eu sei que eles muitas vezes têm um caminho mais longo, que tem que lutar mais pra chegar, eu admiro muito quando eu vejo, chegando lá.

[Certo... mais alguma...]

Ah, eu só achei as perguntas muito diretas. Achei que poderia ser uma coisa mais reflexiva. É porque não dá pra falar assim uma frequência, sabe. Eu achei meio... deixa eu dar uma olhada pra eu lembrar... (olha a primeira folha do questionário). Ah, essa primeira parte tudo bem, assim, né, normal. Agora, esse tipo de pergunta: como são negros e brancos na honestidade. Eu acho que esse questionário foi muito generalista assim, sabe. Você não pode falar negro é honesto e branco é desonesto, negro é desonesto e branco é desonesto. Acho que vai da pessoa, independente da raça, da etnia, sei lá. Isso em relação a todo o resto, assim, né. Agora não sei, tipo... Das práticas religiosas que eu coloquei... eu acho que são diferentes porque tem mais aquela coisa assim, né, por exemplo, de candomblé. Eu conheço muitos que são, assim que praticam, né? E é mais difícil você ver branco. Geralmente, é mais negro. Isso eu já reparei assim que é diferente. É uma herança africana, na verdade...

[Da cultura?]

É, da cultura. Então, eu acho que bem marcado, pelo menos nos negros que eu conheço. Eu conheço alguns que são assim do candomblé, tal. E branco, pra dizer a verdade, eu acho que eu não conheço nenhum. Branco tem mais aquela coisa, cristão e tal... Então, é isso. Essas aqui foram... a gente ficou assim: meu Deus, que que é isso? E essa aqui pra mim, é totalmente normal. Porque a minha família é totalmente isso. É muito misturada. Tem pessoas, assim, que me veem e uma prima minha e olha: não é sua parente, porque não tem nada a ver, assim, sabe. Mas eu adoro, não tem nem um...

[Não tem nenhum problema?]

Ah, tem muita piadinha, né? Às vezes, me incomoda. Eu que não sou negra. [risos] Mas, me incomoda, sabe, porque eu acho que não tem necessidade. Eu acho que machuca, às vezes, sabe, então, ficam aquelas piadinhas bestas, às vezes, com criança, mesmo. Eu acho que, às vezes, até reforça o preconceito. Tipo, eu tenho uma priminha, que ela tem acho que é dois anos, acho que é, agora, não sei. Aí, fica, vai, meu tio pega ela e fica: eh, neguinha do cabelo duro e não sei o que e fica zoando sabe. E a criança ouve, cresce ouvindo aquilo, vai enraizar o preconceito. Uma menina dessa, quando crescer, vai falar: ah, meu cabelo é ruim, meu cabelo é não sei o quê, sabe?. Então, eu acho errado, eu não gosto, não, dessas piadinhas assim. E tem muita piada, muita brincadeira, sabe? Eu não gosto. Eu não vejo a menor graça.

[E quando seu tio faz...]

Sei lá, eu acho que toda brincadeira tem um fundinho de verdade. Eu acho que ele pode estar brincando ali e tal, mas no fundo ele tem um certo preconceito, sabe, de achar mesmo que ele é superior, porque o cabelo dele não é daquele jeito, sabe? Porque eu acho assim, você não vai zoar uma coisa que você acha que é. Porque ninguém se zoa. Se eu tiver o cabelo enrolado, eu não vou ficar: hahaha, você tem um cabelo enrolado. Então, eu acho que é assim, uma coisa: ah, eu estou acima, sabe, por mais que seja inconsciente, assim. Eu nunca vi ele discriminando ela, de não querer que ela faça alguma coisa. Ela é bem tratada na casa dele. Tem grudinho e tal, sabe, assim. Mas sei lá, eu acho que é meio que uma... um pensamento assim que os brancos são superiores, por isso que brinca, por que senão, não tinha porque zoar se achasse que é igual, sabe?

[silêncio]

Mais alguma pergunta?

[Não, acho que não.]

Entrevista 3 – Isabele

[Primeira coisa que eu vou te perguntar: da sua experiência de vida, como foi a sua experiência com as pessoas negras?]

Não, eu sempre tive uma experiência assim, é, eu lembro de colegas na escola, assim, pessoas que trabalhavam próximas ou moravam próximas, assim, então, sempre tive uma experiência normal assim, nada... nem muito: “nós temos que ser solidários”, nem também preconceituosos. Assim, sempre foi uma experiência normal.

[E essas pessoas na escola, eram próximas?]

Não muito próximo, eu era pequena. Mas... eu nunca fui assim muito de ter grandes amigos na mesma sala. Eu sempre tive amigos de salas diferentes. Mas o meu melhor amigo mesmo, um dos melhores, ele é, o pai dele é negro e a mãe dele é branca. É um dos meus melhores amigos.

[E ele?]

Ele é assim uma pessoa genial.

[Mas, tipo, a cor da pele?]

Ah, ta, ah, moreno, assim...

[Não seria negro?]

Não. Porque é difícil de definir. Porque é que eu já vejo assim, eu não vejo uma questão de raça. Pra mim, é dividido em etnia. Então, assim, pra ele era muito... um passado africano, na verdade. Uma etnia africana, não assim... uma questão de cor, assim, na verdade. Ele é assim, a pele dele é morena.

[E você conheceu ele na escola?]

Hum hum.

[Você lembra de ter visto situações de discriminação na escola?]

Nunca, nunca. Não, eu estudei em colégio particular, né? Então, não sei se influencia algo ou não. Mas é... nunca, nunca. Discriminação, não. Em relação aos funcionários negros, alunos negros, não nenhum tipo de discriminação.

[E tinha quantos alunos?]

Nossa, uns 40 por sala.

[Quantos eram negros?]

Era uma porcentagem bem pequena. Eu acho que da minha sala, três morenos, assim, mais misturados... não me lembro muito... Mas era uma porcentagem considerável, acho que... porque aí é que está, das etnias, tinha uma porcentagem também... a mesma porcentagem de orientais, a mesma porcentagem de descendentes de alemães, de italianos. Era tudo muito misturado. Era uma porcentagem considerável de cada etnia, de cada tipo étnico, mesmo.

[E quando... você lembra qual foi o momento da sua infância em que você passou a perceber que existiam cores de pele diferentes e que isso tinha nome? Porque a gente fala em etnia, mas a gente fala de etnia hoje, na época não... como foi isso?]

Na verdade assim, eu tive acho que uma babá, eu acho que ela era negra. Mas eu percebi, eu acho isso, porque, às vezes, eu falava japonês em casa, com a minha mãe. E um dia, eu pedi uma coisa em japonês, uma comida, e ela não entendeu. E aí, eu acho que a partir desse dia, eu comecei a perceber não uma diferença de cor, mas uma diferença de tipo de entendimento. Porque ela, de repente, não entendeu. E eu comecei a reparar no tipo físico. Depois disso. Mais ou menos, eu acho, eu não lembro bem, direito.

[Você lembra quantos anos você tinha?]

Eu acho que eu tinha uns 4 ou 5 anos, eu não sei direito especificar. Foi uma das babás, assim, eu acho. Mas é... Depois, eu tive outras. Mas eu acho que foi mais ou menos nessa época. Não tenho certeza.

[E você tem ascendência japonesa?]

Hum, hum, eu sou mestiça.

[É legal o que você falou... você viu a diferença na língua e viu que as pessoas são diferentes...]

[risos] Por isso.

[Você lembra quando que você ouviu que as pessoas são chamadas de negras?]

Eu acho que foi mais tarde, mesmo. Acho que foi... Não sei... se foi na família, mesmo... ou na rua, alguma coisa assim. Ou a própria pessoa dizer... Não sei dizer exatamente quando. Mas deve ter sido mais tarde, com uns 7 anos, alguma coisa assim.

[E você acha que tem racismo no Brasil?]

Eu acho que a questão é um pouco mais complicada do que falar em racismo. Eu acho que existe todo um preconceito, na verdade, sociocultural e econômico. Tanto que independente da etnia da pessoa, se a pessoa aparece dirigindo um carro, sei lá, extremamente caro, de mais de 200, 300 mil reais, ela é

tratada de uma forma. E se essa pessoa sai de um ônibus, ela é tratada de outra. Então, eu acho que a questão não é nem uma coisa assim tão racista. Eu acho que é um pouco maior, assim. Não sei, eu vejo que essa questão socioeconômica é bem incrustada no Brasil. Mas existe também essa questão de bagagem escravista também. As pessoas sempre levam em consideração isso. Só que eu acho que... eu não acho que... por exemplo, as medidas feitas hoje, como cotas universitárias, sejam a solução. Eu acho que a questão é um pouquinho mais... fica num âmbito um pouco maior, da sociedade, você... por exemplo, tem que ter um investimento na escola. Antes de chegar e tapar o buraco aqui, na hora que chega na universidade. Se você investe desde o começo, todo mundo tem condição de chegar, porque ninguém é melhor que ninguém, ninguém é pior que ninguém. Não é porque a pessoa foi para uma escola e não teve condição que ela é desprovida de inteligência para poder passar no curso que outra pessoa é mais inteligente pra passar. Acho que o preconceito entra um pouco aí, na verdade, também. Porque eu, por exemplo, não gostaria de ouvir falarem assim, de falar assim pra mim: bom, então, você tem 50% oriental, 50% europeu, então, você se encaixa nesse perfil, então, você pode entrar nesse curso, porque a gente vai te dar um ponto. Eu não gostaria. Se eu fosse descendente de negro ou índio, eu não sei assim o que eu acharia... Mesmo o meu amigo, que ele é... que o pai dele é negro, a mãe dele é branca, ele faz UNESP, ele entrou com uma colocação, uma das melhores, ele não precisou, então eu acho... Ele mesmo era contra. Então, eu acho que a pessoa tem... que partir dela mesma, essa concepção de, eu sou capaz e a sociedade tem que ver que realmente é capaz.

[Algumas pessoas falam: olha, eu tenho direito de não gostar de determinado grupo. Eu tenho direito de não gostar de oriental, de negro...o que você acha disso? sei lá, eu tenho direito de...]

Eu acho ridículo, assim. Porque... Direito, tá... Primeiro, eu acho que assim, o planeta passa por várias fases. Já passou por era glacial, né, e... um dia, não sei daqui há muitos e muitos anos, milhões de anos, talvez, não sei, vai vir uma fase em que só um certo DNA vai resistir. Então, assim, pode ser que não existam mais loiros, mais morenos, pode ser que alguém deixe de existir, entende? Então, essa coisa de eu não gosto de tal grupo, bom, às vezes, esse grupo o qual você não gosta vai dominar o planeta, entende? Então, eu acho meio ridículo isso, até porque todo mundo é ser humano e o ser humano é igual. No fundo, no fundo, você tem um mesmo... esse código genético, assim. Então, eu acho todo mundo igual. Acho que até mesmo um esquimó e um africano têm... são mais parecidos que dois macacos da mesma família, eu acho, não sei.

[Até porque esse tipo de fala... e você acha que esse tipo de fala é racista?]

É. Eu acho que é racista, mas assim, é num termo de preferência, né... é mais assim, é racista nesse sentido, de dizer assim: eu não gosto de pessoas negras. Isso, sim. Eu acho que quando a pessoa fala de um jeito ela coloca uma conotação ruim, uma conotação baixa, isso sim depende muito de como a pessoa fala. Geralmente: “eu não gosto de coreanos, eu não gosto... eu odeio os coreanos da vinte e cinco de março”. Isso é sim... é racista, mas aí é que está. Isso já é racista de um outro ângulo, também, né? Geralmente, a pessoa não gosta de coreanos porque chama eles de ladrões, de corruptos, essas coisas... são vários ângulos, são várias as opiniões. São preconceitos... falar: eu não gosto de certo grupo é um tipo de preconceito.

[Uma outra fala comum é de dizer que os negros não se aceitam, ou as pessoas desses outros grupos...]

Eu acho que não. Eu acho que os que não se aceitam são uma porcentagem. Então, eu acho que não, que não é assim. Eu acho que a maioria se vê e se aceita. Se ela não se aceita, eu acho que ela está errada, porque você tem que se aceitar do jeito que você é, você não tem que tentar mudar... a sua personalidade ou a sua própria origem. Você tem que se aceitar e agradecer por você ter seu histórico, a sua família. Eu acho que sim, eu acho que você tem que se aceitar, do jeito que ela é. Eu acho que ela pode tentar mudar a sua personalidade, para ser uma pessoa melhor como ser humano. Mas não tentar mudar sua origem. Isso não dá para mudar e nem a sua etnia. Ela tem que aceitar a sua etnia e somando ao seu... as suas atitudes, suas ideias, ela se tornar um ser humano melhor, assim.

[Ok. Eu trouxe aqui os questionários... Quando você nasceu?]

xx/xx/1988.

[O questionário é uma coisa meio fechada, meio fria até... não tem espaço pra você dar a sua opinião. Não sei... eu queria que você falasse um pouquinho do que você achou.]

Eu não lembro direito. Mas é... deixa eu dar uma olhada. Eu achei um pouco vago, na verdade, assim, mas... foi um bom questionário. Só que teve umas perguntas que eu respondi meio... olhei, já bati o olho e já respondi. Mas é que não dá pra ser uma coisa bem específica mesmo, né...

[É que questionário é uma coisa...]

Então, eu achei que talvez não precisasse de tantos... Ou concorda ou discorda, ou... acho que 7 é muito. É muito, assim.

[Você acha difícil de escolher?]

É, eu acho difícil. Por isso. Achei 7 muito. Fiquei pensando: o que que eu faço... é... Mas é um bom questionário sim.

[Essa daqui, você colocou que concorda um pouco... (aponta para a questão dos imigrantes)]

É, porque começa do fato de que os imigrantes que vieram, eles já vieram por causa de uma propaganda, tal. E os negros, eles vieram obrigados, também. Então, eu acho que aí é que está. A própria frase já... porque eu acho que eles já não entram nesse grupo de imigrantes que vieram. É uma outra coisa. Por isso, que eu coloquei que concordo um pouco, pra não dizer que concordo muito, ou que concordo totalmente. Porque achei meio ambíguo, na verdade.

[Os negros não estariam dentro desse grupo?]

É por isso, por isso... Entende? É isso.

[Bom, mas se eles não fazem parte desse grupo... que conseguiram... que vieram por causa de uma propaganda, tal, o que poderia ser feito? Porque quando você falou de cotas, você disse que não era uma boa solução... ou não?]

Então, eu acho que não é uma boa solução, mesmo, porque... É aquilo, você tem que mudar desde a educação básica, também. E isso é uma coisa que vai levar anos e anos pra mudar. Então, eu acho que tem que se pensar em outras medidas. É lógico que, uma vez dentro da universidade, se eles puderam contar com ajuda, alguma coisa, mas acho que isso é qualquer estudante, entende? Então, por isso, eu acho que... Eu acho que todos são iguais, então, favor especial seria um tanto quanto ruim, assim, mesmo.

[Bom, aqui (apontando para outra pergunta do questionário) você colocou um pouco diferente... eu fico olhando sempre as respostas que são um pouquinho diferente...]

(risos) Então...

[Muito semelhante, semelhante... em relação às práticas religiosas e em relação à forma de falar... o que você acha?]

Então, é aquela coisa mesmo, eu acho que é uma questão muito maior. Porque você tem vários tipos de religião e vários tipos de pessoas dentro de cada religião. Nessa questão mesmo, eu pensei mesmo naquelas religiões provenientes mesmo da cultura africana: candomblé, essas coisas, mas... é que aí é que está, eu não conheço muito dessas religiões... Mas, eu acho que tanto essas, quanto as cristãs ou as judias, as... todas assim, elas têm um núcleo e as divisões e têm vários tipos de missa, têm os judeus ortodoxos, os não-ortodoxos, têm os muçulmanos... eu acho que no candomblé deve ter algo assim, ou nas outras religiões africanas também, por isso que eu coloquei semelhante, mas não muito semelhante, porque na África têm muitas religiões. E alguns têm vários deuses, outros não têm deus, outros olham a natureza. Então, por isso que eu achei semelhante, porque acho que hoje, na cultura ocidental, está muito mais dividido o cristianismo, e um pouco... o judaísmo, do muçulmani... do muçulmano também, do islamismo. E na África, não. Na África, você tem toda uma infinidade de religiões.

[E sobre a forma de falar...]

Então, eu acho que também depende muito... do grupo inserido. E... nessa questão, é porque... eu acho que a cultura da música... A cultura da música é muito mais evidente hoje no mercado comercial... tem muitos tipos de som voltado... é o hip hop... [INAUDÍVEL] de som estão muito mais aparentes hoje. Então, eu acho que a gente pode pegar grupos de música mesmo. Assim, tem grupos que cantam hip hop, grupos que cantam rock, grupos que cantam o pop. E nessa forma de falar, pelo menos na coisa comercial, é um pouco evidente. Um grupo que... não muito semelhante. Não muito semelhante.

[Você acha que esses grupos de música marcam a diferença entre brancos e negros?]

Não diferenças entre brancos e negros... mas é, eu acho que é uma diferença... é uma pura diferença... uma diferença musical mesmo, na verdade. É porque não dá muito pra separar... o hip hop, né... ou... não sei... não dá pra separar... esse é um tipo de música bem típico mesmo. Aí que está... não dá também pra falar que algum tipo de música seja branco também... não dá. É que o hip hop... eu vejo assim... o hip hop é diferente desses outros ritmos. Mesmo jazz, também. É que eu curto jazz e a maioria dos artistas que eu curto são... são... são negros. Eu acho que está bem ilustrado ali, nessa cultura negra... o jazz, o soul...

[E o hip hop no Brasil?]

Não, no mundo mesmo, hoje, principalmente nos Estados Unidos. Acho que o que antes era o jazz, agora estão colocando no hip hop assim... não que seja bom (risos), mas é o que está acontecendo hoje, assim.

[Aqui... (aponta para a pergunta sobre admirar pessoas negras) mais alguma coisa?]

Bom aqui, eu pensei no Martin Luther King. Mas, é... algumas vezes, eu lembro do Martin Luther King, por isso eu não pus sempre. E mesmo nos artistas de jazz, mesmo... Nat King Cole... É por isso que eu coloquei algumas... Eu gosto muito de música. Mas é por isso que eu coloquei algumas vezes, não é todo dia que eu vou lembrar disso. Mas é como qualquer ser humano, existiram pessoas que fizeram coisas fantásticas, assim.

[Aponta para a questão sobre casamento entre brancos e negros]

Essa daí, na verdade, é porque eu sempre tive meio na família... falando para eu casar com oriental (risos). Mas eu mesma sou mestiça, já. Então, não sei... eu nunca tive nenhum relacionamento... Mas se eu tivesse, se meu filho tivesse... eu não ficaria quase nada, eu ficaria quase nada aborrecido. Talvez por uma questão de família, mesmo. Não teria problemas.

[Ok, então, a gente para por aqui.]

Entrevista 4 – Bianca

[Bom, Bianca, a primeira pergunta que eu queria te fazer... em relação ao questionário, você tem alguma coisa pra falar?]

Não, não (...) bom... eu queria comentar que na sexta-feira, eu fui assistir um seminário com o meu irmão... ele é militante e assim, e tem essa coisa de luta pelo direito dos negros e ele me chamou para assistir o seminário. E na palestra, um cara que tava apresentando... falou de uma pesquisa que fizeram e com umas perguntas muito parecidas com as do seu questionário. Eles falaram que são perguntas boas pra ver a realidade mesmo, o que as pessoas pensam...

[E você se considera que cor?]

Preta

[Preta? Entendi. E como que foi na sua vida a sua relação com os brancos?]

Olha assim, eu sempre estudei em escola particular... Então assim, preconceito eu acho que tinha. Eu nunca pensei que teria isso. Mas, eu era inocente na época da escola. Quando eu descobri como é o preconceito no Brasil, com certeza tem. Mas é que nunca foi uma coisa explícita. Assim, nunca chegou ninguém pra me agredir e me ofender, assim, diretamente que eu pudesse acusar. Isso é uma suposição que eu faço.

[Então, na escola... você está falando da escola, né?]

É.

[Na escola, não teve nenhuma situação que você se sentiu discriminada ou alguma coisa assim?]

Não.

[Nenhuma vez?]

Não.

[Mas você acha que tem racismo no Brasil?]

Tem, com certeza. Ou as pessoas fingem... porque, que nem, tem uma amiga minha que ela, por exemplo, sempre estudou em colégio público, que falam: “ah, onde tem mais negro, no colégio público”, mas ela, por ser negra, sempre sofreu muito preconceito. Mas nossa, eu lá na escola particular, com aquele monte de branco, ninguém falava nada... não sei, pra mim, acho que é falsidade, entendeu? Ah, ela chegava na escola pública, o povo zoava mesmo...

[Falsidade, como assim?]

Acho que não só assim... acho que tem muita gente que não fala na minha frente... entendeu? Sei lá, tem umas brincadeiras...

[Então, você está se referindo, você acha, né, que lá na escola, você não teve nenhuma situação que você tenha se sentido mal, nada, mas você que de repente, longe de você, alguns comentários poderiam... não sei...]

Isso, isso. Que eu já ouvi... que nem, uma vez uma amiga minha falou... que nem, tinha uma menina na classe, que era negra, que era muito bonita. E daí, uma amiga minha, uma vez, estava conversando com os meninos e falou quais eram as meninas mais bonitas da sala: “Por exemplo, fulana, né, tem o maior corpão e não sei o quê...”. E eles: “Ai, ela não porque...” Porque se é branca e tem o corpo bonito, beleza. Mas se é preta, daí, já muda o pensamento.

[Você ouviu essa conversa?]

É.

[Eles estavam falando de uma outra menina, da sua sala mesmo?]

É, da minha sala. É, eu acho que na frente dela, eles não vão falar isso, porque sempre trataram ela muito bem, ela sempre foi muito amiga deles. Mas quando ela não estava, falaram isso, quer dizer...

[E você acha que acontece, por exemplo, essas mesmas pessoas, que você está me dizendo que não falam na frente, mas que são amigas, de alguma forma, você falou: “é falsidade”, né?]

Eu acho.

[Você acha que existem situações, por exemplo, de namoro ou de paquera, por exemplo, você está falando de beleza, não necessariamente de paquera, que chega a incomodar, chega a afastar as pessoas por ser negro...]

Eu acho que sim, porque uma pessoa pode até pensar: “ficar, tudo bem, ah, não vai dar em nada”. Mas namorar, eu acho que, com certeza, elas devem pensar: “ah vou apresentar para a minha família, que é toda branquinha... eles não vão gostar”. Como eu realmente, tenho muitos amigos que não gostam.

[Amigos seus?]

Não, assim, muitas histórias que eu já ouvi assim.

[E como que são essas histórias?]

Bom, tem aquele... preconceito do jeito que eu falei que aquele que trata bem, mas que por trás, diz: “nossa, ele poderia ter arranjado coisa melhor”. O que é melhor para ele? Uma pessoa branca. E tem aqueles que discriminam, que tratam mal a pessoa mesmo, pra ver se distancia da família. Não sei qual é pior. Os dois são ruins.

[silêncio]

[Bom, o que mais que eu queria te perguntar? Tem três situações que eu trouxe pra gente pensar um pouco nessa história de racismo e tal. A primeira é assim: você imagina que está em discussão as cotas, aí, a mãe de uma criança fala assim: “Eu sou contra porque um negro vai tirar a vaga do meu filho, que eu estou preparando, eu estou estudando com ele direto e ele tem que entrar em uma boa universidade. Como é que alguém vai vir e tirar a vaga do meu filho que está estudando tanto?!”]

Então, nisso... das cotas pra mim, é uma coisa que eu fico na dúvida. Porque eu sou muito a favor de cotas pra pobres. Porque se você fala cotas para negros... por exemplo, tinha gente da minha escola que falava: “ah, eu queria que tivesse cotas, para eu poder entrar mais fácil na USP”. Não é por aí! Você estudou a vida inteira em uma das melhores escolas e tu quer cota ainda? Tá querendo demais! Deixa isso pra quem precisa, pra quem estudou em escola pública. Então, se a cota for só pela cor, eu não concordo. Eu acho que você tem que ver também o histórico da pessoa: onde ela estudou, a situação econômica dela. Entendeu? Mas eu entendo que as cotas, elas pioram um pouco eu acho o racismo.

[Pioram?]

Eu acho isso dentro da faculdade. Por exemplo, se uma pessoa que é racista me vê aqui dentro da USP... aqui na USP, não tem pra negros, mas... na Universidade de Brasília, por exemplo. Vê a pessoa lá e, às vezes, a pessoa nem entrou por cotas, porque sabia que tinha a capacidade, mas vai sofrer um pouco de preconceito, porque vão achar que entrou por cotas.

[Você acha que pode piorar a discriminação?]

É, mas vai da pessoa que entrou se impor, mostrar que ela está lá e que ela tem capacidade...

[Você estava falando da universidade, eu fiquei pensando... e aqui na sua turma, você sente algum tipo de discriminação?]

Por enquanto, ainda não senti nada. Até quando você entregou os questionários, eu até fiquei de olho, assim, nas duas que estavam do meu lado, pra ver o que elas respondiam...

[risos]

Mas elas responderam bonitinho lá.

[Pois é, o questionário nem sempre...]

É, às vezes, a pessoa responde normal: “é tudo igual”, mas na verdade não ia chegar a namorar com um negro, né?

[E o que você acha que a gente poderia fazer?]

[silêncio]

[Eu concordo plenamente com você. Tem gente que responde bonitinho o questionário, não quer dizer que não é racista. Tem gente, como você bem falou, que, na frente, é muito sociável, conversa... às vezes, como você contou, a pessoa deixa escapar a história de uma outra pessoa. É o que você contou tem uma sutileza muito grande. Mas você contou que você tem um histórico, uma família... que sabe perceber situações... se impor, que foi uma palavra que você usou também...]

Sim.

[É tudo tão sutil, mas existe. Ali de olho nos seus colegas... que que você acha que a gente podia fazer?]

Uma coisa assim que eu acho muito necessária, que graças a Deus está mudando, é que... os negros mesmos ter consciência da cor deles. Que nem eu... muita gente branca ou preta mesmo, já chegou e falou: nossa, você não é negra, você é moreninha.

[risos]

Mas eu falo: eu sou preta, porque eu fico com raiva desse “moreninha”. Uma pessoa branca de cabelo preto, não é considerada morena? Então, eu falo: eu não sou, eu sou preta. E uma coisa também que eu aprendo muito é que se falar preto, eu não acho que é um xingamento. Pode ser negro ou pode ser preto, se você fala que a pessoa é branca, você não está xingando ela. São cores, só. Então, não me sentiria ofendida se falarem: você é preta. Mas é que isso depende do modo que a pessoa fala né? Tá na cabeça dela se é uma ofensa ou não.

[É porque é uma situação comum... não tanto, mas a gente ouve: “ah, seu preto!”, “você é um preto safado!”, mas “ah seu branco”...]

Não tem nada, né?

[No máximo a gente chama, não sei se você concorda, de branquelo quem é muito branco...]

Mas não é uma coisa... é diferente.

[Bom uma outra situação que eu queria falar pra gente conversar um pouquinho: tem duas pessoas conversando em um bar, imagina, daí um fala: “eu vi que todos os empregados... das novelas da globo são negros, né, são pretos. Por que você acha que isso acontece?” E o outro responde: “Porque são pobres”...]

Simples. [risos] Acho que é muito mais fácil você colocar a culpa assim: ah, foram escravos, daí eram pobres. Ah, eu fico impressionada. Os negros são culpados por serem pobres, porque não se esforçam tanto. Com certeza tem muita gente que acha isso. Acha que os negros deveriam ter saído... com a liberdade... tinha que ter saído trabalhando e iam enriquecer. Mas as coisas não são assim. Preconceito, muitas vezes, fecha muitas oportunidades. E não tem como a pessoa melhorar de vida mesmo.

[Mas aí, no caso das cotas, quando você coloca: eu sou a favor, de quando é pra pobre, porque realmente não teve condição...]

Hum hum.

[Você acha que pra quem estuda em uma escola particular, as condições são as mesmas?]

Não são exatamente as mesmas. Porque, assim, se você vai, por exemplo, prestar um concurso público, não tem preconceito. Você vai, você usa a sua capacidade na prova. Você vai trabalhar e pronto. Agora, a maioria dos empregos não é assim, você tem que passar por uma entrevista, você tem que mostrar a sua foto. Então, você já vai sofrer um preconceito, mesmo você tendo estudado nas melhores faculdades, né, tirado boas notas, às vezes, isso vai...

[A outra... a terceira situação, lembrei, isso aconteceu comigo, a gente estava em uma palestra sobre o tema, sobre racismo e, no final, na hora de abrir para as perguntas, uma pessoa que estava no público falou: “Olha, eu não sou racista, eu tenho até uns amigos mais morenos, o problema é que os pretos, eles...”, eu não lembro se ela falou pretos ou falou negros, “... eles é que não se aceitam”... o que você acha, dessa frase, dessa ideia?]

[risos] Olha... eu acho que... se meu irmão que eu te falei, se ele estivesse lá, ele batia nela! Mas é que realmente tem muita gente que não se aceita. Mas também, vai de outras pessoas brancas aceitarem eles também, né? Porque, pra mim, né, meio que as pessoas chegam e falam: ah, mas você não é negra. Isso, pra mim, não é nenhum consolo! [risos] Porque não é nenhuma vergonha ser negro.

[As pessoas falam assim: não fica triste não, você não é negra?]

É! Ah, eu vou chorar! [tom irônico] Não sei o que que passa na cabeça das pessoas! Ser melhor do que os outros, por causa da sua cor! Tem gente que... outra coisa que eu já ouvi de... na escola, falaram assim... duas pessoas conversando, a gente estava falando sobre genética, de ascendência, tal, de onde veio os pais, os avós e tudo. Aí, tinha duas conversando: “Ah, eu só tenho parentes brancos, sabe assim, são todos...veio da Europa”, como se se orgulhasse de falar isso. Grande coisa! Você vai ter... pode acontecer qualquer coisa com você... e se você ficar pobre, tem esse sangue europeu, ele vai valer o quê? Eu me orgulho mesmo de ser preta e está ótimo assim.

[Quando você estava falando, eu lembrei de duas situações, uma, foi um vídeo que eu ouvi, bem legal esse vídeo, feito pelo Conselho Federal de Psicologia. Tem lá, várias entrevistas, é sobre preconceito, mas vários tipos de preconceito. Numa delas, tem um moço que é lixeiro, da prefeitura, concursado e tal. E ele é loiro, alto, de olho azul. E ele conta que as pessoas chegam e perguntam: mas porque que você está trabalhando aqui? Você não devia estar aqui!]

[risos]

[Vai arrumar outro emprego pra você...]

Vai ser modelo!

[É um senhor, na verdade, mas ninguém se conforma dele ser lixeiro, dele ter um cargo... que ganhe pouco...]

Mas, realmente, é raro você ver... loirinho assim, trabalhando nesse tipo de lugar.

[É, uma outra situação que eu lembrei quando você falou, foi uma entrevista que eu fiz com adolescente, e ele era mestiço... bom, não sei como ele se sentia, mas ele estava contando que... tinha alguém que chamou... não lembro se ele estava falando dele mesmo ou de outra pessoa, então, o menino chamou alguém de queniano, como muito ofensivo... e eu fiquei pensando, na hora, quando a gente chama alguém de alemão, que é muito clarinho...]

Aí, não se ofende! É isso, acontece muito, tipo... Eu estava lendo uma reportagem outro dia, que o colunista, ele falou... acho que ele é mais ou menos da sua cor... só que ele é... ele sempre estava em ambientes em que os brancos eram a maioria. Então, ele era considerado o pretinho... E eu achei muito interessante porque o caso dele é muito parecido com o meu. Sabe, ele falou que ele nunca se sentiu ofendido. Porque na hora que chamavam ele... porque ele prefere ver que falavam assim na inocência. Mas depois, quando ele cresceu, que ele começou a perceber, que na verdade, que por trás, eles deviam falar as coisas...

[Mas isso de falar na frente como inocência, tem alguma coisa que você lembra, de alguma coisa... alguma coisa que as pessoas te falavam?]

Eu me lembro das pessoas zoando por causa do cabelo⁷³: “Ah, que é ruim ter cabelo duro, porque demora pra pentear...” Esse tipo de coisa, essa sutileza assim... dá pra pegar no ar. Mas é porque muita gente pensa assim mesmo: “ah eu quero casar com uma pessoa que tenha cabelo liso, daí, meu filho vai ter cabelo liso e não vai precisar ficar fazendo escova”. Eu já sinto um preconceito nisso... que se você quer cabelo liso, então, você vai casar com uma pessoa branca! Então, tem um fundo de preconceito nisso, mas, às vezes, as pessoas não admitem, nem para elas mesmas.

[Mas quem fala isso? São brancos, negros, de qualquer pessoa você já ouviu isso?]

É qualquer pessoa. Mesmo a pessoa... mestiça, assim, por exemplo, eu tenho uma prima que ela, tipo, fez alisamento, né, pra ficar com o cabelo “bom”, né... Ela fala que ela quer casar com alguém que tenha cabelo liso pra prevalecer o pai e a criança nascer daquele jeito...

[silêncio]

[Fica bem claro né...]

É.

[Mas você acha, por exemplo, que ela, ela percebe que isso... é um racismo?]

Acho que não, porque são pessoas assim também... ela, né, a família assim... porque, às vezes, a gente conversa... ah, o preconceito, o racismo, tudo... falando mal assim das pessoas que têm o preconceito, sabe. Ela tem amigos negros e tudo... Mas é... tem um limite, sabe? É amigo. Não vai se tornar outra coisa, entendeu?

[Tem um limite?]

Algumas pessoas têm uma tolerância pra poder falar que não têm preconceito, mas não passam da amizade. Se for pra casar, ter filhos, daí, procura outro.

[Entendi. Mais alguma coisa que você quer me contar?]

Não, é só isso.

[Deixa só eu te perguntar uma coisa, eu trouxe aqui os questionários. Como você viu, não sei se você lembra, não tem como identificar, né, porque não tem nome. A única forma de identificar é pela idade, assim, pela data de nascimento. Então, eu queria só separar o seu. Quando você nasceu?]

Xx/xx/1990.

[Super novinha...]

[risos]

[Aqui, esse aqui... então, na tese mesmo, não vai ter seu nome, nada. Eu só vou escrever aqui, pra eu saber...]

Não, tá bom.

[Do questionário, não tem nada mesmo que você queira me dizer...]

Não.

[Você acha que... enfim, você já falou, né: as minhas amigas ali estavam respondendo direitinho...]

[risos]

[Mas você acha que esse questionário, ele ajuda...]

Eu acho que ajuda. Mas aí, tem umas coisas que são mais... mais indiretas porque, assim... essa frase, por exemplo: os negros não deviam se impor onde não são bem-vindos. Essa já choca, a pessoa diz: não, não é assim, eles podem... até outras que são mais sutis... então, a pessoa vai... coloca um pouco... da

⁷³ No dia da entrevista, a aluna usava cabelo alisado.

honestidade, ela pode falar que são pouco diferentes, porque, ah, são pobres... essa de relação sexual com negro é demais... eu queria ver a resposta de todo mundo dessa...

[Você pegou meu email?]

Hum hum.

[Me dá o seu também. Vou te mandar. Daí, eu te mando e-mail essa semana só pra confirmar e depois te mando tudo, no começo do ano que vem... Já que você ficou curiosa.]

Obrigada.

[Eu que te agradeço.]

Entrevista 5 – Janaína

(Antes de começar a entrevista e a gravação, Janaína perguntou qual era o objetivo da pesquisa)

[Eu já to gravando, posso deixar o microfone pertinho de você?]

Pode sim.

[Bom, o objetivo da pesquisa como você pode ter percebido pelas frases do questionário e tal é estudar o racismo. Então é ver...]

Sim, mas em que aspecto? Desculpa eu te cortar, é que eu sou meio hiperativa...

[risos]

[Tudo bem, eu também sou...]

[risos]

[Em que aspectos?]

É, assim... estudar o racismo, mas como ele está enraizado na cabeça das pessoas, da sociedade...

[Isso, exatamente. Eu faço doutorado na psicologia, né, então, tem muita gente que estuda isso nas Ciências Sociais, na Sociologia, não sei, na Letras, na Educação... então, são outros aspectos. Eu quero entender o que as pessoas pensam sobre isso, como é que elas sentem, o que elas veem, então, uma coisa mais subjetiva... O questionário é uma coisa mais ampla pra ver as opiniões, meio geralzão, assim. E a entrevista é para tentar entender um pouco melhor. Sim?]

Então, eu aceitei participar porque eu gosto muito de psicologia. Como todo mundo, eu quero entender também a minha cabeça e etc.

[Entendi. Bacana. Que bom. Então, vamos começar pelo começo: o que que você achou do questionário?]

Tinha umas perguntas assim complicadas, porque, assim, era sempre colocado um negro... mas não especificava. Eu acho que eu já te falei, pra mim, pessoas são pessoas, entendeu? Eu acho assim com certeza o preconceito está enraizado na gente... e eu estava comentando isso agora mesmo nos termos: você enegreceu minha imagem; a coisa ficou preta e etc, sabe? Ou então, judiação que...

[Vem do judeu...]

Exatamente. Tem coisas que a gente fala, que a gente... que já está na sociedade. Mas a pessoa não precisa necessariamente seguir isso, quando ela vai tomando mais consciência, no decorrer, quando ela vai crescendo e percebendo as coisas.

[Entendi. E pra você? Como é que você se sente em relação a isso? Teve um momento em que você tomou essa consciência?]

Ah, a minha vida toda foi questionando isso, mesmo quando eu era criança. Porque... porque eu tenho descendência [sic] negra... eu não sei nem como dizer isso, se a minha cor é preta... se é misturada, sabe, é complicado... Pra mim, cor é como característica, como qualquer outra característica física, por uma adaptação ao meio ambiente e etc. Então, assim, eu sempre pensei nisso... às vezes, ficava meio assim: ah, eu não sou branca e etc. [é um tom de lamento] Porque na mídia e em todos os outros lugares, você acaba pegando isso... na literatura, que é uma literatura europeia, que é uma cultura europeia, uma cultura de brancos. Então, assim, fica complicado, mas, então, conforme fui crescendo... no começo, eu me sentia um pouco desconfortável, em relação a isso, mas conforme fui amadurecendo assim, tranquilo, hoje. E assim, cada vez eu tento me sentir mais confortável com isso.

[Pensar mais no assunto?]

É. Pensar no assunto, eu acho que é inevitável, né? A gente sempre está pensando. Mas, então, me sentir confortável em relação a não me julgar, a não me... sei lá, não sei explicar direito!

[Não, entendi... E você falou de desconforto, como que era isso?]

Então, era engraçado... que... como mais uma questão estética, né? Porque as princesas são brancas, as mocinhas da literatura sempre são brancas, então, você, a princípio, coloca um questionamento estético, no meu caso. Mas aí, depois você começa a observar, a ver as pessoas e não os padrões

estéticos... A ver as pessoas... então você vê que tem pessoas bonitas brancas, pretas, amarelas, vermelhas...

[E nesse processo seu de conscientização que você falou, ou de questionamento... o que que você acha que te ajudou a questionar... isso que está na mídia, que tanto na literatura quanto na mídia...]

Ah, com certeza o fato de eu ter descendência [sic] negra. Ah, com certeza foi isso...

[E quem da sua família?]

A minha mãe é da minha cor, assim, mais ou menos. A minha avó também era da cor dela. Então, foi mais isso, o meu avô é baiano, ele era moreno... que nem... ele não era preto. Mais ou menos isso.

[Sei. Mas vocês falam do assunto, como é que é?]

Hoje, eu e meu irmão brincamos muito com isso. Sabe assim, piada. Mas, falar do assunto... não. Mas também não é uma coisa que não é natural, é uma coisa natural. Meu pai é branco e a gente sempre brinca que meu pai gosta de pretinha e etc. Então, assim, é uma coisa natural. Não é uma coisa sempre comentada, mas é natural.

[Entendi. E de modo geral, assim... você comentou da discriminação que existe na mídia... ou até na literatura que é mais europeia, essa coisa... que mais, assim? Você acha que tem racismo no Brasil? O que que você acha?]

Então, eu nunca passei por uma situação de preconceito, assim, pelo menos não que eu percebesse... E nunca vi ninguém passando. Eu acho que enquanto a gente fala do racismo é porque ele existe. Pelo menos, dessa maneira como a gente fala que não é natural... que é uma coisa assim: não, eu não posso utilizar esse termo... Porque a gente colocar preconceito nos termos... A gente coloca preconceito na brincadeira... porque, pra mim, quando você está confortável com uma coisa, você faz brincadeira, você faz brincadeira com tudo, o tempo todo: com a roupa que a pessoa está usando, com a maneira dela se comportar, com a maneira errada que ela fala, às vezes, a gente pega e faz uma brincadeira e etc. Então, não existe essa situação de naturalidade, de conforto... eu percebo mais isso, que em algumas situações não tem muito conforto... Mas como hoje, eu me sinto mais confortável com isso, então, acho que acaba... quando você está meio insegura com isso, com alguma questão, parece que... é igual, não é confortável pra você e pra pessoa. Mas quando você fala com mais naturalidade, parece que a pessoa também pega isso.

[Então, você acha que hoje, sei lá... de modo geral, as situações estão melhorando?]

Então, foi como eu te disse, analisar pela sociedade é complicado. Eu posso saber de mim, das pessoas que eu convivo. Mas é uma parcela pequena, entendeu? Eu continuo vendo que existe uma questão estética e não sei o quê... e na mídia. Eu não assisto muito TV, mas pelo que eu vejo, mas no meu círculo social, eu não vejo tanto isso. Assim, tinha... eu conheço algumas pessoas que fazem piada, que não são tão brincadeira assim... mas, mais para esse lado. Agora, um preconceito mesmo, assim, uma pessoa declaradamente preconceituosa, eu nunca vi.

[Você não conhece?]

Não conheço. Ou alguém que fez alguma questão de racismo, alguma pessoa se sentir desconfortável ou se sentir inferior, isso também, eu nunca vi.

[Tá. Você falou pra mim de algumas situações em que amigos ou pessoas conhecidas fazem algumas piadas que não são...]

Hoje eu não convivo mais com isso. Eu acabei de sair do ensino médio. No ensino médio, eu vi umas coisinhas assim, mas em relação a ter...

[E como que era?]

Eu lembro de uma vez que a gente estava discutindo a utilização dos termos negro e preto. E aí, é uma pessoa pegou, virou e falou: mas eu acho o termo negro menos ofensivo. Aí, eu: peraí, mas como assim ofensivo? Ele não é ofensivo. Não é uma ofensa. É uma característica. É só uma expressão linguística para a característica e ponto. Então...

[Você sentiu que tem alguma coisa aí?]

Com certeza. Ele não falou querendo ser preconceituoso, mas... claramente, pra mim.

[E mais alguma coisa que você lembra?]

Eu fiquei sabendo que... um amigo meu me contou que... uma amiga, tipo... em uma situação de... de uma fila, eu não estava presente, fiquei sabendo assim por terceiros, que uma amiga minha começou a... tinha uma pessoa negra na fila, e uma amiga minha começou a falar certas coisas assim que poderia ter deixado a pessoa desconfortável, eu não estava presente, então, eu não sei exatamente como foi...

[Que coisas?]

Eu não sei, eu não entrei em detalhes.

[Entendi. Você não entrou em detalhes. Você ouviu falar dessa história?]

É.

[E você tem amigos negros? Amigos ou amigas?]

Ah, da minha cor, um pouco mais escuro. Mas, preto, preto... não. Não, lembro. Agora, assim, agora na faculdade, tem pessoas muito diversificadas, eu vejo. Mas, amigo, deixa eu pensar... não, não.

[É que vocês não têm uma sala, né, vocês têm várias?]

É, são várias turmas. Cada professor é uma turma. Tem pessoas, mas um amigo, um confidente, eu não tenho. Assim, tipo, mais próximo mesmo.

[Entendi. E você estudou em escola pública ou particular?]

Até o ensino fundamental foi numa escola... numa escola particular. E o ensino médio foi numa escola pública, só que quase não tinha negro lá.

[Por que você acha que isso acontece?]

Por que na escola quase não tinha negro? Eu não sei. Não sei... era uma escola assim, que você tinha que passar por um processo eliminatório antes, então, eu não sei se a questão de escolaridade... Não sei dizer realmente.

[Janaína, eu pensei em umas três situaçãozinhas pra gente falar mais do tema... coisas até que eu já vivi. Eu lembro de estar outro dia em uma palestra, que era sobre racismo e tal. E alguém da platéia falou assim, na hora das perguntas, a pessoa falou assim: Olha, eu não sou racista, eu tenho até uns amigos mais morenos, o problema é deles, assim, são eles que não se aceitam...]

Ah! Agora que você está falando, eu lembrei de uma coisa: no ano passado, acho que foi ano passado, nós fizemos um trabalho, em relação a isso... à África, na verdade. Aí, discutiram... discutiu racismo e a maioria das pessoas colocava assim: que eram os negros que eram preconceituosos, ou consigo mesmo ou com a situação e etc. Só que eu acho isso muito complicado porque eu, assim, me senti um pouco acuada em relação a isso, com todas as situações que eu te falei, né... de ver uma maioria branca, de ver uma cultura europeia, eu me senti acuada. Então, eu acho que isso é só uma questão de resposta. Mas agora... realmente agora que você falou, eu me lembrei dessa situação e a maioria das pessoas pensa isso... coisa de preconceito... eu me lembro também de uma pessoa falando na questão desse debate que os negros não sentiam orgulho da própria raça. Aí, mas pra mim, isso não faz sentido, porque raça é raça humana e ponto. Característica física é outra coisa, estética é outra coisa. E também não tem porque não se orgulhar, cada pessoa é de um jeito... uma pessoa é mais misturada, uma pessoa com uma característica de um povo específico.

[Mas você acha que eles não se aceitam ou se aceitam?]

Assim, eu posso falar de mim, entendeu? No começo, eu tinha uma certa coisa assim... não de mim, mas de como as pessoas ao meu redor me encarariam... mas hoje, eu me aceito, entendeu? Do jeito que eu sou, eu gosto e etc. Me acho bonita hoje, com a minha cor e tudo. Então, eu falo de mim, né? É muito complicado falar do outro, da sociedade...

[E quando eu te perguntei lá atrás o que que você acha que te ajudou nesse processo de conscientização ou de aceitação... não sei, você falou da sua família, das pessoas da sua família, mais alguma coisa, mais alguém...]

Não foi uma coisa que eu fui começando a encarar como natural. Observação, principalmente, entendeu? Observar e ver que... porque foi mais a questão estética. Então, foi observar e ver que tem pessoas negras que são muito bonitas, tem pessoas brancas que são muito bonitas, tem pessoas brancas que são feias, tem pessoas amarelas que são feias... assim... entre aspas, que eu considero. Então, foi isso... mais observação, foi um processo de me sentir bem comigo mesma, que quando eu era mais nova, assim, até hoje, existe uma insegurança em relação a todas as coisas, acho que isso é... natural, mas quando eu era mais nova isso era muito... muito mais presente na minha vida. Eu fui me aceitando não só nesse sentido, mas em todos os outros, de personalidade, de todos os outros aspectos de aparência, de comportamento, de jeito, assim, de como eu me comporto.

[Entendi. Quando você falou pra mim... assim... ou da literatura ou da mídia, um pouquinho, você falou que não vê muito TV... que existe assim um racismo... ou quando você falou do desconforto... se as pessoas falam é porque tem alguma coisa no ar... enquanto tem alguma coisa no ar é porque está esquisito... o que que você acha que podia ser feito para mudar?]

Assim, eu acho que tem que ser tido assim... primeiro ponto: existem... existe a raça humana. Existem pessoas com diferentes características. Isso, a gente está falando mais de características, mas isso, existem pessoas de diferentes personalidades, de diferentes ideias. Tem que ser aceito, assim... com... eu acho que seria muito mais fácil... se cada um, com essa visão. Bem mais fácil pra mim, com essa visão. Então, é essa a experiência que eu tenho, entendeu? De aceitar as pessoas como uma raça humana e de características diferentes, em todas os aspectos.

[Entendi. Esse que seria o processo, então, pra gente melhorar?]

É, foi esse o processo que me ajudou.

[Entendi. Outra situação, dessas que eu trouxe pra gente pensar, imagina uma conversa de bar, duas pessoas conversando e uma fala assim: “Realmente, se você parar para pensar, todas as empregadas da globo, nas novelas da globo, são negras sempre”. Pretas, tanto faz a palavra, né, estamos falando da mesma coisa... Daí, um pergunta para o outro: “por que você acha?” Daí, o outro responde: “Ah, porque são pobres, os negros, né, são pobres”. O que que você acha?]

Ah, não sei, eu já li várias coisas sobre essa questão de cultura, de uma pessoa negra ter mais dificuldade, Não sei se é verdade, porque eu nunca procurei emprego, entendeu? E assim, eu já vi algumas estatísticas de que a maior porcentagem das pessoas que mora em favela é negra, a maior porcentagem das pessoas que não fez faculdade é negra, mas a experiência que eu tenho com isso é de número, não é de... ir lá e ir ver e observar, entendeu? São só números.

[E na sua casa, na sua família?]

[silêncio]

[Essas pessoas que você diz que são mestiças ou que têm ascendência negra?]

O que elas são? A minha mãe é dona-de-casa, o meu avô, ele era policial, mas ele já faleceu. A minha avó era dona-de-casa, mas ela já faleceu.

[Mas você nunca ouviu deles algum relato de discriminação?]

Não, nunca ouvi, também eu convivi muito pouco com meus avós. E da minha mãe, eu nunca ouvi. Ela nunca falou nada em relação a isso. E nunca mostrou um preconceito em relação a isso.

[Entendi. Bom, a terceira situação... fechando... a não ser que você queira falar mais alguma coisa, é sobre cotas. Então...]

Nossa, essa é muito complicada, né! Assim, com certeza é uma questão imediatista, que você não está vendo assim, em melhorar a escola pública, que no caso seria essa de que... a maioria dos negros está estudando em escola pública, em que o ensino é péssimo, realmente, é sucateada. Então, é... o certo seria melhorar a escola pública, só que aí, tem também a questão de que isso vai ajudar para se... acontecesse da melhoria do ensino público, ia ajudar pra quem já veio, para as pessoas que estão na escola pública e não entraram ainda para essa escola pública boa. E para as pessoas que já passaram? Então, assim, é uma questão imediatista. É muito, muito delicada essa questão. Então, pra mim, é... é meio confuso ainda. Mas eu acho que é uma boa alternativa para essas pessoas que não têm mais oportunidade de voltar ao estudo, de ter um ensino melhor para entrar numa faculdade pública.

[interrupção da entrevista devido ao toque de telefone celular]

[Continua...]

Não, eu concluí.

[Entendi, então, as cotas seriam boas pra quem não teve oportunidade de ter um ensino bom...]

É, de ter um ensino bom, pra passar em uma universidade pública.

[Seria algo mais de um momento específico...]

É, porque tem brancos também, e amarelos e vermelhos que não tiveram um ensino bom, então, essa questão da cota não veria eles, que é outra questão complicada, que seria uma outra forma de preconceito, você excluir alguns.

[Aqueles que, por exemplo, entrariam no lugar, quer dizer, aquelas vagas que normalmente seria dos brancos...]

Não, não é isso! A questão é assim: uma pessoa que é mais pobre não tem condição de pagar por um ensino ou por um cursinho pré-vestibular, só que, nessa situação, tem negros, brancos e de outras cores, então assim, você pode ajudar as pessoas brancas... as pessoas negras que não tiveram um ensino bom, mas as pessoas brancas, as amarelas que não tiveram um ensino bom, você não vai estar ajudando.

[Agora entendi, é uma escolha...]

É, exatamente.

[Bom, a história que eu ia te contar é assim: eu ouvi da mãe de um menininho, enfim, que são brancos e toda a família é branca: “Eu sou contra as cotas porque... na época, ele tinha uns 9 anos, porque ele... eu estou estudando com meu filho todo fim-de-semana, ele está em uma das melhores escolas de São Paulo, eu não posso aceitar que um negro venha, só porque é negrinho e não sei o quê, e vem tirar a vaga do meu filho...”]

Só que aí, é, essa questão é do ensino. O filho dela tem a oportunidade de estar em um ensino excelente, que vai ter muito mais condição de passar em uma escola, faculdade pública, que aquele, não só negro, que não tem a condição, que não teve como estudar porque trabalhava e etc. E nem pode

pagar um curso pré-vestibular.

[Bom, não sei, acho que é isso. Mais alguma coisa você quer me falar?]

Não. Assim, eu estou curiosa pela pesquisa, pelo que está acontecendo, se já chegou uma conclusão, o que você percebe, assim...

[Eu vou terminar a pesquisa daqui a um ano, mais ou menos, eu vou te mandar por e-mail.]